

UNICAMP – UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FE – Faculdade de Educação

SONHO DE MORAL – PRESENÇA SALESIANA EM CAMPINAS

José Eduardo Meschiatti
2000

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

UNICAMP – UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FE – Faculdade de Educação

Dissertação de Mestrado

SONHO DE MORAL – PRESENÇA SALESIANA EM CAMPINAS

José Eduardo Meschiatti
autor

Profª Drª Águeda Bernadete Bittencourt Uhle
orientadora

Dissertação apresentada à Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, para obtenção do título de “Mestre em Educação”, área de Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte.

2000

UNIDADE CD C
N.º CHAMADA T/ UNICAMP
M56s
V. _____ Ex. _____
TOMBO BC/ 46223
PROC. 16.392101
C D
PREG. R\$ 11,00
DATA 13/09/01
N.º CPD _____

CM00159482-4

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
Faculdade de Educação

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

SONHO DE MORAL – PRESENÇA SALESIANA EM CAMPINAS

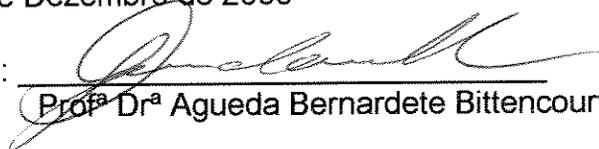
JOSÉ EDUARDO MESCHIATTI

Orientadora: Prof^a Dr^a Agueda Bernardete Bittencourt Uhle

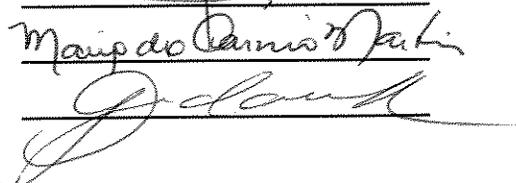
Este exemplar corresponde à redação final
da Dissertação de Mestrado defendida por
José Eduardo Meschiatti e aprovada pela
Comissão Julgadora.

Data: 21 de Dezembro de 2000

Assinatura:


Prof^a Dr^a Agueda Bernardete Bittencourt Uhle

Comissão Julgadora


Maria do Carmo de Fátima


Campinas –2000

**CATALOGAÇÃO NA FONTE ELABORADA PELA BIBLIOTECA
DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP**

M56s Meschiatti, José Eduardo.
Sonho de moral : presença salesiana em Campinas / José
Eduardo Meschiatti. -- Campinas, SP : [s.n.], 2000.

Orientador : Agueda Bernardete Bittencourt Uhle.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Educação.

1. João Bosco, Santo, 1815-1888. 2. Educação. 3. Igreja
Católica. 4. Salesianos. 5. Ética. 6. Campinas (SP) - História.
I. Uhle, Agueda Bernardete Bittencourt. II. Universidade
Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

Dedicatória

À minha família, especialmente aos meus pais Otávio e Tereza, razão de meu viver. O meu eterno reconhecimento, de quem tudo recebi.

Ao Pe. Geraldo Martinelli de Souza, salesiano vibrante e fiel seguidor de Dom Bosco, que foi um marco em minha vida, desde os tempos do Externato São João.

Agradecimentos

A realização desta dissertação só foi possível graças à colaboração direta ou indireta de muitas pessoas. Manifesto a todas elas minha gratidão e de forma especial:

- À Prof^ª Dr^ª Águeda Bernadete Bittencourt Uhle, minha orientadora, que assumiu a idéia desde que nos conhecemos e que jamais deixou de apoiar e acompanhar o trabalho, bem como de me incentivar. Minha gratidão e amizade;

- Às professoras doutoras Theresinha Aparecida Quayotti Ribeiro do Nascimento, Maria do Carmo Martins, Ana Maria Fonseca de Almeida e professores e amigos do *Focus*, pela valiosa colaboração e sugestões apresentadas por ocasião do Exame de Qualificação e de Defesa;

- À amiga Prof^ª Ana Maria de Mello Negrão que além da amizade e apoio, ofereceu também rico material e conhecimentos sobre os salesianos e Dom Nery;

- Aos funcionários da Faculdade de Educação da Unicamp pela ajuda, orientação e atenção em todos os momentos;

- Aos padres salesianos de Campinas, que gentilmente abriram os arquivos dos colégios para a realização desta pesquisa;

- À amiga Prof^ª Luzia de Cássia Betti que gentil e pacientemente leu este trabalho e fez as devidas correções de lingüística;

- À amiga Prof^ª Maria Helena de Campos, pela ajuda e incentivo desde as primeiras idéias do projeto;

- Ao CNPq que financiou parcialmente este trabalho.

“Para tudo há um tempo, para cada coisa há um momento debaixo dos céus:

Tempo para nascer,
e tempo para morrer;
Tempo para plantar,
e tempo para arrancar o que foi plantado;
Tempo para chorar,
e tempo para rir;
Tempo para gemer,
e tempo para dançar;
Tempo para atirar pedras,
e tempo para ajuntá-las;
Tempo para dar abraços,
e tempo para apartar-se;
Tempo para procurar,
e tempo para perder;
Tempo para guardar,
e tempo para jogar fora;
Tempo para calar,
e tempo para falar;
Tempo para a guerra,
e tempo para a paz;
Tempo para odiar,
e tempo para amar.

Todas as coisas que Deus fez são boas, a seu tempo. Ele pôs, além disso, no coração do homem a duração inteira, sem que ninguém possa compreender sua obra divina. Assim eu concluí que nada é melhor para o homem do que alegrar-se e procurar o bem-estar durante a vida; reconheci que tudo o que Deus fez subsistirá sempre. Aquilo que é, já existia, e aquilo que há de ser, já existiu; Deus chama ‘novo’ o que passou.”

Eclesiastes 3, 1-8. 11-12. 14-15

Este trecho bíblico, nós alunos do Externato São João, cantávamos no “Bom-dia” na década de 1970.

Retomo estas palavras para dizer que hoje é tempo de agradecer a Deus pelo trabalho aqui realizado.

Índice

Memorial/Apresentação.....	01
Capítulo I – ANTECEDENTES RELIGIOSOS DE CAMPINAS.....	10
1. Interesses em transformar o bairro de Campinas em Paróquia.....	10
2. O contexto que dará base ao Projeto de Romanização.....	13
3. A Igreja e as relações com o Estado.....	21
4. A criação do Bispado de Campinas.....	26
Capítulo II – DOM BOSCO, FUNDADOR DOS SALESIANOS.....	31
1. O problema da divulgação dos escritos autobiográficos.....	31
2. A Itália à época de Dom Bosco.....	33
3. A Igreja no tempo de Dom Bosco.....	34
4. A infância de Dom Bosco – descoberta dos sonhos.....	39
5. O sacerdócio – caminho para a realização do sonho.....	45
6. O Oratório – o sonho vai tornando-se realidade.....	55
7. A Congregação Salesiana – uma forma de perenizar os sonhos.....	65
Capítulo III – O SISTEMA PREVENTIVO DE EDUCAÇÃO E SUA APLICAÇÃO EM CAMPINAS.....	69
I - O Sistema Preventivo de Dom Bosco.....	69

1. A Pedagogia Salesiana – O Sistema Preventivo de Educação e as bases do pensamento pedagógico de Dom Bosco.....	69
2. Espírito de Família.....	71
3. Sistema Repressivo e Sistema Preventivo.....	73
4. O tripé da Pedagogia Salesiana – Razão, Religião, Amorevolezza.....	74
5. Alcances do Sistema Preventivo de Dom Bosco.....	77
II – Presença Salesiana em Campinas – três obras.....	79
1. Objetivos iniciais dos salesianos em Campinas.....	80
2. Dom Nery.....	80
3. O Liceu Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora.....	81
4. O surgimento do Externato São João e o seu percurso até o encerramento de suas atividades escolares.....	93
5. A Escola Agrícola – Escola Salesiana São José.....	107
III – A Moral e a Ética do Sistema Preventivo de Dom Bosco em Campinas.....	112
1. Aspectos comuns da presença salesiana em Campinas.....	112
2. Aspectos que diferenciam as três escolas.....	119
3. O Sistema Preventivo de Dom Bosco – Proposta Moral e Ética.....	121
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	151
ANEXO I – CONGREGAÇÕES RELIGIOSAS MASCULINAS E FEMININAS NO BRASIL NO INÍCIO DO PERÍODO REPUBLICANO.....	133
ANEXO II – FOTOGRAFIAS REPRESENTATIVAS DE DOM BOSCO, DOM NERY E DA OBRA SALESIANA.....	135
FONTES E BIBLIOGRAFIA.....	161

Índice das Figuras

- Fig. 1 – Mapa dos Estados Italianos após o Congresso de Viena
Fig. 2 – Mapa do Piemonte
Fig. 3 – Capela do Cemitério de *São Pedro in Vincoli*
Fig. 4 – Primeira representação do telheiro Pinardi
Fig. 5 – Casa em que João Bosco viveu sua infância
Fig. 6 – Batistério de Dom Bosco
Fig. 7 – Dom Bosco entre os jovens (1861)
Fig. 8 – Dormitório de Dom Bosco
Fig. 9 – Dom Bosco com os músicos de Valdocco
Fig. 10 – Pórtico dos “Boas-noites”
Fig. 11 – Papa Pio IX
Fig. 12 – Papa Leão XIII
Fig. 13 – Margarida Occhiena – mãe de Dom Bosco
Fig. 14 – Dom Bosco aos 65 anos
Fig. 15 – Estátua de Dom Bosco na Basílica de São Pedro, em Roma
Fig. 16 – Sacristia da Igreja de S. Francisco de Sales, local do encontro com Bartolomeu Garelli
Fig. 17 – Basílica do Sagrado Coração de Jesus, em Roma
Fig. 18 – Papa São Pio X
Fig. 19 – Papa Pio XI
Fig. 20 – Santuário Nossa Senhora Auxiliadora, em Turim
Fig. 21 – Altar com Urna e Quadro de Dom Bosco na Basílica N. Sra. Auxiliadora
Fig. 22 – O Oratório (1888)
Fig. 23 – O Oratório (1970)
Fig. 24 – Colle Don Bosco – antigos Becchi
Fig. 25 – D. João Baptista Correa Nery – 1º Bispo de Campinas
Fig. 26 – Campinas no início do século XX – Cúpula da Catedral e Teatro Municipal
Fig. 27 – Projeto original do Liceu e Santuário N. Sra. Auxiliadora assinado pelo Engº Carlos Finca
Fig. 28 – O Liceu N. Sra. Auxiliadora nas primeiras décadas
Fig. 29 – O Liceu N. Sra. Auxiliadora e Santuário – ano 2000
Fig. 30 – Centro Cultural do Liceu – construído em 1997 à esquerda do pavilhão principal
Fig. 31 – Barão Geraldo de Rezende
Fig. 32 – Bacharéis de 1937 do Liceu – Visita do Gal. Paul Noel, em missão militar francesa ao Liceu
Fig. 33 – Sede da Fazenda Santa Genebra
Fig. 34 – Mosaico do Altar-mór do Santuário do Liceu feito pelo artista Arystarch Kaszkurewicz, mutilado de guerra
Fig. 35 – Exterior do Santuário do Liceu inaugurado em 1966, com torre de 30 metros
Fig. 36 – Interior do Santuário do Liceu
Fig. 37 – O Externato São João –aos 60 anos em 1969; o 1º pavimento foi demolido na década de 1990, restando apenas a Igreja e o Teatro
Fig. 38 – Igreja do Externato São João – Missa de 1ª Eucaristia – década de 1970
Fig. 39 – Externato São João – Festa de Nossa Senhora Auxiliadora – década de 1970

- Fig. 40 – Externato São João – Procissão de N. Sra. Auxiliadora pelas ruas do centro de Campinas, década de 1970
- Fig. 41 – O time do Externato São João – década de 1950 – 2º agachado: Odair Bussolini
- Fig. 42 - 1º à direita, Odair Bussolini, ex-aluno do Externato, depois jogador do Guarani Futebol Clube – década de 1960
- Fig. 43 – Externato São João - Primeiras turmas do Curso Ginásial após a Lei 5692/71
- Fig. 44 – Presença da Fanfarra do Externato São João nos desfiles cívicos
- Fig. 45 – Externato São João – Solenidade de Formatura – década de 1960
- Fig. 46 – Externato São João – Visita do Pe. Fernando Legal – Inspetor, hoje Bispo de São Miguel Paulista-SP
- Fig. 47 – Externato São João – Homenagem a Carlos Gomes – desfile na Av. Francisco Glicério – década de 1970
- Fig. 48 – Externato São João – Homenagem a Santos Dumont – desfile na Av. Francisco Glicério – década de 1970
- Fig. 49 – Pe. Geraldo Martinelli de Souza, diretor do Externato São João recebe das mãos de Francisco Amaral título de melhor Curso Primário de 1972
- Fig. 50 – Externato São João – interior do Teatro Dom Nery
- Fig. 51 – Primeiras instalações da Escola Agrícola
- Fig. 52 – Lagoa do Taquaral, manancial cedido pela família do Barão Geraldo aos salesianos para abastecimento da Escola Agrícola. No fundo, ao centro, o espigão com a Escola Agrícola
- Fig. 53 – Escola Salesiana São José – Pavilhão principal
- Fig. 54 – Escola Sal. São José – “Open House” – evento anual com centenas de expositores
- Fig. 55 – Escola Sal. São José – Ginásio Poliesportivo para 6 mil pessoas - inaugurado em 1998
- Figs. 56, 57, 58 e 59 – Escola Sal. São José – Centro Profissional Dom Bosco – Depto. de Cursos Profissionalizantes para atendimento gratuito a 400 alunos

Lista de Quadros

Quadro 1 – Diretores do Liceu Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora – p. 83

Quadro 2 – Demonstrativo dos alunos internos do Liceu Nossa Senhora Auxiliadora – p. 92

Quadro 3 – Demonstrativo dos primeiros Grupos Escolares de Campinas – p. 99

Quadro 4 – Diretores do Externato São João – p. 100

Quadro 5 – Demonstrativo dos membros da Congregação Salesiana da Inspeção do Estado de São Paulo – p. 160

Lista de Abreviaturas

TB - Terésio Bosco, Dom Bosco pai e mestre dos jovens, Ed. Salesiana, 1995

PDN – Polyantea de Dom Nery

AMMN – Ana Maria de Mello Negrão, Arcadas do Tempo, o Liceu tece cem anos de história, DBA, 1997

SDB-SP – Salesianos de Dom Bosco – São Paulo, Inspetoria N. Sra. Auxiliadora

ESJ – Arquivos do Externato São João

LNSA – Arquivos do Liceu Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora

AOB – Acervo pessoal de Odair Bussolini

Resumo

O presente trabalho faz uma abordagem da presença da Congregação Salesiana em Campinas e sua dedicação à Educação nesta cidade desde 1897, com o estabelecimento de três colégios: O Liceu Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora, O Externato São João e a Escola Salesiana São José, procurando também traçar um paralelo entre Dom Bosco, idealizador das obras salesianas e Dom Nery, o Bispo de Campinas que propiciou a instalação da congregação na cidade.

Num primeiro momento é feita uma análise da situação política e religiosa de Campinas no século XIX, abordando o tipo de religiosidade aí presente e a interferência direta da Igreja de Roma no catolicismo local. Atos concretos desta interferência foram a criação do Bispado de Campinas e a implantação da política de romanização.

No tocante à atuação de Dom Nery o trabalho salienta suas principais estratégias de ação que foram: a criação do seminário diocesano, o favorecimento às congregações religiosas para a instalação de estabelecimentos educacionais na diocese e as visitas pastorais, bem como seu raio de influência junto às esferas políticas e religiosas.

Em seguida é feito um estudo da vida de Dom Bosco, fundador dos salesianos, que viveu na Itália, no contexto da unificação deste país no século XIX, bem como da situação do papado frente ao que representava ameaça à Igreja na época: a modernidade que trazia em seu bojo o liberalismo e o socialismo.

Dom Bosco e o seu Sistema Preventivo de Educação surgem dentro deste panorama de mundo e de Igreja, tendo o projeto das obras salesianas o objetivo de educar os jovens desfavorecidos, vítimas do êxodo rural e da Revolução Industrial.

O estudo finaliza fazendo uma análise da presença dos salesianos em Campinas, das bases do pensamento e da Pedagogia salesiana e de sua proposta moral e ética, bem como da aplicação desse sistema pedagógico na cidade, através de obras diversificadas, destinadas cada uma delas ao atendimento de segmentos específicos da sociedade.

Abstract

This work makes an approach, to the presence of the Salesian Congregation in Campinas and their dedication to Education in this city since 1897, with the establishment of three schools: the “Liceu Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora”, the “Externato São João” and the “Escola Salesiana São José”. It also tries to establish a parallel between Don Bosco, the idealist of Salesian Works and Don Nery, the bishop of Campinas who made the establishment of the congregation in city possible.

At first, an analysis of the political and religious situation of Campinas in the XIX century is made, focusing the local religiosity and the direct interference of Roman Church in local Catholicism. Concrete acts about this interference were the creation of the Bishopric in Campinas and the introduction of Roman politics.

Talking about Don Nery, the work highlights his main action strategies: the creation of the Seminary for the Bishopric and doing favors to religious congregations to establish educational places in the diocese. Minister visits shows the influence he exercised closed to political and religious institutions.

Then, an analysis about Don Bosco’s life, the founder of the Salesians, who lived in Italy, is made, when we talk about unification of this country in the XIX century, as well as the pontifical situation, facing the threaten to Church at the time: the modern liberalism and the socialism.

Don Bosco and his Preventing System of Education arise in this context of world and Church, for the rescue of education of poor and neglected children, victims of rural exodus and Industrial Revolution.

The work comes to the end, analysing the presence of the Salesians in Campinas and the basis of the Salesian thoughts and Pedagogy and their moral and ethic proposal, as well as putting into practice their pedagogical system by different projects having specific goals, according to different segments of society.

Versão para o Inglês: Prof^a Virgínia Maria Bonavita Erguy

MEMORIAL/APRESENTAÇÃO

Minha história sempre esteve ligada à Igreja Católica. Sou descendente de italianos que andaram pelo Estado de São Paulo em busca de trabalho nas lavouras de café e, ao mesmo tempo, de progresso econômico. Estes italianos trabalharam em substituição da mão-de-obra escrava nas lavouras de café, em busca de sobrevivência e de dignidade enquanto trabalhadores. Muito pouco conseguiram com o trabalho nas lavouras de café. Muito pouco também conseguiram todos aqueles que se prestaram a essa jornada de vida estafante. Aos poucos, às custas de condições de vida muito duras, poupança e sacrifícios, alguns conseguiram adquirir pequenas propriedades de terra e cultivar suas próprias lavouras de subsistência em concomitância ao trabalho quase servil na agricultura cafeeira.

Com o êxodo rural ocorrido a partir da década de 1930, devido ao crescimento ocasional da industrialização pelo qual passou o país com a Segunda Guerra Mundial, assim como aconteceu durante a Primeira, muitos destes italianos também acabaram deixando o campo para tentar a sorte na cidade. Na cidade também não puderam assegurar, para si e para os seus, um futuro tão promissor. O ramo materno de minha família estabeleceu-se com extrativismo e produção de carvão vegetal e posteriormente fixando-se na atividade de pequenos comerciantes. Já o ramo paterno, o pouco que conseguiu foi uma garantia de uma economia de sobrevivência e aposentadoria, após uma vida inteira dedicada ao trabalho na agricultura.

Seus filhos também estabelecidos na cidade de Campinas, serviram à crescente industrialização da região. As condições do trabalhador operário nas décadas de 30, 40 e 50 ainda eram difíceis. Os direitos trabalhistas foram sendo concedidos pelo Estado lentamente. Assim foram trabalhar nas várias indústrias da região, principalmente de tecelagem ou indústrias alimentícias.

Os imigrantes vindos da Itália traziam uma carga de religiosidade muito grande. Religiosidade que dividia-os em dois grupos: um de catolicismo ortodoxo (que se depara no Brasil com uma sociedade também marcadamente católica, coincidindo com o momento em que este catolicismo está buscando reafirmar-se como religião majoritária, e a Romanização do início do século vai sedimentar este processo); o segundo é um grupo que traz também uma forte religiosidade católica, mas que tem uma tendência forte ao sincretismo (tendendo a conciliar esta religiosidade católica com elementos de outros cultos de caráter espiritualista, manifestando maior abertura para adesão a outros estilos de práticas religiosas).

A atmosfera carregada do elemento religioso acabou por influenciar-me na escolha do tema desta pesquisa. Tendo sido aluno dos padres salesianos em Campinas, minha formação escolar também resultou fortemente marcada pela religião católica. Cursei História e Teologia. Tinha sempre uma preocupação religiosa que se entremeava ao interesse histórico. Era uma tentativa de, na história, ao buscar o passado, tentar descobrir e reforçar a presença e a importância da religião.

Este projeto de pesquisa expressa a necessidade de compreender o relacionamento e o envolvimento das famílias com a escola e, especificamente com a Escola Católica em Campinas. O desafio inicial era tentar localizar o grau de influência que a educação oferecida pela escola católica exerceu junto às famílias envolvidas neste processo educativo e como as famílias participam das definições políticas dessa mesma escola.

Em um primeiro momento, tentei a análise dos diversos currículos: as linhas que o currículo humanista abria, currículos de inspiração mais tecnicista e a possibilidade de um outro tipo de currículo que respondesse às exigências da sociedade à entrada do novo milênio.

A certa altura, percebi que pela análise dos diversos tipos de currículos, não teria resposta à pergunta inicial: qual o lugar da educação católica no Brasil? Percebi que o horizonte da pesquisa era muito amplo, então decidi nortear esta pesquisa a partir do levantamento de dados a respeito da presença da escola católica em Campinas.

Pesquisar a escola católica em Campinas se tornaria algo ainda muito abrangente, assim, buscando definir melhor o objeto desta pesquisa, considere que o estudo de uma escola salesiana especificamente poderia fazer surgir as respostas às inquietações iniciais deste trabalho.

Posteriormente, após algum tempo de pesquisa, pude perceber que para entender a presença dos salesianos em Campinas, bem como o lugar da educação católica praticada na cidade, não poderia analisar uma única escola de modo particular. Tornava-se necessário entender os interesses dos salesianos ao dividirem o espaço educacional da cidade, observando o tipo de formação e de formadores destinados para uma e para outra escola.

Embora Campinas tenha recebido um grande número de escolas católicas na virada do século XIX para o XX, como é o caso do Colégio Sagrado Coração de Jesus, das Irmãs Calvarianas, o Colégio Ave Maria, das Irmãs Franciscanas, a obra salesiana iniciada pelo Liceu Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora, seguido pelo Externato São João e, posteriormente pela Escola Salesiana São José, destaca-se na educação católica porque a congregação salesiana é a primeira a se estabelecer na cidade a convite do então Cônego Nery, depois primeiro Bispo de Campinas. Este abriria aos salesianos todas as portas para a instalação de seu projeto educacional, confiando-lhes de início a direção e a continuação do Liceu de Artes e Ofícios por ele fundado para atender aos órfãos da febre amarela e que depois tornou-se o Liceu Nossa Senhora Auxiliadora. Os salesianos em Campinas, por muito tempo, foram os únicos a oferecer educação católica ao ramo masculino. Esta parcela da população ficou destinada, por assim dizer, aos salesianos.

Optei por pesquisar o Externato São João, a segunda obra salesiana instalada na cidade, criada como um desmembramento do Liceu Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora. Os objetivos descritos nos documentos iniciais da escola, expressão da filosofia da Congregação, identificam o Externato São João como uma escola destinada aos grupos menos favorecidos da população, consagrando-o como uma escola que deveria ministrar ao ensino de artes e ofícios, agora desmembrado do Liceu.

Apesar de a Congregação Salesiana sempre tentar construir uma imagem do Externato São João associada ao atendimento aos grupos mais pobres da população, a sua

instalação em região central da cidade em 1909, junto aos casarões em que viviam as famílias de maior poder aquisitivo, pode evidenciar justamente o contrário.

Tais evidências podem ser encontradas nos registros das atas iniciais do colégio, que atestam claramente que tal escola teria sido fundada para oferecer formação de artes e ofícios, mas na realidade, segundo os mesmos registros também evidenciam, tais atividades funcionaram desta forma pouco mais que um ano, sendo mínima a tradição do Colégio neste setor da educação.

Outro dado interessante que me levou a pesquisar o Externato São João é o envolvimento afetivo demonstrado por seus ex-alunos quando entrevistados. Embora a educação que o Colégio oferecia fosse carregada por uma rigidez disciplinar muito grande, percebeu-se que, apesar desse fato, os ex-alunos trazem um sentimento bastante positivo em relação aos anos que estudaram no Colégio. Há que se ressaltar porém, que no estilo de educação salesiana, valorizam-se muito aspectos como a amplitude dos espaços físicos e áreas verdes, bem como as práticas esportivas e educação musical, o que pode ser um fator justificativo desta afetividade positiva manifestada pelos ex-alunos.

Ao iniciar a pesquisa histórica sobre o Externato São João, verifiquei que poucos documentos relativos ao início do Colégio foram preservados, tais como fichários de alunos, dados sobre as suas famílias. Uma segunda constatação que fiz foram as moções de repúdio dos pais quando do encerramento das atividades de educação regular, por volta de 1991, quando estes pressionaram de forma incisiva a Congregação contra o fechamento do Colégio.

Paralelamente a estes fatos, em um espaço de tempo relativamente curto, na seqüência ao encerramento das atividades regulares, a Direção da Congregação realiza a demolição parcial dos prédios do Colégio no mesmo dia em que a imprensa local publicava que o Conselho de Defesa do Patrimônio tinha intenção de realizar o tombamento da parte mais antiga, que correspondia a construções do final do século XIX. Este processo se deu de forma sorrateira e rápida, com o auxílio de máquinas e tratores que vieram da cidade de Americana-SP. Assim, à noite o prédio já se achava totalmente demolido. Preservou-se apenas o Teatro e a Capela que são construções posteriores.

Diante de todos estes fatos, alguns questionamentos despontam: Quais eram os reais interesses dos padres salesianos ao encerrar definitivamente as atividades regulares do Externato São João? Haveria alguma utilização prevista do local que justificaria sua demolição? A não preservação de documentos relativos à vida escolar dos alunos durante todos os anos de funcionamento revelaria interesse de apagar a memória deste Colégio?

Ao estudar a presença da congregação salesiana em Campinas, aparece mais uma indagação nesta pesquisa, a de entender quem são os padres salesianos, sua dedicação desde o início à educação, sua procedência da Itália, vindos para trabalhar no Uruguai e Argentina e, posteriormente no Brasil.

Percebo, ao longo da pesquisa, que o estudo do Colégio Externato São João não conseguiria responder minhas perguntas iniciais. Precisei então, alargar o estudo, tornando-o um pouco mais amplo, observando a presença salesiana em Campinas através de seus três colégios.

Esta pesquisa está dividida em três capítulos em que aparecem algumas preocupações: no primeiro capítulo uma investigação sobre o espaço religioso de Campinas; no segundo, há a preocupação de averiguar a natureza e a proposta da Congregação Salesiana no âmbito da educação e da Igreja, através da análise de seus princípios norteadores, sua origem e expansão; no terceiro capítulo é feita uma análise da presença e ação dos salesianos em Campinas através de um paralelo traçado entre as três escolas e a aplicação do Sistema Salesiano de Educação.

No primeiro capítulo meu interesse é o de situar a presença da Igreja em Campinas aliada aos interesses da oligarquia cafeeira aqui presente. De acordo com a importância que a cidade foi adquirindo no cenário nacional, graças à economia cafeeira, esta mesma oligarquia demonstra interesses em transformar a cidade em um Bispado autônomo, não mais dependente juridicamente da Arquidiocese de São Paulo e da Paróquia de Jundiá. Tal fato representa o prestígio nos campos social e cultural, de acordo com a importância que a cidade adquiriria também no campo econômico.

Num primeiro momento há, de um lado, uma manifestação espontânea por parte da população mais simples, que procura junto à hierarquia oficial da Igreja autorização para a

prática de sua religiosidade, solicitando licença para erigirem capelas onde pudessem praticar sua religião e cultuarem seus santos. Tudo isto atesta o anseio popular que, de forma inocente e pura, procura realizar e praticar a sua religiosidade, e a elite dominante, por outro lado, utiliza-se de um jogo de interesses fazendo uma negociação com o poder religioso oficial e consegue não a simples autorização, mas sim a elevação do bairro do Mato Grosso à categoria de paróquia, com padre fixo em 1774.

Mais de um século depois dá-se a instalação da Diocese de Campinas, quando várias cidades do Estado de São Paulo foram desmembradas da Diocese de São Paulo e tornaram-se Igrejas juridicamente autônomas, vinculadas diretamente à Sé Romana. Tal fato se deve, principalmente, à política da Igreja recém separada do Estado, com o advento da República, momento em que ela deve criar sua própria estrutura, independente do poder político. Deve-se também ao progresso econômico que tais cidades adquiriram graças às divisas vindas do café. Nesta condição estão algumas tantas cidades além de Campinas, como é o caso de Ribeirão Preto, São Carlos, Botucatu e algumas outras cidades nos demais estados do sudeste e sul do país, todas elas na rota da expansão cafeeira.

Estas Igrejas recém criadas seguem as diretrizes da chamada *Romanização*, num processo de realinhamento da Igreja do Brasil em acordo com os ditames e parâmetros propostos pela hierarquia da Igreja em Roma.

Dom Nery, o primeiro Bispo da Igreja de Campinas, torna-se um vulto importante no processo de romanização. É um fiel cumpridor das diretrizes vindas de Roma. Em seu episcopado, são características marcantes a valorização da autoridade eclesiástica em detrimento da autonomia e valorização desejada pelo laicato. Há um restabelecimento da autoridade e prestígio do clero, que haviam sido ofuscados no período do padroado. Assim, a figura do Bispo em maior destaque, e a dos padres em escala menor, é mitificada através de cerimônias pomposas, onde sua presença é revestida de um caráter marcadamente simbólico associado à legitimidade sagrada conferida ao Bispo, príncipe da Igreja.

É criado também o Seminário Diocesano que passa a formar o clero local na própria cidade, com padres e formadores escolhidos cuidadosamente para esta função, de forma a imprimir uma formação diversa daquela que vigorou no regime do padroado. Havia agora a

necessidade de formar um novo protótipo de clero no Brasil, que apagasse a imagem anterior, associada ao Império e Padroado, bem como com as ligações com a maçonaria. Portanto era necessário um clero bem formado, com uma forte carga intelectual e que fosse fiel a autoridade do Bispo e do Papa.

As irmandades e confrarias leigas passam a ter uma importância significativamente menor que no momento anterior à criação do Bispado. A política episcopal em relação às irmandades vai ser a de neutralizar o poder que antes tinham nas decisões sobre a vida da Igreja.

Neste momento, em Campinas, eram diversos os segmentos que agiam no campo educacional. Havia escolas laicas, escolas sob a direção da maçonaria, bem como escolas confessionais protestantes. O Colégio Culto à Ciência era, por exemplo, expressão maior de uma educação distanciada de religião. Havia várias escolas leigas de porte considerável e também a presença da comunidade de alemães, que vai fundar a escola alemã; os membros da missão presbiteriana norte-americana irão fundar o Colégio Internacional. Dentro deste panorama, o então Cônego Nery vai ser o grande incentivador e promotor da Educação Católica na cidade, que se inicia com a chegada dos salesianos, anterior à nomeação de Nery como Bispo.

A vinda dos salesianos a Campinas está ligada a alguns fatores relevantes: o progresso econômico e a importância da cidade como centro econômico a partir da riqueza gerada pelo café, que despertou o interesse da Congregação em estabelecer-se em um local promissor; o interesse que os políticos republicanos tinham em oferecer boa educação, demonstrando assim, também o fato de que a república tinha preocupações e investia em educação. Por isso, eram bem-vindos não só católicos, mas todas as iniciativas no campo educacional. Neste contexto está também presente a preocupação da Igreja Católica em ocupar o seu espaço educacional na cidade em conformidade com os desejos de Dom Nery em corresponder à política de romanização, realizando um governo exemplar na Igreja de Campinas aos olhos da hierarquia romana.

No segundo capítulo, a compreensão da política e expansão da educação salesiana mostram a necessidade de buscar na biografia de Dom Bosco e em seus escritos, dados

sobre suas origens, sua família, o meio social em que viveu, bem como as condições econômicas de sua família, para a compreensão dos determinantes de seu projeto e vida.

A vida de Dom Bosco (1815-1888) aparece marcada por acontecimentos e fatos misteriosos, como sonhos, visões e perseguições de seus opositores. Vindo do mundo rural, do norte da Itália, do século XIX, em determinado momento sua vocação também pode ser compreendida como a expressão e manifestação de um projeto familiar maior.

Dom Bosco utiliza-se de um artifício legítimo, próprio da Igreja da época, que são as visões e os sonhos. Este misticismo determinou e contribuiu imensamente para o crescimento de seu projeto. Por outro lado, apesar de a Igreja sempre adotar uma postura cautelosa em relação a visões, sonhos, aparições e revelações, não podia defrontar-se com Dom Bosco em relação a este aspecto, já que existe ao longo da história da Igreja ampla bibliografia que coloca a ‘revelação’ como elemento constitutivo, fundante e norteador da natureza da Igreja como depositária da fé cristã.

A Igreja do século XIX também precisava ser entendida, pois é no desenrolar de suas diretrizes para aquela época que Dom Bosco vai conseguir gradativamente o respaldo necessário para o estabelecimento de sua congregação. O fato de o próprio Papa Pio IX ordenar pessoalmente a Dom Bosco que registrasse na forma de autobiografia a história de sua vida e de sua congregação representava os interesses que a Igreja tinha em relação a esta ordem religiosa e, o quanto esta poderia servir de instrumento para a realização dos interesses daquela. Observa-se que é fenomenal o crescimento da Congregação num espaço de tempo tão curto, se levarmos em conta a história de outras congregações.

A Igreja da época deparava-se com algumas questões, dentre elas a perda dos territórios pontifícios que acontece durante o pontificado de Pio IX. O liberalismo aparecia como uma ameaça. Eram os reflexos da Revolução Industrial que agora impunham novo modelo econômico e político. Dom Bosco aparece como porta-voz de um projeto maior da Igreja. Ele tem uma proposta religiosa e uma proposta moral bem definidas ao tentar formar o “bom cristão e o honesto cidadão”.

Poder-se-ia dizer que Dom Bosco não foi ideologicamente arrojado ao deixar de questionar as estruturas que levavam tantos jovens à marginalidade. Mas, a seu modo lutou

contra estas estruturas. Seu trabalho encaminhou-se no sentido de tentar conter as conseqüências de uma sociedade que marginalizava e oprimia os que não tinham vez na estrutura econômica do século XIX. Assim, educava os jovens para que tivessem uma determinada postura de vida diante do mundo em que viviam, dando-lhes o aprendizado de um ofício na Itália que, unificada, buscava construir um modelo de cidadão.

No terceiro capítulo a preocupação, num primeiro momento, é estudar o modelo de educação surgido a partir de Dom Bosco, o chamado ‘Sistema Preventivo de Educação’ que se arvora como algo novo surgido no campo da educação, fazendo confronto com o modelo de educação vigente, que o próprio Dom Bosco intitula de ‘Sistema Repressivo de Educação’. Em seguida, procuro explicitar como se processou a aplicação desse Sistema Preventivo de Educação em Campinas, analisando-se as obras salesianas ali desenvolvidas

Em Campinas, os salesianos se estabelecem com três escolas, em dois momentos diferentes: as duas primeiras são criadas logo no início do século, quando da sua chegada, período em que a cidade vive da economia do café. A terceira, Escola Salesiana São José, surge na década de 50, portanto em um contexto diferenciado, quando o tempo do café já havia passado, momento em que a cidade vislumbrava agora sua vocação industrial e tecnológica.

Cabe então, neste capítulo, analisar a forma como este sistema de educação foi aplicado e estruturado a partir de três escolas diferentes, destinadas cada uma delas a atender um grupo social diferenciado e específico e, em dois momentos diferentes da história da cidade.

Capítulo I

ANTECEDENTES RELIGIOSOS DE CAMPINAS

1 - Interesses em transformar o bairro de Campinas em Paróquia

É importante pensar a região de Campinas dentro do contexto de povoação da capitania de São Paulo, para entendermos a herança que permaneceu na cidade, pelo menos até o início do século XX, de um catolicismo que pode ser denominado de catolicismo popular.

Posteriormente se verificará uma acirrada oposição entre catolicismo popular e catolicismo oficial no Brasil, extensão do movimento de alcance mundial da Igreja de Roma, que foi o chamado processo de romanização ou *ultramontanismo*¹.

Este catolicismo popular, conforme estudo de BENEDETTI (1984) era quase sempre visto como uma espécie de “religião menor” porque nasce e se desenvolve não necessariamente com a presença do padre, que é o agente qualificado da religião oficial, mas apresenta um desenvolvimento próprio, apesar do controle da Igreja. Muitas vezes esse catolicismo popular fica “obscurecido” nos documentos da Igreja oficial.²

Em Campinas vai haver um típico florescimento deste catolicismo popular, ainda no período em que não constituía uma sede de Igreja, quando era uma pequena circunscrição dependente da Paróquia de Jundiaí, que por sua vez era ligada à Diocese e ao Bispo de São

¹ Romanização ou Ultramontanismo é o processo pelo qual passa a Igreja Católica no século XIX, tendo sua culminância no final daquele século e início do século XX. Consistiu em uma expansão do Catolicismo de Roma, sob a influência direta do papado. Diante da perda dos territórios da Igreja na Europa, esta vai reforçar sua presença em vários países, dentre eles o Brasil. Ultramontanismo refere-se a esta reexpansão da Igreja para além dos Alpes, com o intento de reforçar nas Igrejas locais um catolicismo fiel e obediente ao Papa, já que em muitos países os imperadores eram os chefes da Igreja. O papado tenta resgatar sua autoridade para além da Europa.

² Benedetti, Luiz Roberto. “*Os santos nômades e o Deus estabelecido*” S.Paulo, 1984, Edições Paulinas.

Paulo, em uma época em que as distâncias representavam dificuldades se levadas em conta as estradas que havia e os meios de transporte.

Nesse sentido a presença do padre, portanto do porta voz oficial da instituição, acontecia raramente para as visitas chamadas de “desobriga” nos domicílios (mediante licença especial), o que vem a reforçar o tipo de religião de caráter familiar. Em continuidade à prática religiosa suscitada, os sitiantes e fazendeiros solicitavam autorização para a construção de capelas que não necessariamente se dedicariam à finalidade específica de instalação de altares para a celebração de missas, mas onde se colocariam as imagens dos santos de devoção das famílias e para que ali também se realizasse o atendimento do padre quando este passasse em visita. Outras tantas capelas, muitas vezes eram construídas pelo povo mesmo sem a autorização eclesiástica.³

O estudo de BENEDETTI (1984) apresenta a Capela como sendo um espaço do sagrado do catolicismo popular, mas não necessariamente como sendo o espaço do padre e do cumprimento dos preceitos religiosos ligados ao padre. Este espaço é o lugar do ‘santo’, lugar decisivo nesta religião popular, onde se tornam também importantes os laços de vizinhança, já que estamos tratando de economia de subsistência, daí a necessidade de se recorrer aos sítios vizinhos para as trocas de mercadorias, respaldada por laços religiosos.

A Capela aparece também como espaço de lazer enquanto abriga na sua frente a praça, que é o espaço da confraternização, da festa popular e das festas religiosas que nem sempre têm o seu calendário coincidente com o das festas religiosas oficiais. É um espaço do povo e das suas manifestações que, mais tarde, padres e bispos o tomarão sob seu controle, ainda que seja com a intervenção policial. Exemplo disso são os rituais de lavagem das escadarias das igrejas em várias cidades do Brasil, que serão proibidos pela autoridade eclesiástica, pelas possíveis ligações que poderiam ter com cultos de origem africana.

³ A “desobriga” há algumas décadas, antes da renovação do Concílio Vaticano II, consistia nas visitas que o sacerdote realizava nas localidades que não tinham padre fixo. Em muitos lugares do interior do Brasil os padres conseguiam fazer visitas apenas uma vez por ano. Então, nesta visita realizava todos os atos religiosos tais como batismo das crianças que tinham nascido, legalização de uniões matrimoniais, crismas, confissões, missas e visitas a doentes. Era uma forma de, através de sua visita e realização dos sacramentos, fazer com que os fiéis ficassem quites com suas obrigações religiosas.

Segundo BENEDETTI (1984), este catolicismo popular aparece não em consequência da falta de padres que atendessem a região, mas sobretudo como uma religião de características próprias, como sendo a expressão original de um grupo que era composto pelos pequenos sitiantes, camponeses, que acabavam ocupando terras por posse. Portanto, é um catolicismo que poderia se chamar de itinerante porque acompanha as andanças e aventuras deste povo simples despossuído de terras, sujeito à sorte.

Na expressão de Benedetti, esta “é uma religião viva e, porque é viva, é sempre errante e nômade como seus portadores”. É uma religião que se coloca numa posição de conflito e de recusa ao catolicismo oficial, e também de recusa ao seu mediador que é o padre.

Por outro lado, o catolicismo oficial estará associado ao poder político local, ao senhor de terras, celebrando assim determinadas alianças com esses setores, traduzida em trocas de favores e de interesses. E, na visão de Benedetti ocorre aí uma situação de reprodução social, em que Igreja e senhores se reproduzem socialmente.

Para assegurar a tese de que a religião destes sitiantes pobres, mais do que uma religião que dispensava a presença do padre é uma religião de “recusa do padre”, Benedetti recorre às modernas descobertas da exegese bíblica que vinculam o profetismo ao nomadismo e o sedentarismo ao sacerdócio, que encontra o seu auge na figura do Rei Salomão que efetua a junção trono-altar.

Analistas do catolicismo popular como é o caso de BEOZZO (1977), vinculam a expansão deste catolicismo com um enfraquecimento do catolicismo oficial, mas no caso específico da criação da paróquia do Bairro do Mato Grosso, houve conflitos entre os partidários de sua criação, que viam neste fato um sinal de progresso e desenvolvimento da região e os partidários da Capela, que de certa forma tinham interesses religiosos e sociais diferentes, que podem caracterizar-se como uma recusa do padre.⁴

⁴ Beozzo, José Oscar. *Irmândades, santuários e capelinhas de beira de estrada*. Revista Eclesiástica Brasileira. Petrópolis-RJ, 1977, Ed. Vozes, 37 (148), pp. 741-758.

A criação da paróquia com padre fixo aparece então como a entrada oficial da religião de Campinas no sistema econômico colonial baseado na monocultura. E esta é uma obra de senhores de escravos, beneficiários da concessão de sesmarias⁵

2 - O contexto que dará base ao processo de Romanização

A Igreja Católica no final do século XIX e início do XX tem um inimigo potencial: o mundo moderno. Este traz males como o racionalismo, o liberalismo e o socialismo. Traz também consigo inimigos religiosos como o protestantismo iniciado no século XVI de forma especial, e o espiritismo visto na época pelas autoridades religiosas como de caráter desonesto.

Em Campinas, estes assuntos serão a grande preocupação da imprensa católica oficial. O jornal “O Mensageiro” e num segundo momento “A Tribuna” trazem escritos da Igreja da cidade, mas também reproduzem matérias religiosas de outros órgãos da imprensa católica do Brasil e da Europa, principalmente no período que se segue a 1910.

A Igreja no Brasil luta para recapturar o espaço de controle ideológico e político que tinha sobre a sociedade e que foi perdendo a partir de 18 de Julho de 1841 com a maioria do Imperador Dom Pedro II. Essa perda de poder da Igreja cristaliza-se com o advento da República e a separação Igreja/Estado. É uma Igreja que tenta demonstrar que de fato ela é porta-voz de uma religião forte no imaginário popular. O caso de Campinas situa-se dentro desta lógica.⁶

As relações entre Igreja e Estado no Brasil tendem a assumir no período final do Império um caráter conflituoso, de disputa de espaços de atuação, conforme demonstra ALENCAR (1979) onde “o catolicismo era a religião oficial do Estado Brasileiro, que controlava a Igreja indicando candidatos ao Bispado e autorizando ou não o cumprimento

⁵ Cf. Benedetti, op. cit. p. 10.

⁶ “Nenhum culto ou Igreja gozará de subvenção oficial nem terá relações de dependência ou aliança com o Governo da União ou dos Estados” – Texto definitivo do Parágrafo 7º da Constituição Republicana de 1891.

das disposições papais no Brasil. Em 1864, o Papa Pio IX, através da bula “*Quanta Cura*”, proibiu a ligação de católicos com a maçonaria. D. Pedro II não acatou tal decisão. Em 1873, a questão agravou-se, quando os bispos de Recife e Belém ordenaram a expulsão de maçons das irmandades religiosas, que acabaram sendo fechadas. O Império moveu uma ação judicial contra os bispos, que foram condenados a quatro anos de prisão com trabalhos forçados. Apesar de ter sido concedida anistia aos bispos, a condenação serviu para abalar as relações entre o Estado e a Igreja.”⁷

Há que lembrar-se que no início da década de 1870, a cidade vivencia uma nova fase econômica com o auge do desenvolvimento do cultivo de café e também com o comércio e a gradativa instalação do setor de serviços públicos. Há uma mudança significativa dos senhores fixando suas residências em casarões na cidade, ficando o campo considerado espaço da produção agrícola, de retiro e de recreação. A vinda da mão-de-obra de imigrantes europeus que se inicia em 1847 torna-se significativa em Campinas nesta década, com a conseqüente introdução do trabalho livre. Observa-se também uma presença grande de profissionais liberais, a construção de ferrovias e o surgimento ainda incipiente da indústria.

A história vai chamar a todas estas transformações de processo de urbanização, compreendendo a passagem para uma nova organização social não mais centralizada no engenho ou na fazenda, vindo a cidade a adquirir novas funções.

Desde os primórdios, no processo de urbanização, a Igreja vai reafirmar certas alianças com os senhores de terras. Segundo análise de BENEDETTI (1984), um grupo de pequenos sítiantes da região situada entre Jundiaí e Mogi-Mirim fazem uma petição ao Cônego Antonio de Toledo Lara, que respondia pelo bispado de São Paulo, então sede vacante. Pedem à Igreja a devida autorização para construção de uma capela e de um cemitério bento, para que, de acordo com as necessidades de assistência religiosa, este serviço pudesse ser exercido nesta capela que então se construiria. O povoado mais próximo, Jundiaí, distava do bairro de Mato Grosso dez léguas. Por estas dificuldades de distâncias e de caminhos, os habitantes do bairro acabavam por morrer sem assistência

⁷ Cf. Alencar e outros, Francisco, *História da Sociedade Brasileira*, Rio de Janeiro, Ed. Ao Livro Técnico, 1979, p. 184.

religiosa. Dos que assinaram o documento todos eram sitiantes pobres, exceto o que encabeçou a lista.⁸

Como resposta, a Igreja pede ao vigário de Jundiaí, Pe. Inácio Paes de Oliveira, responsável pelo bairro do Mato Grosso, que averigüe os dados da petição. Procurado, o Sr. Francisco Barreto Leme diz que a assinatura que encabeça a lista não é sua e que não contribuirá em nada para a construção da futura capela.⁹

A resposta do Bispado é favorável à construção da capela, desde que a localidade mantenha recursos financeiros suficientes para sua manutenção. Porém, esta capela não chegou a ser construída.

Há porém, outra provisão do Bispado de São Paulo, agora já citando o nome do novo Bispo, D. Frei Manuel da Ressurreição, respondendo a uma outra petição, com conteúdo bem diferente ao da primeira, não falando mais em capela, mas em igreja. Tal fato demonstra que os interesses dos primeiros, os sitiantes pobres, foram suplantados por outros que abrangiam um projeto de maior porte.

De acordo com algumas fontes como BENEDETTI (1984) por exemplo, transparece a hipótese de uma negociação havida entre o Bispado de São Paulo, o Vigário de Jundiaí e os grandes proprietários, já que a criação de freguesia e paróquia envolvia interesses de proprietários de Jundiaí. O que se tem claro é a transformação radical do pedido de capela para serviços religiosos esporádicos, em um projeto de igreja matriz, com padre estável, culto e realização de sacramentos.

Em relação a este outro pedido feito ao Bispado de São Paulo, Barreto Leme encabeça a lista dos que queriam paróquia, segundo registro do Frei Antonio de Pádua Teixeira: “o grande zelo de Francisco Barreto Leme por cujo empenho e cuidado conseguiu no ano de 1772 licença do Revmo. Governador do Bispado para erigirem em Freguesia a parte desmembrada de Jundiaí, a que eram sujeitos; e foi visitado e demarcado o lugar para a nova Matriz pelo Revdo. Vigário de Jundiaí em 73.” Em tal pedido, além de constar a

⁸ Cf. Benedetti, op. cit. p. 10.

⁹ Conforme registros no Livro de Tombo da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição das Campinas, fls. 6-7, citado por Benedetti, op. cit. p. 10.

assinatura de Barreto Leme, consta também a de outros senhores da região, que de certa forma estavam ligados àquele por laços de parentesco ou de amizade. Barreto Leme precisou recorrer a parentes e amigos para compor a petição, devido a recusa dos sitiante pobres em fazê-lo. Estes se recusavam porque os dispêndios econômico-financeiros para a manutenção de paróquia e padre fixo eram muito grandes e acabariam recaindo sobre a população local e, por sua vez, a paróquia só seria erigida pelo Bispado quando fossem satisfeitas as exigências de ordem econômica.¹⁰

Por outro lado, fica claro que a criação de paróquia com padre fixo, que no plano político-administrativo correspondia à criação de Freguesia, era do interesse dos sitiante economicamente mais fortes. Aqui revelam-se dois fatos: primeiro a recusa dos sitiante pobres a um catolicismo oficial, que impingia sobre eles pesados custos financeiros e, em segundo lugar, o interesse dos proprietários mais ricos por uma nova organização da economia local, dando ao bairro o *status* de Freguesia.

Outro dado que atesta o interesse dos sitiante ricos do bairro é o fato de Barreto Leme ter adquirido terras no bairro por sesmarias, emergindo na condição de dono de terras “por posse”. As sesmarias eram concedidas a “quaisquer pessoas, de qualquer condição, contanto que fossem cristãs, livremente, sem foro nem atributo algum mais que o dízimo do que contribuírem ao Mestrado de Cristo, seguindo nisto a forma estabelecida nas Ordenações.”¹¹ Também eram concedidas sesmarias a quem tivesse certo número de escravos, conferindo distinção social, porque a posse daqueles representava capital investido e possibilidade de produção. Neste momento interessava a estes senhores conferir tal dignidade ao bairro do Mato Grosso.

Esta concessão interessava também à Igreja. Pois no projeto de colonização portuguesa, expansão econômica e expansão religiosa estavam estreitamente ligadas. Interessava também aos grandes proprietários, bem como à Coroa Portuguesa, representada pelo Governo de São Paulo. Tratava-se não só da expansão do cristianismo, mas da criação de uma divisão administrativa, que era a elevação do bairro à condição de Freguesia. Barreto Leme juntando todos os esforços para a criação de Paróquia, que não era uma

¹⁰Cf. Benedetti, op. cit. p. 10.

¹¹Mendes, Cândido. *História do Direito Brasileiro*, citado em Pupo, 1969.

simples divisão burocrática do serviço religioso, serve como elemento aglutinador de tais interesses.

Acontece então, de acordo com o interesse dos proprietários de terras uma maior produtividade. Com a presença da Paróquia e padre fixo, tem-se também um fortalecimento da economia local que passa a ter um caráter não mais apenas flutuante, mas de fixação do produtor. O cimento para este projeto é dado pelo espaço religioso. As capelas significavam nos povoados rurais o ponto de união e de identidade de um agrupamento de famílias. Assim, na Freguesia, a paróquia com sua Igreja Matriz e padre fixo, tem também sua representação e identificação em um determinado cenário social, legitimando o seu estabelecimento político-administrativo.

Era grande o interesse da instauração da paróquia. Pois a igreja matriz, ao que tudo indica já vinha sendo construída durante o desenrolar deste processo, tanto que observa-se o pouco tempo decorrido entre a licença de instalação, em Maio de 1774, até 14 de Julho do mesmo ano, quando foi rezada a primeira missa em Campinas, pelo Frei Antonio de Pádua. Os paramentos para a realização das cerimônias foram emprestados, revelando também que devido ao pouco tempo, ainda não havia condições próprias para a realização das cerimônias e criação de paróquia.

O primeiro batizado ocorrido na paróquia então instalada foi de um neto de Barreto Leme. Tal fato expressa o simbolismo da aliança do setor religioso ao político e também o fortalecimento do *status* do fundador da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição.

Em Campinas ocorrerá uma mudança na organização da Igreja que a partir de 1870 se dividirá em duas paróquias, dado este que demonstra o crescimento e a gradativa importância da cidade no cenário regional nos sentidos demográfico, econômico e político devido à riqueza proporcionada pelo cultivo de café. Tal riqueza acabou por projetar e dar destaque à cidade no cenário nacional.

LUSTOSA (1977) afirma que simultaneamente a este processo de urbanização, a Igreja, enquanto instituição universal estará promovendo uma reforma, denominada por

este autor como “revitalização”, impulsionada por uma ideologia reacionária e ultramontana.¹²

No caso da Igreja de Campinas, autores como BENEDETTI(1984) tentam mostrar que as mudanças na instituição acontecem nem tanto por pura obediência às normas disciplinares da direção da Igreja em Roma, mas, muito mais devido às transformações pelas quais a organização da cidade estava passando, principalmente na entrada do século XX. Assim, nesta linha de pensamento, esta reforma obedece a uma aliança bem definida com os grupos que passam a adquirir importância na cidade, que são os comerciantes, profissionais liberais e senhores do café e, esta ideologia ultramontana do catolicismo romanizado tanto serve de defesa contra os inimigos que a urbanização traz como a Maçonaria e as idéias da Ilustração Francesa; como também responde aos interesses dos senhores do café e das camadas médias urbanas.

O quadro da romanização é abrangente porque inclui o projeto da Igreja no plano internacional, as transformações da sociedade brasileira e também características locais. Deve também ser entendido como uma tentativa de reafirmação da autoridade do papado que se encontrava enfraquecida desde a reforma protestante e que havia sofrido novos golpes com a Revolução Francesa nos aspectos religiosos, mas sobretudo nos aspectos políticos e econômicos.

Em Roma o que se tem é a tentativa de exaltação e resgate do prestígio e autoridade da figura do papa, que culmina com a declaração da ‘infalibilidade papal’ pelo Concílio Vaticano I. Os estados pontifícios estão ameaçados e, nos campos doutrinário, pastoral e administrativo, a Igreja tenta reforçar sua autoridade, controlando nomeações, cultos e liturgia, promovendo bênçãos e audiências papais, e peregrinações a Roma como forma de restabelecimento do prestígio papal. No que se refere ao grande inimigo da Igreja, a modernidade, o *Syllabus* de Pio IX define em uma lista, oitenta proposições chamadas de erros modernos, dentre estas as idéias iluministas, a maçonaria e o liberalismo.¹³

¹² Lustosa, Oscar de Figueiredo *A presença da Igreja no Brasil – 1500-1968*, São Paulo, Ed. Giro Ltda., 1977.

¹³ A encíclica ou Bula “Quanta Cura” do Papa Pio IX, trás uma lista ou catálogo chamada *Syllabus errorum*, em que o papa aponta oitenta proposições denominadas ‘erros do modernismo’, e, portanto inaceitáveis pela Igreja.

Com este movimento a Igreja tenta encontrar meios de controlar ideologicamente a sociedade e nela imprimir a direção desejada. Autores como BEOZZO (1977) e o próprio BENEDETTI (1984) sustentam a tese de que o ultramontanismo reflete mais uma problemática européia, diante dos enfrentamentos com a Maçonaria anticlericalista e as idéias do Iluminismo. No Brasil, apresenta uma discussão muitas vezes deslocada, alheia a situação local.¹⁴

Há que se destacar também que no Estado de São Paulo foi muito forte a presença de imigrantes italianos que trouxeram para o Brasil um forte traço de cultura católica, importando e reforçando práticas e costumes religiosos, devoções, rezas e exercícios de piedade. Este será um dos campos de ação da romanização.

Assim, no Brasil, a romanização acontece dentro deste quadro, na passagem de um catolicismo colonial para um catolicismo universalista, buscando cada vez mais rigidez moral e doutrinária e, para isto se tornará necessária a reafirmação da autoridade, principalmente do Papa e dos Bispos, com a formação de um clero obediente, capaz de controlar a fé e a moral do povo. A pastoral será realizada, sobretudo sob a dependência de padres estrangeiros que ofereciam mais garantias de fidelidade institucional. A Igreja do Brasil, a partir deste processo passa a se enquadrar gradativamente nas propostas centralizadoras da Igreja de Roma.

Segundo BENEDETTI (1984), as Reformas da Igreja de Campinas não têm seu ápice em 1908 com a criação do Bispado, mas já no século XIX com a reorganização da Irmandade do Santíssimo Sacramento, período em que surgem novas alianças da Igreja com setores da cidade como os comerciantes e também a consolidação das antigas alianças com os barões do café.¹⁵

A reorganização da Irmandade é feita no momento em que os barões estão deixando as sedes de suas fazendas e mudando-se para os sobrados na cidade, na década de 1870, momento em que acontecem, além da construção da Cia. Paulista de Estradas de Ferro, a

¹⁴ Cf. Beozzo, op. cit. p. 12.

¹⁵ Benedetti, op cit. P. 10.

instalação da iluminação à gás na cidade e, conseqüentemente um impulso considerável no comércio. A Igreja, além da reorganização da Irmandade do Santíssimo, acelera a conclusão da matriz nova (Catedral).

A reorganização da Irmandade do Santíssimo Sacramento é um sinal distintivo da ação direta da Igreja com intuito de fazer visualizar sua autoridade. As Irmandades eram agrupamentos que reuniam católicos geralmente de condição laica. Embora fossem instituições de Igreja, tinham vida própria, nem sempre sob a influência direta dos eclesiásticos. Possuíam bens patrimoniais, e seus confrades tinham direito a serem enterrados em local reservado nos cemitérios das cidades ou particulares, anexos às igrejas sedes das irmandades. Em outros casos administravam hospitais ou obras de benemerência pública.

Neste sentido, a reorganização das Irmandades significa o primeiro momento do ultramontanismo na cidade com a retomada do monopólio sobre o campo religioso pelos eclesiásticos que presencializam a Igreja. O ultramontanismo impõe aos poucos um tipo de administração eclesiástica que deposita todo o poder de gerência dos negócios e da vida da Igreja nas mãos dos Bispos e padres, tirando gradativamente, das mãos dos leigos uma parcela de poder e influência que tinham na vida eclesiástica, principalmente nos países em que vigorava o Padroado em que o clero agia de forma mais ou menos autônoma em relação ao papado, pois neste sistema os padres eram equiparados a funcionários públicos e, no caso do Brasil, deviam obediência, antes de mais nada, ao Imperador.

Com a expansão da urbanização na região, há um grande fluxo de importações para o consumo dos barões do café que aos poucos entra num ritmo de substituição de importações com o florescimento de indústrias de fundição e de conserto de máquinas agrícolas, e também de fabricação de enxadas instaladas por imigrantes alemães. Por influência da estrada de ferro surgem as fundições e a indústria de couro e solas para calçados e arreios para animais; fábricas de alimentos e sabão. No plano cultural registra-se a presença de dois Teatros onde se exibem peças de Companhias Francesas.

A cidade passa a ser a Campinas dos sobrados. Os barões, agora instalados na cidade, trazem um novo estilo de vida, com necessidades como água encanada, bondes,

calçamento, iluminação pública, hospitais, Santa Casa para os pobres, residências luxuosas, e palacetes que abrigavam festas e recepções. Há a mudança do tipo de trabalho, passando do trabalho escravo para o trabalho livre e a entrada maciça de imigrantes europeus tendo início o processo de industrialização.

A urbanização em Campinas, representa, segundo BENEDETTI (1984), o lugar de conciliação dos interesses dos comerciantes, senhores de terras e pequenos industriais. A Igreja, para servir a esta conciliação entra em um processo de modernização, tendo à frente como exemplo a reorganização da Irmandade do Santíssimo, e a construção da Matriz nova como símbolo arquitetônico-religioso do prestígio dos senhores.¹⁶

3 - A Igreja e as relações com o Estado

Diante do processo de decadência no qual se encontrava a Igreja já a partir dos inícios do século XIX, haverá duas propostas de soluções desejosas de encontrar caminhos para os problemas aos quais estava envolvida a religião católica no Brasil.

Há dois grupos com mentalidade doutrinária e interesses totalmente diversos no empreendimento das necessárias reformas. Ao primeiro grupo, poderia ser atribuído o desejo de um reformismo liberal-regalista e, ao segundo, a tendência para uma revitalização ultramontana.

O grupo do reformismo liberal-regalista tem à frente um grupo de padres paulistas, dentre eles Diogo Antonio Feijó, que lançará um movimento de reforma com pouca organização interna, mas de intensa repercussão, devido à ousadia das reformas propostas.

Alegando que a Igreja não tinha condições de realizar as reformas, o grupo propunha um amplo controle do Estado sobre a Igreja, a partir de uma concepção de modelo de Igreja societária, onde os Bispos teriam amplos poderes em suas dioceses, mas com a característica de que a relação com Roma seria de coordenação e não de total

¹⁶ Cf. Benedetti, op. cit. p. 10.

subordinação, chegando a propor uma política nacionalista para o catolicismo, que vem caminhando há séculos na via contrária a esta proposta, com a finalidade de manter a todo custo a sua unidade e caráter universalista.

Dentre as principais idéias deste movimento, algumas são de grande relevância, determinando que a função do presbitério seria de Assessoria e colaboração para com o governo da Diocese, incluindo a fiscalização dos atos episcopais, à semelhança do papel do poder legislativo em relação ao executivo. A abolição do celibato clerical, ou pelo menos, a dispensa ou relaxamento dessa lei, que seria determinada pelo prelado diocesano e também a criação de uma caixa eclesiástica, funcionando como uma espécie de fundo comum para a coleta dos donativos e emolumentos eclesiásticos recolhidos, que depois, sob a direção dos funcionários da Fazenda seriam distribuídos proporcionalmente ao bispo e a outros setores da Igreja.

Como se vê, tais reformas eram de certa forma avançadas para uma Igreja que vinha se preparando para agir de forma ferrenha no sentido contrário. Porém, uma onda de protestos e tensões acabou fazendo com que tais reformas não pudessem ser postas em prática, também sob a alegação de que o povo ainda não estaria preparado psicologicamente para tais reformas e tampouco o clero. Alguns analistas eclesiásticos afirmam que tais reformas apresentam-se viciadas logo na sua origem, porque apresentam uma ideologia minimizadora da autêntica noção de Igreja, fazendo desta uma mera sucursal ou um departamento do Estado.

O grupo reformista ultramontrano se inicia e ganha forças no Brasil a partir da nomeação do padre lazarista Antonio Ferreira Viçoso para Bispo da Diocese de Mariana, por volta de 1870, tendo sido ao longo do exercício de sua função episcopal uma das grandes referências do ultramontanismo.¹⁷

O ultramontanismo tinha como objetivo a “espiritualização” do clero e torná-lo enclausurado nas questões clericais, desligado dos problemas sociais e políticos. Combatia pontos principais do liberalismo radical e tudo quanto havia de inovação, de idéias tidas

¹⁷ Congregação dos Padres Lazaristas – especializada na formação do clero, principalmente na Europa; com forte influência da metodologia e sistemática jesuítica de valorização das Ciências Humanas em relação às outras áreas do conhecimento.

como modernas, de posições e movimentos sociais e políticos que surgiam no contexto da sociedade liberal.¹⁸

A “revitalização” da Igreja acontece então de forma vertical, de cima para baixo, assegurando com rigidez que as normas propostas pelo governo da Igreja em Roma fossem fielmente obedecidas. Para tanto, concentraria suas atenções no “clero-ponta de lança”¹⁹, que seria fator indispensável para a penetração de tal catolicismo no espírito do povo brasileiro.

Como estratégia para conseguir os resultados desejados, foi adotado um mecanismo eficiente que era a escolha de bispos que estivessem sintonizados com a romanização, que segundo Lustosa, “causava ojeriza ao imperador e aos seus ministros”, na grande maioria maçons.

Através da nomeação de D. Viçoso e outros bispos afinados com a política de romanização, o catolicismo brasileiro foi se amoldando ao espírito do Concílio de Trento e com fidelidade estrita ao *Syllabus*. Muitos destes bispos estudaram no Colégio Pio Latino Americano, fundado em Roma, em 1851, e eram quase todos ligados aos lazaristas franceses.

Os capuchinhos, os lazaristas de origem francesa e os jesuítas encarregaram-se da formação nos seminários no Brasil como forma de garantir o perfil do futuro presbítero, em estreita sintonia com o modelo de Igreja que ora se definia. Também foram trazidas muitas congregações religiosas masculinas e femininas para dedicarem-se à educação, no intuito de educar a sociedade brasileira nos princípios e moldes da Igreja Romana, como é o caso da fundação do Colégio Nossa Senhora do Patrocínio, das Irmãs de São José de Chambéry, em Itu, em 1854.

As instituições políticas no Brasil do século XIX passavam por uma fase crítica. Segundo MATTOS(1987) o retorno do Poder Moderador no Segundo Império não correspondeu a uma reforma meramente centralizadora, mas à própria possibilidade de que

¹⁸ Cf. Lustosa, Op. cit. p. 18.

¹⁹ Idem.

o Imperador D. Pedro II tivesse condições de exercer o poder, contando com o equilíbrio entre liberais e conservadores se alternando no Ministério.²⁰

O retorno do Poder Moderador que havia sido suprimido no período regencial pelo Ato Adicional de agosto de 1834, fazia já, em 1840, parte de um acordo tácito com os liberais, que reconduziriam o Imperador ao poder com o Golpe da Maioridade. Trata-se, portanto, de um movimento centralizador no sentido de refrear os movimentos sociais que eclodiram durante a Regência, baseados no controle da Guarda Nacional e na redefinição do papel do Exército.²¹

Nos anos 40 e 50 do século XIX, os liberais fizeram uma campanha pela instrução pública e pela educação em geral concedendo benefícios para as escolas particulares que se instalassem no país, declarando que desejavam educar o povo, instruí-lo e formá-lo nos sentimentos da religião e da moral. De acordo com MATTOS(1987) o maior problema era educar os meninos órfãos e ensinar a eles a moral e um ofício. Tal projeto coincidia com os interesses da Igreja e dos salesianos na instalação de escolas de artes e ofícios.

Há que se destacar também que a década de 50 do século XIX corresponde a um período de enormes mudanças no Brasil, como abolição do tráfico de escravos e os primeiros passos em direção ao processo de industrialização. Assim, era de interesse dos liberais a formação de Liceus de Artes e Ofícios e, dentro das discussões do momento havia as que buscavam definir a quem caberia essa incumbência.

Pode-se situar a vinda dos padres salesianos ao Brasil, bem como a constituição de suas obras décadas depois, dentro deste quadro de interesses do Estado Imperial, e depois do grupo liberal que se fixa na República. Assim os salesianos conciliam o projeto de reforma interna da Igreja e de implantação do ultramontanismo com as oportunidades que o país oferecia.

Na década de 70 do século XIX, os republicanos de influência ideológica e programa liberal de estilo europeu, pregavam a liberdade de culto e, em consequência da

²⁰ Cf. Mattos, Ilmar R. de, *O tempo Saquarema – a formação do Estado Imperial* SP, Hucitec, 1987.

²¹ Cf. Fausto, Boris, *História do Brasil*, SP, USP-FDE, 1999.

separação Igreja/Estado, o ensino leigo nas escolas, o casamento civil, que enfrentou grandes resistências por parte da população e também a secularização dos cemitérios.²²

O maçonismo, por outro lado, lançava campanha hostil contra o *Syllabus* e a Igreja de Pio IX com sua postura contra o progresso material e intelectual. A *Questão Religiosa* aparece um pouco mais tarde, em 1864, como uma expressão do conflito ocorrido entre padres e bispos que levaram a fundo o ultramontanismo contra o grupo de liberais, principalmente maçons.

Do seu ponto de vista, a Igreja via esse período como sendo de ameaças, presentes em cada pretensão liberal ou de mudança, assim, a postura mais cômoda era a de fechar-se ao diálogo. Como efeitos de tal atitude, nas décadas posteriores a 1850, no nível social ela acabará marginalizada dos movimentos que vão agitando as camadas populares, enquanto que no aspecto político outros movimentos como o positivismo acabaram tornando-se mais atraentes.

Como momento significativo da revitalização ultramontana, LUSTOSA (1990) deixa uma indagação a respeito da posição que a própria Igreja se colocou no final do século XIX, uma posição de marginalização progressiva frente aos novos rumos que o mundo moderno seguia.²³

Encontramos no período colonial a matriz do catolicismo que veio à tona na cultura dominante no século XIX. Alguns fatores como o controle das Ordens Religiosas levando-as quase à extinção, acabaram por abalar um setor significativo da ação da Igreja que era o da atuação dos religiosos.

Este controle das ordens religiosas que foi exercido pelo Imperador, impedia-nas de receberem noviços. Assim, ao longo de alguns anos, com a morte dos religiosos existentes, estas não teriam contingente que as mantivessem, tendo que fechar suas casas no Brasil. Tal medida tinha o objetivo de neutralizar a influência das ordens no país, já que na sua maioria, havia presença significativa de religiosos estrangeiros que formavam os seus

²² Cf. Debes, Célio. *O Partido Republicano na Propaganda.*, S.Paulo, 1975, S.C.P., citado por Lustosa, op. cit. p. 18.

²³ Lustosa, Oscar de Figueiredo *A Igreja Católica no Brasil e o Regime Republicano*. S.Paulo, Edições Loyola-CEPEHIB, 1990.

noviços nos moldes e ideais da Igreja de Roma. Esta penetração do ideário e da autoridade do papa no país não era aceita pelo imperador.

O ultramontanismo voltado exclusivamente para o ‘espiritual’, aparece como uma resposta a este quadro, tendo como preocupação a reabertura de espaços de liberdade de ação para os clérigos nos diversos níveis da vida eclesial.

O pequeno número de sacerdotes à época da República e a necessidade de pessoal qualificado fez com que os Bispos intensificassem seus esforços no sentido de trazerem religiosos europeus para formarem o futuro clero, a fim de que este viesse a se tornar uma presença capacitada para atuar na sociedade brasileira. Os leigos católicos encontravam-se em uma situação caótica. Sua inoperância nos setores da vida social, ignorância religiosa, falta de liderança nos meios produtores de pensamento, fez com que houvesse uma barreira à sua atuação como força vitalizante no interior da comunidade eclesial e no interior da própria sociedade.

A imprensa recebe certo destaque no meio católico no período da República. Em todas as partes do Brasil surgem publicações : *Revista Ave Maria*, dos padres claretianos, em 1897; *Pátria*, em São Paulo, 1893; *Mensageiro do Coração de Jesus*, dos Jesuítas no Rio de Janeiro, em 1897; a *Editora Vozes*, dos Franciscanos de Petrópolis, e também são publicadas pelos salesianos obras de brochura que revelavam, de certa forma, o pensamento católico de cunho europeu.

4 - A criação do Bispado de Campinas no contexto da Romanização

A elevação de Campinas à sede de Bispado em 1908 ocorre no momento que o processo de romanização está com toda força na conquista de um catolicismo “purificado” em várias regiões do país. Conforme análise de Miceli, algumas regiões brasileiras que apresentavam problemas de caráter doutrinário como foi o caso de Juazeiro-CE, com o Padre Cícero, a Igreja cerca a região do conflito criando à sua volta inúmeras dioceses,

numa tentativa de neutralizar o local, impedindo a expansão de suas idéias. A criação da Diocese de Campinas surge neste mesmo contexto de multiplicação do número de dioceses por todo o Brasil, e também devido à importância econômica que o então chamado Oeste Paulista adquiriu a partir do café. Simultaneamente ao caso de Campinas, também são transformadas em sedes diocesanas Ribeirão Preto, Botucatu, São Carlos e Taubaté.²⁴

Segundo dados do Pe. JÚLIO MARIA(1981) no período subsequente à Proclamação da República, a Igreja cresceu mais que nos períodos anteriores. Até 1889 o país não tinha mais que doze dioceses. Após a instauração do novo regime, que é apontado como um período de libertação da Igreja das garras do padroado, tem-se já a partir de 1893 a criação das dioceses de Niterói, Amazonas, Paraíba, Paraná e Espírito Santo. Quanto ao fortalecimento das Ordens Religiosas, o mesmo autor faz uma exposição com dados detalhados.²⁵

Para o governo da diocese de Campinas é nomeado o Cônego João Batista Correa Nery, campineiro, que tinha experiência no governo de duas dioceses iniciantes: a do estado do Espírito Santo e a de Pouso Alegre, no sul de Minas Gerais.

Segundo MICELI (1988), D. Nery é um dos poucos bispos da época oriundo de classe social humilde. Sua nomeação caracteriza-se como uma exceção aos padrões da época no que se refere às nomeações de Bispos, pois, geralmente estes eram filhos da elite, e tinham como objetivo garantir à Igreja certas facilidades no sentido de ampliar seu patrimônio.

Este dado nos leva a pensar que este bispo, saído das fileiras da Igreja da própria cidade, era uma força e sua expressividade e aceitação na sociedade campineira representavam garantia de influência nesta mesma sociedade, através de seu trânsito livre pelos diferentes grupos econômicos, sociais e políticos.

D. Nery, um bispo que estará a serviço da romanização, utilizará as estratégias necessárias no governo de sua Diocese para atingir os objetivos desejados pela Igreja.

²⁴ Miceli, Sérgio. *A Elite Eclesiástica Brasileira*, RJ, Ed. Bertrand Brasil, 1988.

²⁵ Maria, Júlio, *A Igreja e a República*, Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 1981. A relação com os estabelecimentos religiosos masculinos e femininos no período inicial da República no Brasil encontra-se no Anexo I desta pesquisa.

Dentre estas estratégias, destacam-se a criação do Seminário Diocesano que exerceria uma função pastoral-pedagógica na formação dos futuros sacerdotes; as visitas pastorais que exerciam um papel fiscalizador e controlador das paróquias e, conseqüentemente do povo católico e a criação de Colégios católicos destinados à obra da educação sob a orientação das ordens religiosas estrangeiras.

O Seminário se propunha a realizar principalmente duas dimensões da proposta pedagógico-pastoral de D. Nery. A primeira, fornecer ao futuro sacerdote uma formação de qualidade, capaz de garantir a reprodução da própria instituição. E, uma segunda dimensão era a de oferecer esta formação de qualidade também para aqueles que por ventura não viessem a se tornar sacerdotes, mas que, com a bagagem desta formação rigorosa e intensiva, no futuro seriam presenças laicas marcantes do catolicismo na sociedade.

No Regulamento disciplinar do Seminário de Campinas, citado por BENCOSTTA(1999), transparece o pensamento de D. Nery sobre a necessidade da educação escolar receber uma intensa disciplina religiosa e moral, pois estas, segundo o bispo, constituíam a base principal de toda a educação:

*“os educandos deverão ter em grande apreço tudo o que diz respeito à religião e a moral, persuadindo-se de que qualquer falta contra elas encerra em si uma gravidade especial, e pode em certa circunstância motivar a expulsão do colégio.”*²⁶

Ao longo do primeiro ano do Seminário de Campinas, que começa a funcionar em 1915, percebe-se que os preceitos católicos moralizadores eram alvo especial da atenção de D. Nery, sendo que seu discurso, desde a inauguração desta instituição, demonstrava a idéia de valorização da educação cristã como sustentáculo da sociedade. Ênfase especial foi dada na formação da juventude que, acreditava-se, poderia ser aproveitada para o bem da religião ou para o seu contrário.

Acreditava D. Nery que *“a formação de homens úteis à família e à sociedade”* poderia estar comprometida sem o esteio da religião. Assim, o educador cristão é apresentado como o responsável por esta formação. Segundo o Bispo, *“o trabalho, pois, do*

²⁶ Bencostta, Marcos Levy Albino. *Igreja e Poder em São Paulo: D. João Batista Corrêa Nery e a Romanização do Catolicismo Brasileiro (1908-1920)*, tese de doutorado, Universidade de São Paulo, S. Paulo, 1999.

*educador, não é outro senão o de vigiar as más tendências dos indivíduos, corrigi-las com meios adequados e brandos já ao primeiro despontar, e infundir bons sentimentos, estimulando a criança ao trabalho e à prática da virtude.*²⁷

Ainda conforme BENCOSTTA (1999), as famílias tinham interesse nesta formação cristã para os seus filhos a fim de torná-los bons filhos, bons maridos e bons pais católicos. Estas acreditavam que a Igreja, neste momento representada pelos seus colégios ou pelo Seminário, tinha a capacidade de oferecer aos seus filhos uma educação sólida e rígida, valorizando princípios de civilidade, respeito à Pátria e o caminho do progresso calcado nos fundamentos do catolicismo.

Há uma correspondência dos interesses das famílias que confiavam a educação de seus filhos à Igreja, tendo como certas as garantias de no futuro estes filhos tornarem-se cidadãos de bem, que priorizassem valores e virtudes com os interesses do Estado que, de certo modo aprovava este tipo de educação para a civilidade e para o bem. No fundo, Igreja e Estado acabavam por costurar o vínculo que sempre existiu entre ambos. O que difere agora é o tipo de relação. Até a República, os laços entre Igreja e Estado eram oficiais e, agora no período de romanização da Igreja, vê-se novamente a Igreja firmando-se como religião nacional, só que neste momento numa situação ‘de fato’ e não apenas ‘de direito’.

Um dos grandes investimentos da Igreja neste momento é o resgate da autoridade eclesiástica hierarquizada, como fundamento que contribuiria para a organização futura da Igreja. Interessava que o clero secular e regular, bem como os leigos, aceitassem de forma voluntária o princípio da autoridade. A educação se constituía neste momento numa via privilegiada para alcançar este objetivo.

Esta forma de organização de Igreja que supervaloriza a hierarquia, segundo ALMEIDA (1988), era uma Igreja que se entendia como ‘sociedade perfeita’, centralizada no Papa e na Cúria Romana, colocando a função dos bispos como vigários do Papa – vigário na sua definição é aquele que exerce função em lugar de outro, ou na sua ausência –

²⁷ Idem.

relegando para planos inferiores as funções de pastores do povo de Deus. Os leigos, nesta concepção de Igreja, estariam por fora do processo, sem voz ativa e direito de expressão.²⁸

As visitas pastorais representam outro meio eficaz do qual D. Nery lançou mão para atingir os objetivos da política de romanização. A presença do Bispo em todos os recantos da sua Diocese era a forma de fazer sinalizar ao povo a presença e a autoridade.

As visitas pastorais tinham um grande alcance de resultados, pois eram muito bem preparadas. Os detalhes da vida paroquial era revistos na visita do Bispo, funcionando como uma inspeção paroquial. A programação das visitas constava de celebrações com o povo, conferências às lideranças, visitas às Irmandades e Confrarias, bênçãos e demais atividades em que a autoridade diocesana era ansiosamente aguardada, criando no imaginário coletivo uma imagem quase que idolátrica da pessoa do Bispo.

E, além das visitas, os Colégios católicos eram a garantia de que novas gerações crescessem em ambiente de fé cristã-católica, que fossem educados por professores que tivessem princípios cristãos, formando pessoas que fossem, mais tarde, fiéis escudeiros da religião cristã. Através da interferência e patrocínio de Dom Nery, foram instalados em Campinas os colégios salesianos, o Colégio Sagrado Coração de Jesus, bem como foi criado o próprio colégio da Diocese, o Seminário e Ginásio Diocesano Santa Maria.

²⁸ Almeida, Antonio José de. *Modelos Eclesiológicos e Ministérios Eclesiais*. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Vol. 48, fasc. 190, pp. 310-352, Petrópolis-RJ, Ed. Vozes, Junho de 1988.

Capítulo II

DOM BOSCO, FUNDADOR DOS SALESIANOS

1 – O Problema da divulgação dos escritos autobiográficos²⁹

A respeito da vida de Dom Bosco (1815-1888), um santo moderno que viveu no norte da Itália no século XIX, muitos já escreveram. Porém, há apenas algumas décadas, mais precisamente em 1946 é que os escritos autobiográficos obtiveram permissão da Congregação Salesiana para serem publicados. O próprio Dom Bosco, em vontade expressa nos relatos autobiográficos, proibira veementemente a publicação de seus escritos, que segundo diz, deveria servir apenas para auxiliar os seus congregados no futuro, quando necessitassem buscar auxílio e inspiração.

Na publicação da autobiografia de D. Bosco, o Pe. Eugênio Ceria, historiador da Congregação, fala de uma certa “sombra de mistério” que envolvia estes escritos. Mas, com a beatificação que ocorre em 1929 e a canonização em 1934, retira-se o peso que pairava até então sobre os escritos. Haveria o receio de que estes, em algum momento, pudessem apresentar aspectos não condizentes com a grandeza da personalidade que os escreveu? Mesmo assim, segundo o Pe. Ceria, D. Bosco teria sido muito cuidadoso em relação aos

²⁹ Conforme obra de Aubry, Joseph, *Escritos Espirituais de São João Bosco*, SP, 1981, Ed. Salesiana Dom Bosco, os documentos manuscritos de Dom Bosco foram recolhidos na medida do possível no *Archivio Centrale Salesiano* da Casa Geral em Roma, na seguinte disposição: 131 *Letteri di Don Bosco* – cartas autógrafas, fotocópia de cartas autógrafas, cópia de cartas das quais falta o original; 132 *Manoscritti di Don Bosco non destinati alla pubblicazione* – avisos, bilhetes, contratos, poesias, pregações e conferências, programas, sonhos, cadernetas, testamentos...; 133 *Manoscritti destinati alla pubblicazione*. Os manuscritos que interessam às Constituições ou aos regulamentos da Sociedade Salesiana constituem um grupo à parte: 022 e 023; e também os que se referem aos primeiros capítulos gerais: 04. Boa parte de tais documentos foi publicada ou ao menos aproveitada nas *Memorie Biografiche di Don Bosco*, principalmente nos apêndices documentários dos volumes do Pe. Amadei e do Pe. Ceria (volume X e seguintes).

seus escritos, com atenção literária e com o zelo de dizer bem as coisas, para que tudo ficasse bem claro, não deixando espaço para dúvidas.³⁰

No imaginário coletivo, pelo menos dentro da esfera religiosa e também na cultura ocidental, a declaração de santidade de uma pessoa que a Igreja faz após a sua morte, através do processo de beatificação ou canonização, que são etapas do processo eclesiástico de elevação da pessoa à ‘glória dos altares’, que pode durar anos e, às vezes até séculos, acaba por colocar estes eleitos da Igreja numa espécie de ‘olimpó’. No caso dos salesianos, o processo liberou-os da proibição imposta pelo fundador quanto à não publicação de seus escritos. De um momento para outro, a afirmativa de santidade por parte da Igreja, pode fazer com que, quase de forma automática, a vida, a obra e os escritos de uma personalidade sejam aprovados de imediato pela opinião pública e, a partir desse momento não se abre mais discussão a seu respeito, tornado-se quase dogmas.

É curiosa a preocupação de Dom Bosco com o que ele irá chamar de “assuntos de família” e, como tais não deveriam nunca sair do âmbito familiar, já que não interessaria a sua divulgação, pois assuntos domésticos deveriam ser tratados em casa mesmo. Deixa transparecer uma certa preocupação com o fato de que o interior da Congregação salesiana pudesse em algum momento ser colocado em exame, já que em vida ele encontrou muitos opositores civis e religiosos.

Por outro lado, nos mesmos escritos autobiográficos, em fevereiro de 1876, Dom Bosco teria lembrado aos diretores das suas obras que “há necessidade, para maior glória de Deus e santificação das almas e para o incremento da Congregação, que muitas coisas se tornem conhecidas”. Dizia não haver nada que já não tivesse sido conhecido antes. E conclui com a afirmativa de que “todos os passos da Congregação sempre estiveram permeados por fatos sobrenaturais e aconteceram por ordem de Nosso Senhor”.

O caso é que sua autobiografia, como ele diz, teve que ser escrita por tratar-se de “ordens de cima”. Este escalão “de cima” era nada mais nada menos que o próprio Papa Pio IX. Em sua primeira viagem à Roma, em 1858, Dom Bosco expôs ao papa o modo como teria surgido a obra do Oratório Festivo. Segundo o Pe. Ceria, o pontífice teria “intuído na

³⁰ O nome Pe. Ceria aparecerá em diversas publicações salesianas e faz introdução aos escritos autobiográficos publicados em 1946.

obra a presença de elementos sobrenaturais, portanto quis inteirar-se de tudo e recomendou a Dom Bosco que assim que voltasse a Turim, escrevesse circunstanciadamente os sonhos e tudo o mais. O escrito deveria conservar-se como patrimônio da Congregação, para estímulo e orientação de seus filhos³¹

Porém Dom Bosco deixou passar anos e não atendeu à recomendação do Papa. Somente em 1867, quando retorna para uma segunda visita ao pontífice, este recordando o que havia pedido na primeira vez, obteve a resposta negativa, sob as alegações de que o Oratório e as diversas atividades pastorais não lhe haviam permitido escrever as memórias. Assim o papa o ordena que deixe de lado quaisquer ocupações para que pudesse escrever as ditas memórias, e afirma que não se tratava de um conselho, mas de uma ordem.

As memórias, apesar de ordem expressa do pontífice, tiveram ainda uma outra interrupção, por conta de viagens e de uma enfermidade de Dom Bosco. Tinha a intenção de continuá-las tão logo pudesse, mas não continuou. A partir daí a obra ficou limitada a alguns pontos marcantes da vida do Oratório e que coincidiam com o tempo de mandato de Pio IX.

2 - A Itália à época de Dom Bosco

Para se entender a pessoa de Dom Bosco, e também os muitos sonhos que guardava na lembrança desde menino e especificamente o chamado “sonho dos nove anos”, torna-se necessário entender o espaço social em que João Bosco viveu sua infância no vilarejo dos *Becchi*, nos arredores de Turim, no norte da Itália.

Eram os anos posteriores à Revolução Francesa que provocavam uma grande instabilidade, principalmente política, em toda a Itália. Vivia-se um ambiente nada favorável à religião. João Bosco nasceu no início de uma época denominada “Restauração”,

³¹ Cf. Aubry, op. cit. p. 31.

iniciada em fins de 1814, com a abertura em Viena, na Áustria, do Congresso das Nações vencedoras, até o início do chamado *Risorgimento*.³²

Dom Bosco viveu no século XIX, na Itália marcada pelas guerras da unificação e das perseguições ora napoleônicas, ora da Áustria. O Piemonte, sua terra, situado ao norte da península, sofreu fortemente as conseqüências de todos os acontecimentos políticos da época, bem como as mudanças econômicas pelas quais passava o continente.

A família de dom Bosco, composta por camponeses desta região, sentiu na pele os efeitos de todos estes acontecimentos. Sentiu também as conseqüências da Revolução Industrial, ocorrida principalmente no norte da Itália, que trouxe conseqüências inevitáveis como o inchamento das cidades, o êxodo rural, o desemprego e a turbulência própria das grandes mudanças. Diante de toda esta situação, a família de Dom Bosco não ficou impassível, estando exposta e sofrendo seus reflexos.

Este período é de grande miséria para o povo simples. No Piemonte, os operários trabalhavam nas fábricas 12 horas por dia, com salários muito baixos. Os camponeses, que eram a maioria, levavam seus filhos de 10 a 12 anos às praças do mercado para que fossem alugados pelos proprietários de terras. Muitos partiam para a França, a Suíça e, também para a América em busca de melhores condições de vida. Quanto às adolescentes, cuidavam de cultivar “longa trança” dos seus cabelos. Quando completavam a maioria cortavam estas tranças e as vendiam, para angariar recursos e começar a preparar seu enxoval de noiva.³³

3 - A Igreja no tempo de Dom Bosco

³² Risorgimento é um termo italiano que significa ressurreição ou ressurgimento. Na Itália, foi um movimento literário e filosófico da segunda metade do século XVIII, que se transformou no século XIX em uma ideologia política que levou a península itálica a realizar a sua unificação, libertando-se do absolutismo e surgindo o Estado Italiano (1859-1860).

³³ Cf. Bosco, Terésio. *Dom Bosco, uma biografia nova*, SP, Ed. Salesiana Dom Bosco, 1995.

A Igreja durante o século XIX tem como característica principal a luta contra o mundo moderno e o liberalismo. Uma rápida passagem pelos governos dos diversos papas que estiveram à frente da Igreja neste século faz perceber que esta era a tônica das preocupações políticas.

A Revolução Francesa deixou marcas profundas na Igreja. Pio VII (1800-1823), eleito papa, realizou negociações com Bonaparte e, pretendendo celebrar com pompa o retorno da França à Igreja, foi a Paris para a coroação do Imperador Napoleão I, mas logo em seguida, diante da recusa do papa em aderir ao Bloqueio Continental, Napoleão ocupou Roma tentando anexar os seus Estados. O Papa, ao excomungar o imperador, foi aprisionado até inclinar-se às exigências do soberano. Fato curioso é que, ao voltar a Roma, o Papa recupera seus territórios e dá asilo à família de Napoleão.

Pio VII condenou as sociedades secretas e restaurou a Companhia de Jesus, que havia sido suprimida pelo papa Clemente XIV em 1773. A decisão de restaurar esta Ordem Religiosa pode apontar para o fato de buscar nesta organização religiosa um amparo à Igreja, semelhante ao do período da Reforma Protestante.

Os papas que irão governar a Igreja nos períodos subseqüentes apresentarão preocupações semelhantes que revelam a postura que a Instituição Igreja mantinha em relação a determinados problemas de sua época. Se tomarmos o caso do Papa Gregório XVI (1831-1846) observa-se um espírito anti-revolucionário, que via com reservas as idéias novas que surgiam no campo religioso e foi grande combatente do liberalismo.

Mas o papa que se revelava como sendo a grande esperança do liberalismo foi Pio IX (1846-1878), que teve um dos governos mais longos da história da Igreja e que talvez marque o final de um estilo de papado.

O *Risorgimento* era uma ameaça aos estados pontifícios e a autoridade do papa estava quase que completamente esvaziada. O pontificado de Pio IX significava a tentativa de equilibrar uma autoridade desacreditada. Havia uma centralização burocrática cada vez maior em Roma. Nomeações, questões pastorais e de liturgia estavam concentradas nas decisões do Papa e da Cúria. É um momento de promoção de bênçãos, audiências e peregrinações, no sentido de promover uma exaltação e enaltecimento da figura do

pontífice. No início de seu pontificado foi considerado um papa liberal, mas em relação à questão da proclamação da República Romana em 1848, ano de muitas conturbações por toda a Itália, se refugiou de Roma. A partir de então, passou a ser visto como reacionário e, mesmo a intervenção dos franceses a seu favor só ajudou a reforçar tal impressão.

Pio IX não era favorável às idéias liberais, porém ao instaurar nos Estados Pontifícios algumas reformas, estas foram interpretadas como liberais. Concedeu anistia política a detentos culpados de participarem em movimentos liberais. Visitou com frequência as prisões e hospitais. Nos meses seguintes refreou os excessos da polícia e manifestou firme vontade de que a ‘exorbitante diplomacia da Áustria’ tivesse mais respeito pela independência da Santa Sé. Concedeu certa liberdade de imprensa e instituiu um Conselho de Estado com a participação de leigos.

Nesse momento parece que a problemática maior residia na preocupação que o papado tinha em relação à dominação dos territórios pontifícios. Esta preocupação, portanto, apareceu camuflada, de certa forma escondida sob o intenso combate que se fez ao Liberalismo.

Todas estas atitudes, reveladoras de concessões que se fizeram nos Estados Pontifícios, quando estes já começavam a dar sinais de certa falência no que diz respeito a sua manutenção em poder da Igreja, fizeram os liberais pensarem que finalmente havia subido ao poder um papa que se posicionava contra o Absolutismo, o que na verdade não aconteceu. O papa chegou a ser exaltado como sendo aquela figura que iria realizar a unificação e a independência da Itália numa atmosfera liberal, vindo a desempenhar, por quase dois anos, um papel que daria margem a equívocos.

Metternich, chanceler austríaco, guardião do Absolutismo, em 1847, mandou ocupar a cidade pontifícia de Ferrara, fato este que foi interpretado pelos liberais como uma ruptura definitiva entre a Santa Sé e a Áustria. Em seguida a Roma, Turim foi o centro das manifestações a favor de Pio IX e de seus “gestos liberais”. Os bispos do Piemonte se dividiram em relação à situação. Alguns se entusiasmaram com o novo curso liberal da Igreja, outros se mantiveram conservadores.

Segundo o historiador Pedro Stella, Dom Bosco, pelo menos de início, também deve ter se entusiasmado com as esperanças de uma Itália unificada como parecendo ser uma idéia respeitosa do papa. Porém, logo começou o choque entre Dom Bosco e os padres patriotas.³⁴

Pio IX poderia ser considerado o último papa de um período da Igreja triunfante e gloriosa. A perda dos territórios pontifícios aconteceu no seu pontificado, em 1870, quando estes territórios foram anexados à Itália. Diante da perda dos territórios, a autoridade da Igreja, que num primeiro momento poderia se pensar tivesse sido abalada, seria retomada com o triunfo do ultramontanismo, apresentando-se como sendo uma política de expansão do catolicismo romano para além dos Alpes e por toda a Europa e também para os outros continentes. Este papa não escondeu sua hostilidade às ideologias modernas, as quais condenou integralmente, na Encíclica “*Quanta Cura*”, de 1864, a qual foi anexado o *Syllabus errorum*.

Ainda com feitos considerados importantes neste longo pontificado, que atravessou o período de grande efervescência do século XIX, do ponto de vista da estratégia este papa parece ter demonstrado grande habilidade em contornar os problemas todos que iam surgindo na vida da Igreja. No campo espiritual, definiu o dogma da Imaculada Conceição de Nossa Senhora, no dia 8 de Dezembro de 1854, perante uma multidão de fiéis. Quatro anos mais tarde, em Lourdes, na França, uma jovem humilde e muito pobre, Bernadete Soubirous, presenciaria as aparições da Virgem Maria, que se lhe apresentou: “Eu sou a Imaculada Conceição”. Tal fato representaria no imaginário popular uma confirmação dos céus ao dogma proclamado quatro anos antes pelo Papa.³⁵ E, diante da situação em que se

³⁴ Stella, P., *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica*, Volumes 1 e 2, Zurique, 1966, citado por Marcicaglia, 1966.

³⁵ O dogma da Imaculada Conceição de Maria, sobre a concepção da Mãe de Jesus sem a mancha do pecado original, faz parte de um conjunto de quatro dogmas marianos a saber: 1-Concepção Imaculada, 2-Maternidade Virginal, 3-Virgindade Perpétua mesmo após o parto e 4-Assunção ao Céu no momento da morte. No dogma da Imaculada Conceição, o Papa Pio IX não fez mais que tornar oficial e confirmar uma tradição, a prática devocional religiosa que os cristãos cultivavam desde os tempos da Idade Média. No período medieval, a figura de Maria foi envolta em toda a piedade popular e devocional do Rosário, chegando em muitos casos a ser mais popular que a do próprio Cristo. Foi um período de exaltação dos santos. E, Maria, venerada como a santa por excelência acaba por dominar o imaginário popular.

encontrava o papado neste período conturbado da história, realiza-se o Concílio Vaticano I, em 1870, que definiu a infalibilidade papal em matéria doutrinal.³⁶

Importante também para a Igreja, nos tempos de Dom Bosco, foi o Papa Leão XIII (1878-1903). Este papa, que sucede a Pio IX, recebe uma Igreja já despojada de seus territórios, que a partir de então limitam-se à cidade do Vaticano, e marca uma nova etapa na vida da Igreja e do papado. Os problemas do século XIX só fizeram agravar-se. À entrada do século XX, há o grande problema do operariado, da exploração dos trabalhadores, as conseqüências da Revolução Industrial, o êxodo rural na Europa, que fizeram com que este pontífice desenvolvesse uma grande sensibilidade ao tratar de tais questões, desde quando era cardeal de Perúggia.

O Papa Leão XIII deixou uma marca no seu tempo e por toda a vida da Igreja até os dias de hoje. Através da Encíclica “Rerum Novarum”, de 1891, aborda a situação em que está vivendo a humanidade, com grande preocupação em dar respostas aos trabalhadores, que neste momento têm fortes embates na sociedade econômica de então. O Documento é considerado avançado para a época, por neutralizar tanto a proposta liberal, quanto a proposta socialista, já que o seu predecessor não abordou tais questões, e já prenuncia a possibilidade de uma terceira via, como resposta aos problemas de sua época.

A encíclica “Rerum Novarum” define uma nova etapa no pensamento doutrinário da Igreja. Ela constitui ainda hoje a base do chamado pensamento social da Igreja, também chamado de ‘Doutrina Social da Igreja’, tendo sido o princípio de uma renovação fundamental da participação dos católicos no movimento operário.

Serviu esta encíclica como referência aos sucessores de Leão XIII até os dias atuais. Todos os seus sucessores retomaram o documento e o reelaboraram, adaptando-o às novas circunstâncias. Desta ‘matriz’ do pensamento social da Igreja, surgiram outras encíclicas sociais dos papas seguintes: “*Quadragesimo Anno*”, “*Populorum Progressio*”, “*Mater et*

³⁶ Reunião do Papa com os Bispos de todas as dioceses do mundo, com a presença de teólogos e especialistas. Acontece esporadicamente na vida da Igreja por convocação papal, de acordo com a necessidade de definições ou estudo e exame de aspectos doutrinários. O segundo título define o local em que foi realizado e o numeral indica a seqüência ordinária em que ocorre o Concílio naquela localidade.

Magistra”, “*Solitudine Rei Socialis*”, “*Nonagesima Adveniens*” e “*Centessimus Annus*”, todas em datas comemorativas à primeira publicação.

No campo político Leão XIII desenvolveu com as potências uma política de conciliação e, no campo religioso, deu impulso aos estudos exegéticos e à pesquisa científica, abrindo aos pesquisadores os arquivos do Vaticano, preconizando uma renovação essencial dos estudos tomistas.

4 - A Infância de Dom Bosco – descoberta dos sonhos

Segundo os manuscritos autobiográficos³⁷, *Giovanni Bosco*, depois Dom Bosco, relata que nasceu no dia consagrado à Assunção de Nossa Senhora ao Céu,³⁸ no ano de 1815, nos Becchi, no distrito de Castelnuovo d’Asti.³⁹, sendo seus pais Francisco e Margarida Occhiena, de Capriglio, um povoado próximo dos Becchi.

³⁷ Bosco, São João, *Memórias do Oratório de São Francisco de Sales - de 1815 a 1855*, S. Paulo, 1982, Editora Salesiana Dom Bosco.

³⁸ Idem. Conforme nota do tradutor da versão portuguesa, Pe. Fausto Santa Catarina observa que Dom Bosco sempre acreditou ter nascido no dia 15 de Agosto, festa da Assunção, quando passou-se a comemorar o seu aniversário nesta data. Porém, somente após a sua morte é que se observou nos registros a verdadeira data, que teria uma diferença, talvez de dias. Observa ainda o tradutor que, no Piemonte diz-se muitas vezes que “aconteceu na Madonna d’Agosto” algo ocorrido pouco antes ou pouco depois do dia 15. De qualquer forma, para a piedade popular, se torna muito mais relevante o fato de um santo ter nascido em um dia como o da Assunção da Virgem. O que vem a reforçar o caráter de predestinação.

³⁹ A partir de 1930, Castelnuovo d’Asti passou a chamar-se *Castelnuovo Don Bosco*. O município dista 28 km de Turim. Em uma de suas aldeias se encontram os Becchi, pequeno grupo de casas rústicas, nome que se deve a uma família com o nome Becchi que aí morou. Segundo nota do tradutor, a topografia dos Becchi mudou muito hoje. Para a construção dos vários edifícios que honram o berço do fundador, removeu-se muita terra. O lugar hoje é conhecido como *Colle Don Bosco*. Encontra-se hoje aí o Instituto Bernardi-Semeria, cuja construção tem um antecedente num dos costumeiros sonhos de Dom Bosco. Certa dia sonhou estar aí com sua mãe a contemplar a planície. No dia seguinte contou o sonho, dizendo que seria um bom lugar para uma fundação salesiana, já que o local apresentava carência de Igrejas. Anos depois, alega o tradutor um fato curioso, em que os superiores da Congregação, procurando um lugar para instalar uma obra, à qual o Sr. Bernardi Semeria oferecia os recursos, teriam escolhido a colina que Dom Bosco descreve e relata no sonho, sem que se lembrassem dele. O sonho encontra-se relatado nas Memórias Autobiográficas XIX 382-383.

Seus pais casaram-se em 1812. Francisco era viúvo de um primeiro casamento, do qual trazia um filho, Antonio, nascido em 1803. De seu casamento com Margarida irão nascer José, em 1813 e depois João.

Quando João Bosco ainda não tinha completado dois anos de idade, seu pai foi acometido por um forte resfriado, com violenta febre, que antecedeu a uma pneumonia. Em poucos dias veio a falecer, com 34 anos. Segundo Dom Bosco faz questão de relatar, o pai “munido de todos os confortos religiosos, recomendou à minha mãe que tivesse confiança em Deus”. E, em seguida narra a cena trágica em que é retirado quase que à força do quarto em que se encontrava o pai no leito de morte.

O acontecimento deixou a família em situação difícil, já que eram cinco pessoas na família que deveriam ser mantidas: a mãe, a avó e os três filhos. As colheitas daquele ano tinham sido muito ruins após uma grande seca. Neste ano muitas pessoas foram encontradas mortas pela fome nos prados.

João Bosco narra que aos poucos não se encontrava alimentos para comprar, ainda que se tivesse dinheiro. Margarida teria recorrido aos vizinhos pedindo alguma ajuda e não encontrou quem a pudesse ajudar. Assim, após fazer a família se ajoelhar para breve oração disse: “em casos extremos deve-se empregar meios extremos”, e foi então ao estábulo e matou um bezerro, cozinhando-o às pressas para saciar a fome da família. Alguns dias depois, foi possível encontrar cereais a preços muito elevados. Segundo João Bosco, estes fatos a mãe os contou muitas vezes, o que revela que, na verdade para um menino de apenas dois anos tais acontecimentos não constituíam necessariamente suas recordações, mas sim as recordações contadas e recontadas pela mãe, que acabaram por fazer com que Dom Bosco se apropriasse delas em seu discurso, como algo de que tivesse clara lembrança. Após esse período de crise, Margarida teria recebido proposta de casamento, mas teria recusado pela obrigação de cuidar dos filhos e da família.

Foram anos muito difíceis, de muita pobreza e fome que irão marcar profundamente a personalidade de Dom Bosco. No que tange à religiosidade, ele a herdara da mãe, que era mulher muito religiosa, característica típica das mulheres da zona rural da Itália no século XIX.

A partir do sonho dos nove anos, toda a vida de Dom Bosco vai seguir um itinerário específico, que delineará toda a sua história.

“Sonho dos nove anos”:

“Aos nove anos tive um sonho que me ficou profundamente gravado na memória. Por toda a vida.

No sonho pareceu-me estar perto de casa, numa área bastante espaçosa, onde brincava uma multidão de meninos. Alguns riam, não poucos blasfemavam. Ao ouvir aquelas blasfêmias, lancei-me imediatamente no meio deles, tentando, com socos e palavras, fazê-los calar.

Nesse momento apareceu um Homem venerando, nobremente vestido. Seu rosto era tão luminoso que eu não conseguia fixá-lo. Chamou-me pelo nome e disse:

- Não com pancadas, mas com a mansidão e a caridade é que deverá ganhar esses seus amigos. Ponha-se logo a instruí-los sobre a feiura do pecado e a preciosidade da virtude.

Confuso e assustado, respondi que eu era um menino pobre e ignorante, incapaz de lhes falar de religião. Naquele instante os meninos, parando de brigar e gritar, juntaram-se ao redor do Personagem que falava. Quase sem saber o que dizia, perguntei:

- Quem é o senhor que me ordena coisas impossíveis?

- Justamente porque parecem coisas impossíveis é que você deve torná-las possíveis com a obediência e a aquisição da ciência.

- E como poderei adquirir a ciência?

- Eu lhe darei a Mestra. Sob sua orientação você poderá tornar-se sábio.

- Mas quem é o senhor?

- Sou o Filho dAquele que sua mãe o ensinou a saudar três vezes ao dia. O meu nome?

Pergunte-o a minha Mãe.

Nesse momento vi a seu lado uma Senhora de aspecto majestoso, vestida de um manto todo resplandecente como o sol. Percebendo-me confuso, acenou para que me aproximasse. E tomando-me com bondade pela mão, disse-me:

- Olhe!

Olhando, percebi que aqueles meninos haviam fugido e em seu lugar estava uma multidão de cabritos, cães, gatos, ursos, e outros animais.

- Eis o seu campo! É aí que deverá trabalhar. Torne-se humilde, forte e robusto: e o que agora está vendo acontecer com esses animais, você o fará por meus filhos.

Tornei então a olhar: em vez de animais ferozes, apareceram mansos cordeirinhos que, saltitando e balindo, corriam ao redor daquele Homem e daquela Senhora, como para fazer-lhes festa.

Neste ponto, sempre no sonho, desatei a chorar e pedi àquela Senhora que falasse mais claro, porque não sabia o que ela queria dizer.

Então a Senhora me pôs a mão na cabeça e disse:

- A seu tempo tudo compreenderá.

Após essas palavras, um ruído qualquer me acordou. E tudo desapareceu.

Fiquei transtornado. Parecia-me ter as mãos doloridas pelos socos dados e me queimasse o rosto pelos tapas recebidos.

Logo cedo, contei o sonho aos meus irmãos que se puseram a rir. Contei-o depois a mamãe. E a vovó. Todos deram seu palpite. ‘Vai ser pastor de ovelhas’, disse meu mano José. Antonio, maldosamente: ‘Um chefe de bandidos’. Minha mãe: ‘Quem sabe se um dia não será sacerdote’. Vovó deu a sentença definitiva: ‘Não se deve ligar para sonhos’.

Eu era do parecer da vovó. Mas nunca pude tirar o sonho da cabeça.”

A personalidade de Dom Bosco, fundador da Congregação dos Padres Salesianos, é melhor definida tendo-a enquadrada nos traços conhecidos como característicos do homem piemontês, o do norte da Itália, mas que na realidade podem ser identificados nos camponeses de diferentes regiões e épocas.

Uma biografia recente de Dom Bosco, que retrata as marcas do piemontês do século XIX, atenta para o fato de que este homem não é brilhante nem espirituoso. Não pensa às pressas. É lento no compreender, no refletir, no responder. Falta-lhe, por isso, o fogo, o ímpeto e a exaltação. Mas, em contrapartida é sólido e forte, de agüentar e resistir, sem se queixar. É uma solidez feita de prudência. Pois o piemontês nasceu realista, vive no concreto, no real, que freqüentemente é áspero e duro. Mas mostra-se uma pessoa paciente, tanto no espírito como no coração.⁴⁰

BOSCO (1995) enquadra Dom Bosco nas características atribuídas aos habitantes do norte da Itália do século XIX:

“O Piemontês é fiel e corajoso, mas é mais soldado que guerreiro. Prefere defender a atacar. Esta vocação defensiva lhe advém do amor intenso que dedica à terra, aos bens, à família, mesmo que seus bens sejam pobres, suas terras sejam poucas e sua família trabalhosa de levar. Há, nesse homem um fundo perene do qual se originam todas as suas virtudes de paciência, de apego, de solidez, de bom senso prático e, não se pode deixar de levar em conta os acontecimentos políticos, econômicos e religiosos que iriam deixar marcas profundas”.

Sobre o sonho dos nove anos, Dom Bosco faz uma interpretação apoiada na educação recebida da mãe. Nota-se aí o peso da personalidade da mãe sobre o menino. Os relatos revelam que “Mamãe Margarida”, durante toda a vida, inclusive nos anos em que esteve com Dom Bosco à frente das obras que floresciam, foi de um caráter muito forte e de uma rigidez moral muito grande que acabou por influenciar não apenas a personalidade de Dom Bosco, mas também a Congregação e o estilo das obras.

Aparecem no sonho preocupações com brigas, palavrões, discórdias, elementos que possivelmente expressam a postura moral que a mãe sempre combateu na formação do filho.

⁴⁰ Cf. Bosco, Terésio. *Dom Bosco, uma biografia nova*, SP, 1995, Ed. Salesiana Dom Bosco.

Outro aspecto que aparece no sonho é o das pancadas e socos que deveriam ser substituídos pela mansidão e caridade. Isso talvez faça alusão à personalidade do meio irmão, Antonio, bem mais velho que João Bosco que nutria pelo irmão e muitas vezes pela madrasta sentimentos de excessiva ira e rancor.

Em relação às coisas impossíveis que segundo Dom Bosco lhe são pedidas naquele momento, estas poderiam ser entendidas como a sua própria vida, que sempre, desde a infância, foi sempre marcada pelo sofrimento, pelas enormes dificuldades e em muitos momentos pela cansaço e desesperança.

De sua infância, merece destaque o relato da experiência espiritual que fez na ocasião de sua primeira comunhão, em Março de 1826, na igreja paroquial de Castelnuovo. Relata com pormenores os conselhos que a mãe lhe dera e a forma com que ela o acompanhou neste momento:

“Minha mãe me acompanhou de perto. Durante a Quaresma me levou a confessar-me. ‘Meu caro João, disse-me, Deus lhe prepara um grande presente. Disponha-se a recebê-lo bem. Confesse tudo. Esteja arrependido. E prometa a Deus ser melhor no futuro’. Prometi tudo. Se depois cumpri, só Deus sabe.

Naquela manhã me acompanhou à sagrada mesa, fez comigo a preparação e ação de graças. Nesse dia não quis que me empenhasse com nenhum trabalho material, mas que me empenhasse em ler e rezar. Repetiu-me muitas vezes: ‘Hoje foi um grande dia para você. Deus tomou posse do seu coração. Agora prometa-lhe fazer tudo quanto puder para conservar-se bom até o fim de sua vida. No futuro vá com frequência receber a eucaristia. Mas, pelo amor de Deus, fuja como da peste dos que têm conversas más.’ Procurei pôr em prática os conselhos de minha mãe: e parece-me que, desde aquele dia alguma coisa melhorou em minha vida, especialmente na obediência e na submissão aos outros, coisas que, antes, me causavam uma grande repugnância.”⁴¹

João Bosco sempre foi, segundo seus relatos, um menino muito esperto e, diante das dificuldades da pobreza, sempre tinha habilidade em ganhar alguns trocados que pudessem garantir o lazer ou mesmo os primeiros estudos. Narra que caçava passarinhos e que os vendia, bem como uma série de outros tantos objetos.

Costumava muitas vezes, aos domingos ir até o mercado e ver os saltimbancos se apresentarem. Observava atentamente como manejavam seus truques e, depois, em casa,

⁴¹ Cf. Bosco, 1995, op. cit. p.34.

treinava para poder apresentar os mesmos números à vizinhança. No inverno, reunia os colegas no estábulo, onde contava pequenas histórias. Muitos gostavam de passar horas ali, ouvindo estas histórias ou mesmo a leitura de obras famosas da sua época e daquela região como *Os Pares de França*, *Guerino Meschino* e outras.

Era freqüente repetir para os colegas e vizinhos o sermão que tinha ouvido na missa dominical. Após o sermão convidava as pessoas a rezarem o terço e algumas outras orações e depois começavam os entretenimentos. Andava na corda, dava saltos mortais, fazia truques em que escondia e fazia aparecer moedas.

Assim, pode-se dizer que João Bosco, desde pequeno tinha um certo espírito de liderança, que acabava por cativar as pessoas. Era uma personalidade determinada, disposta a jogar tudo pelo cumprimento dos seus objetivos.

João Bosco aos onze anos precisou sair de casa e viver de favor com parentes e amigos não muito próximos, para que pudesse iniciar a instrução elementar, necessária para a realização de sua vocação. Em sua casa não havia clima favorável para tal, devido às oposições do irmão. Assim, a solução encontrada pela mãe foi fazer com que Dom Bosco fosse viver fora de casa. E, durante todo o período de formação, tendo em vista a carreira sacerdotal, a vida de João Bosco foi marcada pelas dificuldades. Não havia dinheiro para manter a sua pensão em outro povoado. Vez por outra encontrou um padre que lhe ajudara quer nos estudos, quer financeiramente. Em outras situações seu benfeitor morria e tudo voltava ao ponto zero.

Antonio era irmão de João Bosco por parte de pai apenas. Era filho do primeiro casamento de seu pai, e após a morte deste foi criado por Margarida. Este fato pode explicar a intolerância que nutria em relação a João Bosco e, também porque certamente Margarida acabava dispensando ao seu filho legítimo maiores cuidados, preocupações e atenção.

A certa altura dos manuscritos, após contar muitas coisas a respeito das vitórias nos jogos e habilidade nas brincadeiras, Dom Bosco parece querer mostrar que embora seja muito afeito aos espetáculos e aos jogos, ele era disciplinado nos estudos. Relata ter feito as leituras de muitos clássicos tais como Cornélio Nepos, Cícero, Salústio, Tito Lívio, Tácito,

Ovídio, Virgílio, Horácio Flacco e outros. Aponta que lia estes livros simplesmente pelo gosto da leitura, ainda que não entendesse tudo. Além do mais, anota que além de estudar durante o dia, foi acostumado pela mãe a dormir pouco, de forma que passava muitas horas que deveriam ser dedicadas ao sono entretido nas leituras. Porém, reconhece que aos poucos estava com a 'saúde arruinada', vindo, posteriormente a aconselhar os seus congregados a não fazerem mais do que o limite dado pelo corpo, a não ser que fosse em caso de extrema necessidade.

O sonho dos nove anos estava gravado na sua memória. E, parece, segundo os próprios relatos que agora estava, de certa forma mais claro. E, para a realização deste sonho conclui que a melhor forma seria abraçar o estado de vida eclesiástica. Para poder cumprir o sonho, a única forma seria renunciar a vida laica, e a própria vida, para poder dedicá-la aos jovens.

No caso de João Bosco, um questionamento paira no ar: para ele, ser padre era mesmo uma vocação? A partir dos relatos de sua vida, em alguns momentos transparece a idéia de que o sacerdócio parecia menos a realização de uma vocação que um projeto familiar, uma opção de família de camponês.

5 - O sacerdócio – caminho para a realização do sonho

Depois de inúmeros reveses no conturbado processo de escolaridade Dom Bosco consegue, aos quinze anos, ir fazer o estudo preparatório, que equivaleria hoje à conclusão do ensino fundamental no Brasil. Em dezembro de 1831, João vai freqüentar as escolas públicas de Castelnuovo, distante cinco quilômetros dos Becchi. Percorria em torno de 20 quilômetros por dia entre a casa e a escola. Assim, diante desta dificuldade seu tio Miguel conseguiu-lhe uma semi-pensão em casa do Sr. João Roberto, alfaiate e músico do lugar. Em certas tardes, não tendo coragem de se por a andar, pede ao Sr. João Roberto permissão para dormir em um 'vão de escada' de sua casa, ainda que ficasse sem jantar. Margarida

combina com o alfaiate uma soma razoável, pagável em cereais, e este concede a João Bosco a pensão completa. Isto ocorreu pelo menos no tempo do inverno. Este foi um período difícil, em que João sofreu muito preconceito por parte dos colegas. Era mais velho que os outros meninos. Era procedente de uma região de agricultores e o preconceito estava sempre presente.

Indo estudar no Sussambrino e morar em uma propriedade a que o irmão José assumira para cultivar à meia, relata também as dificuldades em dedicar-se ao estudo e ajudar no pastoreio do gado. Nesta ocasião Dom Bosco se reanima a partir de um novo sonho que relata ao Sr. José Turco, dono de uma propriedade que divisava com o Sussambrino e com quem João Bosco sempre confidenciava suas dificuldades: “hoje tenho boas notícias. Esta noite tive um sonho. E vi que chegarei a ser padre e que me ocuparei de muitos meninos”

- Mas é apenas um sonho – observou perplexo o Sr. Turco.

- O senhor não pode entender. Para mim é o suficiente. Agora estou certo de que vou conseguir.”

Em seu sonho se lhe abriu mais uma vez diante dos olhos o vale do sonho dos nove anos. Reviu o rebanho de ovelhas, a Senhora resplandecente que lho queria confiar. ‘Torne-se humilde, forte e robusto – repetira - e a seu tempo tudo compreenderá.’⁴²

Ainda, em relação ao que aparece nos escritos biográficos, percebe-se a forte ligação e influência que a educação na Itália, até o momento em estudo neste trabalho, recebia da Igreja. Em seu relato das dificuldades enfrentadas para conseguir frequentar a escola pública, que tinha neste momento uma das principais disciplinas o ensino do latim, João Bosco narra que teve que se apresentar ao pároco de Castelnuovo para obter o *Admittatur* (Admita-se) para poder matricular-se nas escolas públicas. Era parte integrante da burocracia que todo aquele que se inscrevesse para uma vaga em escola pública, deveria receber um atestado de bom comportamento dado pelo pároco local, que também se

⁴² Cf. Bosco, 1995, op. cit. p.34.

comprometia a velar por suas férias e comunicar à autoridade pública qualquer desvio de conduta do educando.⁴³

Posteriormente, conseguiu morar com uma senhora viúva que vivia com o filho, na cidade de Chieri. A situação para Dom Bosco deveria ter sido um pouco constrangedora. Viveria praticamente de favor em casa de estranhos, pagando quando possível uma pensão. Na escola foi colocado junto a crianças de nove ou dez anos, o que certamente era motivo de gozações.

Em seus relatos, Dom Bosco diz que por conta própria teve que aprender a relacionar-se com os colegas e classificá-los. Dividira-os em três categorias: os bons, os indiferentes e os maus. A determinação com que se dispõe a viver os seus relacionamentos chama a atenção. Assim, os maus, deveria evitá-los a todo custo e sempre, logo que os conhecesse. Com os indiferentes havia de entreter-se por delicadeza e por necessidade. Com os bons podia travar amizade, quando fossem verdadeiramente tais.

É interessante a forma com que tenta demonstrar um comportamento moral exagerado. Alega que teve que lutar muito com os que não conhecia bem. Alguns queriam levá-lo ao teatro, outros a disputar uma partida, outros a nadar. E diz com certo espanto que houve até quem quisesse induzi-lo a roubar frutas nos pomares ou no campo.

Aqui aparece o lado discriminatório e pouco caridoso de Dom Bosco, quando utiliza-se da terminologia ‘classificar’ os bons e maus companheiros. A todo custo é necessário preservar determinados ‘valores morais’ ainda que para isso utilize-se do que modernamente chamamos de exclusão. Neste episódio seus valores são os valores liberais e do individualismo. Frequentar o teatro, passeios esportivos, jogos aparecem em sua fala como coisas completamente abomináveis, indignas de um cristão.

Neste fato a atitude de Dom Bosco em relação aos princípios cristãos, os princípios evangélicos que pregam a caridade em todas as circunstâncias, a exemplo do próprio Jesus que esteve com os pecadores, convidou para estar com ele e comeu em suas casas não são afinados. Jesus foi ao encontro de todos os tipos de marginalizados de sua época. O jovem Dom Bosco comporta-se de forma completamente contrária a tais princípios. O medo

⁴³ Idem.

diante da possibilidade de perverter-se é tão grande que nega completamente aspectos corriqueiros da vida, quando o esperado seria ter uma atitude de diálogo e compreensão. Como entender esta atitude se comparada com aquela posterior de trabalhar e dedicar toda a sua vida a jovens pobres e, com certeza também problemáticos? Seria tarefa difícil e cuidadosa tentar encontrar uma resposta adequada para tal questionamento, porém aparece nesse comportamento de Dom Bosco um grande receio de que seus alunos viessem a ter seu comportamento moral pervertido, bem como uma preocupação muito grande em não corromper o interior de suas obras, traduzidos em um excesso de zelo que muitas vezes poderiam justificar atitudes rigorosas e pouco caritativas.

Funda a chamada ‘Sociedade da Alegria’ para tentar atrair os colegas para o bem. A princípio os ajuda em suas dificuldades escolares. Conta que depois começaram a vir para brincar e, por fim, vinham sem motivo algum, como os da sua terra. Nesta sociedade, cada sócio tinha a obrigação de arranjar livros e provocar assuntos e brinquedos que pudessem contribuir para que todos estivessem sempre alegres. As regras da sociedade eram as seguintes:

1º - Todo membro da Sociedade da Alegria deve evitar qualquer conversa ou ação que desdiga de um bom cristão;

2º - Exatidão no cumprimento dos deveres escolares e religiosos.

Para abraçar a vida eclesiástica, Dom Bosco pensou em entrar para o Convento dos Franciscanos. Esta narrativa deixa transparecer a preocupação em “combater as paixões, principalmente a soberba que deitou profundas raízes em meu coração”. Embora em toda a sua vida houvesse uma preocupação com o pecado, no que diz respeito à moral, raras são as vezes em que aborda tais questões em relação à sua própria pessoa. E, como há uma grande diferença entre os estados de vida religiosa secular e regular parece-lhe que a via da regra lhe protegeria do mundo que é pecaminoso e facilitaria a realização do sonho.⁴⁴

⁴⁴ A vida clerical se divide em duas formas: o clero secular, em que o clérigo responde diretamente a um arcebispo de uma Diocese. Pode, porém ter vida própria e possuir bens. O vínculo com a Igreja refere-se à responsabilidade de Igreja Paroquial. Já para o clero regular, ou religiosos, podem ser ordenados sacerdotes ou simplesmente permanecerem como Irmãos Religiosos não ordenados. Têm outrossim a obrigação de viverem em uma comunidade juntamente com outros religiosos, subordinados a um superior. Não podem possuir bens em nome próprio e fazem votos perpétuos de pobreza, castidade e obediência.

Chegou a prestar os exames para admissão, mas alguns dias antes da entrada, ainda tinha dúvidas. Com a ajuda de um certo Pe. Comollo, foi aconselhado a seguir pela via secular. E aí entra um novo sonho contado por D. Bosco:

“Dias antes sonhei estar dentre muitos religiosos de hábito semelhante ao dos franciscanos, só que estes hábitos eram todos rasgados e os frades corriam cada um em sentido contrário ao outro.”

Um frade, em conversa o aconselhou a procurar outro lugar, porque ali não encontraria paz. A partir deste sonho optou pelo clero secular. Porém estes e outros fatos lhe valeram certa fama de adivinhador ou de mago. A esse respeito, conforme os escritos, mesmo que, em alguns momentos ele fale sobre moderação e humildade, tem-se a impressão que ele cultivava este tipo de personalidade e gostava de ser admirado, seja pelas capacidades lúdicas, seja pela capacidade de memória e inteligência que são relatadas nos escritos.

Algo que parece um pouco estranho é o fato de Dom Bosco relatar que nas férias deixou de lado todos os espetáculos de saltimbanco que realizava para os colegas, para dedicar-se à boa leitura. Numa primeira análise, transparece uma forma de auto-penitência porque cultivava o gosto pelos elogios. Mas também pode ser um tipo de escrito que tem a finalidade educativa, de fazer-se de exemplo aos meninos de sua idade, uma espécie de modelo.

Após a vestidura das vestes clericais, Dom Bosco reforça atitudes radicalmente conservadoras no plano da moral. A partir deste dia, segundo os próprios relatos, tomou para si alguns propósitos, que já refletem também a entrada de uma nova época na vida da Igreja que é o ultramontanismo.

Em uma conversa com seu pároco, a respeito de participarem de uma festa no dia da sua vestição, ele teria dito que “não iria se fazer padre para servir de palhaço em meio a convidados já um tanto altos pelo vinho” e que a função religiosa que acontecera pela manhã (a vestição) não combinava em nada com a proposta da festa à tarde. Por aí se observa já o direcionamento moral rígido que a Igreja vai imprimindo à figura do sacerdote.

O padre argumenta que “o mundo é assim” e que é preciso ver o mal, para conhecê-lo e evitá-lo.

Após esta argumentação, Dom Bosco calou-se, mas pensou consigo: “não mais irei a festejos públicos, a menos que seja obrigado por funções religiosas”. E vai mais longe: Depois deste dia resolve cuidar mais de si mesmo e, que a vida levada até então deveria ser totalmente reformada. Para tanto formula algumas regras de vida, que faz questão de redigir para não esquecer jamais:

1º - No futuro não participarei de espetáculos públicos em feiras e mercados; nem assistirei a bailes ou teatros; na medida do possível não participarei dos almoços que se costumam dar em tais ocasiões.

2º - Não farei mais exhibições de “bussolotti”, de prestidigitador, saltimbanco, malabarismo, corda; não tocarei violino, não irei mais à caça. Essas coisas todas considero-as contrárias à gravidade e ao espírito eclesiástico.

3º - Procurarei amar e praticar o retiro, a temperança no comer e no beber; para repouso tomarei apenas as horas estritamente necessárias à saúde.

4º - Como no passado servi o mundo com leituras profanas, assim no futuro procurarei servir a Deus com leituras religiosas.

5º - Combaterei com todas as forças qualquer leitura, pensamento, conversa, palavras e obras contrárias à virtude da castidade. Pelo contrário, farei tudo o que contribuir para a conservação dessa virtude, por insignificante que seja.

6º - Além das práticas ordinárias de piedade, não deixarei de fazer todos os dias um pouco de meditação e de leitura espiritual.

7º - Contarei todos os dias algum exemplo ou máxima que aproveite ao próximo. Assim farei com os companheiros, com os amigos, com os parentes, e quando não puder fazê-lo com outros, fa-lo-ei com minha mãe.

Estas são as resoluções tomadas quando vesti a batina; e para que me ficassem bem impressas, coloquei-me diante de uma imagem de Nossa Senhora, li-as, e, após uma prece, prometi formalmente à celeste Benfeitora observá-las à custa de qualquer sacrifício.”

Estes propósitos todos acabam por deixar muitas indagações a respeito da conduta a ser tomada por alguém que ainda é apenas um rapazinho. Estaria o jovem vivendo os primeiros apelos das transformações ocorridas na adolescência? E sob forte teto moralizante, estas condutas não pareceriam mais frutos do ambiente que próprias de alguém que é ainda muito jovem? Hoje a moderna ciência de interpretação bíblica permite trazer para este caso algum parâmetro de análise. Por exemplo, num texto bíblico, quando se fala tanto de água, estudiosos explicam que na região, na verdade, poderia haver sim uma grande aridez e escassez de água. Assim, o falar tantas vezes e continuamente de água, revela o grande anseio de se conseguir aquilo que ainda não se tem. E, às vezes a forma de expressar é justamente a oposta da situação.

Aplicando-se este exemplo em relação aos propósitos a que Dom Bosco se propôs no início de sua carreira sacerdotal, poderia se inferir que, na realidade este jovem estaria passando por fortes conflitos em relação ao projeto ideal de pessoa, de castidade, de pureza, enfim, de moral que a Igreja e a sociedade de seu tempo propunham, em contraposição com a condição real da natureza humana, em que estes modelos de virtude, muitas vezes tão utópicos, na verdade são muito difíceis de atingir, ou quase que impossíveis.

Em relação à vida no Seminário, Dom Bosco não faz quase que nenhuma referência negativa, a não ser quando diz que lá dentro também havia alguns jovens pouco preocupados com o estado de vida que iriam assumir. Assim, Dom Bosco sempre procurou afastar-se destes e tentou chegar-se aos bons. Parece que aqui também há uma visão um tanto idealista que, ao ser transmitida nas memórias, dão a impressão de que a intenção foi a de preservar a 'Instituição Seminário'. Sabe-se que nesta época, estava no auge o estilo de formação eclesial proposta pelo Concílio de Trento, quando se define que os seminários deveriam ser como redomas que deveriam proteger os futuros clérigos de toda espécie de contaminação que a vida mundana poderia oferecer.⁴⁵

⁴⁵ O Concílio de Trento é considerado um dos mais importantes Concílios da Igreja. Aconteceu num longo período, de 1538-1563, e foi a grande arma da Igreja no combate à Reforma Protestante, tendo sido os jesuítas os grandes responsáveis pela sua aplicação. Definiu e reformulou importantes áreas da vida da Igreja, como a Catequese, o Catecismo Romano, Revisão Sacramental, com a criação dos Confessionários e, também institucionalizou a formação dos futuros sacerdotes com a criação dos seminários que determinaram por muito tempo o estilo a ser seguido no processo de formação do presbítero.

Quando estava no segundo ano de filosofia, Dom Bosco diz que tomou conhecimento de um livro de espiritualidade que ainda hoje é famoso, a ‘Imitação de Cristo’ e diz que a partir da leitura deste livro abandonou a leitura de obras profanas, dedicando-se a leituras de história sagrada, história do Antigo e Novo Testamento entre outras do gênero.⁴⁶ Estudou também neste período grego e francês e noções do hebraico. Porém declara que suas línguas de estudo prediletas eram o italiano e o latim.

No quinto ano do Seminário foi nomeado prefeito, o mais alto cargo a que podia então chegar um seminarista. E, com consternação relata o tempo em que já às vésperas da ordenação, deveria deixar o Seminário. Algo interessante é esta observação, porque sempre para os seminaristas, este é um tempo de dureza, de sofrimentos, portanto algo que é sempre visto como passageiro o qual todos anseiam o quanto antes passar por esta fase. Mais uma vez aqui percebe-se uma fala cuidadosa de Dom Bosco, tentando ressaltar, enobrecer uma etapa da vida eclesiástica que parece não conferir com a realidade, em que a pessoa neste tempo tem pouco ou quase nenhum valor do ponto de vista jurídico, enquanto futuro membro da Instituição Igreja.

Ordenado sacerdote em 5 de Junho de 1841, celebrou sua primeira missa na Igreja de São Francisco de Assis, em Turim, ainda que se esperava com grande ansiedade que seguisse o costume de celebrar a primeira missa na Igreja de sua terra natal. Na quinta-feira, após a ordenação, era a festa de Corpus Christi, então neste dia celebrou em sua terra natal. À noite, estando com sua família relata: “quando cheguei perto do lugar do sonho dos nove anos, “não pude conter as lágrimas e disse: ‘Quão maravilhosos os desígnios da Divina Providência! Realmente Deus tirou da terra um pobre menino para colocá-lo entre os príncipes do seu povo.” Neste relato aparece claramente a noção que o povo tinha e que ainda tem em relação aos dignatários, os membros da Igreja.

Outro aspecto importante que se esconde por trás de tal fala, a respeito da compreensão que o povo tinha em relação aos membros da Igreja, é o da própria família de

⁴⁶ A “Imitação de Cristo” é a famosa obra de Thomas de Kempis, que tem a época de sua origem discutida hoje em dia, por tratar-se de obra que remonta já vários séculos, talvez do final da Idade Média. É uma obra de espiritualidade profundamente intimista, com doses fortes de exaltação do divino e, por conseguinte excessiva depreciação do humano, relacionando-o a uma concepção pecaminosa. Embora muito difundida é de difícil leitura e compreensão popular.

Dom Bosco, que não fugia à regra. Agora, com o menino humilde e pobre dos Becchi, que às duras penas conseguiu chegar à dignidade sacerdotal, vê-se realizada aquela que até então era apenas uma possibilidade. O projeto familiar acalentado e preparado longamente agora se via concretizado. De certa forma, a glória do sacerdócio de Dom Bosco era amplamente compartilhada com os seus parentes mais próximos. Os anseios e os desejos de um menino que se sai vitorioso ante uma importante etapa de sua vida misturam-se aos mesmos anseios e desejos da sua família.

Os aspirantes à carreira sacerdotal entravam nestas chamadas ‘instituições totais’ que modelariam mentes e corações ao estilo desejado pela Igreja.⁴⁷ Em conseqüência, os resultados eram quase sempre os esperados. A pessoa entrava aí quando criança, fazia todos os estudos num ambiente completamente fechado e isolado do mundo. Ao sair desta instituição, já adulto, recebia a ordenação sacerdotal, totalmente formado num estilo rígido de conduta, que na maioria dos casos gerava os resultados desejados e programados pela Igreja.

Nos dias de hoje, a Igreja terá que debater-se com esta questão, pois hoje os candidatos entram adultos, trazem toda sua história cultural e suas experiências de vida. Nem sempre se amoldam ao que é proposto pela Igreja. Porém aceitam as regras, pelo menos enquanto são considerados “formandos”. A partir da ordenação revelam sua verdadeira personalidade. Mas a Igreja, embora hoje receba adultos, não mudou seu estilo de tratamento e de formação do sacerdote.

Pensando nesta questão na atualidade, BENEDETTI (1999) cita em seu artigo que muitos seminaristas e padres novos nutrem apenas “o gosto pelos sinais distintivos de sua condição – festas, vestes, poderes – ausência de inquietação com relação ao destino da sociedade (e da Igreja), pouco amor (nenhum?) aos estudos, nenhuma paixão pelo ecumenismo, pela justiça social. São presbíteros mais preocupados com seu caráter e poder sagrados do que com uma presença significativa no mundo, com o diálogo com a sociedade, com o serviço competente ao homem de hoje”.⁴⁸

⁴⁷ Cf. Foucault, 1977.

⁴⁸ Benedetti, Luiz Roberto, “O novo clero: arcaico ou moderno?”, in REB-Revista Eclesiástica Brasileira,

Estes dados expressam a conclusão de muitas pesquisas realizadas em torno da formação do presbítero ao longo dos últimos vinte anos. Esta tendência, ao que tudo indica, parece que permanecerá por muito tempo. Seriam na verdade os frutos cultivados pela Igreja de João Paulo II. Neste pontificado, houve uma grande preocupação em frear os avanços da Teologia da Libertação, tida como perigosa porque se apoiava em elementos da análise marxista. Em contrapartida, havia o esvaziamento da Igreja Católica em detrimento do crescimento das seitas e das religiões neo-pentecostais. E uma forma de rebater o crescimento das outras Igrejas e de fazer reverter o quadro de diminuição de fiéis, era formar um novo tipo de presbítero, que acompanhasse as exigências do mundo atual, com preocupações menos sociais e mais espirituais.

De certa forma, segundo dados de Benedetti, o candidato ao presbitério, via de regra ainda provém da zona rural, tem pouca escolaridade e baixo nível de erudição, reflexo também dos rumos pelos quais caminha a educação no Brasil. Em consequência, o modelo de Igreja que continuará se reproduzindo é o de uma Igreja organizada para atender a um mundo com características rurais. Assim não se pode esperar que estes tenham uma postura semelhante a dos padres formados à época do Concílio Vaticano II, na década de 1960, quando surgia um novo tipo de Igreja.

A Igreja que desponta a partir do Concílio Vaticano II se define como sendo “Povo de Deus”, e não mais apenas corpo hierárquico, composta de “categorias de cristãos”. Neste momento, sua preocupação também é a de não perder fiéis, então a solução é mergulhar e entender o mundo em que vive o ser humano, tendo a preocupação de ajudá-lo a encontrar respostas às suas angústias.⁴⁹

O homem dos anos de 1960 se libertava gradualmente de situações e moral antiquadas, pois este novo tempo estava agora fortemente influenciado pelos meios de comunicação de massa, de forma especial a televisão. E era justamente neste universo que a Igreja deveria se inserir.

⁴⁹ O documento “Gaudium et Spes” GS nº 1 (Alegrias e Esperanças) do Concílio Vaticano II (1962-1965), coloca já na sua introdução um novo tipo de eclesiologia. O documento inicia dizendo que “as alegrias, as esperanças, as dores e as angústias do homem de hoje, são também as alegrias e esperanças, as dores e as angústias da Igreja”. Este é um dado revelador de uma Igreja preocupada em inserir-se no mundo de hoje e fazer com que o mundo também esteja inserido na vida da Igreja.

De acordo com o tipo de formação que a Igreja vem proporcionando hoje aos candidatos à carreira eclesiástica, sairão os resultados: presbíteros formados ao gosto da instituição Igreja, pessoas que valorizam o poder eclesiástico, formadas para entender que o clero é realmente como foi visto ao longo da história, como aquela porção que não faz parte do povo comum, mas que por outro lado se apresenta pouco preparado para dialogar com o homem e a mulher de hoje. Embora misturem estilos modernos de vida no estereótipo, na verdade formam parte de um projeto antiquado de presbítero. Daí têm-se como resultado padres conservadores em questões doutrinárias e morais, pouco preparados para entenderem e atuarem nas questões sociais, porém com um rótulo, com uma aparência de modernos, de enquadrados plenamente no mundo de hoje.

6 - O Oratório – o sonho vai tornando-se realidade

Após a ordenação, diante de algumas propostas de trabalho pastoral, aconselhado pelo Pe. Cafasso, seu diretor espiritual, Dom Bosco entrou para o Colégio Eclesiástico de Turim, fundado pelo Pe. Guala, e que oferecia aos neo-sacerdotes uma oportunidade de aprofundamento dos estudos em Teologia Dogmática (hoje chama-se Teologia Sistemática) e Teologia Moral. Estando em companhia do Pe. Cafasso, este o levava a visitar as prisões, quando Dom Bosco ficou fortemente sensibilizado pela vida que levavam os presos. Muitos deles eram jovens na idade de 12 a 18 anos e, reparava que todos eram fortes e robustos e viviam o dia todo sem nada fazer, picados pelos insetos e, na sua expressão “viviam à míngua de pão espiritual e temporal”.

Observou que muitos daqueles presos, quando saíam daquele lugar, tinham grandes propósitos de melhorar de vida, mas logo voltavam à prisão, da qual haviam saído há poucos dias. E conclui que muitos para lá voltavam porque eram abandonados a si próprios. Pensa que se tivessem alguém lá fora para ajudá-los e instruí-los na religião aos domingos, talvez pudessem se manter afastados do perigo.

Aqui parece um pouco limitado e assistencialista seu projeto. Pois não há um profundo questionamento sobre a situação que levava estas pessoas à prisão e também sobre o que as fazia voltar para lá. No modo de ver de Dom Bosco, a religião poderia ser uma forma de enquadrá-las nos padrões do comportamento socialmente desejado.

Ao entrar no Colégio São Francisco, anexo à Igreja, viu-se logo cercado por muitos meninos que o acompanhavam, sem poder cuidar deles em um local adequado. Assim, no dia da Imaculada Conceição, 8 de Dezembro de 1841, preparando-se para celebrar a missa, presencia a cena em que o sacristão com maus tratos expulsava um menino da sacristia, porque este não sabia ajudar a missa. Dom Bosco repreende o sacristão e faz amizade com o menino. Era um menino órfão, de Asti e, interrogado sobre várias coisas que sabia fazer, o menino respondeu: “não sei nada”.⁵⁰

Este menino era Bartolomeu Garelli, o primeiro aluno de Dom Bosco no Catecismo e, posteriormente, no Oratório. Após aquele primeiro diálogo, Dom Bosco levantou-se, fez o sinal da cruz e rezou a Ave Maria. Este menino trouxe outros para o catecismo e freqüentou por algum tempo, mas não se sabe até quando.⁵¹

Assim começou o Oratório, que no início era apenas Catecismo. Naquele inverno outros jovens vieram e freqüentaram o catecismo. Embora a idéia fosse trabalhar apenas com os meninos abandonados, Dom Bosco afirma que convidou a outros jovens, de bom caráter, para poder ter uma base sobre a qual fundar a disciplina e a moralidade. Estes ajudavam a manter a ordem e também a entoar cantos sacros. Em fevereiro de 1842 já eram vinte e cinco meninos, quando não parou mais de crescer.

O Oratório funcionava assim: nos domingos e dias santos, dava-se comodidade para que os meninos pudessem se aproximar dos sacramentos da confissão e comunhão. À tarde,

⁵⁰ Conforme referência feita nas Memórias do Oratório de São Francisco de Sales, op. cit. p. 39, O Pe. Lemoine, diria mais tarde que o santo, depois do “não sei nada”, prosseguiu assim o diálogo: “– Sabes cantar? – Não. – Sabes assobiar? – E então o menino sorriu.” Era o que Dom Bosco queria: conquistar a confiança. – in MB 17, 627 (MB significa : G. B. LEMOINE, *Memorie Biografiche di Don Giovanni Bosco... poi: Memorie Biografiche del Venerabile Servo di Dio Don Giovanni Bosco... S. Benigno Canvese – Torino 1898-1934, vol 1-9.*

⁵¹ No episódio do encontro de Dom Bosco com Bartolomeu Garelli, chega-se à conclusão que este último deveria ser já um jovem, bem como os outros freqüentadores do Oratório. Porém, aqui foi utilizado o termo “menino”, em respeito à forma escrita original.

entoava-se um cântico, havia aulas de catecismo, explicações de exemplos de vida e distribuía-se ou sorteava-se alguma coisa.

Os freqüentadores do Oratório eram geralmente pedreiros, canteiros, estucadores, calceteiros e outros. E Dom Bosco insiste no papel que a religião tinha a desempenhar, conforme afirma: “estes trabalhadores que vinham de povoados distantes, como não conheciam as igrejas, nem ninguém, expunham-se ao perigo de perverter-se, especialmente nos domingos”.

Durante os dias de semana Dom Bosco ia visitá-los em seu trabalho, em uma demonstração de afeto e interesse por eles. Aos sábados ia às prisões e levava fumo, frutas e pãezinhos, com o intuito de cativá-los, mas também como uma forma de conseguir que quando fossem soltos viessem a freqüentar o Oratório. No Oratório, muitos jovens procuravam Dom Bosco para se confessar, principalmente no domingo.

Assim foi a vida do Oratório, por três anos, durante o tempo em que Dom Bosco terminou os estudos de moral.

Diante de várias ofertas de trabalho pastoral e conversas com o Pe. Cafasso, paira uma dúvida sobre a que atividade deveria se dedicar. O Pe. Cafasso lhe recomenda algumas semanas de férias. Somente depois voltariam a conversar. Porém, de antemão disse que gostaria de trabalhar com a juventude. Na volta das férias, passadas mais algumas semanas o Pe. Cafasso o destinou juntamente com o Pe. Borel, para diretor do hospital Santa Filomena, na região conhecida como Refúgio, no bairro Valdocco. Aceitou, porém um tanto preocupado, pois sabia que cuidar de mais de quatrocentas jovens, pouco tempo lhe sobraria para o Oratório.

Nestes inícios do Oratório, Dom Bosco revela que também não conseguiu escapar do espírito de sociedade da época que valorizava excessivamente o trabalho masculino. Tinha idéia fixa em trabalhar com a juventude, mas do sexo masculino, talvez porque representava a futura força de trabalho na sociedade.

Mesmo com este trabalho do Hospital, juntamente com o Pe. Borel, começou a dar andamento nas atividades do Oratório. O problema era onde reunir os meninos. De início utilizou o local reservado para seus aposentos.

Teve um novo sonho:

Sonhei que estava no meio de uma multidão de lobos, cabras e cabritos, cordeiros, ovelhas, bodes, cães e pássaros. Faziam todos juntos um barulho, uma desordem, ou melhor, uma inferneira de espantar os mais corajosos. Ia fugir, quando uma senhora, muito bem trajada à moda de pastorinha, fez um gesto para que seguisse e acompanhasse o estranho rebanho; enquanto isso, se punha à frente. Estivemos vagando por vários lugares; fizemos três estações ou paradas. A cada parada muitos desses animais convertiam-se em cordeiros, cujo número ia sempre aumentando. Depois de muito andar, encontrei num prado onde os animais saltitavam e comiam juntos, sem que nenhum deles tentasse prejudicar os outros. Esgotado de cansaço, queria sentar-me à beira de um caminho aí perto, mas a pastorinha convidou-me a continuar andando. Após andar um pouco, encontrei-me em vasto pátio rodeado de pórticos, em cuja extremidade se erguia uma igreja. Percebi então que quatro quintos dos animais haviam se transformado em cordeiros. O número deles tornou-se depois muito maior. Naquele momento, chegaram alguns pastorzinhos para vigiá-los. Mas ficavam pouco tempo e iam-se embora. Aconteceu então uma coisa maravilhosa. Muitos cordeiros convertiam-se em pastorzinhos, que cresciam e passavam a tomar conta dos outros. Com o grande aumento do número dos pastorzinhos, eles se separavam e se dirigiam a outros lugares, onde reuniam alguns animais estranhos e os levavam a outros redes. Eu queria ir embora, porque parecia estar na hora de rezar missa, mas a pastora me convidou a olhar para o sul. Olhei e vi um campo semeado de milho, batatas, couves, beterrabas, alfaces e muitas outras verduras.

- Olhe outra vez – disse-me.

Olhei de novo. Vi então uma Igreja estupenda e alta. Um conjunto de música instrumental e vocal convidava-me a cantar missa. No interior da igreja havia uma faixa branca, na qual estava escrito em caracteres garrafais: “Hic domus mea, inde gloria mea”⁵² (Esta é a minha casa. Daqui sairá a minha glória).

Sempre em sonho, quis perguntar à pastora onde é que eu estava, o que significava aquele andar e parar, a casa, a igreja e depois outra igreja mais.

- Tudo haverás de compreender quando com teus olhos materiais vires realizado o que agora vês com os olhos da mente.

Parecendo-me, porém, estar acordado, disse:

- Eu vejo claro e vejo com os olhos materiais. Sei aonde vou e o que faço.

Naquele instante soou o sino de Ave-Marias na Igreja de São Francisco e acordei.

Este sonho deixa claro, ou pelo menos é o que se pode intuir a partir da narrativa, que as pessoas que iriam ajudá-lo no futuro, no trabalho com os jovens, seriam os próprios

⁵² Expressão em latim que Dom Bosco visualizou várias vezes nos sonhos. Em momentos diferentes a frase apresentou alguma variação de redação, mas significa “Esta é minha casa. Daqui sairá a minha glória”.

meninos do Oratório. Alguns deles continuariam, tornariam-se padres e engrossariam o projeto de Dom Bosco.

Posteriormente, Dom Bosco teve outro sonho que, segundo ele ajudou-o a firmar algumas posições. Este sonho ele só o relatou aos seus congregados em 2 de Fevereiro de 1875, ao Pe. Barberis e ao Pe. Lemoyne, que imediatamente o transcreveram (MB II 298), portanto muitos anos após o ocorrido. Este sonho ajudará Dom Bosco a compreender que deverá, em seu trabalho pastoral, dedicar-se exclusivamente aos jovens:

“Pareceu-me estar numa planície cheia de uma multidão de jovens. Uns brigavam, outros blasfemavam. Aqui se roubava, ali se ofendiam os bons costumes. Via-se no ar uma nuvem de pedras lançadas pelos que travavam batalha entre si. Eram jovens abandonados e corrompidos. Estava para fugir daí, quando vi ao meu lado uma Senhora que me disse:

- Põe-te no meio destes jovens e trabalhe.

Adiantei-me, mas, que fazer? Não havia um local onde reuni-los; queria fazer-lhes o bem e dirigi-me a pessoas que estavam a olhar de longe e podiam ser de valiosa ajuda para mim. Ninguém, contudo, me dava ouvidos, ninguém me ajudava. Voltei-me para a Senhora e ela me disse:

- Olha esse lugar!

E me fez ver um grande prado.

- Mas há aqui tão-somente um prado – disse eu.

Ela respondeu:

- Meu Filho e os apóstolos não tinham um palmo de terra onde pousar a cabeça.

Comecei a trabalhar naquele prado, avisando, pregando, confessando; mas vi que em grande parte resultava inútil qualquer esforço se não encontrasse um local com um edifício para recolhê-los e abrigar os que haviam sido totalmente abandonados pelos pais e rejeitados e desprezados pela sociedade. Então aquela Senhora conduziu-me um pouco mais para o norte e me disse:

- Observa!

Olhei e vi uma Igreja pequena e baixa, um pátio diminuto grande número de jovens. Retomei o meu trabalho. Mas, como a igreja era muito pequena, recorri outra vez à Senhora, que me fez ver outra bastante maior e com um edifício ao lado. Depois, levando-me consigo a um trato de terreno cultivado, quase diante da fachada da segunda igreja, acrescentou:

- Neste lugar onde os gloriosos mártires de Turim, Aventor e Otávio, sofreram o martírio, nesta terra que foi banhada e santificada por seu sangue, quero que Deus seja honrado de modo muito particular.

Assim dizendo, adiantou um pé até descansá-lo no ponto exato onde teve lugar o martírio, e indicou-me com precisão. Eu queria pôr um sinal para encontrá-

lo quando voltasse a esse campo, mas não achei nada, nem um pedaço de madeira, nem uma pedra; contudo, fixei-o na memória com toda a exatidão. Corresponde exatamente ao ângulo interior da capela dos Santos Mártires, chamada depois de Sant'Ana, do lado do Evangelho, na Igreja de Maria Auxiliadora. Entretanto via-me rodeado de um número imenso e sempre crescente de jovens; e olhando para a Senhora, cresciam os meios e o local; vi depois uma igreja muito grande, precisamente no lugar onde me disseram haver ocorrido o martírio dos santos da Legião Tebéia, com muitos prédios ao redor e um lindo monumento ao centro. Enquanto tudo isso acontecia, sempre em sonho, tinha como colaboradores alguns sacerdotes que num primeiro momento me ajudavam, mas depois fugiam. Buscava com grande atrapalho atraí-los para mim, e eles pouco depois iam-se embora e deixavam-me só. Então voltei-me de novo, para a Senhora, que me disse:

- Queres saber como fazer para que não vão embora? Toma esta fita e atalhes a cabeça.

Respeitosamente tomei de sua mão a fita branca e vi que nela estava escrito uma palavra: obediência. Experimentei em seguida fazer o que a Senhora me disse e comecei a atar a cabeça de alguns dos meus colaboradores voluntários com a fita, e vi logo uma grande mudança, de fato surpreendente, que se tornava cada vez mais patente, à medida que ia cumprindo o conselho que havia recebido, já que eles abandonaram o desejo de ir para outra parte e ficaram, por fim, para ajudar-me. Assim constituiu-se a Sociedade Salesiana.

As três igrejas são o telheiro-capela Pinardi, a Igreja de São Francisco de Sales e a Basílica de Nossa Senhora Auxiliadora.

No domingo seguinte muitos meninos foram à Valdocco à procura do Oratório e perguntavam à vizinhança onde ficava o Oratório de Dom Bosco. A vizinhança ficou assustada com tanta molecada junta, pois nunca tinha ouvido falar de Oratório e nem de Dom Bosco. Diante do barulho, Dom Bosco e Pe. Borel saíram ao encontro dos meninos e explicaram que a princípio funcionaria no seu dormitório, mas que logo tudo iria se arranjar.

A partir daí instalaram-se em lugar cedido pela Marquesa Barolo, depois na Igreja São Martinho dei Molazzi. A instabilidade desgostava os jovens e ocasionou o inflamado discurso do Pe. Borel:

“As couves, queridos jovens, se não são transplantadas não se fazem bonitas e grandes. O mesmo acontece com o nosso Oratório. Até agora mudou muitas vezes de um lugar para outro; mas nos vários lugares onde acampou por algum tempo

*conseguiu sempre um bom incremento, com grande vantagem para os nossos jovens. São Francisco de Assis viu-o começar como catequese entremeada de cantos; lá não era possível fazer mais. O Refúgio foi por algum tempo como uma parada, dessas que fazem os trens nas estações, e serviu para que os nossos jovens não ficassem privados naqueles poucos meses da ajuda espiritual das confissões, catecismos, pregações e agradáveis entretenimentos”.*⁵³

Agora, neste novo local as práticas religiosas eram feitas da mesma forma como no Refúgio, porém dispunham da pracinha em frente à Igreja e da rua. Mas, neste local não havia tranquilidade e liberdade, pois passavam pedestres, bois e carroças. A vizinhança reclamava do barulho. Havia queixa de que os meninos estragavam a Igreja e, fora dela, a calçada. Chegou ao prefeito uma carta do secretário dos moinhos pedindo a retirada dos meninos daquele local. Após intervenção do Arcebispo, conseguiu-se que o Oratório pudesse funcionar na Capela do Cemitério, chamado S. Pedro “in vinculis”, que era um local mais apropriado e grande o necessário para reunir o Oratório.

Dom Bosco improvisou por alguns meses as reuniões do Oratório. Algumas vezes fazia passeios às montanhas com os meninos e, em outras tantas escolhia uma Igreja para celebrar a missa e as funções do Oratório. Porém, já eram os dias de Novembro, o inverno se aproximava, e não mais seria possível continuar desta forma provisória. Assim, alugou três quartos da casa do Pe. Moretta. Ali passaram quatro meses e no inverno teve início a escola noturna, algo inédito naquela região.

O movimento de Dom Bosco causava já uma questão entre os párocos. Havia uma queixa ao Arcebispo, de que os jovens que freqüentavam o Oratório acabavam por não freqüentar as paróquias. Dom Bosco alegava que a participação dos jovens no Oratório não diminuía a freqüência às Igrejas, porque simplesmente eles não freqüentavam as paróquias. Vinham geralmente de longe, não tinham família. Portanto, não sentiam-se à vontade em participar das Igrejas próximas de onde moravam.

A solução seria que os párocos montassem Oratórios em suas paróquias ou que Dom Bosco fosse às Igrejas para dar catecismo. Ele refuta esta idéia dizendo que seria

⁵³ Cf. Bosco, 1995, op. cit. p. 34.

impossível percorrer as muitas Igrejas num só domingo. Estava então armada a contenda com o clero secular. Por fim decidiram pela conveniência dos Oratórios.

A casa Moretta era habitada por muitos inquilinos, que logo também começaram a reclamar da desordem e do barulho que causavam os meninos do Oratório. Assim, mais uma vez o Oratório precisou mudar de lugar.

Nessa época Dom Bosco é obrigado a mudar-se para um Prado, num local a céu aberto e isso também causava muitas dificuldades, pois os meninos já contavam trezentos ou quatrocentos e não havia limites ali. Não haviam cercas, muros ou qualquer forma de fazer com que a dispersão não fosse grande. Mesmo as atividades religiosas ficavam comprometidas em um lugar tão aberto.

O Marquês de Cavour chamou Dom Bosco à Prefeitura para responder a acusação de que estaria armando uma Revolução. Ele responde procurando valorizar os meninos, aos quais o marquês insistia em referir-se de forma depreciativa e despreziva. Conforme anota o tradutor das memórias, o marquês chamava-os de canalhas e Dom Bosco retrucava dizendo que eram pobres filhos do povo. Logo depois, ao tratá-los de vagabundos, retruca dizendo serem rapazes abandonados e meninos pobres.

A certo ponto da conversa o marquês se irrita e exige que Dom Bosco suspenda as reuniões do Oratório. Ele responde que suas reuniões não tinham caráter político e gozavam da permissão do Arcebispo.

Diante das exigências e do despejo também dos Prados, o Pe. Borel propõe ficar com apenas uns vinte meninos para não se perder tudo. E Dom Bosco, responde firmemente que alguns não, mas que quer todos. Diante das dificuldades e da teimosia, Dom Bosco é tido mais uma vez como louco.

A marquesa Barolo também tentou exigir que Dom Bosco se afastasse da obra dos meninos, a ponto de despedi-lo do hospital. Espalhavam-se cada vez mais os boatos de que Dom Bosco estava louco. Diziam que tinha fixações e que isto o levaria a loucura completa. Cogitou-se levá-lo ao manicômio.

No desenrolar de todos estes acontecimentos, Dom Bosco faz mostrar em suas memórias que sofreu muito e de forma silenciosa, já que não tinha ninguém com que

pudesse contar. Estando a pensar em todos esses problemas, apareceu um senhor, de nome Pancrácio Soave, dizendo ter ouvido que Dom Bosco procurava um lugar para montar um laboratório. Dom Bosco retrucou: “Laboratório não. Um Oratório!” Este ofereceu-lhe por aluguel a casa do Sr. Pinardi. Chegando ao local viu uma casinha, de um só andar. Ao entrar disseram que o local para ele ficava mais para trás. Na verdade era um telheiro, uma espécie de curral. A princípio Dom Bosco não aceitou, porque achou-a muito baixa. Depois, negociando a possibilidade de reformas, o Oratório mudou-se para a casa Pinardi. Conforme anota nas memórias, o lugar parecia o do sonho onde leu a inscrição: “Daqui sairá a minha glória”⁵⁴

Próximo à casa Pinardi, na chamada rua da Jardineira, ficava uma casa onde concentravam-se pessoas que iam para lá beber e se divertir, principalmente aos domingos. Dom Bosco nunca usou a expressão ‘prostituição’, mas ao que tudo indica esta era a finalidade da casa. Isto lhe causava muita preocupação.

Por esta época esteve muito doente passando uma temporada na casa de sua mãe e, na volta pede que ela venha morar no Oratório, pois, tendo a mãe morando junto, evitaria comentários sobre um padre estar residindo ao lado de uma casa de atividades suspeitas. Posteriormente Dom Bosco conseguiu comprar a casa Pinardi e casa Bellezza, da rua da Jardineira.

Quanto aos recursos necessários para a compra da referida casa, pode-se pensar em algumas possibilidades. Em primeiro lugar, Dom Bosco recebia pagamento relativo ao serviço espiritual que prestava no Hospital. Pois no texto das memórias ele relata que pagou de início a quantia de trezentas liras, “mais da metade do que recebia no Hospital”, o que dá indícios de que ele deveria receber algum tipo de pagamento pelo exercício da função sacerdotal. Em segundo lugar, o Sr. Pinardi apreciava muito a idéia de ter uma Capela na própria casa, onde poderia ter os serviços religiosos prestados ali mesmo, representando uma espécie de prestígio social. A biografia deixa transparecer que o Sr. Pinardi empenhou

⁵⁴ Na verdade Dom Bosco teria visto em três lugares esta inscrição ou parecida: No lugar amplo onde seria futuramente construída a Igreja; em um lugar pequeno e baixo, o que correspondia à Casa Pinardi e uma terceira trinta anos mais tarde onde se ergueu edifício anexo à Igreja de S. Francisco de Sales. Cf. Bosco, 1995, op. cit. p. 34.

todos os esforços para manter Dom Bosco em sua propriedade. E, em terceiro lugar, aos poucos, o Oratório foi cumprindo um de seus objetivos iniciais que era a de escola-oficina. Assim, possivelmente, em um determinado espaço de tempo, logo os resultados financeiros advindos da produção também devem ter contribuído para a compra da propriedade.

Eliminados os problemas com a Casa Pinardi e a Jardineira, foi levado à frente o projeto de construção de um lugar mais amplo para as funções religiosas dos meninos. Começa-se a construir a Igreja de São Francisco de Sales.

Por volta de 1854, Dom Bosco dedica-se intensamente a escrever pequenas obras destinadas à leitura popular, intituladas “Leituras Católicas”. Na verdade estes escritos destinavam-se à ‘defesa da fé católica’ diante da ameaça dos protestantes. Inúmeras vezes recebeu propostas estranhas, com valiosas quantias em dinheiro para deixar de escrever as tais leituras. Posteriormente as ameaças culminaram com atentados pessoais.

Em relação a todos os grandes acontecimentos políticos que agitaram a Itália, Dom Bosco parece nunca ter tomado partido. Não aconselhou, nem mesmo durante os grandes levantes no Piemonte, os seus jovens a participarem das manifestações populares contra a Monarquia. Estas atitudes, ou a ausência delas, acabaram por enquadrá-lo em uma postura tida como conservadora, tanto quanto à do Papa Pio IX. Dom Bosco não apoiou a retirada da monarquia do poder, mas tampouco criticou-a ou levantou as causas da situação de pobreza em que vivia o povo e os graves problemas de sua época.

Dom Bosco alega que se tivesse tomado algum partido diante da efervescência pela qual passava a Itália, suas obras perderiam o verdadeiro sentido. Mas o fato é que Dom Bosco se dispôs seriamente com os padres da cidade, os chamados padres patriotas, que se envolveram ferrenhamente na questão política. Mesmo não apoiando os movimentos liberais, nesta ocasião o número de jovens do Oratório reduziu em muito. De quinhentos jovens, aproximadamente, somente por volta de cem permaneceram.

A atitude política de Dom Bosco é a de não deixar-se envolver pelos grandes debates que estão acontecendo naquele momento, que na sua visão deveria ser papel exclusivo dos partidos políticos. Esta atitude de não se deixar levar por estes debates, ele a impõe aos salesianos.

7 - A Congregação Salesiana – uma forma de perenizar os sonhos

Diferentemente do que ocorre com a maioria das congregações religiosas, a congregação salesiana foi formada no início por meninos que antes de ingressarem na vida religiosa haviam sido alunos de Dom Bosco no Oratório. Este fato, segundo ele, era a garantia de que a sua congregação não perderia nunca a identidade, a especificidade e o carisma, porque desde o início, os salesianos foram formados pelo próprio Dom Bosco, ao seu modo, ao seu gosto.

Institucionalizar o Oratório através da formação jurídica de uma congregação religiosa com todas as prerrogativas que este fato oferecia, pareceu oportuno e necessário para Dom Bosco, quando percebia que entrava já na última etapa de sua vida. Era a forma encontrada para consagrar o seu projeto, de fazer com que o estilo de vida e de trabalho em favor dos meninos pobres e órfãos tivesse garantia de continuidade. O caminho a ser seguido era o de formar com os dirigentes do Oratório uma congregação e esta se multiplicaria por várias partes da Itália e depois do mundo. Era, agora, o projeto do Oratório sendo ampliado e difundido conforme tinha previsto no sonho.

Posteriormente, após muitas dificuldades impostas pela autoridade diocesana, Dom Bosco conseguiu autonomia para as ordenações dos padres salesianos, que não mais dependeriam da aprovação do Arcebispo. Este fato significou que a autoridade diocesana acabaria por ter pouquíssima influência na vida da congregação, o que ainda ocorre hoje, de forma mais ou menos parecida, no relacionamento das congregações com os Bispos, sendo reservada a estes mais a autoridade pastoral, que a autoridade direta nas decisões e definições de projetos.

No inverno de 1854, Dom Bosco conversa com quatro jovens em seu quarto: Rocchietti, Artiglia, Cagliari e Miguel Rua, este último futuramente seria o sucessor de Dom Bosco à frente de todas as casas da congregação. Neste dia confidenciou a eles o seu desejo de fazer efetivar-se para sempre a obra do Oratório e a causa da juventude. Afirmou

sempre que Nossa Senhora queria que se formasse a congregação religiosa, que deveria se chamar ‘Salesianos’, projeto concretizado em 1859.

Muitas vezes Dom Bosco contava sonhos. Mas, agora ele fala de uma visão que teve da Rainha do Céu. Sempre utilizava a expressão: “Tive um sonho em que a Senhora falou-me sobre...” Desta vez, dizia estar em um lugar ornado com rosas por toda parte, inclusive o terreno. A sensação era gostosa ao tirar os sapatos e pisar sobre as rosas, mas aos poucos ia percebendo que as rosas escondiam os espinhos e seus pés iam ficando cada vez mais machucados. Calçando novamente os sapatos continuou caminhando. Muitos padres o seguiam e depois o abandonavam alegando terem sido enganados por Dom Bosco, que os levou a um caminho de beleza aparente, mas que no fundo escondia os espinhos. Porém, um grupo de padres devotava-lhe fidelidade e puderam caminhar com ele até o fim. Os seus seguidores estavam completamente desfigurados e machucados, mas aos poucos, sob um forte vento, suas feridas iam se curando. Vindo a soprar outro vento, viu um grupo enorme de jovens ao seu redor, muitos padres e leigos que se dispuseram a trabalhar com ele.

A certa altura a Virgem pergunta se ele sabia o que tinha visto e o que estava vendo. Sua resposta foi negativa. E ela explicou que o caminho por entre rosas e espinhos significava o cuidado que deveria tomar com a juventude, devendo, portanto, andar com o calçado da mortificação. Apesar de os espinhos serem os obstáculos, pediu a Dom Bosco e aos seus seguidores para que não desanimassem, pois com caridade e mortificação iriam superar tudo e chegariam às rosas sem espinhos.

Contou isto, conforme a própria narrativa, aos quatro jovens para que soubessem e tivessem certeza de que era Nossa Senhora quem queria que a congregação salesiana existisse. Em relação ao salário dizia: “Receberão em troca pão, trabalho e o paraíso”

O lema de Dom Bosco estava afixado em um cartaz em seu quarto: “*Da mihi animas, caetera tolle!*” (Dai-me almas, todo o resto pode ficar). Tinha o desejo que a pessoa humana viesse a salvar a sua alma. O restante, as riquezas e as outras coisas podiam ser deixadas de lado.

Pouco a pouco, parece que as coisas foram se concretizando. A Igreja de São Francisco de Sales foi construída e terminada. A grande Basílica de Maria Auxiliadora em

Turim também foi construída e ocupa o lugar central em todo o complexo das obras de Dom Bosco.

Os cardeais sugeriram ao Papa Leão XIII propor um desafio a Dom Bosco, para colocá-lo à prova. Este consistia em concluir as obras há muito tempo paralisadas da Igreja do Sagrado Coração de Jesus, em Roma. Assim o papa pediu a Dom Bosco este sacrifício, mas logo lhe avisou que dinheiro não tinha e contribuições não poderia fazer. Dom Bosco aceitou o desafio e concluiu a referida obra.

Embora tudo continuasse a acontecer de forma misteriosa, como o santo frisa ao longo de todos os seus relatos, o fato é que a cada momento apareciam pessoas querendo ajudar, fazendo doações, exatamente quando as necessidades pareciam querer sufocar e fazer com que tudo viesse a sucumbir.

Embora Dom Bosco fez questão de frisar em sua biografia que os recursos que mantinham as obras sempre apareciam de forma misteriosa, cabe uma possibilidade de interpretação: é possível que muitas vezes o próprio Dom Bosco tirasse proveito de alguma situação, levando as pessoas a fazerem doações de recursos para as obras. Havia grandes projetos e grandes ambições a serem cumpridos, assim seria razoável que se buscassem recursos onde quer que estivessem. Em relação às coisas que aconteciam diante das dificuldades, pergunta-se se Dom Bosco não procurava fazer e buscar os meios para que tudo viesse a acontecer.

A congregação por fim teve suas constituições aprovadas. Certas garantias foram conseguidas no que se referia às ordenações sacerdotais. A autorização de dez anos para ordenar seus próprios padres, foi por fim concedida “*ad aeternum*”, ou seja, para sempre.

Dom Bosco já nos últimos anos de sua vida fez viagens para a França e para a Espanha, a fim de tratar do crescimento e expansão da Congregação. Pe. Cagliero se tornou Bispo, conforme ele havia previsto e o Pe. Miguel Rua assumiu a frente da Congregação, diante da velhice e dos sinais de incapacidade física de Dom Bosco.

Há momentos nas narrativas que são cheios de emoção. São aqueles que referem-se aos últimos diálogos, antes de sua morte. Dom Bosco celebrou sua última missa no inverno, no mês de Dezembro e nos fins de Janeiro de 1888, no dia 31, começou a agonizar. No leito

de morte disse aos presentes: “Digam aos meninos que Nossa Senhora está aqui e que ela os ama muito”. Suas palavras foram reproduzidas assim: “Dom Bosco diz que Nossa Senhora ama a todos e os quer muito bem”. Ele insistia: “Não, não! Nossa Senhora está aqui e diz aos meninos que ela os ama muito.” Ao fim, diante da incompreensão dos presentes, já sem forças, Dom Bosco repete: “Nossa Senhora está aqui e os ama muito. Digam aos meus meninos que eu os espero a todos no paraíso!”

Capítulo III

O SISTEMA PREVENTIVO DE EDUCAÇÃO E SUA APLICAÇÃO EM CAMPINAS

I – O Sistema Preventivo de Dom Bosco

Neste capítulo se fará uma análise da presença salesiana em Campinas, levando-se em conta suas três obras aí instaladas. Para tanto, far-se-á necessário um levantamento histórico de cada colégio e a explicitação dos princípios norteadores do chamado sistema preventivo salesiano de educação; a análise desta pedagogia no que se refere à sua aplicação nas escolas de Campinas e, por fim uma tentativa de distinção dos elementos que se repetem nas três escolas e, também daqueles que estão presentes em apenas uma ou duas das três obras, e que constituem características específicas da realidade de cada obra e, por conseguinte, as ações educativas aí desenvolvidas, seu relacionamento com as famílias e alunos. Enfim, uma tentativa de mostrar como a obra salesiana em Campinas, objeto deste trabalho, esteve permeada ao longo de sua existência, por uma proposta moral concreta, assumindo o desafio de ser transmitida e vivida por seus educandos e por suas famílias.

1 - A Pedagogia Salesiana – O Sistema Preventivo de Educação e as bases do pensamento pedagógico de Dom Bosco

O pensamento salesiano está fundamentado no cristianismo e nos valores cristãos, respaldado pela atitude acolhedora do próprio Cristo: “Deixai vir a mim todos os

pequeninos” e “o Reino dos céus pertence a todos aqueles que se fizerem pequenos como as crianças” .⁵⁵

Várias experiências de congregações religiosas na França e em vários países, a partir do século XVI, têm sua pedagogia fundamentada na relação de amor do educador para com o educando. O próprio Santo Ignácio de Loyola, fundador da Companhia de Jesus, exerceu influência significativa na educação intelectual e moral. Com a *Ratio Atque institutio studiorum Societatis Jesus*, que se espalhou por toda a Europa, América e depois por todo o mundo a partir do século XVI, tinha como princípio que a Religião é base, o cume, o centro e alma de todo sistema educativo, destacando-se a prática da oração e a freqüência aos Sacramentos. Aos professores era proibido usar de métodos violentos para castigar seus alunos, embora existissem formas de punição. Desta pedagogia, institui-se o sistema de premiação anual que acabou por influenciar várias outras pedagogias.

A partir do século XV a Igreja propõe um gradativo retorno a uma moral mais rígida, como forma de combater as idéias modernas e os avanços da Reforma Protestante. As congregações religiosas terão um papel fundamental na reconstrução de um novo modelo de sociedade, colaborando para o retorno ao antigo código moral católico.

É significativo o processo de fechamento pelo qual passou a moral no período que vai do século XV ao XIX, sendo que neste último o rigor moral teve seu momento culminante. Os elementos contribuintes deste fechamento foram as resoluções tomadas pela Contra-Reforma da Igreja Católica, tendo como principal instrumento de defesa da fé e moral cristãs o Concílio de Trento. A Companhia de Jesus foi talvez a instituição que mais se prestou à aplicação das normas definidas por tal concílio, porque nas suas constituições, além dos votos de obediência, castidade e pobreza, consta um quarto voto, especial, de obediência irrestrita ao Papa.

Mas as congregações religiosas, sejam as antigas que passaram por restauração, sejam as inúmeras que foram criadas no período que tem início com a Contra-Reforma, vão propiciar e contribuir para a realização desta nova proposta.

⁵⁵ Cf. Evangelhos: Mt 18, 3; Mc 9, 37; Mc 10, 15

É importante destacar que, na Igreja surgiram, neste momento, congregações dedicadas exclusivamente à obra da educação, principalmente na França e na Itália. No primeiro país surge Marcelino Champagnat com a Congregação dos Irmãos Maristas, já beatificado pela Igreja Católica; a Congregação das Escolas Cristãs fundada por São João Batista de La Salle, os Lassalistas. Na Itália aparecerão educadores, contemporâneos de Dom Bosco, e que com alguns deles manteve relacionamento, como Ludovico Pavani que iniciou a Congregação do Oratório de São Luiz para aprendizes órfãos e abandonados, com ideais parecidos aos de Dom Bosco: religião, razão, amor e doçura, vigilância e assistência, dentro de uma estrutura familiar com intenso compromisso com o trabalho; São Filipe Neri fundou a Congregação do Oratório; Antonio Rosmini que falava de uma pedagogia preventiva e diretiva; Aporti, que era muito ligado a Dom Bosco e só concebia a educação como preventiva. Estes religiosos, educadores e Dom Bosco tiveram marcada atuação junto a prisão e casa de correção de Turim, a chamada *La Generala*.

Diante de todo este quadro, percebe-se que a Igreja Católica não só facilitou, mas ofereceu também meios para que as mais diversas iniciativas educacionais viessem a se tornar congregações religiosas, como forma de assegurar, pela educação, a formação de uma sociedade fundada em valores morais definidos pela Igreja. Estes fundadores de congregações foram precursores e realizadores de uma nova proposta de sociedade, marcada pelos conceitos e valores morais aos quais a Igreja acreditava e entendia como necessários à formação daquela sociedade. Assim, Dom Bosco e a congregação salesiana, que tinham uma postura moral conservadora, também serviram de instrumentos para a realização deste projeto de sociedade desejado pela Igreja que teve seu auge no século XIX. Já no século XX, a Igreja se verá obrigada a assistir e a aceitar a abertura gradativa para novas perspectivas e valores, que assumem aos poucos um caráter praticamente irreversível.

2 – Espírito de família

Dom Bosco, a partir do contexto em que viveu, demonstra claramente uma preocupação em manter em pé e a todo custo uma valorização da religião católica. Acredita que a educação na família com uma continuidade na escola seria o instrumento ideal e eficaz para a formação de uma nova mentalidade católica.

É comum encontrar em suas cartas e também nos discursos das viagens que fazia em visita às suas obras, um descontentamento e mal-estar em relação ao tipo de catolicismo que naquele momento viviam certos países que em tempos anteriores foram nações católicas modelares.

Um dos pontos importantes nos quais se fundamenta o Sistema Preventivo de Dom Bosco são as relações familiares. A partir do exemplo de sua família nos Becchi, ou do desejo de que o Oratório fosse tudo o que sua família não foi, realmente um lugar aprazível, ideal para se viver, onde reinasse a harmonia, fez com que ele buscasse no exemplo da prática de vida de sua mãe, o modelo para a organização de sua obra. O Papa Pio XII, mais tarde, referindo-se a Dom Bosco, afirmou: “A mãe que ele teve explica em grande parte o pai que ele foi para os outros.”

O Oratório e, posteriormente todo o sistema preventivo, foi pensado ao estilo de família. Outros autores especializados em Dom Bosco repetirão esta mesma idéia, de que ele inspirou-se fortemente nos exemplos de fé, de coragem, de sobriedade diante de situações difíceis, os quais foram ensinados por sua mãe.

Quis que sua obra toda fosse uma comunidade educativa ao estilo de família. A comunidade será portanto um lar paterno, uma família. Nunca deverá ser uma coletividade, um convento e, muito menos, uma caserna.

O lema da Congregação escrito em latim: “*Da mihi animas, cetera tolle*” Dai-me almas, todo o resto podes tomar” revela a grande preocupação que Dom Bosco demonstrou ao longo de toda a sua vida com a salvação da pessoa. O sistema preventivo foi o caminho escolhido para a realização deste ideal.

3 - Sistema Repressivo e Sistema Preventivo

De acordo com os primeiros escritos no início do Oratório, Dom Bosco primou tanto pelo modelo familiar, que não havia filas e não se guardava o silêncio. Somente a partir de 1884, as casas salesianas adotaram o regime de filas, o que descontentou muito a Dom Bosco.

Nas casas salesianas ainda hoje exige-se que o ambiente escolar seja fraterno, familiar. O educador que se propõe a trabalhar em uma casa salesiana deve assumir um compromisso de freqüentar o pátio, bem como todos os ambientes que fazem parte do universo escolar do educando. É o espírito de fraternidade, mas ao mesmo tempo, também de vigilância.

Dom Bosco valorizava como metas a serem alcançadas pelo educando os chamados três “s”, que mais tarde culminaram no tripé de sua pedagogia. O educando deveria almejar em sua vida em primeiro lugar a santidade. Era a condição para ser considerado pessoa de bem e, conseqüentemente querido por Deus. Era o caminho árduo e de luta para se livrar diariamente dos vícios e dos desmandos da vontade, buscando atingir a perfeição. Em seguida, havia a preocupação com a saúde, que implicava nos cuidados com o corpo e com a preservação da vida no seu aspecto físico, material. O terceiro “s” dizia respeito à sabedoria. Após o bem estar espiritual e físico, o caminho estava aberto para a o engrandecimento humano. Teria destaque no mundo e na vida aqueles que conseguissem alcançar a sabedoria.

Segundo o ponto de vista de Dom Bosco, o homem que conseguisse atingir ao longo da vida os três “s”, teria chegado próximo da realização plena. E, a partir destes objetivos tidos como mira, ou meta a serem atingidas, o caminho, ou os meios que proporcionariam a realização destas metas seria o seu sistema preventivo de educação, através do tripé “Razão, Religião e *Amorevolezza*”.⁵⁶

⁵⁶ *Amorevolezza*, palavra italiana que não tem uma correspondente específica na língua portuguesa, muitas vezes é traduzida por “bondade”. Porém, estudando-se mais a fundo a obra de Dom Bosco, percebe-se que além de bondade, esta palavra referia-se à forma de abordagem do educador salesiano junto ao educando. Esta abordagem deveria ser de constante vigilância, porém amigável, afável, bondosa, de forma que o educando pudesse perceber em seus educadores uma continuação das relações familiares. No mesmo sentido o bom pai e a boa mãe não deveriam deixar nunca seus filhos desamparados e sem acompanhamento integral em todos os momentos de suas vidas.

O sistema salesiano de educação, intitulado de “Sistema Preventivo de Dom Bosco”, na verdade é uma proposta educacional que vai contra aquilo que ele classificou como sistema repressivo de educação.

No sistema repressivo, quatro elementos aparecem com destaque: em primeiro lugar as “regras” que são postas e que devem ser seguidas; em segundo lugar aparece a “vigilância”, ou seja a fiscalização do cumprimento das regras; um terceiro elemento que aparece é a “espera”, ou seja o tempo necessário para se verificar sobre o cumprimento das regras e, em quarto lugar aparece a “punição” que é o elemento aplicativo de uma lei que supostamente não tenha sido cumprida.

No sistema preventivo aparecem também quatro elementos, de certa forma semelhante ao do repressivo: em primeiro vêm as “regras”, tal qual no sistema repressivo; em segundo lugar vem a “vigilância”, que também segue o mesmo esquema do sistema repressivo. O ponto inovador é o terceiro, que opostamente à inércia da espera do sistema repressivo, aqui ocorre a “orientação cerrada”, que atua de forma marcada sobre o educando. Em quarto lugar espera-se não mais a necessidade de punição, mas que se tenha uma situação de “ausência do erro”.

Os dois sistemas educacionais apresentam elementos contrapostos como amor e temor, severidade e indulgência, desconfiança do homem e confiança em Deus, sentido do pecado e entrega à graça divina, pessimismo e otimismo em relação ao homem quanto à sua idade evolutiva e educabilidade.

4 - O tripé da Pedagogia Salesiana – Razão, Religião, Amorevolezza

Embora tivesse resistido à idéia de escrever sobre seu sistema de ensino, por fim Dom Bosco terminou escrevendo um opúsculo em que explanava as principais concepções que nortearam o seu sistema educativo.

As idéias básicas foram escritas em 1877, em Nizza, e tinham por título *“Inaugurazione del Patronato di San Pietro in Nizza a Mare e scopo del medesimo esposto dal sacerdote Giovanni Bosco, com appendice sul sistema preventivo nella educazione della gioventu..”* que, além de ter como ponto central a oposição prevenção x repressão, apresentava como fundamentos a Razão, a Religião e a Amorevolezza.

Em relação à Razão, dizia Dom Bosco que todo o campo da educação deveria estar permeado por um tipo de racionalidade que rejeita o sentimentalismo, o pietismo devoto, substituído por uma piedade convicta, consciente e baseado na instrução religiosa séria.

Razão é isenção de formalismos e distanciamentos. Não inclui o pecado mesmo que, para alguns, este pareça normal ou natural. Significa bom senso, normalidade. Assim, o aluno deve conhecer, antecipada e claramente, o que deve fazer e ser ajudado no seu cumprimento. Só depois é que se pode racionalmente exigir.

A disciplina nas casas salesianas sempre foi um ponto muito perseguido por Dom Bosco e exigido por ele nas obras. Dom Bosco a entendia como um modo de viver conforme as regras e costumes de uma instituição, mas que deveria se evitar o autoritarismo “dominador”. A ordem tem em si uma racionalidade e esta deve ser usada para justificar a autoridade e a disciplina.

Em relação aos castigos, Dom Bosco procurou enquadrá-los dentro do tripé de sua pedagogia. Nos escritos existem menções a respeito dos castigos e claramente é dito: “Porquanto possível, jamais se faça uso deles”. Alegava Dom Bosco detestar os castigos e não gostava de dar avisos com ameaças a quem cometesse faltas. Recomendava aos superiores o diálogo amoroso e persuasivo a fim de que se evitasse os castigos. Interessante é o fato de que quem aplicaria os castigos, caso houvesse necessidade, era o Prefeito de Disciplina, evitando assim um desgaste da figura do Diretor.

A respeito da “Religião”, Dom Bosco acreditava que esta deveria ajudar o jovem a atingir a maturidade cristã e tornar-se bom cidadão, o que veio a tornar-se uma frase célebre, que acabou por definir os objetivos do sistema preventivo: “formar bons cristãos e honestos cidadãos”. Claro que, pensando-se na Itália do século XIX, que vivia toda a problemática da unificação, havia conseqüentemente a necessidade de construir uma

identidade nacional, 'o cidadão'. Esta situação acabou por influenciar a prática de Dom Bosco e constar como uma de suas grandes preocupações.

A religião, segundo Dom Bosco, tem um papel importante no encaminhamento para a santidade, que era entendida em união com salvação. Esta salvação só ocorre com a prática da virtude que antecede a santidade. Nas constituições das casas constava a obrigação que os formadores tinham de, além de encaminhar o jovem para o saber, as ciências, as artes, deveriam encaminhá-los, sobretudo, nos períodos etários que mais oferecem perigos à juventude, a uma iniciação prática da religião. Fica claro que, dentro das propostas de Dom Bosco, a religião tinha um papel muito importante e deveria servir de auxílio na construção do caráter da criança e do jovem.

Constava dos conteúdos desta religião a pregação a respeito dos “novíssimos” do homem, ou seja, uma pregação que abordava uma síntese escatológica dos acontecimentos da vida do homem, desde sua criação até o seu retorno para Deus, passando pelas diversas fases da vida, a chegada da morte e os destinos do ser humano após a morte, de acordo com o que viveu (morte, juízo, inferno ou paraíso), predominando no pensamento de Dom Bosco a idéia de que o Paraíso era o fim de toda aspiração humana.

Dentro da proposta de religião no sistema preventivo, havia um aspecto coercitivo. Este se revelava através da frase que ficou famosa: “Deus te vê!”. Através desta pequena frase, mas de conteúdo imenso, muitas vezes eram conseguidos o amor ao trabalho, a fuga dos perigos, a ordem e a disciplina, a vida de oração, o refúgio das más companhias. Esta frase fora dita muitas vezes e em várias épocas nos Oratórios. Ficou com certeza, impregnada nas mentes e nos corações, no dia-a-dia das casas salesianas. Era uma das formas espirituais eficazes de fazer com que os meninos preferissem não errar, não cometer pecados a ter que se humilhar diante deste Deus que de antemão tudo sabia, através da estratégia do medo, da repulsa ao castigo divino, e mesmo diante da vergonha de se tornar desprezível diante de Deus.

Em relação a “amorevolezza”, esta pode ser entendida como uma bondade vigilante, ou mesmo como “amor exigente”. Ama-se sim, porém exige-se entrega, abnegação e, sobretudo que este amor seja correspondido. É o amor sobrenatural, misto de racionalidade

e compreensão humana, paterna e fraterna que transforma o ambiente educacional em família.

A exigência aos educadores de freqüentarem os pátios e todos os ambientes em que os alunos estejam é a forma de, ao mesmo tempo vigiar e impedir o erro, mas também de fazer uma aproximação afetiva do jovem, do educando, suprimindo a ausência dos membros familiares.

A amorevolezza é o centro do sistema preventivo. Ela significa a pretensão de transformar em presença afetuosa e contínua a ação do educador entre os alunos. Dom Bosco dizia que não é suficiente amar os jovens, mas é necessário que estes saibam que são amados.

Um segundo aspecto da amorevolezza é a alegria. O próprio Dom Bosco, ainda quando estudante criou a Sociedade da Alegria. Para a realização da alegria, deveriam ser utilizados todos os métodos: o teatro, o cinema, a música, o canto e os passeios.

Na amorevolezza deveriam se fazer presentes os ideais da bondade e mansidão propostos por São Francisco de Sales, que foi o santo inspirador de Dom Bosco. O santo inspirador da obra salesiana viveu por volta do século XVI e é considerado o santo da bondade e mansidão. É famoso pela firmeza de caráter e pela seriedade no cumprimento da vida cristã. Nele, Dom Bosco vai buscar inspiração e o nome, em princípio para o Oratório, e depois para a Congregação. São chamados Salesianos de Dom Bosco, em homenagem a São Francisco de Sales.⁵⁷

5 - Alcances do Sistema Preventivo de Dom Bosco

⁵⁷ São Francisco de Sales, nasceu em Savoya, em 1567 e morreu em Lyon, em 1622. Ordenado padre em 1593, trabalhou como missionário em região dominada por calvinistas. Em 1602 torna-se Bispo titular de Genebra. Aplicou em sua diocese os métodos preconizados pelo Concílio de Trento. Em 1610, junto com Santa Joana de Chantal, fundou a Ordem da Visitação, uma ordem ao mesmo tempo contemplativa e ativa. Apresentou o essencial de sua direção espiritual na "Introdução à vida devota" (1609). Sua espiritualidade, sorridente, mas exigente, dominada por um grande talento literário está presente no "Tratado do Amor de Deus" (1616) e "Exercícios Espirituais" (póstuma). Foi canonizado em 1665 e declarado Doutor da Igreja em 1877.

Para Dom Bosco, o Sistema Preventivo consistia em um modo de viver, já que para o mesmo santo a vida deveria ser entendida como uma missão, um dever, um talento a negociar, um compromisso. Assim sendo, deve ser planejada, ordenada e regulada por normas objetivas e verdadeiras, segundo o plano de Deus. Indicou aos jovens um “programa de vida”, frisando a importância do cumprimento do dever. Dizia que fazer um programa de vida era um ato de responsabilidade.

Nos escritos intitulados “Numerosas lembranças aos jovens” ele fazia recomendações para serem seguidas diariamente:

“Os juvenzinhos devem sempre pensar e estudar o estado de vida; devem tentar obter vitória sobre as tendências más e o respeito humano; uso justo do divertimento; confissão e comunhão, livros devotos e companheiros devotos; caridade e perdão; todo veneno é menos fatal à juventude que livros maus; as companhias; a constância; uma das maiores loucuras do cristão é esperar sempre, para colocar-se no caminho bom, dizendo depois como se estivesse certo do futuro e como se pouco importasse colocar-se logo em seguro. Confessar-se cada 15 dias pelo mais tarde; um pouco de meditação e leitura espiritual todos os dias; o exame de consciência todas as noites; a visita ao Santíssimo e à Nossa Senhora; a Congregação; o protesto de uma boa morte; e sobretudo uma constante, terna, e veraz devoção a Maria Santíssima...”

No que se refere às normas morais utilizava-se e ainda se recomenda sejam utilizadas nas casas salesianas o “boa-noite” ou “bom-dia”. São pequenas palestras diárias em que o Diretor proferia palavras de estímulo, de reconforto, de chamada de atenção ou de reprimenda para algum ponto da vida cristã. Estas sessões que deveriam acontecer diariamente cumpriam um papel relevante no que diz respeito à transmissão do caráter e das exigências da vida cristã.

Além do “boa-noite” eram utilizadas cartas aos alunos e às casas, ditando o direcionamento moral a ser seguido. Dentre esses escritos que Dom Bosco deixou, constam “Carta aos Diretores”, “Carta sobre os castigos”, “bilhete para as férias”, “cartas particulares aos jovens” e outras.

Ainda sobre as casas, Dom Bosco atestou por muitas vezes que o Oratório e, depois os Colégios, deveriam ser ambientes saudáveis e alegres. Eram de importância capital os

brinquedos, o pátio, as práticas esportivas. Esses eram alguns dos meios pelos quais Dom Bosco acreditava que se pudesse cativar os jovens.

Como resultados alcançados, analistas do Sistema Preventivo têm a posição que os mesmos resultados são o próprio sistema educativo, criado e posto em prática pelo próprio Dom Bosco. Não foi algo excessivamente teorizado, mas foi algo que surgiu a partir de uma práxis.⁵⁸

Jovens educados por Dom Bosco foram canonizados ou tiveram suas vidas propostas para processo de santidade: São Domingos Sávio, o primeiro adolescente não mártir canonizado; Miguel Magone e Francisco Besucco. Educadores salesianos também: os bem-aventurados Miguel Rua e Filipe Rinaldi, respectivamente primeiro e terceiro sucessores de Dom Bosco no governo geral da Congregação, e o Pe. Rodolfo Komorék.

A própria Congregação Salesiana foi fundada não apenas com seguidores de sua proposta, mas principalmente nos primeiros anos, por alunos do Oratório, alunos de Dom Bosco. Este formou mais de 1000 padres diocesanos; fundou com Maria Mazzarello em 1872 o ramo feminino da Congregação salesiana, as “Filhas de Maria Auxiliadora”, que desenvolveriam toda a obra salesiana para as meninas; obteve dentre seus alunos vários bispos, um cardeal (João Cagliero); fundou em 1876 o ramo leigo: Cooperadores Salesianos e, mais tarde a Associação dos ex-alunos, que teve presença marcante ao longo de toda a existência da obra salesiana.

Ainda que os estudiosos de Dom Bosco afirmam que ele teria evitado deixar seu sistema educativo por escrito, para que seus seguidores o interpretassem e reinterpretassem de acordo com as circunstâncias de cada época e sociedade, também parece fazer sentido a idéia de que ele fez questão de deixar várias normas e diretrizes bem definidas para serem observadas pelos seus seguidores na obra salesiana.

II - Presença Salesiana em Campinas – três obras

⁵⁸ Isaú, Manoel, *As escolas sob regime de internato e o sistema salesiano de educação no Brasil*, Tese de Doutorado-USP, S.Paulo, 1999, Mimeo.

1 – Objetivos iniciais dos salesianos em Campinas

Os Salesianos de Dom Bosco vieram ao Brasil com uma proposta educativa bem definida: fundar Oratórios e Escolas de Artes e Ofícios, às quais se acrescenta o ensino agrícola e comercial.

Numa primeira instância a educação católica tinha a preocupação de formar a elite responsável pela sociedade e, no contexto pedagógico-cultural, a dimensão doutrinal assumia especial relevância. O aluno devia viver o mundo da graça através de uma adesão irrestrita à fé e a libertação do profano. Cultivava-se nos alunos a prática sacramental e estes eram despertados para o sacerdócio e à vida religiosa. Mantinha em sua estrutura interna apenas religiosos, tanto no quadro administrativo como no docente, para uma demanda numerosa em regime de internato ou semi-internato.

Numa segunda instância a escola católica revestia-se de caráter beneficente, acolhendo e amparando alunos pobres, propiciando-lhes abrigo, alimentação, escolaridade, lazer, profissionalização e a doutrina católica.

Nesse segundo enfoque foi criado o Liceu de Artes e Ofícios, depois Liceu Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora de Campinas, pelo Cônego Nery, para acolher órfãos da epidemia de febre amarela que assolou a cidade. Já na primeira década do século XX, em 1909, a prática de “Artes e Ofícios” para os alunos do Liceu transferiu-se para o Externato São João, denominado primeiramente “Oratório Festivo São João”, localizado numa chácara adquirida de Francisco Salles, que por ser mais central, viabilizou a instalação e o uso de oficinas profissionalizantes. As aulas do Externato começaram a funcionar no início de 1910 e nos primeiros anos foi casa sucursal do Liceu.

2 - Dom Nery

A vinda dos padres salesianos a Campinas está diretamente ligada aos interesses do futuro bispo de Campinas, Dom Nery. Campinas somente viria a se tornar uma Sede de Bispado em 1908 com a nomeação do então Cônego Nery para a direção da nova Diocese.

O Cônego João Baptista Correa Nery, depois Dom Nery, nasceu em Campinas, filho de família humilde que vivia à Rua Conceição. Sabe-se que viveu um tempo com os avós em Itatiba e, tendo retornado a Campinas, cursou várias casas de ensino, sendo uma delas mantida pela Loja Maçônica Fidelidade. Demonstrava certos dotes artísticos e especialmente inclinação para arte dramática. Aos onze anos foi aceito, com bolsa integral, por intermédio de Campos Sales, no Colégio Culto à Ciência, vindo posteriormente a manifestar aos pais o desejo de tornar-se sacerdote, após participar de uma reza na Matriz Velha, em um dia de segunda-feira, dia consagrado às almas, com a alegação de que “queria tornar-se sacerdote para interceder pelas almas dos que se foram deste mundo”.

No Seminário era constantemente ridicularizado pelos colegas e menosprezado por ter vindo do interior. Porém em pouco tempo manifestou dotes de oratória e, em 1886 tornava-se sacerdote. Nesta função foi muito influente em sua cidade natal, onde exerceu o cargo de pároco da Matriz de Santa Cruz até 1894, quando foi transferido para a Matriz da Conceição (Matriz Nova).

Teve atuação marcante não somente no que diz respeito ao cuidado das almas, mas também nas questões sociais e políticas que envolviam estas mesmas almas. Assim, nos anos da febre amarela em Campinas, grande foi o trabalho realizado pelo Cônego Nery na busca de solução para os imensos problemas pelos quais passava a cidade.

3 - O Liceu Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora

No contexto da grave situação da febre amarela que acometia a cidade, o Cônego Nery funda um internato para meninos órfãos vítimas da epidemia. Em 1893 é lançada a

pedra fundamental do Liceu de Artes e Ofícios, uma escola-oficina-internato, em terras doadas pelo fazendeiro de café em Campinas, o Barão Geraldo de Rezende.

O edifício foi concebido já nos inícios com suntuosidade, à imitação de prédios de arquitetura européia. O prédio do Liceu, ainda que tenha passado por sucessivas modificações ao longo dos seus cem anos, lembra de certa forma o prédio do Museu do Louvre, em Paris. Até 1896, o primeiro pavimento já estava mais ou menos concluído, com recursos vindos de doações de famílias ricas campineiras e também de apresentações no Teatro São Carlos de mais de cinquenta peças que tinham o objetivo de angariar recursos para as obras do Liceu.

Em 1896, o Cônego Nery é nomeado Bispo do Espírito Santo e, diante deste fato, necessita mudar-se da cidade para assumir sua Diocese. Assim viaja à Europa a fim de fazer contato com os superiores da Congregação dos Salesianos para que estes viessem a assumir a direção do Liceu de Campinas.

Os padres salesianos que já se encontravam no Brasil desde 1883 em Niterói, São Paulo e algumas outras cidades, assumem a direção do Liceu Nossa Senhora Auxiliadora, em Campinas.

A chegada dos salesianos a Campinas, no final do século XIX, ocorre em um momento em que a escola pública está em franca expansão, mas que apesar disto não consegue dar conta de atender toda a população que procurava ensino para seus filhos. Tal fato pode revelar que o interesse dos salesianos era o de fortalecer e marcar sua presença no campo educacional, tal qual já acontecia com sua congregação na Europa.

Talvez, das características que dão forças ao projeto salesiano, a que mais se destaca é justamente a religiosidade. Pois era esta a diferença que esta escola podia oferecer naquele momento determinado. Além de trazerem na bagagem a experiência de uma congregação voltada para a educação e que gozava de sucesso e prestígio na Europa, traziam a possibilidade de aliar um bom ensino no que se referia às ciências, mas também a oferta de educação religiosa.

As terras onde foi construído o Liceu ficavam nos arredores da cidade de Campinas, na colina do Guanabara, na época despovoada e de difícil acesso. Tem-se notícia de que

algumas famílias faziam esforços para dirigirem-se aos domingos à noite até o Liceu para assistirem peças teatrais encenadas pelos meninos e, considerando-se as dificuldades de transportes da época, eram colocados alguns bondes especiais.

Os primeiros anos com certeza foram de dificuldades, pois havia que se terminar o colossal edifício e dar nova característica à obra. A partir da posse pelos salesianos, o Liceu vai tornar-se Liceu Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora, deixando de ser o Liceu de Artes e Ofícios. No início havia poucos salesianos trabalhando na obra e os padres acumulavam funções. Não havia aposentos adequados e equipados, as salas de aula eram improvisadas, e o prédio, ainda não terminado, já apresentava problemas no telhado.

Apesar das dificuldades, o ano de 1898 encerrou com 83 alunos matriculados, distribuídos em quatro classes. O índice de aprovação neste ano, conforme registro de matrícula, foi de 100%.

Quadro 1

<p><i>Diretores do Liceu Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora – 1897-2000</i></p> <p>1 - Pe. Alexandre Fia Musso – 1897-1900</p> <p>2 - Pe. Luiz Gonzaga Giudice – 1901-1908</p> <p>3 - Pe. Domingos Albanello – 1909-1910</p> <p>4 - Pe. Carlos Peretto – 1911-1912</p> <p>5 - Pe. Manoel Gomes de Oliveira – 1913-1917 *</p> <p>6 - Pe. Luiz Zanchetta – 1918-1921</p> <p>7 - Pe. Vicente Maria Priante - 1922-1925**</p> <p>8 - Pe. Francisco Xavier Lanna – 1926-1932</p> <p>9 - Pe. Emílio Carlos Philippini – 1933-1935</p> <p>10 - Pe. Emílio Miotti – 1936-1941</p> <p>11 - Pe. Virgínio Fistarol – 1942-1944</p> <p>12 - Pe. Escalabrino Olívio – 1945-1947</p> <p>13 - Pe. Bartolomeu Poli – 1948-1950</p> <p>14 - Pe. Avelino Canazza – 1951-1953</p> <p>15 - Pe. Melico Cândido Barbosa – 1954-1959</p>	<p>16 - Pe. João Baldan – 1960-1965</p> <p>17 - Pe. Geraldo Leite Cintra – 1966-1967</p> <p>18 - Pe. Mariano Stacieski – 1968-1970</p> <p>19 - Pe. Antonio Hércio Raserá – 1971-1973</p> <p>20 - Pe. Germano Slomp – 1974</p> <p>21 - Pe. Narciso Ferreira – 1975-1980</p> <p>22 - Pe. Dilermando Luiz Cozatti – 1981-1983</p> <p>23 - Pe. Irineu Danelon – 1983-1986 ***</p> <p>24 - Pe. Ademar Gonzaga da Costa – 1986-1988</p> <p>25 - Pe. Plínio Possobom – 1989-1991</p> <p>26 - Pe. Sérgio Baruffi – 1992-1997</p> <p>27 - Pe. Ailton Trindade – 1998-.....</p> <p>* Nomeado Bispo de Goiás, em 1923.</p> <p>** Nomeado Bispo de Porto Velho-RO</p> <p>*** Atualmente Bispo de Lins-SP</p>
--	--

O seu primeiro diretor, Padre Alexandre Fia Musso, italiano, fez sua profissão religiosa com o próprio Dom Bosco. Era de caráter firme e de feições duras, vindo a enfrentar problemas com a sociedade campineira no que se refere ao seu modo de agir em relação à disciplina dos alunos, rigidez na concessão de folgas aos internos e outras questões disciplinares. Tais desentendimentos entre pais e direção foram parar em queixas públicas sob a forma de cartas no jornal Diário de Campinas.

Apareciam assim os primeiros conflitos dos educadores europeus, que embora viessem para aplicar no Brasil o Sistema Preventivo de Dom Bosco, que se opunha ao Sistema Repressivo de Ensino, traziam uma cultura escolar de certa forma contrária ao discurso de Dom Bosco.

Era necessário habilidade para levar a Direção de um estabelecimento como o Liceu, que embora aos poucos estivesse mudando seus objetivos, fora uma obra iniciada pelo Cônego Nery, essencialmente com recursos arrecadados junto à população da cidade e obviamente com recursos advindos da elite. Esta sentia-se também “co-proprietária” daquela obra iniciada para atender os órfãos da febre amarela. Sentia-se de certa forma com direito a participar nos destinos e na administração da obra. A animosidade e o mal estar criado entre a direção do Colégio e a população foram resolvidos somente com a substituição do diretor.

Já o segundo diretor “deu provas de visão administrativa, conseguindo o respeito e a estima das autoridades, bem como o acesso às chamadas famílias generosas de Campinas. Fez-se próximo das famílias do Barão Geraldo de Resende, a quem devotava carinho filial, do General Francisco Glicério, do Dr. Antonio Álvares Lobo, do Dr. Lopes Martins, entre outros”.⁵⁹

A partir do que foi relatado acima fica claro que o novo diretor do Colégio tinha clareza sobre seu papel político na cidade e adotou uma posição conciliatória com representantes de setores importantes da sociedade campineira, tendo podido, além de consertar o mal estar criado por seu antecessor, alcançar o término da construção do Liceu.

Para realizar tal intento foram feitas inúmeras campanhas, festas, leilões e representações no Teatro São Carlos. O apoio dado pela imprensa local também foi de grande importância para que o Liceu conseguisse recursos junto à população.

Mas era necessário mudar o caráter da obra do Liceu, pois, já nos primeiros anos de funcionamento, os padres salesianos perceberam a possível falência da obra. Ainda assim, havia bom funcionamento do internato, pois os meninos estavam sendo atendidos e produzindo. Porém tudo o que produziam, como fruto da escola-oficina, não tinha

⁵⁹ Negrão, Ana M. de Mello, Arcadas do Tempo, O liceu tece cem anos de história, SP, DBA Ed. 1997.

compradores. Então pensou-se em adquirir um terreno no centro da cidade de Campinas e se transferir as oficinas para um local próximo da população, além de que era problemática a convivência dos meninos mais favorecidos, com os aprendizes provindos dos grupos pobres da população, aliado ao fato de que o ensino profissionalizante encontrou certa resistência da sociedade. Diante desse quadro, já na virada do século XX, tinha-se em mente fundar o Externato São João, como uma extensão do Liceu.

Não é atividade fácil e muito menos tão precisa, a tarefa de decifrar os verdadeiros motivos que determinaram o desmembramento do Liceu em mais outras duas obras na cidade Campinas.

Porém, o Pe. Giudice assume esta postura no momento posterior à visita do Pe. Albera às casas salesianas da América. O Liceu de Campinas constava no roteiro das visitas oficiais do representante do Superior Geral da Congregação, Pe. Rua, sucessor de Dom Bosco no governo da Congregação.

Fragmentos de relatos oficiais da visita do Pe. Albera ao Liceu podem dar algumas pistas do interesse que a Congregação tinha no momento: separar as obras e seus objetivos na cidade e expandi-las:

“Esta casa foi doada à Congregação por Dom Nery. Será necessário ajustar melhor as coisas. Eu não pude falar mais tempo com o Bispo, como esperava. De resto procurei sugerir-lhe fazer as coisas de modo mais seguro para nós.

A casa tem 32 mil francos de dívidas e mantém-se bem longe de estar terminada. Pe. Fia Musso criou animosidades com os principais habitantes de Campinas. Foi substituído pelo Pe. Giudice, o qual conseguiu a acolhida de todos. Esperemos que o Colégio possa equipar bem a parte já existente. As pessoas que encontravam dificuldades em estar de acordo e conviver com Pe. Fia, agora o fazem muito bem com o novo diretor. Posso dizer que agora tudo está mudado e Dom Correa Nery está muito contente com a mudança.”⁶⁰

O trecho acima evidencia que embora Dom Nery tivesse doado a obra aos salesianos, ele mantinha um interesse muito grande no que se referia ao seu funcionamento. O futuro da educação cristã e também da religião católica em sua diocese passava em parte pela educação oferecida à população no Colégio Católico. Por outro lado, há um interesse

⁶⁰ Cf. Negrão, 1997, Fragmentos citados sobre a visita do Pe. Albera, visitador geral às casas salesianas da América, enviado em nome do Pe. Rua, Superior Geral da Congregação. Op. cit. p. 84.

de expansão das obras salesianas representado pela necessidade de divisão das atividades e prestação de serviços educacionais na cidade, repartindo-as em segmentos.

O estudo de MICELI (1988) aponta para o fato de que as congregações religiosas que se instalaram no Brasil a partir da separação Igreja e Estado tinham objetivos claramente patrimonialistas. Esta teoria pode ser aplicada ao caso dos salesianos no Brasil, sobretudo no período em questão. Era necessário assegurar o crescimento patrimonial que desse respaldo aos projetos futuros da Congregação, bem como à sua sobrevivência. A região de Campinas, neste momento, uma região cafeeicultora, parecia proporcionar à Congregação o lastro econômico necessário à sua expansão.

As dívidas do Liceu e o término da obra eram prioridades nos projetos da Congregação, para que este pudesse abrigar de forma plena suas atividades de curso comercial e de internato, podendo assim, vir a atender de forma específica àquela faixa da população que tinha recursos para manter seus filhos em uma instituição de ensino de renome. Pois esta elite, ao mesmo tempo em que desejava aos seus filhos uma colocação na sociedade, diferente da que estava destinada a maioria da população, almejava se possível, fazer com que seus filhos se preparassem para ocupar funções e cargos públicos.

Os primeiros padres salesianos vindos ao Brasil eram procedentes dos primeiros grupos de missionários provenientes da Itália. Muitos dos primeiros diretores do Liceu Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora ou conviveram com o próprio Dom Bosco, ou tiveram a “tomada de hábito” de suas mãos, ou mesmo foram seus alunos no Oratório. Este dado aponta para o fato de que a obra salesiana no Brasil, e em especial em Campinas, teve uma característica muito forte, de inspiração na fonte que foi o próprio Dom Bosco em relação a alguns objetivos da congregação, ainda que tenham enfrentado problemas com o jeito de ser próprio dos brasileiros.

Nos anos que se seguiram, o número de alunos matriculados no Liceu foi crescendo, contando com muitos alunos provenientes de cidades vizinhas, devido às facilidades de transporte pelos trens que afluíam para a cidade.

No ano de 1916 o Liceu constrói um estande para exercícios de tiro. Na apresentação oficial estiveram presentes o Bispo Dom Nery, o Inspetor da Congregação e

Joaquim Vieira de Mello Filho, vindo do Rio de Janeiro, nomeado instrutor militar do Liceu.

Os exercícios militares no Liceu alcançaram tamanho rigor e disciplina que os alunos foram levados ao Rio de Janeiro, na parada de 7 de Setembro, onde desfilaram para o Presidente da República, Venceslau Brás.

Ao certo nunca se conseguiu explicação exata para a implantação de batalhões militares no Liceu de Campinas. Talvez neste momento houvesse um sentimento de nacionalismo muito forte, à época da Primeira Guerra Mundial. Tal fato ocorre no exercício de atividade do primeiro diretor não italiano do Liceu, o Padre Manoel Gomes de Oliveira (1913-1917), nascido em Minas Gerais.

É sabido que Dom Nery desejava estreitar as relações da Igreja, pelo menos de Campinas, com o governo republicano após a separação da Igreja e Estado e extinção do regime do padroado. Desejava o bispo com tal atitude demonstrar ao presidente da República que as relações da Igreja com o Estado não eram de rivalidade, apesar dos acontecimentos do passado, quando do início da república.

Nesta direção Dom Nery foi mais longe e pleiteou que os alunos do Liceu Nossa Senhora Auxiliadora, bem como os do Ginásio Diocesano, de propriedade da Diocese, pudessem obter o título de reservistas, já que cumpriam treinamento militar no próprio Colégio.

Neste aspecto pairam alguns questionamentos, além daqueles interesses que Dom Nery tinham em manter a Igreja de Campinas afinada com os grupos republicanos no poder. Teria havido uma espécie de relação ou acordo confluyente entre os interesses de Dom Nery e os de promoção na hierarquia da Igreja por parte do Padre Manoel? Após seu directorado no Liceu, o Padre Manoel foi destacado como secretário do Bispo do Mato Grosso, Dom Francisco de Aquino Correia e como mérito pelo seu zelo pastoral foi nomeado e sagrado Bispo de Goiás em 1923.

Segundo BENCOSTTA (1999), Dom Nery era um Bispo influente, um agente da política de romanização da Igreja no Brasil e, sabe-se também que já naquela época os bispos eram nomeados através de indicações do próprio episcopado. Os padres diretores do

Liceu, anteriores ao Pe. Manoel, eram todos italianos e de um caráter marcadamente europeu como já se evidenciou. Ainda hoje, as nomeações de bispos no Brasil, além de ter um critério rigoroso em relação ao perfil do candidato, têm também um caráter de influência por parte de clérigos que detêm maior peso político dentro da instituição. A partir destas considerações, poder-se-ia inferir que em relação à nomeação do Pe. Manoel para Bispo, tenha sido também fruto de uma negociação entre este padre e Dom Nery, quando o primeiro teria aberto o Liceu ao projeto do bispo quando da instalação do Batalhão Militar, já que em nenhum momento aparece no Sistema Preventivo de Educação afinidade com a prática militar.

Além da instalação dos batalhões militares no Liceu Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora, foram também instalados batalhões no Ginásio Diocesano, que funcionava à época no edifício em que funciona hoje o Colégio Pio XII.⁶¹

A simpatia de Dom Nery à proposta de militarização dos alunos nos colégios católicos, revela sua ação política. Não se pode esquecer que a Proclamação da República no Brasil, se deu pela voz e pelas armas dos militares.

Existe ampla correspondência registrada entre D. Nery e os superiores militares do Brasil, e também com o próprio Presidente da República e Governo do Estado. Este dado evidencia que o Bispo de Campinas, no período da 1ª Guerra Mundial, diante do fato do rompimento das relações com a Alemanha por parte do governo brasileiro, tomou partido favorável a atitude do governo brasileiro. Tal fato fica evidente em sua “Polyantea”, na seção destinada a “D. Nery Patriota”.

As cartas pastorais, que eram circulares que D. Nery enviava ao clero e ao povo em geral, foram, dos meios de comunicação da época, o mais utilizado pelo bispo. Aos padres é memorável o seguinte trecho de uma de suas pastorais, que justificam sua tomada de posição em favor do governo federal:

⁶¹ Conforme dados da Polyantea em homenagem a D. Nery: Otávio, Benedito (org.) “D. João Nery – 1º Bispo de Campinas – Saudosa homenagem à sua santa memória, no 34º aniversário de seu fecundo sacerdócio (1863-1920)”, S.Paulo, Cardozo Filho & Cia, 1920.

“De ordem de S. Exc. Revma. O Sr. Bispo Diocesano, avisa ao clero secular e regular desta Diocese que, em vista da resolução tomada pelo governo, não é lícito a nenhum membro da Corporação Eclesiástica, em público ou em particular, commentar actos e resoluções de quem, na hora presente, tem em mãos o destino de nossa querida Pátria.

Ao contrário, devem todos prestigiar os depositários do poder, auxiliando-os como puderem na defeza dos brios nacionaes.

Qualquer infracção deste aviso importará em censurável falta de obediência.

Campinas, 12 de Abril de 1917 – Cônego Oscar Sampaio, Secretário do Bispado”⁶²

As correspondências com o Presidente da República evidenciam os esforços que D. Nery fez em sua Diocese, para manter a opinião pública em atitude de simpatia e colaboração para com as decisões tomadas pelo Governo Federal durante a 1ª Guerra:

“Exmo. D. João Nery, Bispo Diocese de Campinas. Cattete, 9 de Novembro, 1917.

Muito penhorado agradeço última carta V. Exc. e circular collectiva que teve bondade enviar-me. Oportunamente escreverei sobre assumpto. Foi obra de patriota e não esperava outra attitude do eminente prelado, grande brasileiro. Saudações cordiaes. – Wenceslau Braz.⁶³

Os salesianos em Campinas perceberão uma mudança a partir de 1920, com a morte de Dom Nery. Qualquer outro bispo que viesse para a Diocese não nutriria para com as Casas Salesianas o mesmo amor que devotava D. Nery. As obras salesianas em Campinas foram, na verdade, as três fundadas pela Congregação em conjunto com a iniciativa e apoio de D. Nery, que conseqüentemente sentia-se patrono e responsável pelas obras. Ainda que o sucessor de Dom Nery, Dom Barreto, fosse também filho da terra, nascido no arraial dos Sousas, à época um pequeno povoado rural pertencente a Campinas, a relação com os salesianos certamente seria diferente.

Com a tomada de posse de Dom Barreto, este é homenageado no Externato São João, quando lá foi celebrar para aquela comunidade salesiana e fazer contato oficial com aquela casa. Porém, o tom do relacionamento já não é da mesma familiaridade que havia com D. Nery. Os salesianos no discurso dizem ao Bispo que as portas estarão sempre

⁶² Cf. Otávio, 1920, op. cit. p. 88.

⁶³ Idem.

abertas a ele e que este deve sentir-se plenamente à vontade para visitar as casas salesianas no momento em que sempre desejar.

Até a década de trinta, a vida nas obras salesianas transcorrerá com certa normalidade, vindo a ocorrer alterações e quedas no número de alunos a partir das crises geradas pela Depressão de 1929.

A Revolução Constitucionalista de 1932 vai gerar clima de medo e pavor na cidade ao longo de toda duração do conflito. Os aviões “vermelhinhos” sobrevoavam a cidade e bombardeavam alojamentos militares. Também no Liceu este foi um tempo de sustos. Pois, em determinada madrugada os noviços que moravam na casa acordaram com o prédio todo invadido pelos soldados. Porém, mantiveram-se o mais longe possível deles e, em seguida foram mandados para suas famílias. Naquele ano em todas as escolas os alunos foram aprovados por Decreto Federal, como já havia acontecido em Campinas durante a época da Gripe Espanhola, por exemplo.

Nas décadas que se seguem, os Colégios salesianos em geral irão se confrontar com problemas inerentes à nova sociedade que se configura. São famílias em dificuldades, inflação e insegurança que acarretarão o fechamento de internatos. No Liceu Salesiano alguns problemas duram até meados da década de 1970. Conforme alegavam os superiores da Congregação, *“os alunos, internos em sua maioria, estão no Colégio de má vontade; portanto, não aproveitam do Colégio; os alunos que vêm ao Colégio como internos, na maioria ou são problema, ou têm problemas em casa”*⁶⁴

Em 1975 o Conselho do Colégio, com aprovação do superior da congregação decide definitivamente fechar o internato, alegando os seguintes motivos:

a- número reduzido de alunos;

b- os alunos são muito problemáticos, pois boa parte tem pais separados;

⁶⁴ Cf. Isau, 1999, op. cit. p. 80.

- c- levamos grande parte do tempo para trabalhá-los; nos consumimos com 122. Tal esforço em outro setor daria mais resultados;*
- d- Não temos condições educativas para formá-los quer na orientação religiosa, quer na orientação psicológica, quer no estudo dirigido (seria necessário ministrar por nossa conta aulas particulares para quase todos);*
- e- Os alunos não suportam mais o internato e se consideram presos (quase a totalidade);*
- f- Há muita falta de continuidade; cada ano é uma nova geração; apenas melhoram um pouco e os pais dão para o filho um prêmio: tirar do internato.⁶⁵*

A partir das alegações acima percebe-se uma falência quase que total do regime dos internatos, não só nas escolas salesianas, mas como fenômeno próprio de um tempo que não comportava mais determinadas ações pedagógicas. Por outro lado ocorreu uma oferta maior de vagas na escola pública, a partir das determinações da Lei de Diretrizes e Base da Educação, de 1971. Além dos problemas citados acima, junta-se o fato de que as mensalidades do internato eram elevadas, fazendo com que o atendimento fosse feito necessariamente às pessoas de maior poder aquisitivo. Porém, cabe destacar que Dom Bosco fundou suas obras para educar justamente os meninos que apresentavam os problemas disciplinares citados acima. O Liceu de Campinas não fugiu à regra, sofrendo os reflexos de todas estes fatores.

⁶⁵ Ofício do Diretor ao Pe. Provincial solicitando o fechamento do internato, datado de 10/04/75. Citado por Isaú, 1999, op. cit. p.80.

Quadro 2

<i>Quadro demonstrativo dos alunos internos</i>			
<i>Liceu Nossa Senhora Auxiliadora de</i>		<i>1962</i>	<i>406</i>
<i>Campinas</i>		<i>1967</i>	<i>380</i>
<i>Ano</i>	<i>n° de alunos</i>	<i>1970</i>	<i>240</i>
<i>1941</i>	<i>462</i>	<i>1971</i>	<i>320</i>
<i>1945</i>	<i>410</i>	<i>1972</i>	<i>283</i>
<i>1950</i>	<i>380</i>	<i>1973</i>	<i>260</i>
<i>1954</i>	<i>370</i>	<i>1974</i>	<i>210</i>
<i>1955</i>	<i>401</i>	<i>1975</i>	<i>122</i>

No período do milagre econômico 1974-1980, as escolas particulares irão passar por uma fase de novo crescimento, proporcionado por uma política econômica que facilitou a gradativa liberalização dos preços das mensalidades cobradas pelos colégios. A intervenção do governo nos aspectos econômicos das escolas particulares passou a diminuir ano a ano, facilitando o crescimento patrimonial destas. Em decorrência disso, as escolas católicas, na sua maioria, acabaram acolhendo uma faixa da população que tinha condições econômicas para arcar com as mensalidades que elevaram-se substancialmente. Na fase final do século XX, os colégios católicos atendem na sua maioria as classes médias e altas. Também puderam, com os recursos advindos desta nova fase, modernizar os prédios, adaptando-os à nova realidade educacional pela qual passava o país, competindo com os cursos pré-vestibulares que se tornaram máquinas de aprovação nas melhores Universidades. Foram realizados pesados investimentos em tecnologia de informática, formação e adaptação do corpo docente e administrativo às novas pedagogias e exigências da sociedade. Investiu-se também em grande escala na melhor formação dos professores, bem como numa grande melhoria dos seus salários.

Como consequência das circunstâncias políticas e econômicas do país neste período da escola salesiana no Brasil, é óbvio que algumas opções tiveram que ser feitas pela direção da Congregação. Ao aceitar as regras e oportunidades propostas pela política do momento, algumas concessões em relação aos princípios do fundador seriam necessárias.

Optar por trabalhar com famílias de maior poder aquisitivo implicava, de certa forma, deixar de lado alguns objetivos prioritários nas diretrizes do trabalho educacional propostos por Dom Bosco, tais como educar a juventude mais pobre e abandonada e educá-los para que tivessem uma formação profissional, por exemplo.

4 - O surgimento do Externato São João e o seu percurso até o encerramento de suas atividades escolares

O Externato São João de Campinas tem sua história marcada por algumas características peculiares. A primeira delas é o fato de não ter nascido como um projeto constante dos objetivos iniciais da congregação no Brasil; o segundo é que nasceu com finalidade determinada, a de abrigar o setor de escolas-oficinas da congregação e, acabou se tornando também uma escola de ensino regular; uma terceira característica é que ao longo da sua história o Externato foi assumindo um papel de menor importância, dentro do conjunto das obras salesianas instaladas na cidade. Assume um papel de menor importância devido ao seu espaço físico ser mais limitado se comparado com a ampla extensão territorial das outras duas escolas e por atender alunos de menor poder aquisitivo na segunda metade do século XX. Ao longo deste século estas características foram determinantes para a projeção do Liceu e do São José como escolas completas, que apresentavam além de uma excelente formação intelectual, uma área verde invejável, com amplos espaços para o desenvolvimento de quaisquer tipo de atividades.

Como quarto aspecto peculiar do Externato São João, atendendo aos interesses do governo da Congregação no Brasil, este colégio tem suas atividades e instalações transformadas em casa de acolhimento de menores de rua no final do século XX, sob a alegação de necessidade de retorno da congregação às suas origens.

A partir das fontes de pesquisa disponíveis sobre o Externato São João, pode-se verificar que sempre houve um relacionamento estreito desta obra com as famílias. Durante

muitos anos foi famoso o Teatro do São João na cidade, que apresentou muitas peças, o que revela sua vocação cultural. Percebe-se que a ligação das famílias excedia os laços educacionais e ia mais além, talvez porque a escola significava uma possibilidade de oferta de vida cultural àquelas famílias das redondezas.

Até fins da década de 1970 era muito forte ainda o vínculo do Colégio com antigas famílias que residiam ao redor da escola, sendo que destas, muitas já não tinham mais filhos estudando no Colégio, mas preservava-se um sentimento afetivo para com os padres e com a própria obra. Isto era manifesto claramente na participação da vida espiritual, pois as famílias freqüentavam as missas e ofícios litúrgicos na Igreja do Colégio, participavam e colaboravam nas festas juninas, nas festas religiosas, nas procissões e nos desfiles

O Externato São João nasce como sendo uma extensão do Liceu Nossa Senhora Auxiliadora de Campinas, bem como o direcionamento dado às suas atividades é decorrente do modelo do Liceu. O Externato São João não surge dentro dos projetos iniciais da Congregação no Brasil, mas a partir de uma mudança de rota em relação aos destinos do Liceu, que agora eram diferentes daqueles propostos por Dom Nery quando da sua fundação. O Liceu de Artes e Ofícios foi fundado em Campinas, com o objetivo primeiro de atender aos meninos órfãos, cujas famílias foram vítimas da febre amarela.

No Liceu, segundo Negrão, as oficinas de artes e ofícios não prosperaram devido a distância do bairro do Guanabara em relação ao centro e as dificuldades de venda da produção; o alto custo da montagem e manutenção das oficinas também foi outro fator que merece destaque.⁶⁶ Mas, o argumento mais importante parece ser a problemática da integração dos estudantes de nível social mais elevado com os meninos pobres e, conseqüentemente a questão do preconceito que encontrava por parte da sociedade da época o trabalho manual.

Analisando o panorama das três obras salesianas de Campinas, o Liceu, a Escola Salesiana São José e o Externato São João, pode-se perceber nitidamente que, ao longo das

⁶⁶ Cf. Negrão, 1997op. cit. p. 84.

primeira décadas, a separação de estilo de obras se dará em função da procedência social dos alunos.

A questão norteadora para a compreensão desta separação social que se dá no Liceu com a criação do São João talvez seja esta. Tem-se muito clara a opção por trabalhar em cada obra com um tipo de alunado distinto. Por trás de um ato, em princípio de ordem meramente burocrática e operacional, e necessário do ponto de vista estrutural, esconde-se o distanciamento de grupos sociais, já que cada estabelecimento formaria pessoas para exercerem postos determinados na sociedade. Os alunos do Liceu, provenientes de segmento social mais elevado, seriam aqueles que, gozando de uma educação privilegiada, estariam sendo educados para assumirem postos de mando na sociedade, assumindo a posição de grupo dirigente. Os alunos do Externato São João seriam formados para tornarem-se operários qualificados e preparados, porém, para assumirem o seu próprio lugar em uma sociedade segmentada.

A separação das oficinas de artes e ofícios do Liceu para o centro da cidade se justifica, além dos motivos assinalados acima, o de que a partir das reformas educacionais de Epitácio Pessoa, em 1901, a entrada de congregações estrangeiras dedicadas à educação no Brasil foi significativa. Congregações francesas perseguidas em seu país agora se estabeleciam no Brasil, com ênfase no ensino secundário. Ao Liceu de Campinas, restava também enveredar por este campo da educação, no cumprimento de sua vocação de escola formadora da elite em Campinas e, era importante que isso fosse visualizado pela população.

O projeto de transferir para o centro da cidade as oficinas de artes e ofícios estaria ligado também a uma tentativa final por parte da Congregação, de não abandonar de vez as propostas iniciais de Dom Bosco em Campinas, ainda que no Brasil isto se tornasse difícil, pois logo se constatou que também no Externato São João estas não prosperaram, tendo a Congregação que ceder aos anseios e pedidos da população do centro da cidade em criar cursos regulares.

Porém, a congregação realiza definitivamente a compra do imóvel no centro da cidade para a instalação do Externato São João somente em 1909, embora já por volta de

1904 dispusesse da quantia necessária para a realização do negócio, o que vem a comprovar a hipótese de que, desde o início do Liceu havia a intenção de transferência das oficinas para o centro da cidade. Tal demora está aliada a alguns fatores que acabaram por colocar medo nos salesianos no que se refere à aquisição patrimonial. Em 1902 os salesianos são declarados expulsos de alguns países, por uma perseguição à Congregação por parte da Maçonaria na Europa. Uma Conferência dos Maçons em Genebra teria decretado a expulsão da congregação em alguns países, sob a alegação de que a congregação Salesiana, sob as aparências de trabalho benemerente para com a juventude pobre, escondia a verdadeira face de um trabalho que, no fundo explorava enormemente as crianças pobres. Esta expulsão, na realidade, nunca chegou a acontecer de fato.⁶⁷

Tal receio seria explicado também, porque alguns incidentes entre salesianos e maçons já vinham acontecendo na região do Vale do Paraíba, em Guaratinguetá-SP. Nesta região em 1895, o Pe. Domingos Albanello, que posteriormente veio trabalhar em Campinas como diretor do Liceu, pregava missões naquela cidade juntamente com Dom Lasagna, quando de uma epidemia de Varíola. As pregações deveriam ajudar o povo temeroso da doença. Porém, o tom agressivo da pregação de Pe. Albanello levou o próprio Dom Lasagna a substituí-lo, devido a animosidade criada com a imprensa maçônica local.

A congregação também havia assistido o exílio de alguns missionários que trabalharam em Portugal. Com a revolução que culminou em 1910 nesse país, as congregações religiosas foram expulsas e seus bens confiscados pelo governo. Todos estes fatos criavam uma situação de medo em se investir em patrimônios no Brasil que tinha um regime republicano ainda em fortalecimento.

O Pe. Rota, responsável pela congregação no cone sul, que já havia juntado a quantia de 100 contos de réis para a compra de um terreno no centro da cidade para a construção do Externato São João, temeroso com a situação de mal-estar provocada pelos maçons, fez com que se investisse apenas a quantia de 25 contos de réis sob medo da perda dos bens.

⁶⁷ Cf. Azzi, Riolando, A organização da obra salesiana no Brasil, SP, Ed. Salesiana, 1983, p.105

O Liceu assumirá ao longo das décadas seguintes uma nítida opção por trabalhar com a educação dos filhos das famílias ricas. Ao que tudo indica, os superiores da congregação tencionaram realizar na cidade obras voltadas para atendimento a setores específicos da população. Mas, era claro o fato de que os recursos necessários para a manutenção e sustento das diversas obras eram provenientes dos alunos de melhores condições econômicas.

O Externato São João, embora já de início tivesse alterado os seus objetivos, sempre manteve o atendimento dos filhos de famílias simples da sociedade campineira, aquelas que se poderia chamar de classe média e média-baixa. A este respeito, o trecho abaixo transcrito vem confirmar:

*“Com exceção dos estabelecimentos de ensino de caráter assistencial ou filantrópico, os demais cobravam por seus serviços, tornando, assim, a escola particular pouco acessível à maioria da população. Sua clientela era proveniente da classe alta, nos grandes colégios, e setores da classe média, nas demais escolas e em especial nas profissionalizantes”.*⁶⁸

Também sobre esse aspecto, documentos antigos do Colégio desde as primeiras turmas em 1910, bem como durante todas as décadas seguintes de seu funcionamento, registram que a maioria dos alunos pagavam mensalidade. Nas listas de alunos matriculados constam exceções, que aparecem com a classificação “*gratuito*” ou “*órfão*”. Ou seja, é notório que os casos que a família não apresentava condições financeiras para pagar, deveria haver um acordo entre aquela e a Direção do Colégio, mas a imensa maioria dos alunos eram pagantes.

Um dado importante apurado nos registros do Externato São João diz respeito à origem social das famílias. Figuram nos livros de matrícula, em sua maioria, pais que tinham profissões como bancário, carpinteiro, funcionário público, pedreiro, barbeiro, alfaiate, guarda-livros, contador e, em número menor, mas também significativo, aparecem profissões mais conceituadas como médico, advogado e engenheiro.

⁶⁸ VV.AA. Memórias da Educação – Campinas (1850-1960), Campinas-SP, Ed. da Unicamp/Centro de Memória – Unicamp, 1999. Cap.2, p.52.

Outro aspecto interessante sobre a origem dos alunos refere-se ao lugar de residência da família. Do período inicial, até por volta da década de 1940 ou 1950, a grande maioria dos alunos residiam nos arredores do Colégio, constando como principais endereços: Rua José Paulino, Rua Barão de Jaguará, Rua Duque de Caxias e outras próximas ao Colégio. Somente a partir da década de 50, com o crescimento urbano de Campinas, os alunos procederão de bairros. Mesmo assim, procedem de bairros da região sul, sudeste e sudoeste da cidade, como Vila Industrial, Jardim Proença, Vila Marieta e Ponte Preta, com predominância destes últimos.

Dentro do quadro de falta de vagas nas escolas da cidade, fragmentos escritos sobre a história do Externato São João apontam para o fato de que em 1909, quando o Externato abre suas portas à população, foram matriculados 400 alunos. Um número considerado elevado para a época.⁶⁹

Nos registros da história do Colégio reafirma-se a hipótese de que as famílias pediram que a nova obra abrigasse cursos regulares:

“Feita a aquisição do prédio no centro da cidade, providenciou a Congregação Salesiana a instalação da escola de curso primário, tanto reclamada pela população campineira..”⁷⁰

Em relação à falta de vagas na escola pública em Campinas, o quadro abaixo aponta que o número de escolas públicas, em Campinas, era pequeno no início do século, tendo sido dobrado somente na década de 1920:

⁶⁹ Cf. Panattoni, Ferdinando, *Histórico do Externato São João, Campinas, Mimeo, 03/1960*. O trabalho executado pelo escritor acima, embora tenha um caráter apologético dos padres salesianos e de enaltecimento do Colégio, tem um grande valor enquanto fonte histórica, porque o autor, supostamente professor e jornalista à época em que escreveu, foi aluno do Colégio desde os seus primórdios, tendo tido contato diário com a vida do Colégio, com os padres e como participante das atividades aí ocorridas ao longo dos anos. Posteriormente, ao que seus escritos deixam transparecer, veio a trabalhar no Colégio como professor. Sua pequena obra, apesar de incompleta, tem um caráter de fidelidade histórica que pode ser atestada no confronto com outras fontes.

O número de alunos do Externato São João no seu início é considerado elevado se comparado com o de outras escolas da época: O Grupo Escolar Francisco Glicério tinha 453 alunos em 1911,; o Quirino dos Santos, tinha 774 em 1917 e o Arthur Segurado tinha 472 também no ano de 1917, conforme registros dos Anuários do Ensino no Estado de São Paulo.

⁷⁰ Idem.

Quadro 3

Quadro dos sete primeiros Grupos Escolares instalados em Campinas⁷¹

<u>Grupo Escolar</u>	<u>Ano de Fundação</u>
<i>Francisco Glicério</i>	1897
<i>Dr. Quirino dos Santos</i>	1900
<i>Artur Segurado</i>	1910
<i>Orozimbo Maia</i>	1923
<i>Antonio Vilela Júnior</i>	1925
<i>Dom Barreto</i>	1925
<i>Dona Castorina Cavalheiro</i>	1925

- Com exceção do G.E. Dr. Quirino dos Santos, todos os demais funcionam até hoje como escolas estaduais de ensino fundamental e médio.

A escola foi denominada Externato São João. Ao que tudo indica, esta foi uma forma de homenagear o Bispo D. João Baptista Correa Nery, tão ligado aos salesianos, tendo sido aquele que abriu as portas da cidade a estes padres, doando a eles o Liceu de Artes e Ofícios.⁷²

O primeiro diretor do Externato São João foi o Pe. Caetano Falconi, a quem coube o início da obra e a adaptação do prédio. Transformou a sala à entrada, junto à escadaria do prédio em capela, onde logo começaram a acontecer as funções religiosas, para onde também acorriam os moradores dos arredores à procura do serviço religioso ali oferecido.

⁷¹ Há que se considerar também que no início do século, em Campinas, além dos grupos escolares, a escola pública estava disseminada principalmente na forma de “Escolas Isoladas”.

⁷² O São João patrono do Externato é o São João Batista, aquele que batizou Jesus no rio Jordão, e não o Evangelista, suposto autor do 4º Evangelho, automeado o “discípulo que Jesus amava.”

Quadro 4

<i>Diretores do Externato São João – desde 1909</i>	
<i>1 - Pe. Caetano Falconi – 1909-1911</i>	<i>12 – Pe. Antonio Sarto – 1956-1958</i>
<i>2 – Pe. José dos Santos – 1912-1919</i>	<i>13 – Pe. João Baldan – 1959-1960</i>
<i>3 – Pe. Vicente Priante – 1920-1922*</i>	<i>14 – Pe. Antonio Corso – 1960-1965</i>
<i>4 – Pe. Francisco Lana – 1923-1925</i>	<i>15 – Pe. Geraldo Martinelli de Sousa – 1966-1980</i>
<i>5 – Pe. Teófilo de Melo – 1926-1933</i>	<i>16 – Pe. Gilberto Theodoro Cucas – 1981-1986</i>
<i>6 – Pe. José Valentim – 1934-1937</i>	<i>17 – Pe. Olívio Poffo – 1987-1989</i>
<i>7 – Pe. João Costa – 1938-1940**</i>	<i>18 – Pe. Shong – 1990-1991</i>
<i>8 – Pe. Benedito Cardoso – 1941-1946</i>	<i>* Alguns anos após foi nomeado Bispo de Corumbá-MT.</i>
<i>9 – Pe. Pedro Baron – 1947-1949</i>	<i>** Posteriormente foi nomeado Bispo de Porto Velho-RO.</i>
<i>10 – Pe. Hugo Neves – 1950-1952</i>	
<i>11 – Pe. Rafael Koroboczeck – 1953-1955</i>	

No longo período em que esteve à frente do Externato São João, exercendo a função de Diretor, o Pe. José dos Santos conseguiu incrementar o Oratório Festivo, fazendo afluir ao Colégio, principalmente nos finais de semana e dias santificados, grande número de rapazes que não tinham grandes opções de entretenimento. Criou a Associação dos Ex-alunos, onde mantinha com aqueles que já não estudavam no Colégio reuniões e atividades diversificadas, a fim de conseguir sua presença no Colégio. Foi grande incentivador das artes cênicas e também da música. No seu directorado conseguiu construir a nova Capela, que ainda hoje está preservada e que tem proporções de um templo paroquial. A antiga capela era na verdade uma sala adaptada e não comportava mais que trinta pessoas.

À frente das obras obteve-se o apoio do Sr. Henrique Fortini, uma espécie de construtor benemérito que, além da construção da igreja, esteve à frente da construção do teatro que hoje também se encontra preservado e restaurado. Este teatro serviu durante anos para a execução de peças teatrais dirigidas pelo próprio Pe. José dos Santos e também pelo Bispo D. Nery e Benedito Otávio, sendo este último escritor e jornalista, amigo inseparável

do Bispo que, sabe-se era um amante do Teatro, tendo dado grande incentivo a esta arte no Externato e que deu ao colégio, por muitos anos, a fama de apresentar semanalmente variadas peças teatrais.

Há registros também de que o Colégio Sagrado Coração de Jesus se utilizava do Teatro do Externato para suas festas e comemorações. As alunas do Colégio Progresso Campineiro também aí se apresentaram diversas vezes, já que os padres salesianos eram capelães deste dois colégios femininos.

O Externato São João foi crescendo e transformando seus espaços físicos, bem como mantendo em seu quadro discente um número considerável de alunos. Segundo registros, a cada ano a escola tinha um número de alunos matriculados nunca menor do que 400.

O prédio sofreu modificações e expansão. Já na década de 1950, fala-se da Sede Social construída há alguns anos como espaço de prioridade das atividades da Associação dos Ex-alunos, campo de futebol e quadra poliesportiva. *“A sede social foi totalmente mobiliada com móveis novos, mesas de bilhar, aparelhos de rádio e televisão.”* A atenção maior do Diretor desta época, Padre Rafael Koroboczek, além da modernização do conjunto que servia às atividades educacionais e extra-educacionais, foi a preocupação com o Ensino Religioso e com a Doutrina Cristã.⁷³

No esporte houve um destaque muito grande para os times de futebol formados no Externato São João. Eram famosos os times de futebol do Colégio. Os menores faziam parte da categoria “dente de leite” e o time se chamava “Externato São João” e, quando maiores passavam para o time juvenil, chamado “Dom Bosco”, muito famoso na cidade por formar craques, que vieram a se tornar profissionais, indo jogar nos times da cidade e de fora.

É o caso de Odair Bussoline, que estudou no Externato São João nos inícios dos anos 1950 e, logo despontou como craque, vindo a fazer parte do time dos maiores, o Dom Bosco. Posteriormente veio a jogar como profissional no Corinthians, em São Paulo e no Guarani Futebol Clube, de Campinas.

⁷³ Cf. Panattoni, op. cit. p. 98.

Ao longo dos anos percebe-se que o Externato São João, embora sendo uma escola destinada ao atendimento das camadas médias da população, apresentava pouquíssimas diferenças em relação ao Liceu Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora no que se refere a qualidade de ensino, disciplina e formação intelectual. No final dos anos 60, recebeu da Secretaria Municipal de Educação de Campinas, o título de melhor escola primária de Campinas, evidenciando que a formação de operários e trabalhadores nas oficinas quase não saiu das intenções.

No Externato São João estudaram muitas pessoas que vieram mais tarde a se destacar no cenário local ou nacional. É o caso do Prof. Celso Maria de Mello Pupo, poeta e historiador, que ali estudou nos anos 1914 a 1916; Antonio Mendonça de Barros que foi prefeito de Campinas na década de 1950 e seus irmãos; Hugo Borghi, deputado federal na década de 1950; Arnaldo Borghi, deputado estadual; Mons. Luiz Fernandes de Abreu, ex-deputado estadual por Campinas e Reitor do Seminário Diocesano na década de 1950; Dr. Antonio Cesarino, ex-lente catedrático do Colégio Culto à Ciência; Ferdinando Panattoni, jornalista, responsável pelos Jornais “A gazeta” e “A gazeta esportiva ilustrada” de Campinas; Romeu Santini, vereador em Campinas há 25 anos.

Muitas foram também as famílias que se envolveram com os projetos do Externato São João e se mantiveram por anos a fio como colaboradoras. Algumas delas são as famílias: Sigrist, Foster, Ferraz, Meirelles, Roque de Marco, Áurea de Brito, Francheo Belluomini, Cardoso Silva Leite, Constantino e Beatriz Suriani, José Rufino do Amaral, Jorge Whitmann, bem como tantas outras, que até por volta dos anos 60 residiam no centro, nos arredores do Externato São João.

Em relação ao destino do São João como escola-oficina, em que se pudesse pôr em prática os ideais propostos por Dom Bosco, a fim de ser uma obra destinada a abrigar os jovens marginalizados da sociedade, dando-lhes casa, alimento, dignidade, o aprendizado de um ofício e religião, este não será cumprido desde os primeiros anos de funcionamento. Conforme registros, a seção de oficinas de artes e ofícios no São João não duraram mais que dois anos e poucos foram os alunos que por aí passaram.

“Uma sociedade eivada de preconceitos” é a alegação utilizada por NEGRÃO (1997) em uma das justificativas para o fracasso da escola-oficina no São João.⁷⁴ Alargando um pouco mais esta noção, de acordo com ADORNO (1988), ao longo de todo o século XIX, após a Independência, o Brasil fará um esforço muito grande no sentido de organizar suas instituições e a constituição das classes de governantes da sociedade brasileira. Assim, o primeiro Curso Acadêmico criado no Brasil é o de Direito, em São Paulo e Recife. Esta carreira acadêmica foi a escolhida como sendo a que contemplava os requisitos necessários para a formação de um cidadão apto à estruturação da vida política do país e para desempenhar funções diversas nos variados estágios da burocracia estatal.⁷⁵

A carreira de Direito, seguida da de Médico e Engenheiro, torna-se no Brasil do século XIX a grande aspiração das famílias que desejavam qualquer tipo de ascensão. Titular-se em Direito era a porta de entrada para um mundo reservado àqueles que, de forma maior ou menor, tinham ambiciosos interesses em fazer parte da classe de dirigentes do país. No início do século XX, poder-se-ia dizer que tal mentalidade já estava sedimentada nas consciências, daí não se estranhar o fato de que a sociedade tivesse cultivado preconceito para com as profissões que formavam pessoas qualificadas para exercer um papel tido como secundário numa sociedade que menosprezava o trabalho manual em detrimento do intelectual. Ser ‘doutor’ no Brasil, no início do século XX, era algo que conferia muito respeito, prestígio e dignidade.

A cultura ocidental trás este estigma como herança da cultura grega em que eram considerados cidadãos os homens livres, do sexo masculino e que detinham certo lastro econômico. O escravo no mundo grego era estigmatizado, pois não tendo a condição de cidadania era condenado a realizar todos os tipos de trabalhos tidos como inferiores, como o trabalho braçal, por exemplo. Os filósofos, cidadãos que tinham todo o seu tempo destinado ao desenvolvimento intelectual, eram uma espécie de funcionários públicos que tinham como única função pensar sobre o mundo e as diversas realidades, buscando explicações racionais para elas. Assim, nossa sociedade brasileira também herdou da

⁷⁴ Negrão, 1997, op. cit. p.84.

⁷⁵ Adorno, Sérgio, Os aprendizes do Poder, RJ, Editora Paz e Terra, 1988.

antigüidade clássica este dualismo grego que opunha trabalho braçal e trabalho intelectual, destinando a este último um lugar de supremacia em detrimento do trabalho não-intelectual.

Esta valorização do trabalho intelectual e, conseqüentemente das profissões voltadas à intelectualidade em detrimento do trabalho de caráter manual estava também fortemente presente em Campinas:

*“A maior parte dos cursos profissionalizantes se dedicava ao ensino comercial, que dava aos seus egressos a perspectiva de um emprego digno, na concepção da sociedade da época (contador, datilógrafo, guarda-livros, escriturário, etc.), nos escritórios que proliferavam com o crescimento urbano. O prestígio por eles alcançado decorria do fato de que o exercício da sua profissão não se ligava às tarefas manuais características do trabalho escravo”.*⁷⁶

Em Campinas a tradição da elite cafeicultora e o forte peso que a escravidão exerceu na cidade acabaram por criar essa diferenciação tão marcante. Os dados históricos evidenciam o fato de que as famílias não só rejeitaram a escola-oficina como, por outro lado, forçaram a abertura do curso de educação regular, voltado para o suprimento de uma educação que o governo não conseguia oferecer a toda a população.

Vários incidentes que se tornaram públicos através da Imprensa local apontam para o fato de que a oferta de escola pública na cidade era bem menor do que a demanda. Foram sucessivas as manifestações de pais junto aos primeiros grupos escolares de Campinas na luta por uma vaga para seus filhos, o que acabou forçando o poder público a criar novas unidades educacionais na cidade. Durante as duas primeiras décadas do século XX, a situação caminhou lentamente no sentido de avanços significativos.

Dentro deste panorama de vagas insuficientes oferecidas à população é que as famílias no período da fundação do Externato São João irão praticamente exigir da congregação salesiana que este ofereça cursos regulares. Concomitantemente a esta problemática havia o desejo das famílias que seus filhos se preparassem para exercer profissões de cunho intelectual. Tal mentalidade já fazia parte do imaginário da sociedade brasileira.

⁷⁶ Cf. Negrão, 1997, op. cit. p. 84.

O tipo de educação desenvolvida no Externato São João vai além de formar os seus educandos nas primeiras letras, mas pretendia envolver a criança e o adolescente em um processo em que se buscam construir, na parceria educador-educando, os valores que são importantes para o seu desenvolvimento enquanto ser humano e assim afastá-los da rua.

As famílias envolvidas no processo educativo do Externato São João encontraram neste envolvimento com o Externato uma forma de vivenciar um processo de socialização, sentindo-se pertencentes a um grupo social, com espaço para expressão artística, participando de banda, atos religiosos, orquestra, grupo de teatro ou simplesmente sendo espectadoras. Assim, poder-se-ia dizer que este envolvimento social das famílias acabou por expressar a preferência do grupo por esse espaço religioso, cultural e social.

Este envolvimento dos leigos ou das famílias com o Colégio pode ser atestado nos registros de “livros de atas” dos diversos movimentos que envolviam a participação dos leigos durante toda a história do São João. Percebe-se por esses registros que a quantidade de movimentos leigos gerava uma intensa atividade religiosa e de formação.⁷⁷

No panorama das três obras salesianas de Campinas o Externato São João ocupou durante quase todo o tempo de sua existência um lugar importante para a congregação por situar-se no centro da cidade e por atender a grupos médios da população. Se comparado com o Liceu, é incontestável que este sempre gozou de maior prestígio, fato expressado no próprio estilo arquitetônico, ou na nomenclatura ‘Liceu’.

Em relação à Escola Agrícola, depois Escola Salesiana São José, aos poucos esta foi adquirindo maior importância no conjunto das obras da congregação na cidade, vindo a suplantá-la em importância o Externato São João, seja pela amplitude de sua área territorial, seja pela capacidade de crescimento que esta apresentou nas últimas décadas do século XX, além de seu espaço físico e arquitetônico, que são dados não primordiais, mas que revelam

⁷⁷ Conforme registros em Livros de Atas, intensa programação envolvendo os leigos aconteciam no Externato São João. Dentre os movimentos mais importantes são citados: Registros do Diretor Cultural de festividades; Registros da Programação do Teatro; Livro de Crônicas – escritos e fotos; Associação dos ex-alunos; Apostolado da Oração; Companhia do Pequeno Clero (coroinhas); Congregação Mariana Masculina; Atas do Catecismo; Grupo de Oração pelas Vocações; Oratório Festivo; Associação de Nossa Senhora Auxiliadora.

uma importância significativa no momento em que os pais escolhem uma escola para os filhos.⁷⁸

Em relação ao quarto aspecto enunciado no início desse histórico do Externato São João, observa-se que no final do século XX, quando já se tem uma Igreja com uma mentalidade totalmente diferente no que se refere à sua forma de entender e atuar no mundo urbano e quando os tempos exigem novos métodos de ação pastoral, a Congregação Salesiana se lança neste novo mundo com a proposta de fazer um trabalho que seja fiel às suas origens e a obra escolhida para transmudar-se foi o Externato São João.

As justificativas oficiais da congregação são as de que há um interesse muito grande em se voltar às origens propostas pelo fundador Dom Bosco. Quer a congregação voltar-se ao atendimento do jovem e do menor marginalizados. Assim, o São João encerra suas atividades de ensino regular na década de noventa e passa a ser uma casa de acolhida a jovens e menores de rua, marginalizados, sem família, que possam encontrar ali um local de acolhida. Há neste projeto, uma recusa clara ao estilo de formação de instituição total.

Uma justificativa plausível que se dá para o fechamento das atividades regulares de colégio no Externato São João é de que a congregação salesiana, optando pelo sistema administrativo de implantação da política de “qualidade total” em gestão empresarial, com a desejada eliminação de custos, de pessoal e de estrutura funcional, faz-se a opção pelo fechamento de um colégio que tinha um número menor de alunos. A maioria destes alunos foram transferidos para o Liceu Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora e também para Escola Salesiana São José. Nestas duas escolas, classes inteiras foram abertas com alunos provenientes do Externato São João. Alguns funcionários e professores também foram transferidos. Os valores de mensalidades que os alunos pagavam no Externato São João, menor que as do Liceu e São José também foram mantidos.

Os alunos do Externato São João, estudando no Liceu ou na Escola São José eram identificados ainda como ex-alunos do São João. No próprio documento bancário de pagamento de suas mensalidades havia indicação distintiva e os valores eram menores. Aos

⁷⁸ Hoje em dia, após todas as reestruturações urbanas, perda e venda de terrenos, os salesianos ainda mantêm na Escola Salesiana São José, uma área de aproximadamente 80.000 m².

pais foi garantido ainda, que na Escola São José, seria criado o Ensino Médio Acadêmico, já que ali era oferecido até então apenas o Ensino Médio de nível técnico. Tal fato evidencia a possibilidade de que os pais dos alunos do Externato São João pudessem ter exercido algum tipo de pressão que teria provocado tal posicionamento por parte da Escola Salesiana São José.

Dentro da política administrativa adotada pela congregação, que busca a qualidade total, há a necessidade de corte de custos e a busca de otimização de recursos, assim a quantidade de alunos do Externato São João poderia ser absorvida com facilidade nas estruturas do Liceu e da Escola São José. Na verdade não se perdeu com o fechamento, mas houve um aglutinamento de recursos a partir dos ganhos gerados pela aplicação desta política, pelo menos para a congregação salesiana, mas houve com certeza, perda para aquela parcela da comunidade que seria atendida no São João.

Um dado novo que aparece na década de 1990 na administração da Congregação é que com a política de qualidade total a escola assume uma dupla identidade: é responsável em ser uma instituição que tenta viver e ser fiel ao carisma proposto por seu fundador, mas que também assume o lado de empresa e, como tal se propõe a seguir as regras do mercado.

Outras perguntas pairam no ar: por que não se criaram outras formas de atendimento ao menor infrator e marginalizado no centro da cidade, sem que houvesse o fechamento do Colégio? Estaria tal Colégio apresentando uma situação econômica não muito interessante para justificar sua manutenção numa época em que já não se conta com um número tão grande de religiosos como foi em tempos passados? Quais seriam os projetos da congregação para o futuro em relação a este local privilegiado no centro da cidade?

5 - A Escola Agrícola – Escola Salesiana São José

A terceira obra salesiana de Campinas também nasceu de um desmembramento do Liceu Nossa Senhora Auxiliadora. Até meados do século XX em Campinas ainda

predominava a economia agrícola. A cidade contava com mais de trezentas propriedades agrícolas, época em que estava passando da monocultura cafeeira para a policultura.

Da mesma forma como ocorreu com o Externato São João, a criação da Escola Agrícola pela congregação salesiana, também se constitui em parte um projeto de separação dos alunos a partir dos grupos sociais a que pertenciam.

A parte de escola agrícola que funcionou no Liceu no seu início, também teve projetada sua mudança para a outra extremidade das terras doadas pelo Barão Geraldo, no chamado espigão, nos altos da Lagoa do Taquaral. Assim, até a década de 1950 o Liceu Nossa Senhora Auxiliadora, que exerceu um papel de casa-mãe das obras da congregação em Campinas terá realizado o seu desmembramento em três tipos de obras, com a fundação do Externato São João e da Escola Salesiana São José.

O Padre Luís Gonzaga Giudice, o 2º Diretor do Liceu (1901-1908) foi o responsável pelo desmembramento do Liceu em três obras. Foi ele quem reconheceu as dificuldades para o funcionamento das oficinas no Liceu, projetando sua transferência para o centro da cidade com a criação do Externato São João. Em face de um olhar sobre a realidade social do Liceu e da cidade, Pe. Giudice idealizou a criação da terceira obra, a Escola Agrícola, que mais tarde (1953) se tornaria a Escola Salesiana São José, definitivamente separada e autônoma em relação ao Liceu.

O Pe. Giudice tinha como princípio que o homem deveria ser educado para atuar no meio em que vive. Assim, vislumbrando que a cidade de Campinas nas primeiras décadas do século XX tinha uma vocação agrícola, o sonho de criar uma escola que preparasse pessoas para esta atividade econômica torna-se realidade.

Desde 1905 Pe. Giudice observava que as oficinas funcionavam no Liceu com muita precariedade. Esta obra por sua vez dava passos definitivos e marcantes rumo à realização de sua vocação maior que era atender e formar os filhos das camadas mais altas da população. Assim, a instalação da Escola Agrícola em ambiente distinto das instalações do Liceu começava a tornar-se realidade.

Segundo NEGRÃO (1997), as terras para instalação da Escola Agrícola, contíguas ao Liceu, foram doadas pelo mesmo doador das terras do Liceu, o Barão Geraldo de

Rezende. Eram os tempos em que a economia cafeeira começava a dar sinais de declínio na região, assim, o Barão lamentava não poder doar mais terras, devido a sua situação de crise financeira e, também pela qual começavam a passar os proprietários de todo o país.⁷⁹

Através da intervenção do genro do Barão Geraldo de Rezende, o médico Lopes Martins, que atendia os alunos do Liceu, procurou-se o General Francisco Glicério, para se obter do Congresso o benefício de cotas lotéricas, para se transformar a Fazenda Santa Genebra em Escola Agrícola.

Porém, os salesianos ainda receosos em obter patrimônio em nome da Congregação pelos motivos já citados na constituição do Externato São João, em princípio alugaram a “fazendinha Santa Amélia”, de propriedade das filhas do Barão Geraldo de Rezende. Constituíram uma sociedade civil responsável pela Escola Agrícola. Estava na presidência desta sociedade o Bispo D. Nery e, seus membros eram constituídos de leigos ligados aos padres salesianos.

Na estrutura da Congregação Salesiana existe uma sessão destinada aos leigos. São os chamados “Cooperadores Salesianos”, departamento este fundado pelo próprio Dom Bosco em 1876, que forma a ala laica da Congregação. Porém, observa-se, principalmente hoje em dia, que os leigos não têm uma posição de destaque e de poder dentro da Congregação. Embora tenham sido sempre valorizados e respeitados nos trabalhos que exerceram, estes apenas tiveram função jurídica dentro da Congregação, cargos com poderes de decisão, como neste caso da Escola Agrícola em que era conveniente à Congregação não aparecer como titular oficial de bens patrimoniais. No mais das vezes, quase sempre os leigos foram um “anexo” da congregação, destinados à prestação de serviços e colaboração para com as obras. Isso explica-se pela própria estrutura das diversas congregações religiosas católicas que sempre funcionaram desta forma, onde não cabe a partilha do poder.

Tendo D. Nery na presidência, em 1912 a Associação Agrícola de Educação e Assistência estava constituída. Em seu nome foram lavradas as escrituras das propriedades,

⁷⁹ Cf. Negrão, 1997, op. cit. p. 84.

onde deveria funcionar a Escola Agrícola e, em 1º de Março de 1914 inaugurava-se a Escola.

Dependente da estrutura organizativa do Liceu Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora, a escola tinha sempre um padre salesiano à frente, responsável pela sua administração. Assim, O Pe. Attilio Cosci, seu primeiro diretor, logo providenciou a compra de animais, instrumentos agrícolas e a construção das primeiras instalações para o seu pleno funcionamento.

Tendo iniciado com dez alunos, apesar de estar bem equipada, a Escola Agrícola não se mantinha por si só, assim a Comunidade do Liceu contribuía para a sua manutenção. O curso tinha como objetivo dar ao aluno formação teórico-prática do cultivo da terra. Contava no início a escola com sete professores e, no seu currículo constavam as matérias: Português, Aritmética, Geometria, Geografia, História Pátria, História Natural, Francês, Desenho, Caligrafia, Trabalho e Religião.

Contando com uma área de 62 alqueires, logo foram necessárias novas construções e aquisições como estábulos, bebedouros, estrumeiras, hangar para tratores, semeadores, arados e outras máquinas agrícolas.

A região não contava com abastecimento de água. Assim, as filhas do Barão Geraldo de Rezende cederam aos salesianos a área dos mananciais que correspondem ao que hoje é a região que vai desde o atual Liceu Salesiano N. S. Auxiliadora até a Escola Salesiana São José, área que compreende a atual Lagoa do Taquaral.

Ainda segundo NEGRÃO (1997), após alguns anos de funcionamento normal, à entrada da década de 1930, a Escola Agrícola entrou em uma fase de grandes dificuldades, reflexo da situação econômica pela qual passava o país e também o mundo, com a Depressão de 1929. Assim, em 1931, os membros da Associação mantenedora da Escola Agrícola resolveram passar todos os seus bens e encargos à Congregação Salesiana, que assumiu oficialmente o comando da Escola Agrícola, sendo que já o tinha de fato.

Em 1944 a Prefeitura decidiu prolongar a Avenida Barão de Itapura até a Lagoa do Taquaral. Diante disto, os salesianos acharam que o Liceu ficaria numa situação vulnerável, sujeito a invasores. Assim, com autorização do governo da congregação, o Liceu loteia e

vende parte de suas terras, sendo que o montante arrecadado deveria ser empregado na construção de uma nova escola agrícola e profissional, já vislumbrando a vocação industrial da cidade.

No entanto, o rendimento proveniente da venda dos terrenos não foi insuficiente para a construção e reformulação da Escola Agrícola, precisando a nova obra ter contado com o apoio financeiro da Prefeitura, através do prefeito Miguel Vicente Cury, podendo ser concretizada apenas em 1953.⁸⁰

A partir de 1953 a Escola Agrícola viveria uma nova etapa em sua existência. Agora, totalmente autônoma e desvinculada do Liceu Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora, estava criada a Escola Salesiana São José, não mais voltada para o ensino agrícola, mas voltada para atendimento das novas necessidades de Campinas, que então deslanchava no ramo industrial. Assim a Escola São José surge como Colégio, com cursos regulares, voltados para o ensino técnico profissionalizante, destinada a atender e formar a mão-de-obra especializada para a indústria. Com vida própria, território separado e definido independente ao do Liceu, a Escola Agrícola preservou uma área de 80 mil metros quadrados.

O mesmo processo percorrido pelo Externato São João, agora também percorreria a Escola Salesiana São José, que apesar de só ter se tornado realidade em 1953, como uma instituição independente do Liceu, teve suas origens como Escola Agrícola e, assim se manteve por anos, até que no período da modernização do Brasil, com a intensificação do processo de urbanização e industrialização acabou se transformando também em uma escola de ensino regular, porém, voltada para atendimento da classe de menor poder aquisitivo, se comparada ao Liceu, oferecendo cursos profissionalizantes, destinados ao atendimento do mercado industrial, formando mão-de-obra apta para este setor da atividade econômica.

Uma separação social nítida que aparece na congregação salesiana ainda na década de 1930 é a formação dos religiosos que se tornariam apenas 'irmãos' e não padres. Os irmãos eram formados em ambientes distintos aos daqueles que se tornariam padres. Os que

⁸⁰ Cf. Negrão, 1997, op. cit. p. 84.

seriam irmãos realizavam seu processo formativo na Escola agrícola, onde recebiam uma carga pequena de estudos, dedicando boa parte de seu tempo ao trabalho agrícola e aprendizado de trabalhos manuais, se comparada aos estudos que recebia o futuro sacerdote, que deveria estudar línguas como o grego, hebraico e, principalmente o latim, história, geografia, estudar filosofia e posteriormente teologia.

Mas o caso salesiano não se apresenta como uma exceção na Igreja. Até meados do século XX, até o Concílio Vaticano II, quase que a totalidade das congregações mantinham tal prática. No caso das congregações femininas isto foi um aspecto muito corriqueiro. As congregações recebiam quase que todos os tipos de pessoas que as procurassem. Dependendo da escolaridade, havia a distinção entre irmãs “oblatas”, as que não tinham instrução e seriam destinadas a exercer por toda a vida todos os tipos de trabalhos manuais, como cozinha, limpeza, etc. e as irmãs “coristas”, ou do *côro*, as que se dedicariam às funções espirituais, intelectuais e de governo da congregação.

III – A Moral e a Ética do Sistema Preventivo de Dom Bosco em Campinas

1 - Aspectos comuns da presença salesiana em Campinas

Ao tempo em que Dom Bosco ainda era vivo, na Itália, já chegavam dos Bispos de diversas dioceses do Brasil pedidos para que os salesianos viessem se instalar no país, abrir seus colégios e ocupar um papel na educação, à qual apresentava-se deficitária no tocante às ofertas realizadas pelo governo brasileiro.

A estes bispos interessava em muito a presença não só dos salesianos, mas do maior número possível de religiosos, que através de suas congregações viessem ajudar a preencher uma lacuna no campo missionário urbano e rural. Com o advento da República e a conseqüente supressão do regime de padroado, os bispos precisavam descobrir novas

formas de realizar o trabalho de evangelização, já que não mais contavam com o apoio institucional e econômico do governo.

Por volta da década de 1880, Dom Lasagna realiza uma longa viagem, percorrendo diversas partes do Brasil a partir do Rio de Janeiro, para averiguar as possibilidades de atendimento aos pedidos dos bispos brasileiros que solicitavam a vinda dos salesianos. Com sua morte este processo sofreu um certo refluxo.⁸¹

Dom Pedro Lacerda, então Bispo do Rio de Janeiro, havia passado uma semana no Oratório de Turim, por ocasião de sua ida à Itália para participar do Concílio Vaticano I. Havia ficado maravilhado com tudo o que observara e solicitou a vinda dos salesianos ao Brasil.

Dom Bosco teria adiado a resposta ao Bispo do Rio de Janeiro, alegando, em primeiro lugar, não dispor de pessoal suficiente para a realização de tal empreendimento e, em segundo porque desejava conhecer plenamente os detalhes da requerida presença. Desejava ter clareza de que o pedido do Bispo fosse coincidente com os interesses da congregação.

Dom Lasagna chegou a visitar o Imperador D. Pedro II em Petrópolis. O imperador por sua vez tomou informações pormenorizadas sobre a congregação salesiana, seus objetivos e papel na Igreja, seu método de trabalho com a juventude e, a partir deste encontro manifestou desejo de que obra salesiana se fizesse presente no Brasil.

No que se refere ao preconceito que a sociedade brasileira alimentava em relação aos trabalhos qualificados como manuais ou braçais, no Rio de Janeiro, Dom Pedro Lacerda lamentava o fato em carta aos seus diocesanos, pedindo auxílio a estes para a instituição de uma obra que pudesse ensinar aos menos favorecidos da sociedade as artes,

⁸¹ Luiz Lasagna (1850-1895) frequentou o Oratório de Valdocco, vindo a ser professor de Ginásio Superior na Universidade de Turim. Dominava com facilidade além do latim, grego, italiano, espanhol, português, francês e inglês. Aceitou o convite de Dom Bosco para trabalhar no Uruguai, onde fundou o primeiro Colégio Salesiano. Em 1881 foi nomeado inspetor da nova Província Salesiana Uruguai-Brasileira. Em 1893 foi nomeado Bispo titular de Trípoli, vindo a falecer prematuramente, em 1895, em acidente de trem, em Juiz de Fora, Minas Gerais.

ofícios e letras, preparando-os para receberem instrução mais elevada, caso não se contentassem com a condição de artesãos e operários.⁸²

Tal pedido do Sr. Bispo, que acontecia algum tempo antes da chegada dos primeiros salesianos ao Rio de Janeiro, era já uma forma de preparar a mentalidade do povo, sensibilizando-o para contribuir com a construção da primeira obra salesiana no Brasil, em Niterói.

Em 1883 os salesianos se estabelecem em Niterói iniciando o Colégio Santa Rosa com o apoio de Dom Lacerda e de campanhas que este Bispo havia realizado para a construção do referido Colégio que de início dedicou-se à instrução de artes e ofícios na sua quase totalidade, destinando uma pequena parcela de sua instrução para o ensino escolar e secundário. O Bispo de Campinas, Dom Nery, também foi pessoalmente à Europa solicitar a vinda dos salesianos a Campinas e, nesta cidade estabelecidos, os salesianos começaram sua obra priorizando também, além do ensino das artes e ofícios, a obra dos internatos.

Após a instalação dos salesianos em Campinas, a aceitação da proposta feita por dom Nery para que a congregação se instalasse na cidade e, passado o período de estabilização da obra, aos poucos as bases de sua presença na cidade vão sendo fortificadas e ampliadas. O primeiro passo nesse sentido e definidor da presença na cidade, foi a separação dos tipos de obra como tentativa de estar presente nos diversos segmentos sociais e geográficos da cidade.

Feitas as devidas adaptações do modelo italiano da obra salesiana para o Brasil, percebe-se que neste país as estratégias de ação da congregação foram permeadas por direcionamentos similares em todas as casas. E, após o período de adaptação dessa presença, pensou-se em um rodízio nos cargos daqueles que ocupariam a direção das casas. A partir das décadas de vinte e trinta do século XX, observa-se maior rigidez no tocante ao tempo que cada padre deveria permanecer em cada obra, culminando com os tempos atuais em que o diretor tem um mandato de três anos, podendo ser prorrogados por mais três, uma única vez. Já no início do século havia certa variação nestes mandatos. Dependendo das

⁸² Preciosas Recordações dos 25 anos dos Salesianos no Brasil pp. 169-184, citado por Marcicaglia.

circunstâncias locais o diretor permanecia no cargo por dois anos, ou até oito ou nove anos, dependendo das necessidades.

Tal fato revela que a fixação de períodos determinados para os mandatos se incluem dentro da convicção que a rotatividade seria salutar para a obra, pois a permanência muito prolongada de uma mesma pessoa num cargo, poderia levar a situações em que este se torne um domínio pessoal, respaldado por um círculo de amizades, apoios e sustentáculos que acabam se criando naturalmente.

Dentro da especificidade e objetivos delimitados em cada obra, serão relatadas a seguir as atividades que faziam parte do espírito salesiano na Itália e, que no Brasil e, mais especificamente no caso de Campinas, feitas as devidas adaptações circunstanciais e culturais, também foram reproduzidas:

a) *Música* - No Liceu Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora um dos elementos muito valorizados e utilizados foi a música. O estudo da música e a sua prática. Ficou famosa a *Schola Cantorum*, que por décadas funcionou tanto para a animação das liturgias, para animação dos momentos festivos, mas também nas excursões que fez, levando os alunos cantores e o coro a se apresentarem em outras cidades e outras escolas, salesianas ou não.

No Externato São João também aconteceu esta valorização da música. Lá funcionou por muito tempo o Coro “Canarinhos do Externato”, que cultivava também a arte musical e tinha maestros contratados para prestarem serviço técnico-musical.

b) *Prática esportiva, cultural e recreativa* - Inerentes a todas as obras salesianas do Brasil e, também nas de Campinas, a amplidão dos espaços físicos, os imensos jardins, campos e áreas de recreação, favoreciam amplamente a prática esportiva, cultural e recreativa.

Dentro da parte cultural-recreativa tem-se nas três escolas a presença do cinema e do teatro. Semanalmente eram exibidas fitas que não só os alunos, mas também jovens

freqüentadores do Oratório podiam assistir. O cinema aparece como algo marcante na vida dos ex-alunos salesianos, conforme relatos de entrevistas.

Em relação ao cinema, o cuidado moral que havia nas três casas salesianas era semelhante. Um esquema de censura era feito pelo Diretor. Cenas amorosas, românticas, que permitissem quaisquer insinuações afetivas deveriam ser eliminadas para que não houvesse comprometimento na formação do caráter moral dos jovens. Neste sentido o rigor chegou a tal ponto no final da década de 1920, que o padre Inspetor baixou regulamentos explícitos a esse respeito.

No que diz respeito à preservação da moral e dos bons costumes, as normas do superior da congregação salesiana eram rigorosas não somente em relação aos filmes que seriam apresentados aos jovens. Havia determinações rigorosas sobre a realização deste trabalho de censura, quando não deveriam permanecer no recinto nenhuma outra pessoa da casa, mas somente o responsável, no caso o diretor do Colégio. A finalidade deste rigor, estendido também aos padres, era a de evitar qualquer tipo de situação que pudesse vir a estimular práticas que colocassem em xeque o voto de castidade dos outros religiosos. Já em relação ao teatro, no Externato São João esta foi uma prática muito presente. Foram famosas as inúmeras peças apresentadas no Teatro São João, para as quais acorriam os moradores dos arredores em busca de entretenimento.

c) *Disciplina e Sanções* - Sobre a questão disciplinar, as casas apresentaram sempre bastante rigor. Nas casas salesianas até a década de 1970, o sino foi um elemento presente para a chamada a todos os atos, tanto no internato como no externato. A conduta dos padres em relação aos alunos que burlavam as regras era de reprimendas e, até em muitos casos de agressões físicas leves ou pesadas, dependendo da época, tais como tapas na cabeça, chibatadas com vara de marmelo, puxões de orelha, contrariando totalmente a proposta de Dom Bosco sobre os castigos.

d) *Recompensas* - As premiações como elemento oposto aos castigos, até recentemente fizeram parte das escolas salesianas. Os alunos, ao final do ano letivo

recebiam medalhas de “honra ao mérito” por comportamento e aplicação nos estudos. Nos boletins constava a classificação dos alunos em relação aos outros da classe. O primeiro, segundo e terceiro lugares da classe costumavam receber uma “salva de palmas”.

e) *Preleções diárias* - No aspecto religioso constavam o “Bom-dia”, ou “Boa-tarde”, ou “Boa-noite”, dependendo do horário em que o aluno estudasse. Geralmente para os internos era feito à noite, como último ato comum na casa. Para os externos, logo na entrada das aulas, sendo pela manhã ou pela tarde. Essa prática sempre existiu nas casas salesianas e se conserva até hoje. Consistia geralmente em pequenas preleções diárias, feitas pelo padre diretor, onde se aborda os assuntos mais diversos: religião, santo do dia, data marcante, episódio da vida de Dom Bosco, conselhos de vida ou até mesmo reprimendas morais. Hoje em dia, este costume ainda existe nas casas salesianas, porém tais preleções são feitas não apenas pelo Diretor, mas também por outras pessoas integrantes da equipe educativa.

f) *Práticas religiosas* - Havia obrigatoriedade de assistência à missa. Mesmo para os alunos externos, até os anos 1970, havia a obrigação de participar da missa pelo menos uma vez por mês no Colégio, com controle de frequência. O aluno que participasse em outra Igreja, ainda assim era alvo de chamada de atenção.

g) *Catequese* - A catequese sempre foi uma prática da escola salesiana e, após o período de primeira eucaristia, os alunos se engajavam em algumas das associações: Congregação Mariana, Associação dos ex-alunos de Dom Bosco, Grupo de Coroinhas, etc. Quando adultos já poderiam fazer parte do grupo dos Cooperadores Salesianos.

h) *Ensino Religioso* - Na sala de aula constava como disciplina normal do currículo a disciplina “Religião”, que com o passar dos anos tomou a forma mais amena de “Ensino Religioso”, com igual peso que qualquer outra matéria.

i) *Comemorações e festividades* - Os desfiles de comemorações cívicas, as procissões e as festividades de final de ano, de Nossa Senhora Auxiliadora, São João, São José, foram sempre muito fortes e marcantes na vida dos meninos. Para tanto foi muito incentivada a fanfarra e, para estas datas havia o uniforme chamado de “gala”.

j) *Escolas masculinas* - As escolas salesianas do Brasil, tal qual as da Itália, eram freqüentadas somente por meninos. Em Campinas esta prática teve duração variada: no São José, já em 1977, havia matrícula de uma menina e nos anos seguintes a escola passou a receber alunas.⁸³ Já no Externato São João, tal fato ocorre somente a partir do ano de 1983. No Liceu ocorre em 1985.⁸⁴

k) *Folga semanal* - Seguindo o estilo italiano, até por volta do final dos anos sessenta, a folga semanal das aulas era na quinta-feira, tendo, portanto aulas normais aos sábados.

l) *Formação intelectual* - No tocante à formação intelectual oferecida nas escolas de Campinas, mais ou menos as três apresentaram sempre o mesmo teor de rigor e exigência. Porém, no Liceu e no Externato São João sempre houve uma relativa equiparação, e no São José uma valorização maior da formação humana e cristã em detrimento da formação conteudista no Ensino Fundamental.

m) *Relacionamento escola-família* - O relacionamento e envolvimento com as famílias da redondeza sempre foi muito intenso. Estas sempre encontraram na Escola uma

⁸³ A entrada de alunas na Escola Salesiana São José se dá de forma especial, porque até 1973 eram as Irmãs Salesianas que cuidavam da escola e elas criavam uma menina, que foi a primeira aluna dentre todos os alunos do sexo masculino. Esta menina foi matriculada de forma regular em 1975. Em 1974, os padres salesianos assumem o controle da escola e, em 1976 estabelecem o cargo de Padre Prefeito.

⁸⁴ Esta estrutura educacional de separação de gênero que ocorria na Itália do século XIX e em outros países, foi trazida e implantada pelos salesianos nas escolas do Brasil. Como resposta a esta situação, Dom Bosco, juntamente com Maria Mazzarello, funda na Itália, num período posterior ao da fundação da Congregação Salesiana, uma congregação religiosa feminina para atender à educação das meninas, nos mesmos moldes do ramo masculino. Maria Mazzarello, reconhecida como co-fundadora da Congregação das “Filhas de Maria Auxiliadora”, as “Salesianas”, também foi canonizada pela Igreja.

forma de superação de carências próprias de sua condição de vida. Neste sentido, as casas salesianas, a partir do espírito de família desejado desde o início por Dom Bosco, acabaram por exercer um papel de continuidade da família.

n) *Ensino universitário* - Interessante é o fato de que os salesianos sempre estiveram atentos às últimas tendências do momento educacional, social e político. Desde a década de 1980, os salesianos buscam a instalação e oficialização de cursos universitários, antecipando-se a muitas outras congregações que ainda hoje têm dificuldades para ver com clareza esta opção.

Poderia se dizer que o Liceu Nossa Senhora Auxiliadora e o Externato São João foram muito parecidos e, em determinados momentos sua formação foi quase que homogênea. Fato relevante é o Externato São João, no final da década de 1960, ter sido considerado pela Secretaria da Educação de Campinas o melhor curso primário do ano. Isto revela que, embora tendo sido concebida como uma escola mediana, para filhos das camadas médias, atingiu o mesmo grau de importância que o Liceu.

2 - Aspectos que diferenciam as três escolas

Os aspectos apresentados a seguir, em número menor que do tema anterior, não aparecem de forma tão clara nas três escolas e são mais difíceis de serem detectados:

a) *Procedência social dos alunos* - É necessário um pouco de aprofundamento e entendimento da presença salesiana em Campinas para perceber que dentre as poucas diferenças que havia entre as escolas, talvez a mais marcante e importante seja a separação dos tipos de alunos que se destinariam a cada obra, de acordo com sua procedência social e econômica. Esta separação é definidora dos rumos e da atuação da congregação em

Campinas. É uma característica que aparece de forma muito sutil e que precisa certa acuidade para localizá-la. Não se encontra registrada em nenhum discurso, em nenhum jornal ou livro, mas este fator é de relevância crucial para se entender a presença salesiana em Campinas.

b) *Diferente destinação social dos alunos* - A partir do mencionado no tópico anterior, conclui-se que o Liceu Nossa Senhora Auxiliadora foi a obra mãe, geradora das outras duas. E, embora as três escolas apresentassem um nível de exigência e formação intelectual semelhante, também com resultados parecidos, haja vista que as três escolas lançaram na sociedade pessoas que vieram a se destacar, cada uma lidava com alunos procedentes de realidades sociais diferentes, assim, como consequência, os alunos provenientes de famílias mais abastadas, numa ordem lógica, teriam maiores chances de ocupar posições privilegiadas e exercer funções sociais de comando, enquanto que os alunos mais pobres tinham seu destino mais ou menos determinado para o exercício de profissões tidas como menos importantes.

c) *Política de qualidade total* - Interessante é o fato de que no ano de 1991, o Externato São João é “engolido” pelas duas outras escolas que então eram maiores. Isto se dá em nome de uma política de “qualidade total em gestão administrativa”, adotada pelos salesianos. Neste sistema de administração as escolas católicas assumem claramente dois aspectos: há a proposta pedagógica, constante do carisma da congregação salesiana e de seu fundador, mas é assumido também o aspecto “empresa”. A escola é empresa e, como tal, no momento em que economicamente ela já não mais é interessante, passa-se por cima de noventa anos de história e ela é fechada, ainda que a congregação justifique e mostre que agora ela tem uma função social maior, de acordo com as propostas originais de Dom Bosco.

d) *Diferenças de cursos universitários* - De acordo com a vocação determinada para cada escola, elas vão assumir uma fisionomia na cidade. Ao implantar o ensino

universitário, as escolas foram fiéis à antiga divisão de alunos por procedência. O Liceu passa atualmente por um processo de implantação do Curso de Direito – próprio para responder às aspirações do seu tipo de educando – e o São José já iniciou há alguns anos seus cursos universitários voltados para a área de desenvolvimento tecnológico, tais como mecânica, processamento de dados e mecatrônica, embora atualmente conte com cursos de outras áreas: Administração (Marketing e Comércio Exterior) e Secretariado Executivo.

d) *Especificidade da Escola Salesiana São José* - A Escola Salesiana São José sempre apresentou características um tanto diferenciadas se comparadas às outras duas. Começou como escola agrícola, atendendo as necessidades da cidade em determinado momento. Voltou-se para a formação industrial em atendimento à vocação da cidade e da região e especializou sua proposta universitária nesta linha, também devido à sua estrutura já organizada nesta área. Não só o alunado justifica esta escolha de cursos universitários, mas os equipamentos e instalações já disponíveis também levam a esta escolha.

A partir dos dados apresentados, percebe-se que a história de cada unidade salesiana permite identificar uma determinada forma de atuação quanto à educação e, principalmente, uma profunda capacidade por parte da congregação salesiana de adaptar-se a inúmeros projetos diferenciados. O segredo reside na constituição de uma regra genérica para o desenvolvimento da moral e dos comportamentos salesianos, com a especificidade e o caráter diferenciado de cada unidade escolar.

3 - O sistema preventivo de Dom Bosco – Proposta Moral e Ética

É possível se pensar em fazer uma aproximação entre os códigos morais propostos na pedagogia de Dom Bosco, o Sistema Preventivo de Educação, na sua tentativa de fazer

impingir aos destinatários deste sistema educativo estes mesmos procedimentos morais, com alguns elementos teórico-filosóficos explicativos e constitutivos do pensamento ético.

Desta forma percebe-se que ao longo de toda a trajetória da vida de Dom Bosco, marcada por elementos definidores do estilo de seu projeto, de sua pedagogia, de sua procedência cultural, toda a trajetória da congregação salesiana, através de seus seguidores imediatos, os padres e irmãos salesianos, e toda a presença salesiana na Itália e nos países onde o seu sistema educacional conseguiu penetrar, a proposta salesiana exerceu de forma intensa um papel modelador de caráter, e de grande influência na consciência moral das pessoas envolvidas em seu processo, ainda que nos dias atuais o quadro da educação no país não permita que tal aconteça com a mesma intensidade que no passado.

Porém, para verificar o conteúdo ético do projeto salesiano, é necessário analisar algumas das correntes do pensamento ético.

REALE (1982) aponta os posicionamentos de Scheler em seu estudo sobre a filosofia dos valores, afirmando que a moral e a ética fundamentam-se num valor e, faz um questionamento sobre a essência do valor e se este já corresponde a uma proposta ideal, portanto ética. No mesmo sentido, também o pensamento de Hartmann defende que o momento da obrigatoriedade já pertence à essência do valor, já está contido em seu modo de ser ideal. Ainda que valor e dever-ser confundam-se, não podem ser compreendidos como idênticos.⁸⁵

O dever-ser, portanto a postura ética, significa direção para ou sobre alguma coisa. Direção para uma proposta ideal, para aquilo que ainda não é, entendido não apenas como o processo que leva ao ideal, mas como a tentativa de concretização deste mesmo ideal, ou seja, valores que ainda não são, mas que devem ser. E valor significa esta alguma coisa para o qual ou sobre o qual se dirige o dever-ser. A meta a ser atingida, a partir do momento em que é estabelecida, condiciona a direção a ser tomada. Assim, valor e dever-ser acham-se inter-relacionados, porém, o primeiro é que nos dá o conteúdo do dever-ser.

Os autores acima citados distinguem o dever-ser ideal do dever-ser atual. O dever-ser atual principia onde o primeiro encontra-se em contradição com a realidade, isto é, o

⁸⁵ Cf. Reale, Miguel, *Filosofia do Direito*, S.Paulo, Ed. Saraiva, 1982.

momento em que o dever-ser ideal se revela irreal. Pois, a realidade atual é necessariamente diferente daquela que se almeja, que se espera e que se quer esperada. O mundo da prática sempre mantém uma grande distância do mundo do ideal. A prática neste caso pode ser entendida como a moral.

O dever-ser atual é muito distinto do dever-ser ideal porque não pertence ao valor em si mesmo, sendo apenas um acréscimo seu. Ou seja, o dever-ser ideal do valor são brevíssimos momentos em que o dever-ser ideal tem a oportunidade de manifestar-se. O dever-ser atual pressupõe o não-ser do dever-ser ideal. Pressupõe a aspiração de algo que almeja ser, mas que ainda não é.

E, na medida em que adentra a realidade e encontra o sujeito do conhecimento e do querer, ou seja o sujeito que conhece e a vontade, é que o dever-ser se transforma realmente num dever-fazer alguma coisa. Porque o sujeito absorve a realidade e age. Esta ação, por sua vez acontece em conformidade com o real e o ideal a ser atingido.

A proposta de vida almejada por Dom Bosco seguindo esta linha de pensamento é um Projeto de conteúdo ético e moral. No seu sistema de educação estão contidas as normas de vida que devem nortear a realidade terrena, visando atingir o cume, a plenitude da vida que é o *Paraíso*. O paraíso não deixa de ser a realidade ética do dever-ser, daquilo que se almeja, que se idealiza.

Em relação ao dever-ser de obrigação, este aparece, por exemplo, quando se afirma que “o mal não deve existir” e, um segundo dever-ser de obrigação, portanto normativo aparece quando se afirma: “não deves praticar o mal”. Este dever-ser passa a ser normativo desde que o seu conteúdo passe a ser concebido, vivido por uma consciência.

A medida de vida ensinada, apregoada, querida por Dom Bosco como algo franqueador para uma situação de bem-estar, ainda que seja em outra realidade que não a terrena, aponta claramente para a existência de um código ético em sua pedagogia. O dever-ser esteve presente em todos os momentos de sua vida, de suas exigências, na busca de superação dos próprios limites e dos limites que a sociedade e a vida lhe impunham. Aos meninos do Oratório a meta esteve sempre definida, demarcada. Estava traçado o destino,

de antemão para quem se propusesse a seguir, a ter os procedimentos de vida enfatizados na sua pedagogia.

Na definição de ética encontram-se divergências entre Scheler e Hartmann, no fato de que o primeiro admite que o dever-ser ideal pertence à essência dos valores. Hartmann admite que o valor, pertence já por natureza, a um certo momento do dever-ser. Scheler porém, sustenta a idéia da separação entre valor e dever-ser, em que valor não envolve de forma alguma o dever-ser. Para este, o “bem” ao realizar-se, deixa de ser “bem”, e transforma-se em alguma coisa moralmente diferente.

Scheler reforça ainda a idéia de que hoje em dia passou a ser fato comum colocar ao lado de valores como o bem, o belo e a verdade, os valores do sagrado, ou os valores religiosos. Estes últimos têm a característica de não serem somente valores, mas possuem o caráter de “ser”. O divino, o ser Deus, é também uma realidade, um valor-realidade, ou uma realidade-valor.⁸⁶

Acerca dos valores espirituais existe toda uma classe em que o dever-ser desempenha um papel especial. É o que se refere aos valores éticos e, como se sabe, o “moral” possui caráter de uma obrigação. É na forma categórica “dever-fazer” que ele se revela à nossa consciência.

Wittmann citado também na reflexão de REALE(1982) afirma que o dever-ser não é imanente aos valores, mas transcendente a eles. Isto é, o valor ético recebe o seu caráter de um poder transcendente, portanto divino. O dever-ser aí é então fruto de uma vontade também absoluta, ou uma vontade divina. Assim, o dever-ser tem o seu fundamento em Deus.⁸⁷

Segundo a corrente do Historicismo Cultural defendida por REALE (1982), o valor está no mundo real e o homem é quem cria o mundo da cultura. Onde estiver o homem aí também estarão a cultura e o valor.

No pensamento de Dom Bosco constantemente prega-se a superação de si mesmo. É o que se poderia chamar de autotranscendência. O ser humano é convidado nesta vida a percorrer um caminho marcado por valores e normas de conduta. Normas que fazem a

⁸⁶ Citado por Reale, 1982, op. cit. p. 122.

⁸⁷ Idem.

diferença no momento das escolhas entre o bem e o mal, entre o “ser normal” e o “ser mais”. O objeto almejado, a superação de si, constituem o ponto de vista ético da proposta de Dom Bosco. Ele aspirava um mundo novo, renovado, ainda que, no campo político, não teve posturas ousadas, mas conservadoras. E acreditava que este mundo novo, renovado, só seria possível se a juventude desocupada, perdida, sem instrução, afeto e família, encontrasse um amparo amigo, um refúgio que lhe desse força e sustentação para “transcender” a realidade presente.

Wittmann, é um dos grandes defensores da hipótese da origem transcendente dos valores. Segundo ele, a moralidade aponta para algo além dela, para uma coisa mais elevada, pois a natureza humana não é princípio suficiente de explicação. Há que se recorrer ao transcendente, pois só ele poderá explicar o caráter de obrigatoriedade das normas éticas. Se uma lei obriga em absoluto, é necessário também que haja um legislador absoluto. Assim, na idéia de dever-ser está contida a idéia de Deus.

No sistema preventivo de Dom Bosco a religião aparece como um dado moral, oferecendo garantia de que, através dela o educando terá maior facilidade em concretizar os rumos de sua vida, definidos pela referida religião.

Para Scheler e Nicolai Hartmann, o valor não está nem no indivíduo nem no coletivo, mas no mundo das idéias, que na visão platônica, é onde se encontra a alma, o bem, as idéias claras e distintas.⁸⁸ Dando continuidade a este pensamento, por que também não afirmar que o Paraíso ao qual se refere Dom Bosco não estaria na esfera do mundo das idéias? De acordo com a teologia cristã, paraíso e céu, ou Reino de Deus, nada mais são que o próprio Deus.

O valor é exatamente a marca deixada pelo espírito humano que estabelece o valor, sendo, por assim dizer, uma impressão espiritual. Assim, a busca da perfeição está sempre “sendo buscada”, mas nunca atingida, porque pertence ao mundo das idéias, porém o valor obriga a busca; faz com que exista uma obrigação da busca de um valor moral.

Ainda que nesta linha de pensamento a ética apareça como algo idealizado, que talvez se perca de vista na história, pela sua quase impossibilidade de realização, não se

⁸⁸ Hessen, Johannes. *Filosofia dos Valores*, 1946.

pode deixar de admitir que todo o projeto de vida proposto por Dom Bosco constava de prescrições, valores, que chamaríamos de valores morais, e que necessariamente apontavam para um projeto de vida em que se esperava a realização plena do indivíduo enquanto pessoa, enquanto membro do mundo em que vivia.

A própria vida de Dom Bosco marcada por sonhos, sejam sonhos do sono ou sonhos de vida, apontava para um anseio, um desejo imenso de realização já aqui neste mundo de uma proposta de vida, apoiada sobre um código moral e ético. Pois o sonhar em Dom Bosco é na verdade uma questão ética. É aspirar algo que ainda não é concreto. Dom Bosco ao sonhar com a prática da moral, sonhava com a possibilidade de realização de uma proposta ética.

Em Dom Bosco, ao recomendar veementemente práticas de vida como o exame de consciência, a prática da religião, a busca de boas companhias, “vencer” pelo estudo e pelo trabalho, ser cidadão honesto, tornar-se ao longo da vida bom cristão, não se pode ignorar que estes sonhos de moral e de ética foram buscados ao máximo.

Seus seguidores nos vários países do mundo, no Brasil e, também no caso de Campinas, lutaram, ao longo da presença e da ação salesiana, pela realização de um projeto ético moral. Os valores apregoados nas casas salesianas ecoam ainda nas mentes e nos corações de seus ex-alunos: “A diferença do colégio salesiano é que lá havia além de cultura, a religião. Esta foi a razão de nossa escolha”.

Tal fala, fragmento de entrevistas com ex-alunos, com familiares de alunos, com professores, repetem-se e apontam para um mesmo fato: o sonho de Dom Bosco em “formar o bom cristão e o honesto cidadão” esteve sempre presente em suas obras. Sua pessoa se fez e se faz presente em cada membro da congregação sob a forma do carisma, que é a atualização da vida, da obra e dos projetos do mito-fundador, ainda que no tempo presente a prática cotidiana possa estar em dissonância com os reais desejos do fundador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo de toda a vida e obra de Dom Bosco, os referenciais sociais, políticos, econômicos e culturais irão estar presentes. Sua obra e vida são um esforço imenso para que os meninos abandonados de sua época não passassem pelas mesmas dificuldades que ele havia vivenciado. Ele se identificava sobretudo com os meninos abandonados. Ele não tivera pai. Não tivera escola, não tivera fartura. Sua obra vai sempre se nortear pela tentativa de oferecer bem estar, ambiente familiar e acolhedor, bem como expectativa de um futuro melhor àqueles meninos. Sua obra foi marcada sobretudo com o selo da religiosidade herdada de sua mãe.

Haverá uma preocupação constante em dar estudo, aprendizado de um ofício e ambiente saudável, na tentativa de prevenir que o jovem viesse a se perder. Daí o tripé da pedagogia criada por Dom Bosco: *Religião, Razão e Amorevollezza*.

E, como fato relevante de sua vida e obra, não se pode deixar de destacar que por volta de 1870, sua Congregação Religiosa havia crescido tanto que já contava mais de 60 casas-colégios por toda Itália, França, Espanha e, pelos anos de 1880 estava já presente na América Latina.

Em relação aos sonhos de Dom Bosco, embora muitas perguntas acabem por ficar sem resposta, o que aparece como dado importante é o fato de que a partir destes sonhos, todo um sistema pedagógico educacional se formou e hoje se encontra espalhado por boa parte do mundo desempenhando um papel relevante no campo da educação, ainda que nem sempre com objetivos idênticos aos preconizados por Dom Bosco.

Aos poucos a pessoa de Dom Bosco foi se mitificando e ele muito teria trabalhado para isso, conforme pode se captar pelo que transparece nas suas memórias. Seus seguidores, por sua vez, ao cultivarem sua imagem, sua pessoa e ao transmitirem os seus ensinamentos, ainda que reinterpretados, contribuem para a perpetuação do mito, ao mesmo tempo que fazem uma espécie de atualização deste, através da celebração de sua memória,

de sua vida, perpetuando seus ensinamentos através do que se chama carisma da congregação, ou os objetivos primeiros idealizados pelo fundador.⁸⁹

As memórias escritas pelo santo, embora deixem muitas perguntas no ar, revelam aspectos como a preocupação clara que Dom Bosco tem em mostrar determinados fatos e acontecimentos, e faz isso de forma insistente, repetitiva, parecendo querer impingir ao leitor as verdades que narra.

Se analisados os resultados da obra de Dom Bosco, observa-se que pelo menos do ponto de vista material, quase tudo o que se pensou, se projetou e, sobretudo o que ele sonhou 'sob a inspiração do céu', pode ser visto realizado. Ainda que, ao longo dos anos o discurso proposto por Dom Bosco tenha ficado distante da prática de seus seguidores, em suas obras. Ainda assim, muitos dos objetivos propostos parecem que foram atingidos. A cidade de Turim, no exato local onde com muita pobreza tudo começou, testemunha a presença real da obra de Dom Bosco. Lá se encontram as obras tais como foram sonhadas: Oratórios, a grande Basílica de Maria Auxiliadora, a Igreja de São Francisco de Sales, a ala feminina da Congregação, as "Filhas de Maria Auxiliadora"; as oficinas, a editora, o teatro, as oficinas de eletrônica, as oficinas de tipografia e encadernação. Ao longo de sua história, a Congregação conseguiu se fazer presente em todos os continentes.

A vinda da congregação salesiana a Campinas está ligada aos interesses de Dom Nery, que dentro do projeto de romanização tinha interesses determinados em utilizar-se do campo da educação como um instrumento de controle da população. Esta, educada em escolas cristãs, era garantia de que as gerações futuras também viessem a professar e defender a fé cristã.

A elite cafeicultora da cidade também tinha interesses na educação cristã. No início do século XX as escolas católicas têm ampla aceitação por parte das elites que estavam interessadas em oferecer a seus filhos um tipo de educação conservadora. A modernidade trazia consigo elementos que assustavam as elites, tais como a emancipação da mulher, o

⁸⁹Weber, Max, em sua obra *Estudos Reunidos sobre a Sociologia da Religião*, S.Paulo, Ed. Globo, 1965..Faz uma ampla discussão acerca dos mitos fundadores de religiões e do papel desempenhado por seus seguidores como contribuição ao processo de atualização do mito e do carisma dos fundadores.

relaxamento dos costumes e a Igreja, por sua vez, tinha como proposta uma educação moral conservadora que ia de encontro aos anseios desta elite

No período em que os salesianos se instalam em Campinas, no início do regime republicano, a oferta de escolaridade por parte do governo era muito precária. Lentamente vão sendo criados os grupos escolares na cidade, mas que são insuficientes para atender à demanda. Era, portanto, de interesse dos republicanos aceitar quaisquer iniciativas no campo educacional como forma de dar visibilidade à sua preocupação com a educação.

Dom Bosco e a congregação salesiana tinham como propostas trabalhar especificamente com a infância e a juventude pobre. No Brasil, logo de início estes objetivos tiveram que ser alterados, dadas as circunstâncias específicas com as quais se depararam. A elite e a sociedade nutriam grande preconceito para com o trabalho manual em detrimento do trabalho intelectual. Assim, grande parte da população aspirava que seus filhos pudessem optar por carreiras voltadas à intelectualidade, visando ocupar posições tidas como privilegiadas na sociedade.

Diante deste panorama e da necessidade que o projeto salesiano em Campinas prosperasse, os salesianos fazem opção pela educação das elites. Estas dariam o retorno econômico necessário à solidificação de suas obras. Na verdade, em toda sua história em Campinas, as escolas salesianas dedicaram-se à educação das famílias ricas e médias. Ainda que, nos documentos oficiais constasse a preocupação da congregação em ser fiel à proposta de Dom Bosco, isto quase nunca foi possível.

A presença salesiana em Campinas logo de início teve uma grande preocupação com a divisão dos espaços educacionais da cidade. O Liceu Nossa Senhora Auxiliadora representou a opção que a congregação faz pela educação das elites. De início os padres percebem que a educação para as artes e ofícios sofriam grande rejeição, então era necessário especificar o tipo de educação e de educando que deveria ser aluno do Liceu. Percebe-se uma separação nítida que a congregação faz dos tipos de alunos para cada obra, sem perder de vista o interesse de estar presente nos diferentes espaços.

A segunda obra em Campinas, o Externato São João, que deveria abarcar a educação profissional, das artes e ofícios, também de início sofre rejeição por parte da

população que força a congregação a criar nesta obra os cursos de educação regular, vindo a suprir as carências deste tipo de educação na década de 1910. O Externato São João atendeu durante toda sua existência os filhos de famílias pertencentes aos grupos médios da população. Embora conste nos objetivos iniciais da obra o propósito de que a obra deveria atender a infância pobre e, também no âmbito interno da congregação esta idéia tenha sido amplamente divulgada, tal fato nunca chegou a acontecer, com raras exceções, pelo menos no que se refere a uma educação formal, regular.

Dentro da divisão dos espaços educacionais da cidade, os salesianos criam a Escola Agrícola, que mais tarde se tornaria a Escola Salesiana São José. Esta é criada na busca de se atender a vocação agrícola que a cidade tinha até então. Era importante que esta tivesse seu espaço físico também totalmente separado do Liceu, pois tinha objetivos específicos, diferentes aos do Liceu e do Externato São João.

Na década de 1950, quando a cidade redireciona sua vocação, voltando-se para o desenvolvimento industrial, a Escola Agrícola também transforma seus objetivos educacionais, voltando-se para o atendimento educacional da parcela da população que irá preencher cargos de qualificação de nível médio de certo prestígio (técnicos em eletrônica, mecatrônica, etc) deste espaço da atividade econômica. Torna-se a Escola Salesiana São José, que vai direcionar todo seu projeto educacional para a formação técnica.

No final do século XX, com a adoção pela congregação da política administrativa que visa a qualidade total, o Externato São João é escolhido como obra a ser fechada. Os alunos foram distribuídos entre o Liceu Nossa Senhora Auxiliadora e a Escola Salesiana São José, intensificando a atividade de ensino regular nesta duas escolas.

Neste período, a congregação dá passos significativos no que diz respeito a ampliação de sua oferta educacional, agora ocupando também o espaço do ensino universitário, justificando sua preocupação em oferecer educação de todos os níveis, cobrindo desde a educação infantil até a universidade. Em Campinas isto se dará respeitando-se ainda a divisão dos espaços educacionais: no Liceu já se encontra em processo de implementação o Curso de Direito, enquanto que na Escola São José, há alguns

anos, se mantêm cursos universitários voltados para a área tecnológica e poucos para a área de serviços.

Em relação ao Sistema Preventivo Salesiano, conclui-se que este apresenta-se como uma forte proposta de Moral e de Ética mais de discurso que de prática, ainda que a congregação ao longo de sua existência, através dos colégios, tenha deixado em seus educandos muitas marcas características desta proposta.

ANEXO I

Congregações Religiosas Masculinas e Femininas no Brasil no início do período republicano

O Pe. Júlio Maria aponta as Ordens Religiosas presentes no Brasil em 1894:

Ordem Carmelita Fluminense, Província Franciscana da Imaculada Conceição, Congregação da Missão (Lazaristas), com suas respectivas sedes no Rio de Janeiro, então Capital Federal; Comissariado da Terra Santa, com sua sede em Petrópolis; Província Carmelitana da antiga observância, Província Franciscana de Santo Antonio do Brasil, Ordem Beneditina Brasileira, com sua respectiva sede na Bahia, Ordem Carmelitana de antiga e regular observância, com sua sede no Recife; Companhia de Jesus, com sua sede em Roma; Ordem Dominicana, com sua sede em Toulouse.

A Companhia de Jesus tem no Brasil duas missões: uma a cargo da província germânica, no Rio Grande do Sul, e a outra sob a direção da província romana.

Os Lazaristas dirigem seminários no Rio de Janeiro, Bahia, Mariana, Diamantina, Fortaleza e Curitiba, e têm casa conventuais no Rio de Janeiro, Campo Belo, Caraça e Petrópolis.

Os dois seminários arquiépiscopais do Brasil são os de São José, na capital federal, e o de Santa Tereza, na Bahia. Além dos seminários já mencionados, há os do Pará, Mato Grosso, Goiás, Amazonas, São Paulo, Petrópolis, Porto Alegre, Olinda e Maranhão.

As Ordens Monásticas do sexo feminino têm no Brasil os seguintes conventos: da Ajuda e de Santa Teresa, com sede no Rio de Janeiro; de Santa Clara do Desterro, das Ursulinas das Mercês, das Ursulinas da Soledade, das Ursulinas da Conceição da Lapa, com suas sedes na Bahia.

A Ordem Beneditina Brasileira conta com onze mosteiros situados no Rio de Janeiro e nos estados da Paraíba, Pernambuco, Bahia e São Paulo. A Ordem Carmelitana da

antiga observância divide-se em três províncias, que são a pernambucana, a baiana e a fluminense. A Ordem Franciscana divide-se em duas províncias assim denominadas: Santo Antonio do Brasil e Imaculada Conceição. A Província de Santo Antonio do Brasil tem a sua casa capitular no Convento de São Francisco da Bahia.

O autor cita ainda uma lista com dados completos a respeito das Santas Casa de Misericórdia espalhadas pelos Brasil que ele julgou como mais importantes, além das principais irmandades e confrarias, bem como as Conferências de São Vicente de Paulo e as primeiras iniciativas de formação religiosa católica.⁹⁰

Além das congregações citadas por Júlio Maria, havia muitas outras como os Padres Agostinianos, as Irmãs Agostinianas, as Irmãs de São José de Chambéry.

⁹⁰ Maria, Júlio, *A Igreja e a República*, Brasília-DF, Editora da Universidade de Brasília, 1981.

ANEXO II

Fotografias representativas de Dom Bosco, Dom Nery e da obra salesiana

Fontes:

- Arquivo do Externato São João no Liceu Nossa Senhora Auxiliadora
- Polyantea de Dom Nery – Saudosa Homenagem ao 1º Bispo de Campinas
- Salesianos de São Paulo 1999 – Inspetoria Nossa Senhora Auxiliadora
- Arcadas do Tempo – O Liceu tece cem anos de história – Ana Maria de Mello Negrão, Ed. DBA
- Dom Bosco – Pai e Mestre dos jovens – Terésio Bosco, Ed. Salesiana Dom Bosco

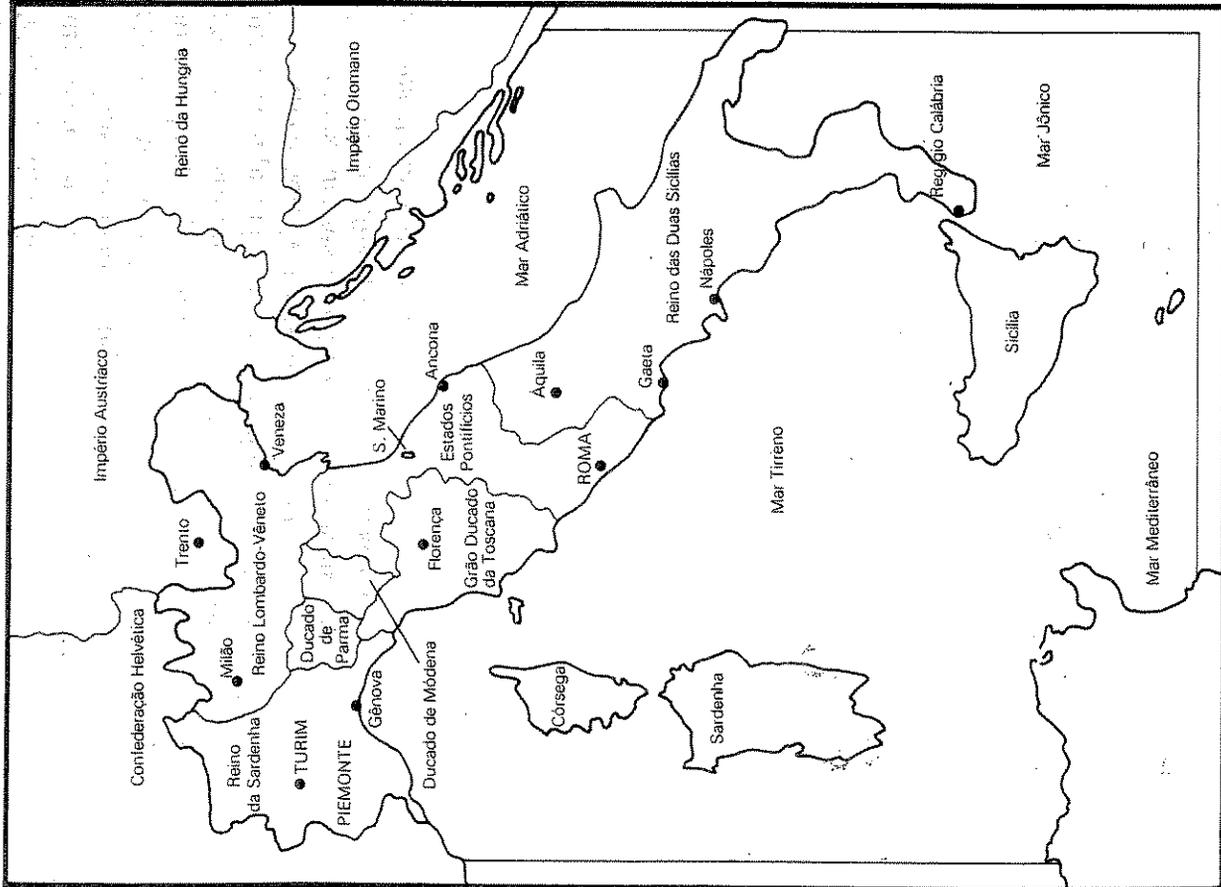


Fig. 1 (TB) Subdivisão dos Estados Italianos depois do Congresso de Viena (1815).

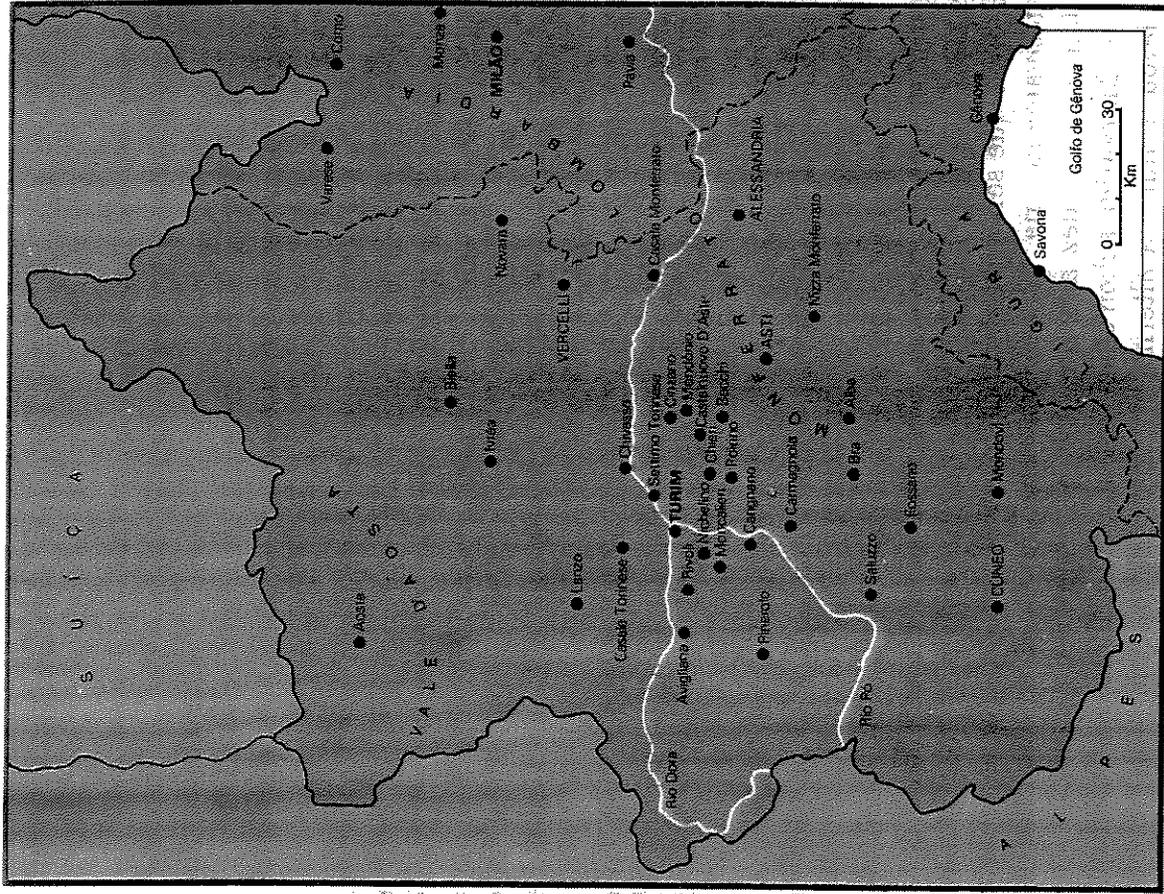


Fig. 2 (TB) Piemonte.

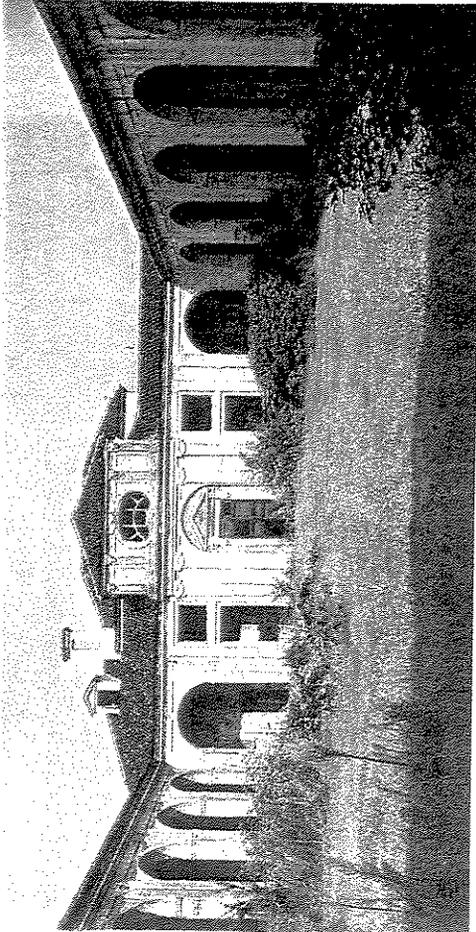


Fig. 3 Capela do cemitério (desativado) de São Pedro in Vincioli.
(TB)

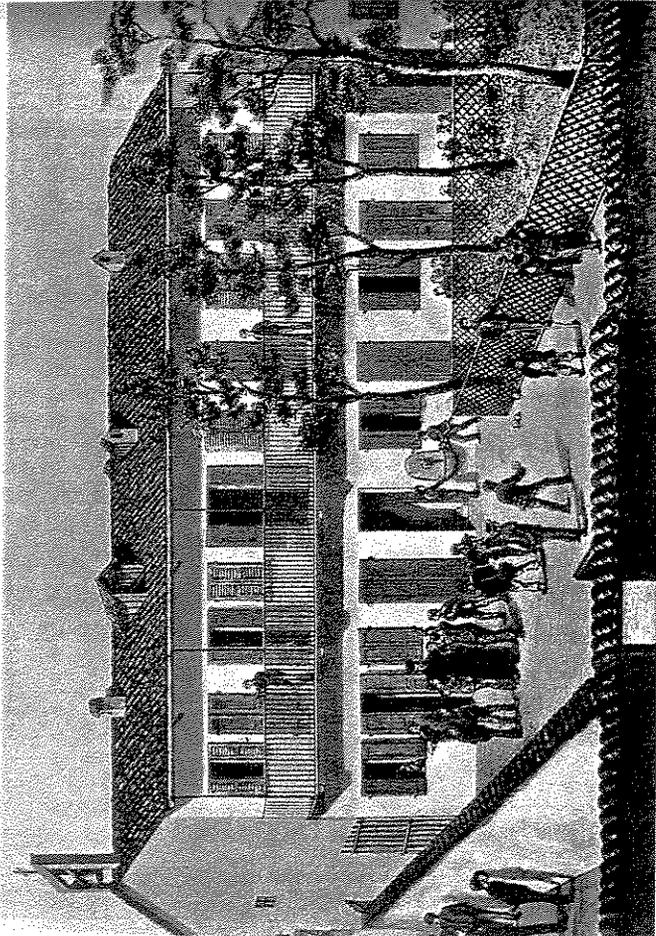


Fig. 4 Primeira representação do telheiro Pinardi que Dom Bosco transformou em oratório.
(TB)

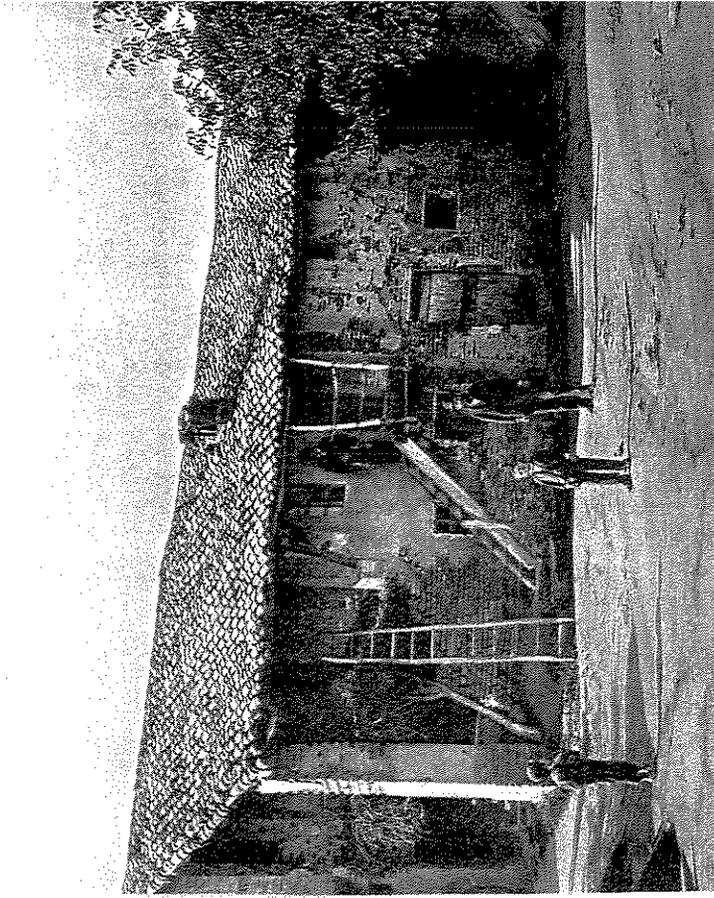
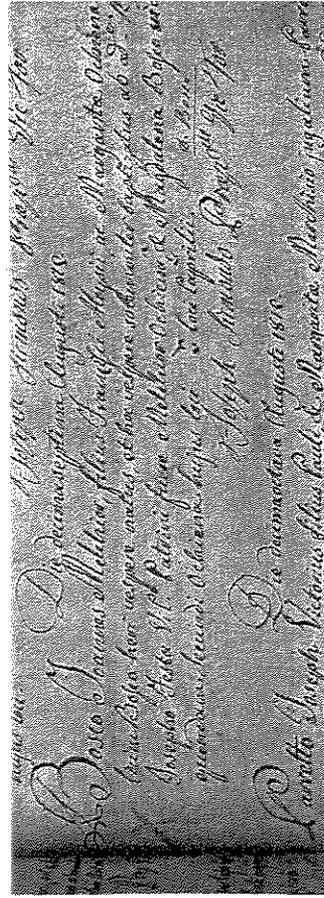


Fig. 5 Fotografia muito antiga da casa onde Joãozinho Bosco viveu sua infância.
(TB)



João Melchior Bosco foi batizado em 17 de agosto de 1815, dia seguinte ao do nascimento
(v. arquivos paroquiais de Castelnuovo).
(TB)



Dom Bosco entre seus jovens (1861)

Fig.7 (TB)



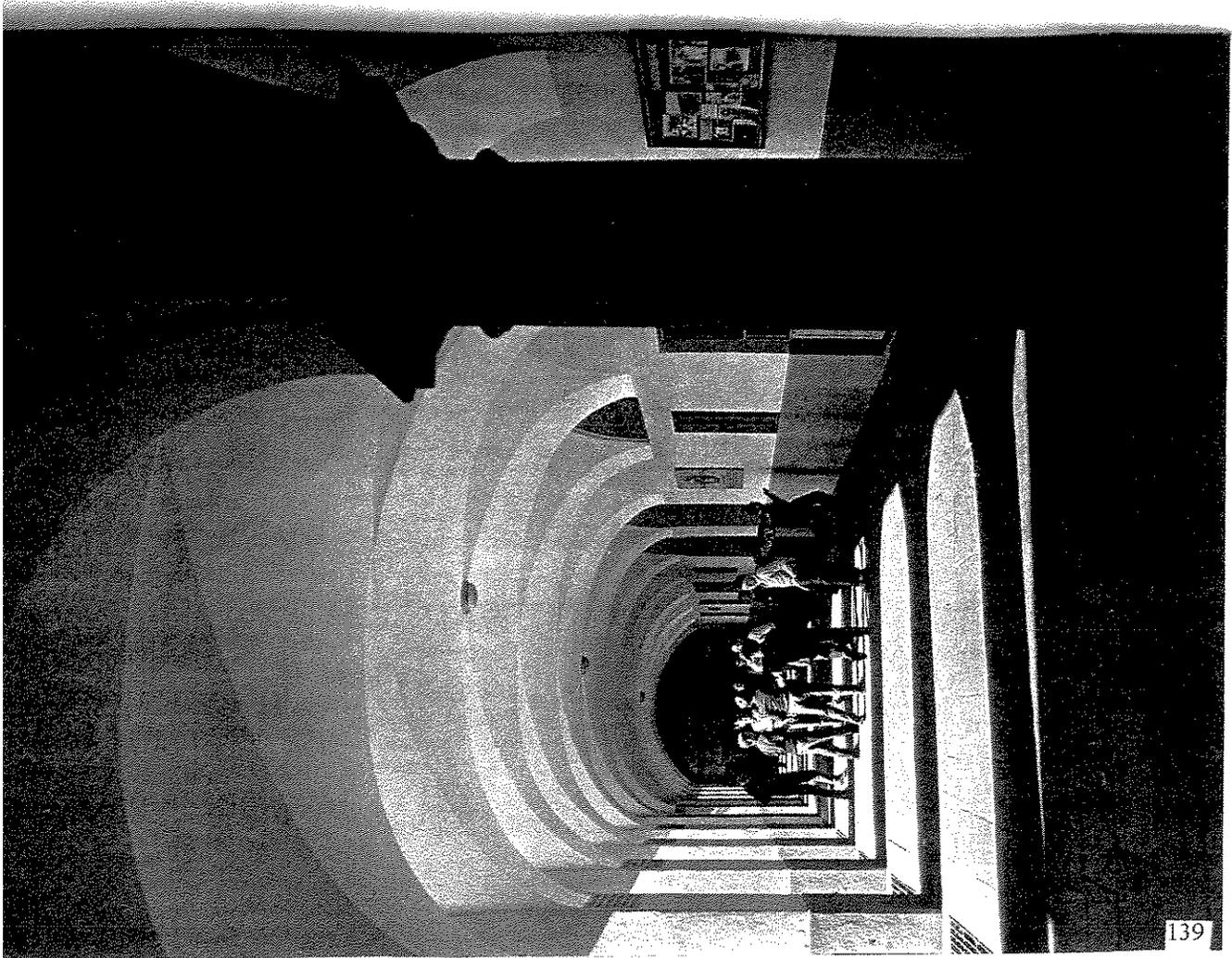
Dom Bosco à mesa de trabalho no quarto. Acima da janela o lema de toda a sua vida: *Dá mihi ánimas, caétera tolle* (*Dai-me almas, ficai com tudo o mais*).

Fig. 8
(TB)



Dom Bosco entre os músicos de Valdocco. À sua direita, José Buzzetti.

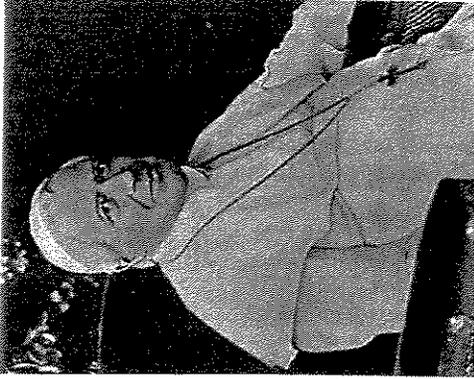
(TB)



Pórtico das "Boas Noites". Após as orações da noite, antes de deitarem, Dom Bosco dirigia aos meninos breves palavras.

Fig. 10 (TB)

Fig. 11 (TB)



Pio IX, pai e protetor de Dom Bosco.

Fig. 12 (TB)



Leão XIII, o papa do mundo operário



Margarida, a mãe de Dom Bosco.

Fig. 13 (TB)



Dom Bosco aos 65 anos (1880).

Fig. 14 (TB)

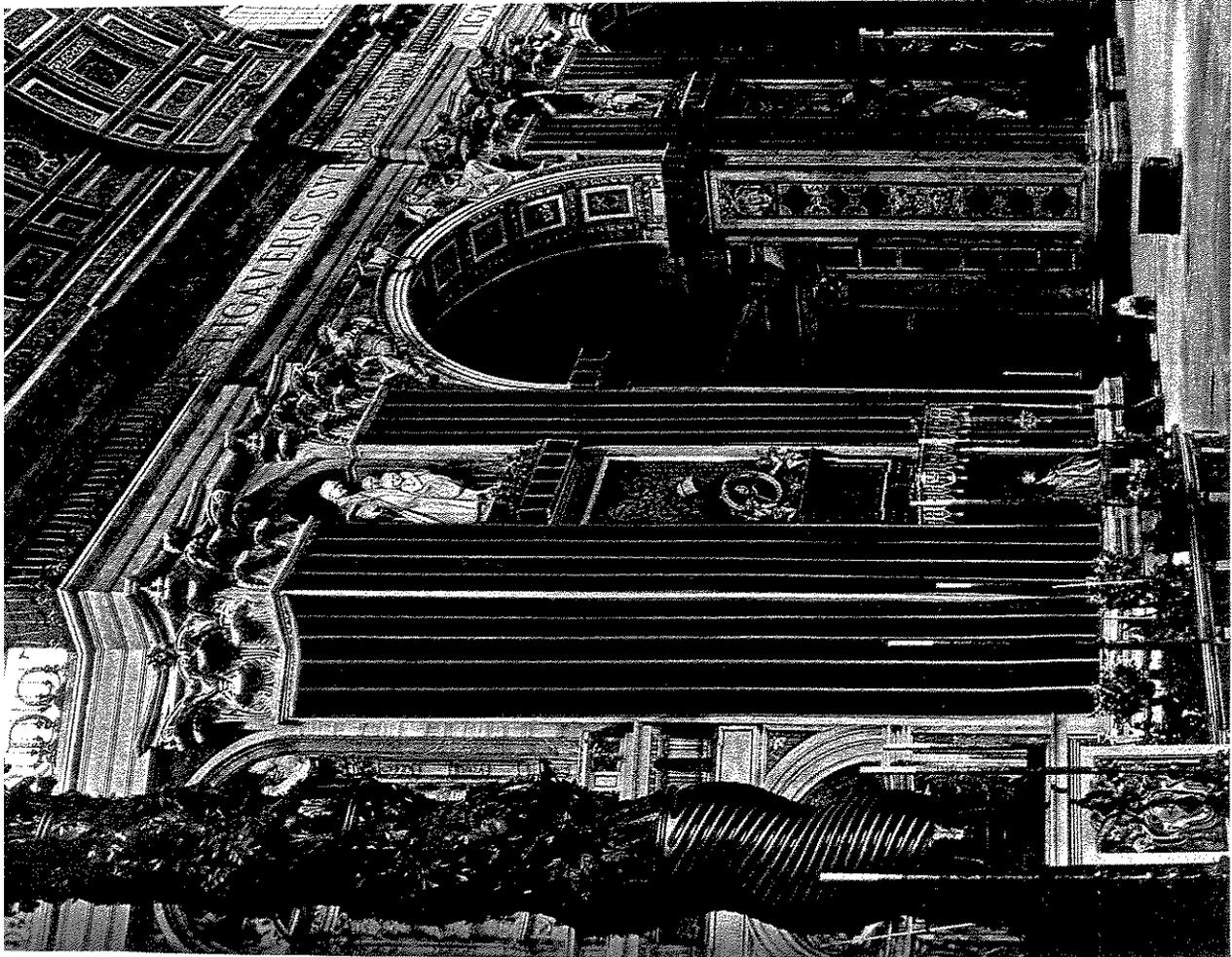


Fig. 15 Basílica de São Pedro, em Roma. Dom Bosco, em sonho, viu-se aí, acima da estátua de s. Pedro e do medalhão de Pio IX. (TB)

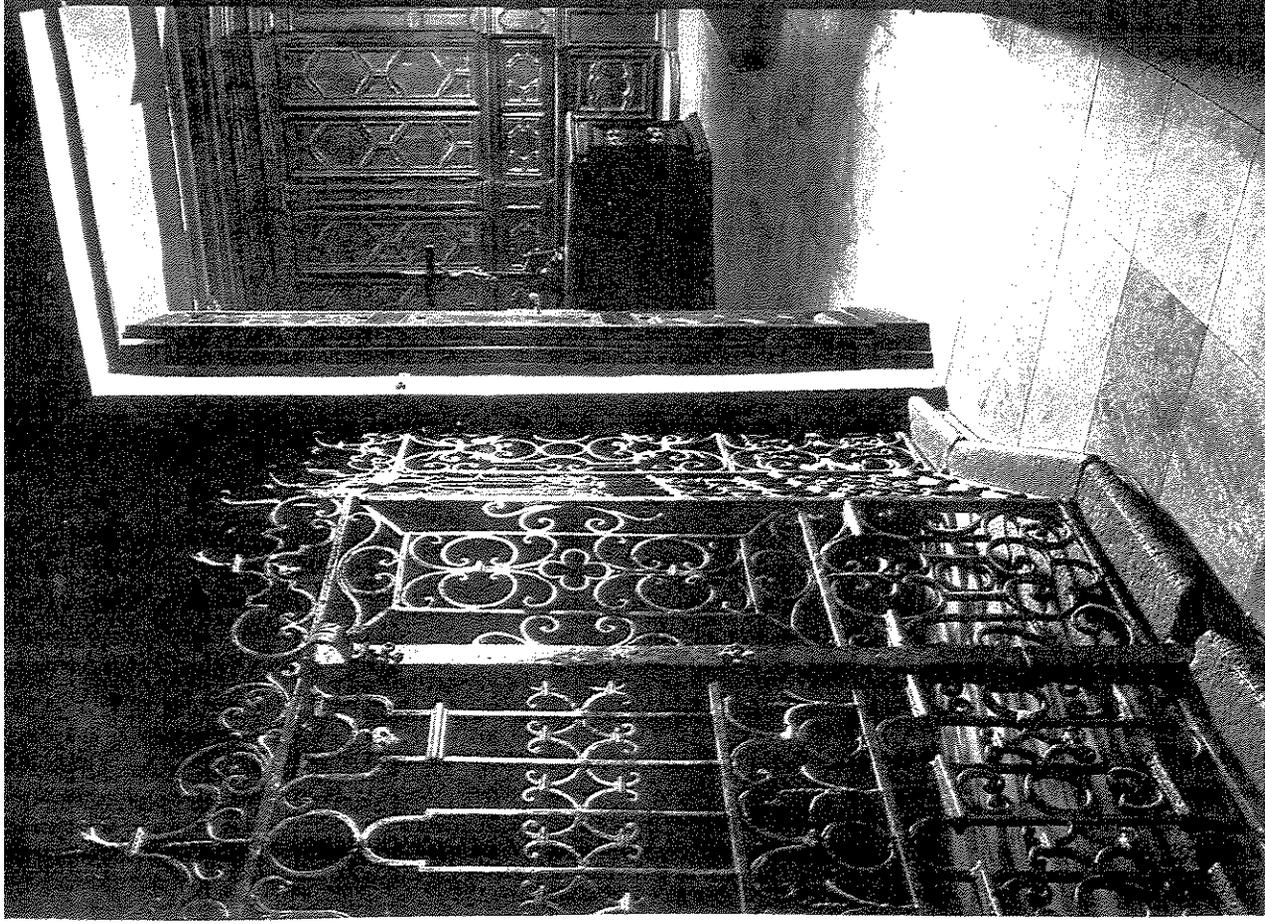


Fig. 16 Sacristia da Igreja de s. Francisco de Assis. Aí, em 8 de dezembro de 1841, Dom Bosco se encontrou com Bartolomeu Garelli. (TB)



Fig. 18
(TB)



Fig. 19
(TB)

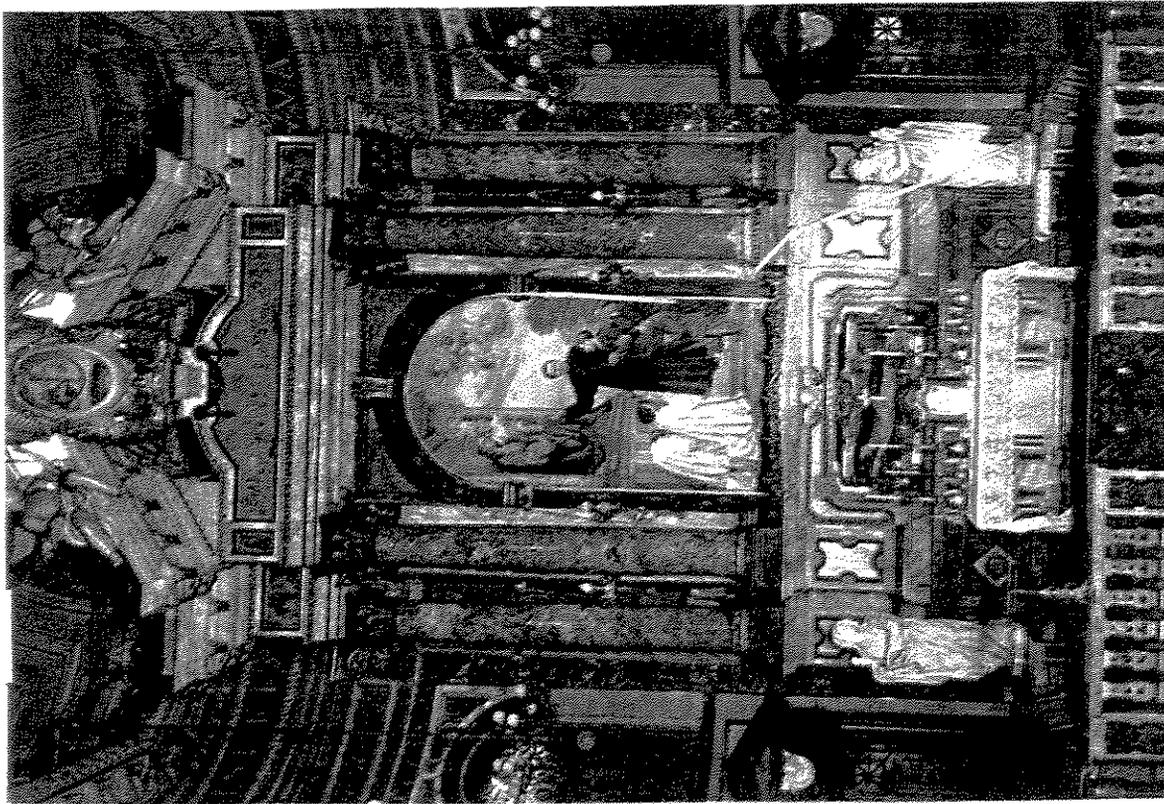
Basílica do Sagrado Coração de Jesus, em Roma, e anexo colégio. *Fotos menores:* em 1875, quando cônego, Dom José Sarto, bispo de Mântua (futuro Pio X), visitou Dom Bosco; o P. Aquiles Ratti (depois Pio XI) visitou-o em 1883: proclamou Dom Bosco bem-aventurado (1929) e santo (1934).

Fig.20 (TB)

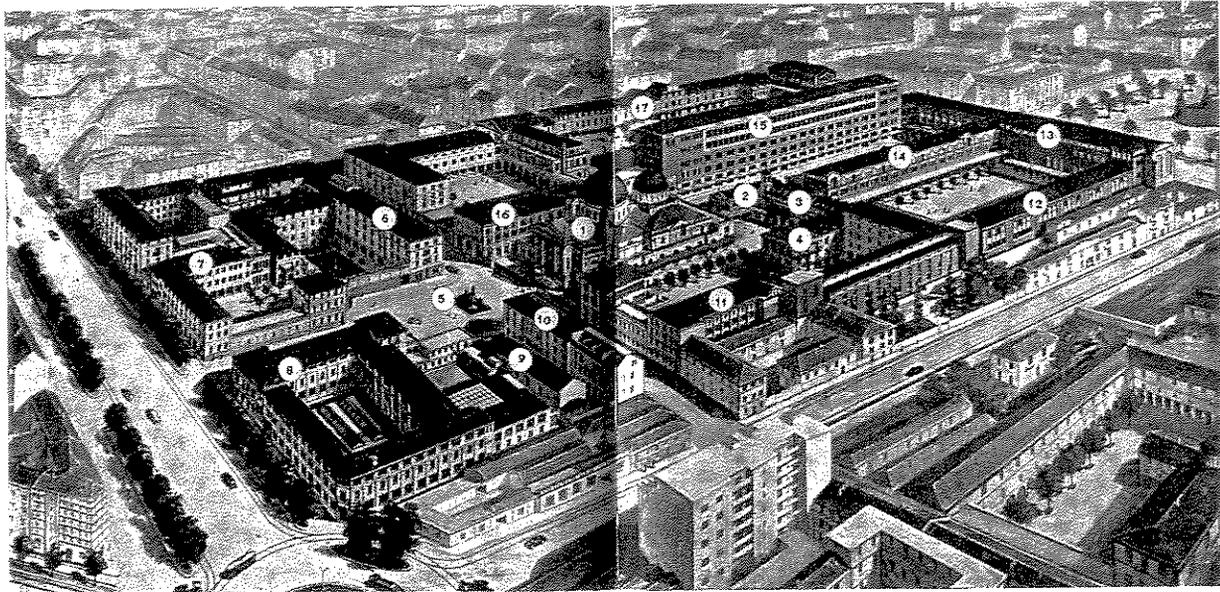


O Santuário de Nossa Senhora Auxiliadora levantado por Dom Bosco: "Esta é a minha Casa, daqui sairá a minha glória".

Fig. 21 (TB)



Altar, Urna com o corpo e Quadro de Dom Bosco Santo, na Basílica (ampliada) de Maria Auxiliadora, em Turim.



1. Basílica-Santuário de Maria Auxiliadora. — 2. Igreja de S. Francisco de Sales. — 3. Capela Pinardi. — 4. Aposentos onde viveu Dom Bosco. — 5. Monumento a Dom Bosco. — 6. Casa generalícia das F.M.A. — 7. Instituto Feminino "Maria Auxiliadora". — 8. Sociedade Editora Internacional. — 9. Igreja sucursal da Paróquia de Maria Auxiliadora. — 10. Casa Paroquial. — 11. Direção Geral das Obras de Dom Bosco. — 12. Aulas para os alunos internos. — 13. Teatro. — 14. Oficinas das Escolas Profissionais. — 15. As oficinas de Mecânica e Eletromecânica. — 16. Oficinas de Tipografia e Encadernação. — 17. O Primeiro Oratório Festivo.

Fig. 23 A Cidadela de Dom Bosco nos anos de 1970
(TB)

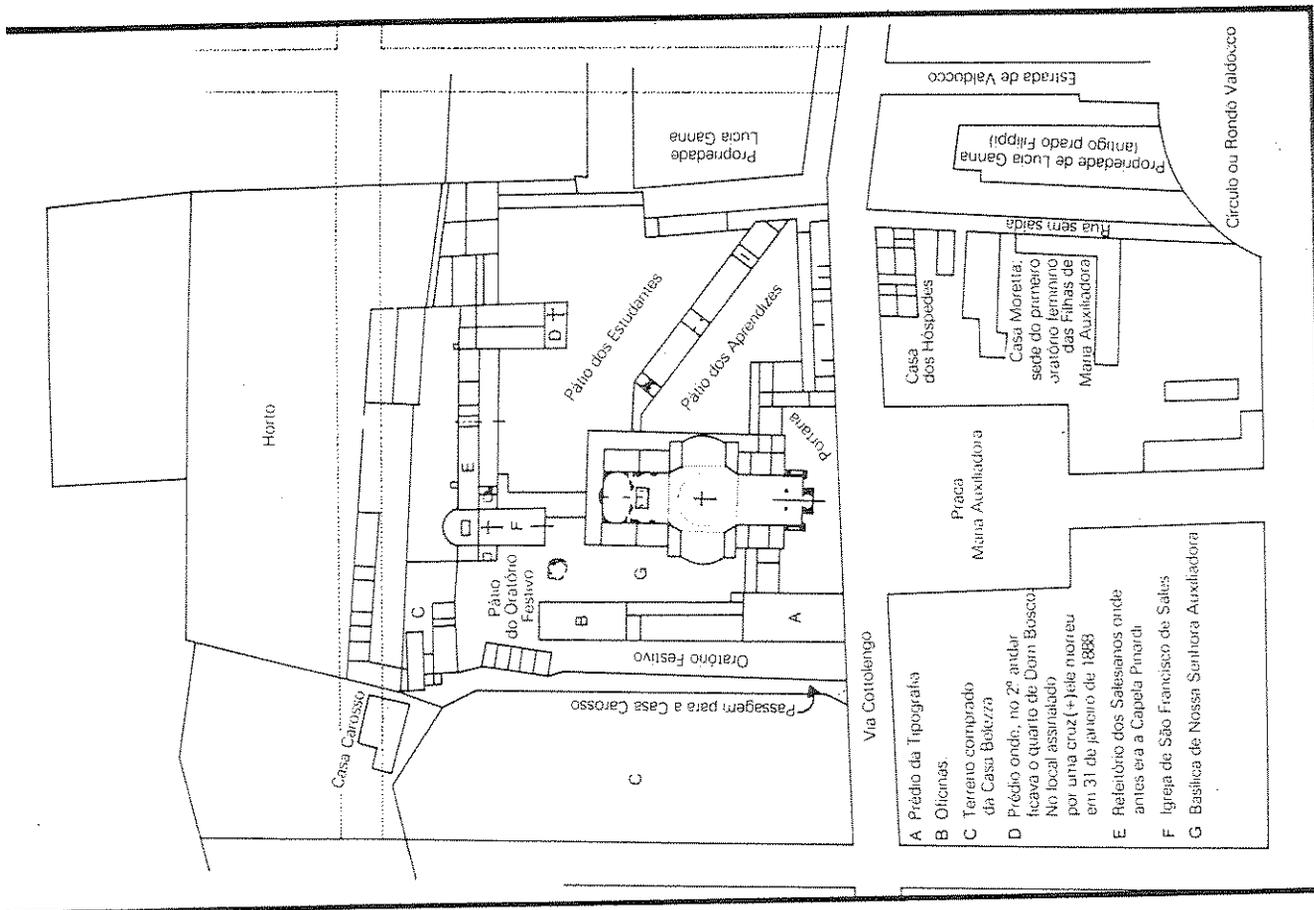


Fig. 22 O Oratório ao tempo da morte de Dom Bosco (1888).
(TB)

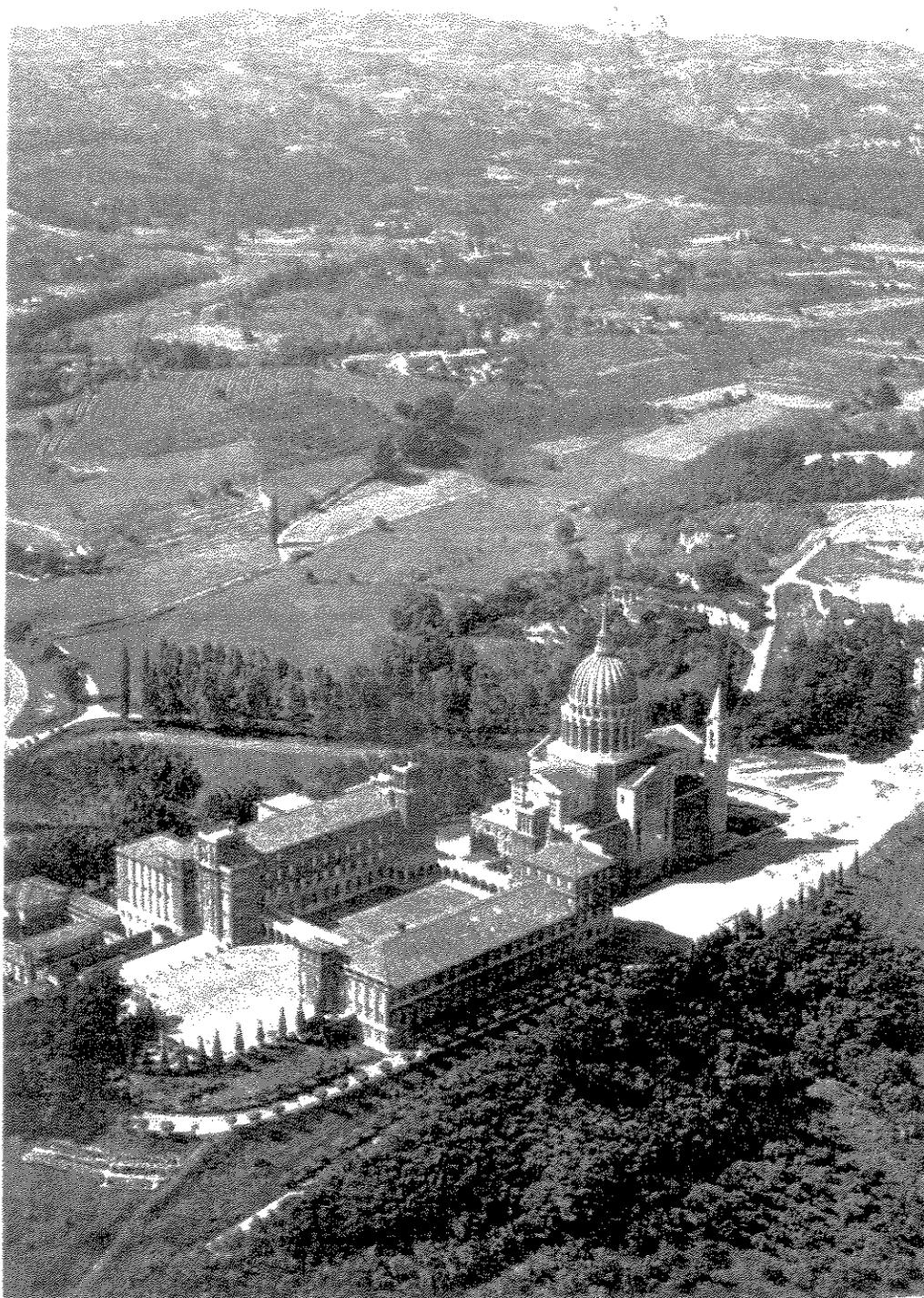


Fig. 24 (TB)

Colle Don Bosco (antigos Becchi).

Foto aérea do Templo de Dom Bosco construído sobre o local em que Dom Bosco *nasceu*, a uns cem metros da casa onde Joãozinho *viveu* sua infância.

Fig. 25 (PDN)

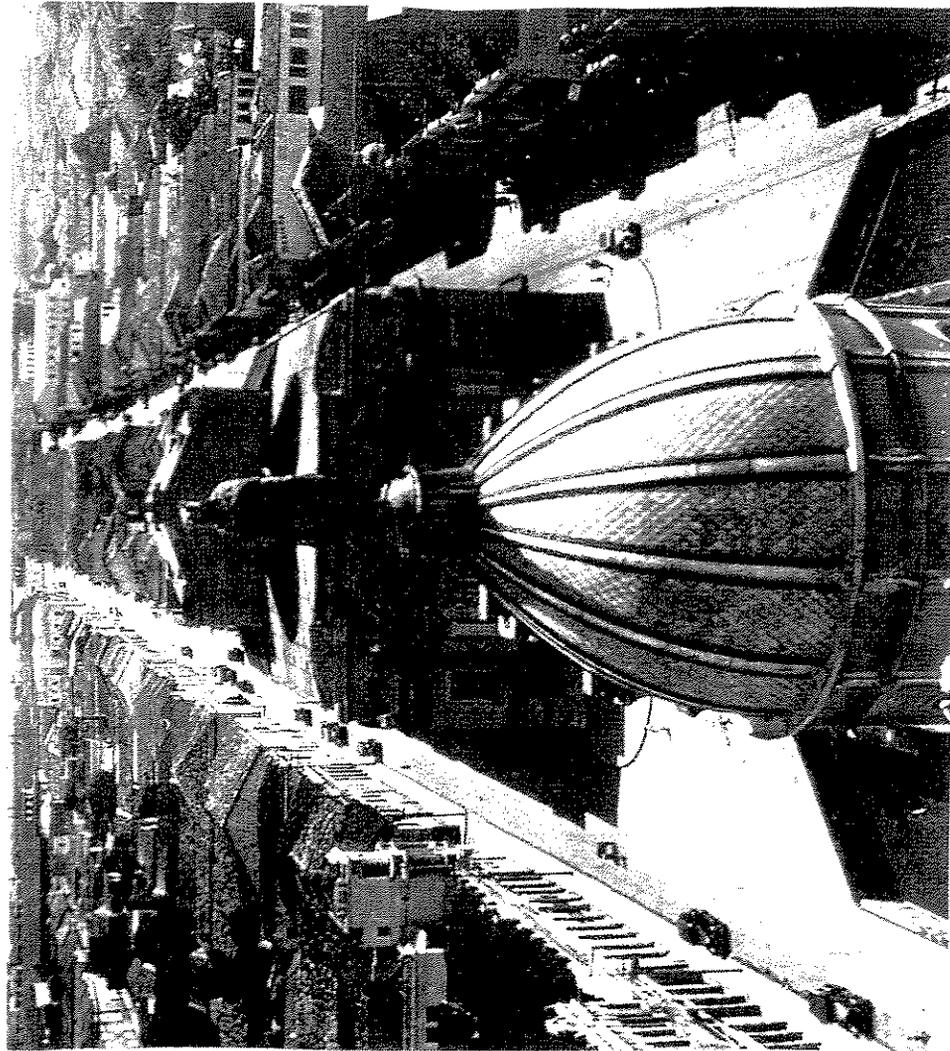


D. João Baptista Corrêa Nery

1.º BISPO DO ESPIRITO SANTO 1.º BISPO DE POUSO ALEGRE

1.º BISPO DE CAMPINAS

Fig. 26 (AMMN)



Campinas no início do século XX – Cúpula da Catedral e Teatro Municipal

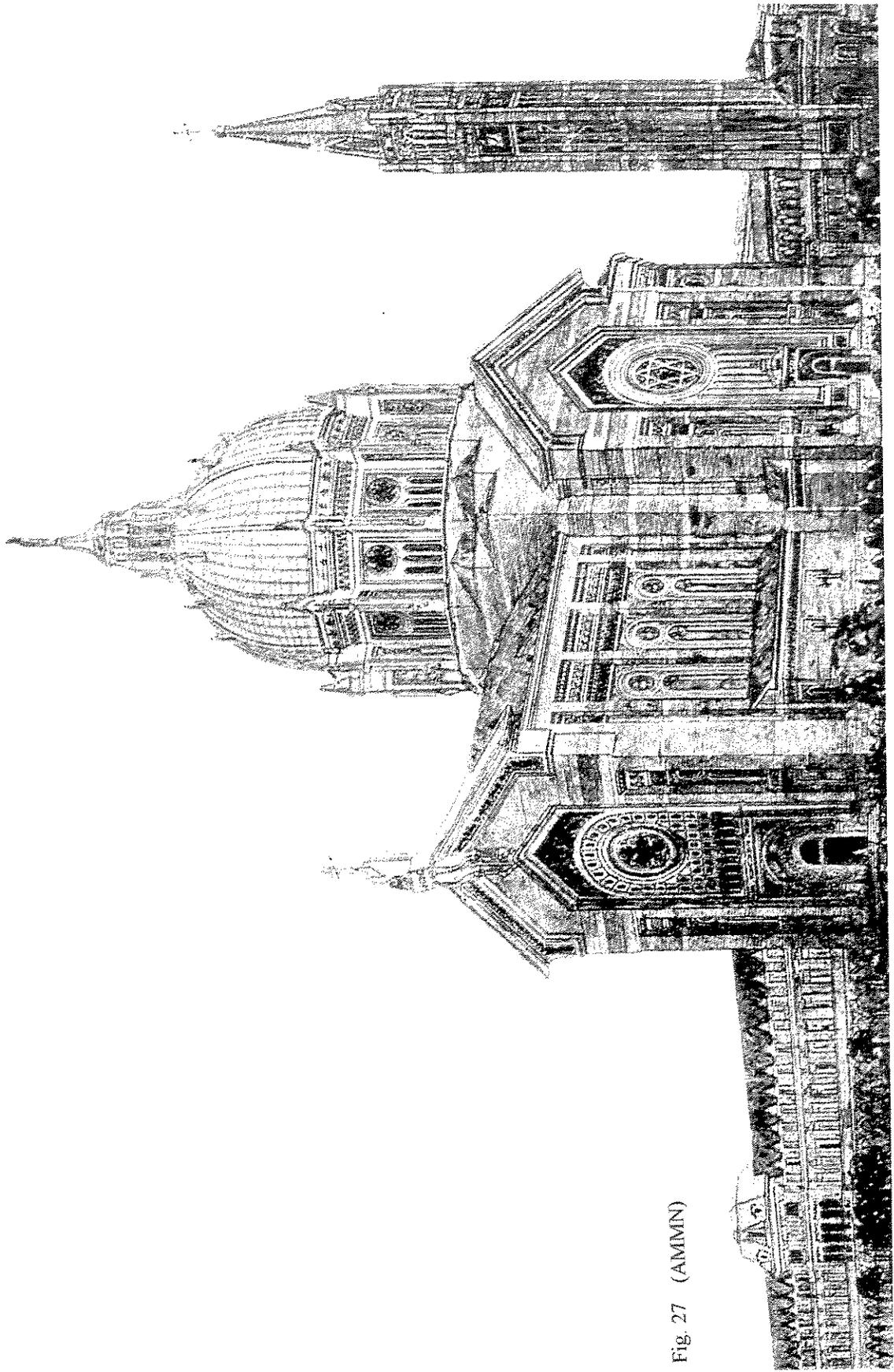
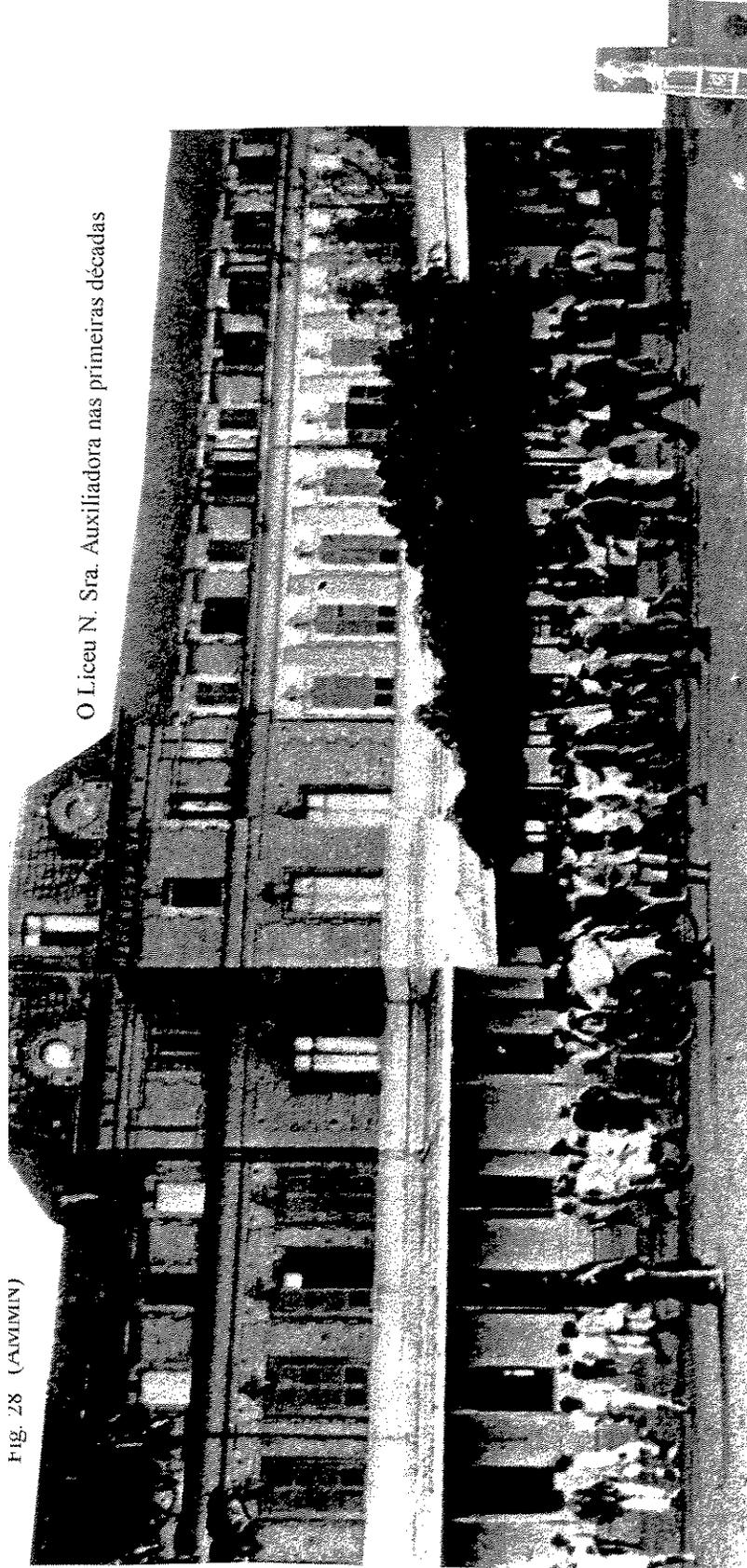


Fig. 27 (AMMN)

Projeto original do Liceu e Santuário N. Sra. Auxiliadora assinado pelo Eng.º Carlos Finca

Fig. 28 (AMIMIN)



O Liceu N. Sra. Auxiliadora nas primeiras décadas

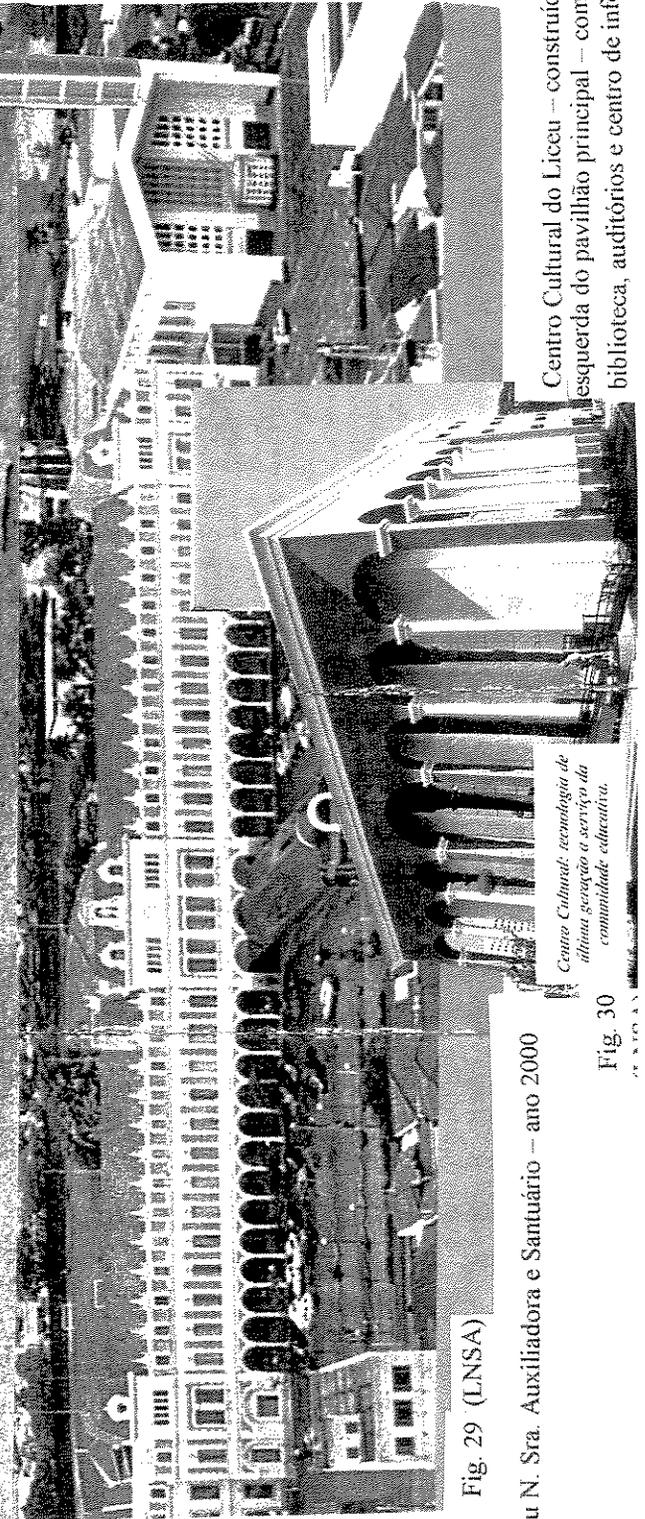


Fig. 29 (LNSA)

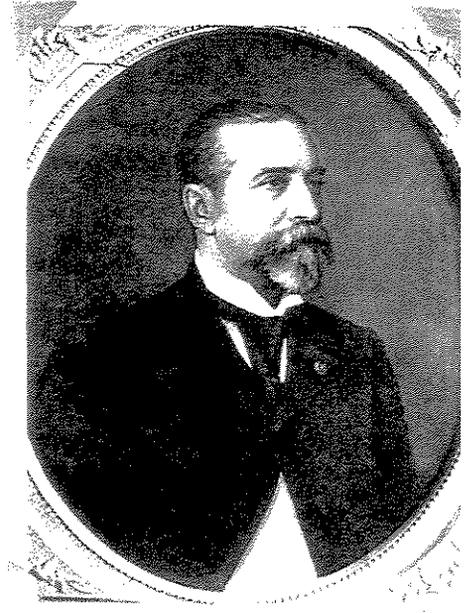
O Liceu N. Sra. Auxiliadora e Santuário — ano 2000

Centro Cultural do Liceu — construído em 1997 à esquerda do pavilhão principal — compreende biblioteca, auditórios e centro de informática

Fig. 30

Centro Cultural: tecnologia de última geração a serviço da comunidade educativa.

Fig. 31
(AMMN)



Barão Geraldo de Rezende

Fig. 32 (AMMN)



Bachareis de 1937 do
Liceu, ocasião da Visita
do Gal. Paul Noel, em
missão militar francesa
ao Liceu



Fig. 33
(AMMN)

Sede da Fazenda Santa Genebra que teve parte de suas terras doada para a construção do Liceu



Fig. 34 (AMMN) Mosaico do Altar-mór do Santuário do Liceu feito pelo artista Arystarch Kaszkurewicz, mutilado de guerra

Ao lado, exterior do Santuário do Liceu inaugurado em 1966, com torre de 30 metros;
Abaixo, interior do mesmo santuário

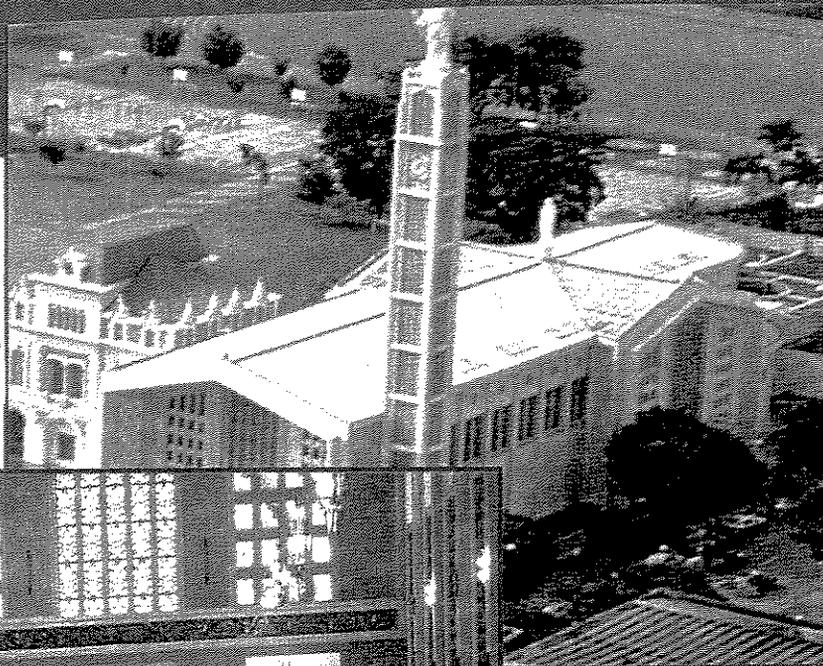


Fig. 35 (LNSA)



Fig. 36 (LNSA)

Externato São João

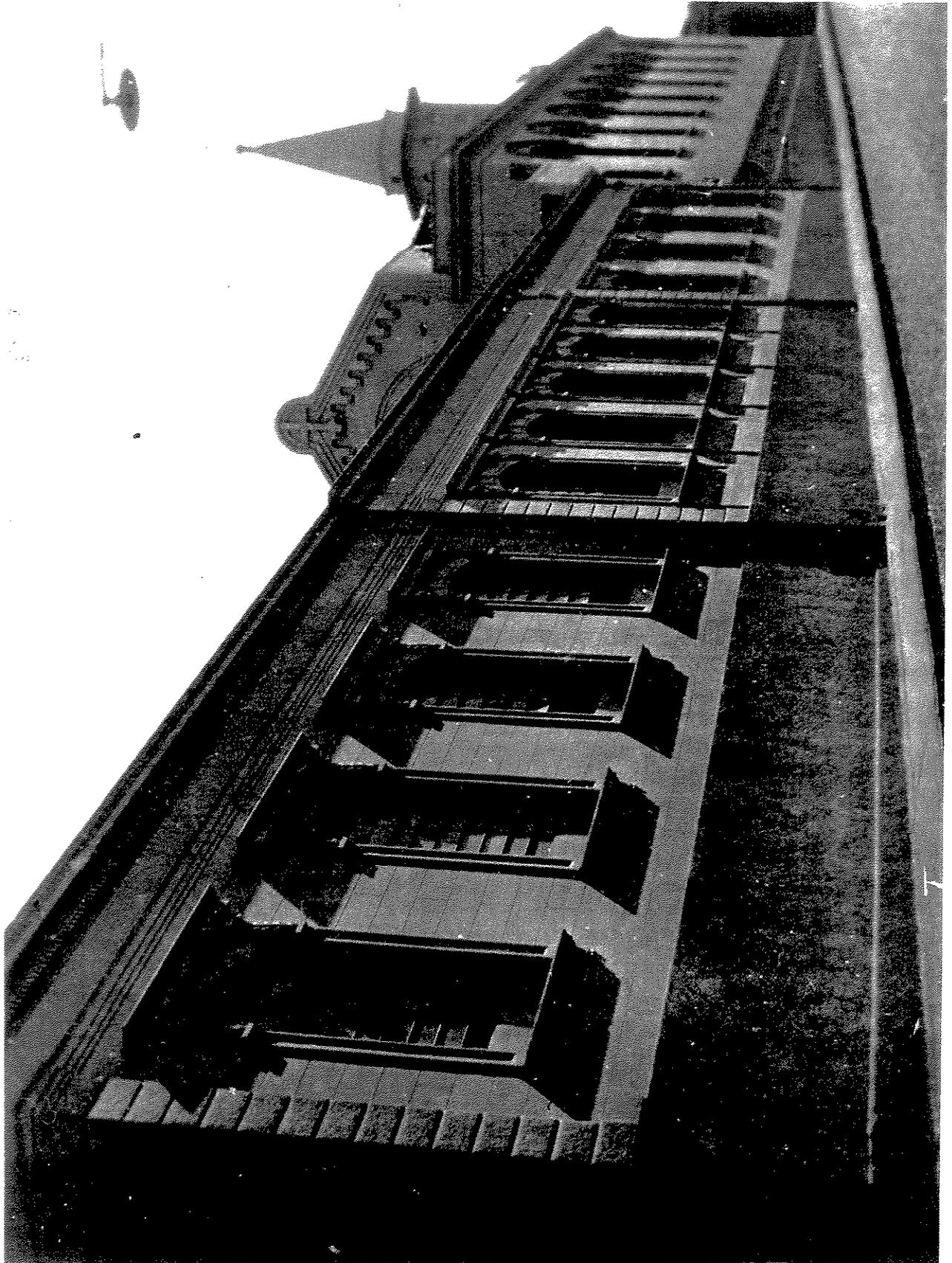
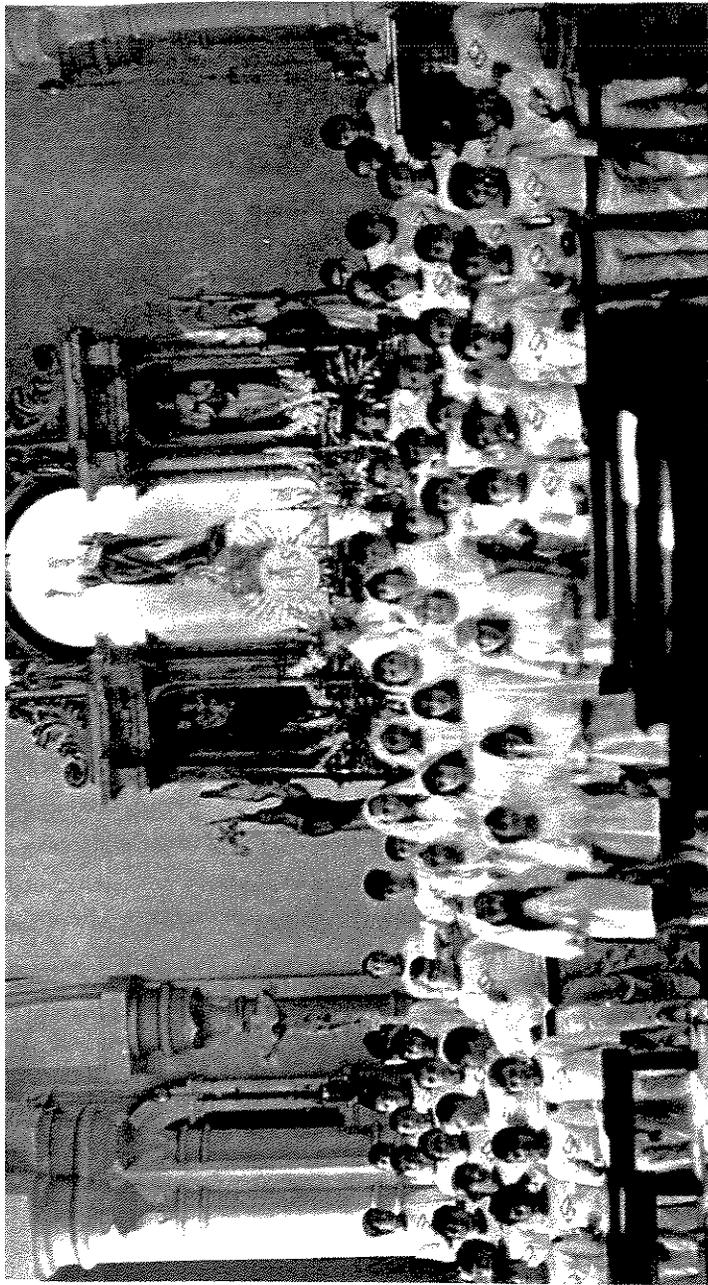


Fig.37 (ES) O Externato São João, em foto de 1969, comemorativa dos 60 anos de atividades do Colégio. Na década de 90,



(ESJ)

As marcas da religiosidade oferecida pelos salesianos:
 1ª Foto — Missa de 1ª Eucaristia.
 Abaixo, as festividades de Nossa Senhora Auxiliadora, no mês de Maio. A procissão percorria as principais ruas ao redor do Externato São João.

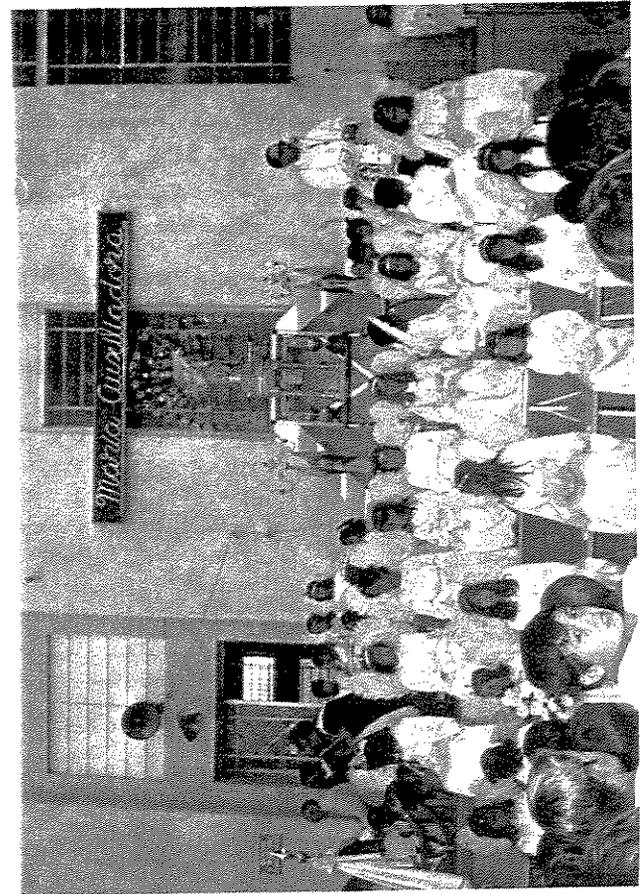


Fig. 39 (ESJ)



Fig. 40 (ESJ)

Fig. 41 (AOB)

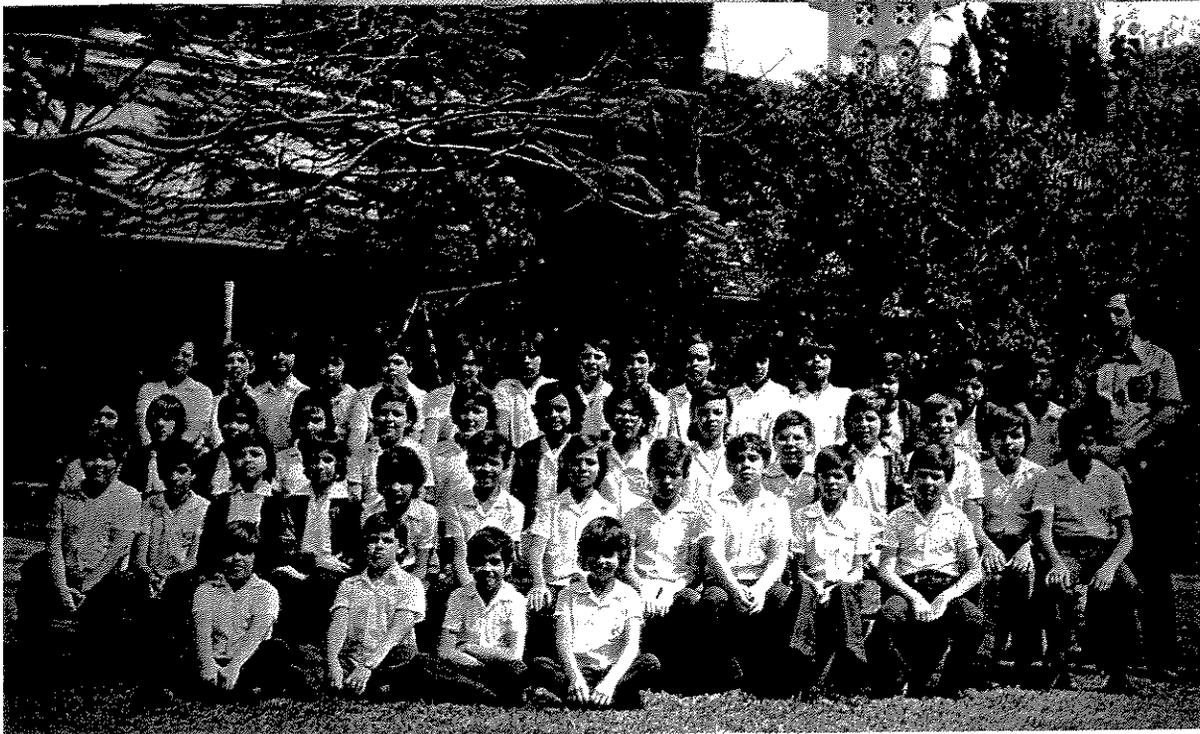


Fig. 42 (AOB)



Acima o time do Externato, nos anos 50. O 2º menino agachado é o Odair Bussolini e, na foto ao lado, primeiro da direita, o mesmo Odair já como jogador do Guarani Futebol Clube.

Fig. 43 (ESJ)



Externato São João
Primeiras turmas
do Curso Ginásial
após a Lei 5692/71



Fig. 44 (ESJ) Presença da Fanfara do Externato São João nos desfiles cívicos

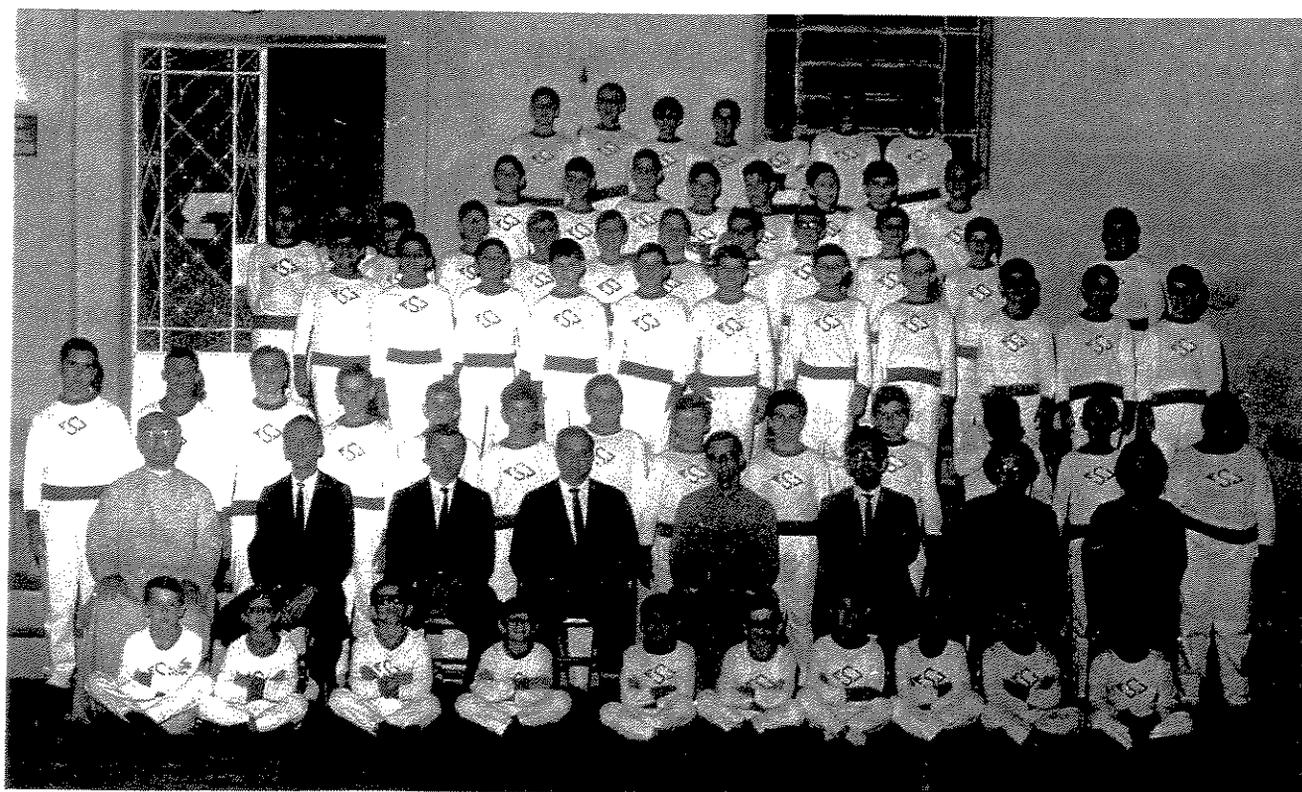


Foto Teófilas

Externato São João – Solenidade de Formatura – década de 1960

Fig. 45 (ESJ)

Nesta página e na seguinte, Solenidades de Formatura e os desfiles cívicos na Av. Francisco Glicério.

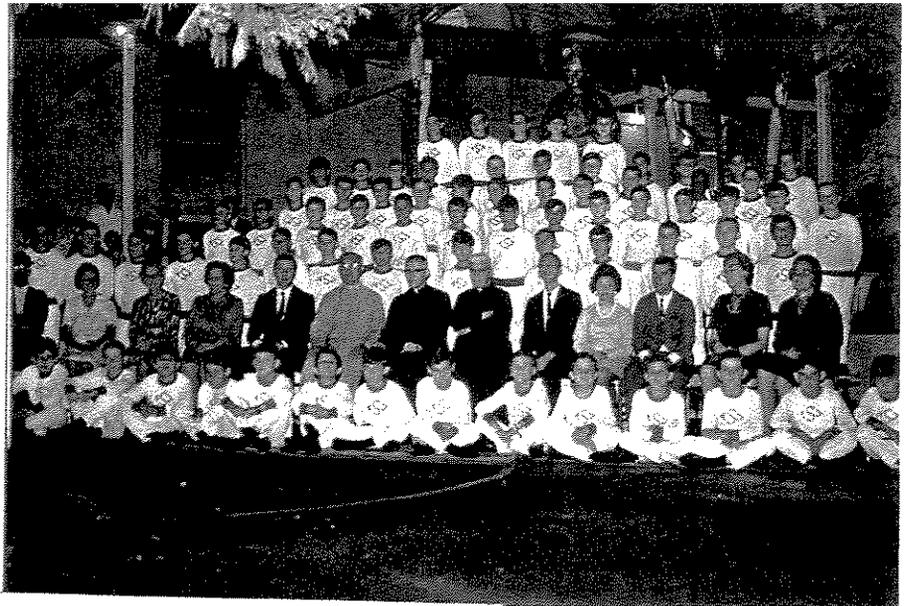


Fig. 46
(ESJ)



Nos desfiles cívicos, homenagens a Car Gomes e Santos Dumont (abaixo).

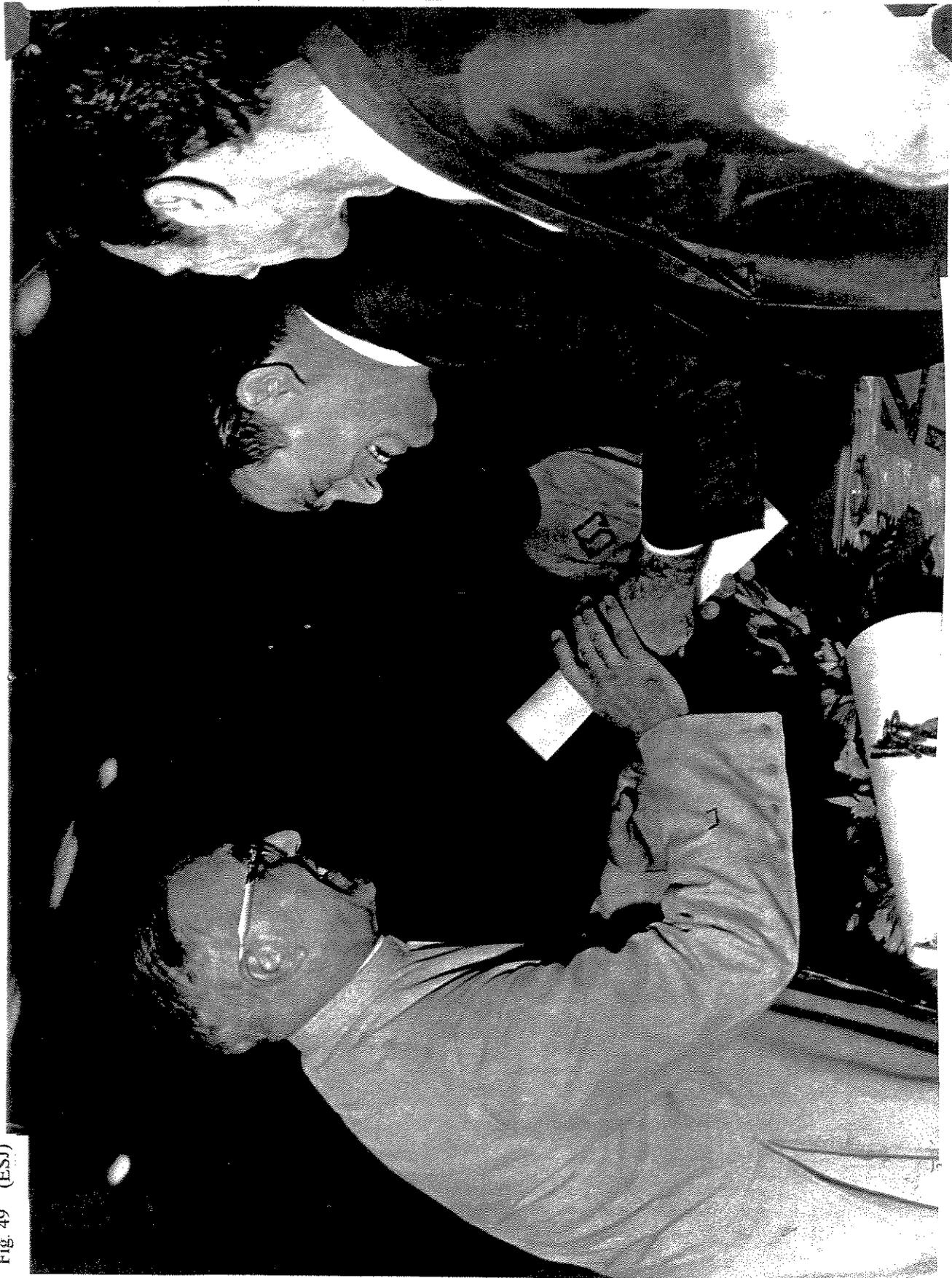
Fig. 47 (ESJ)



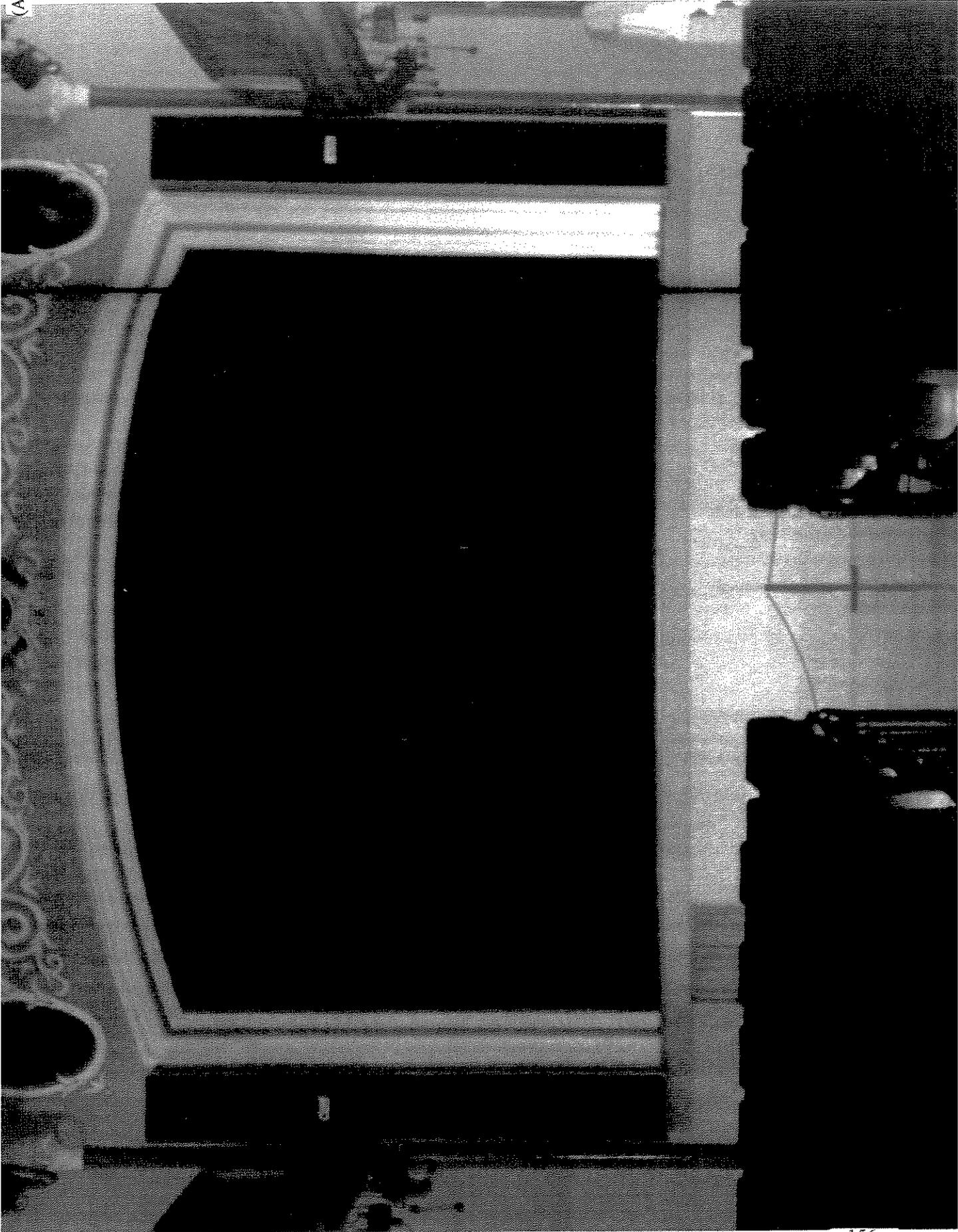
Fig. 48
(ESJ)

EXTERNATO SAO JOAO

Fig. 49 (ESJ)



Pe. Geraldo Martinelli de Souza, diretor do Externato São João recebe das mãos de Francisco Amaral
titulo de melhor Curso Primário de 1972



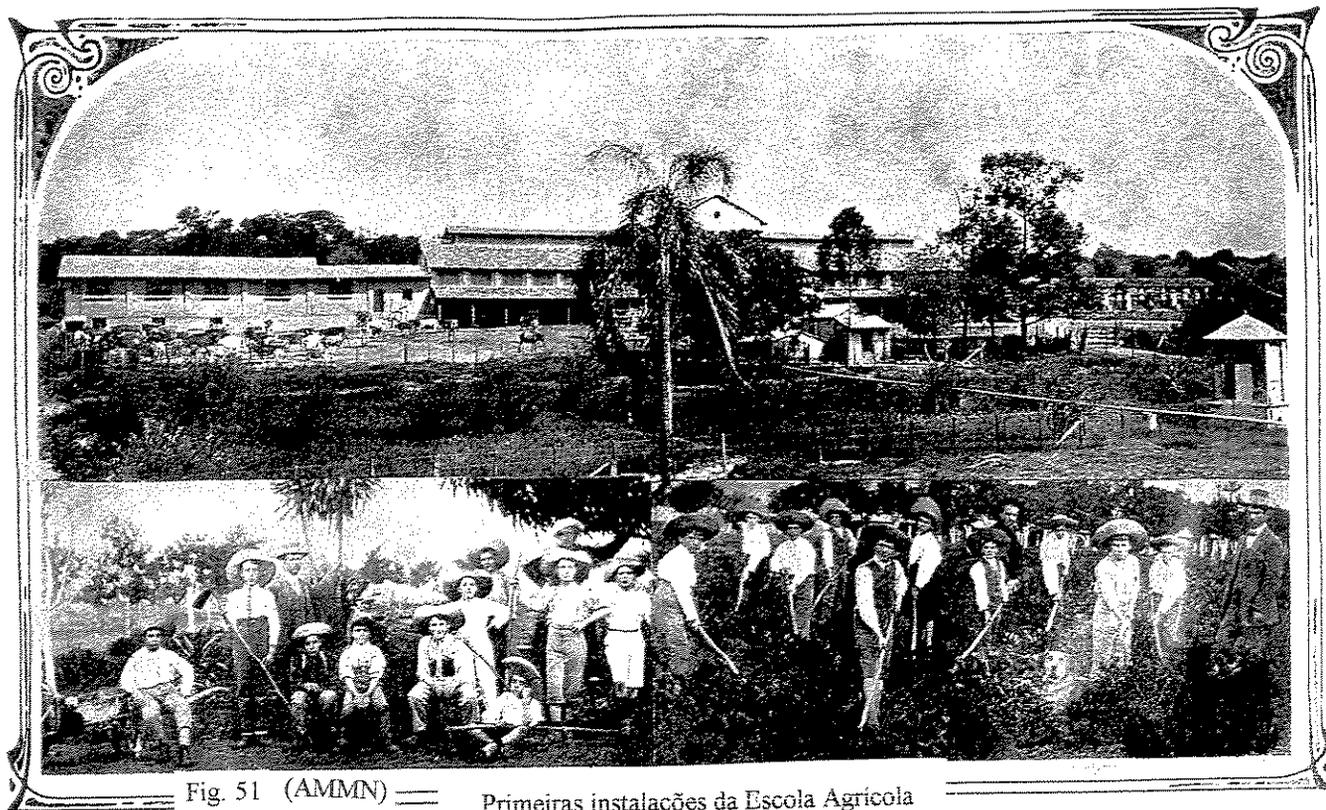


Fig. 51 (AMMN)

Primeiras instalações da Escola Agrícola

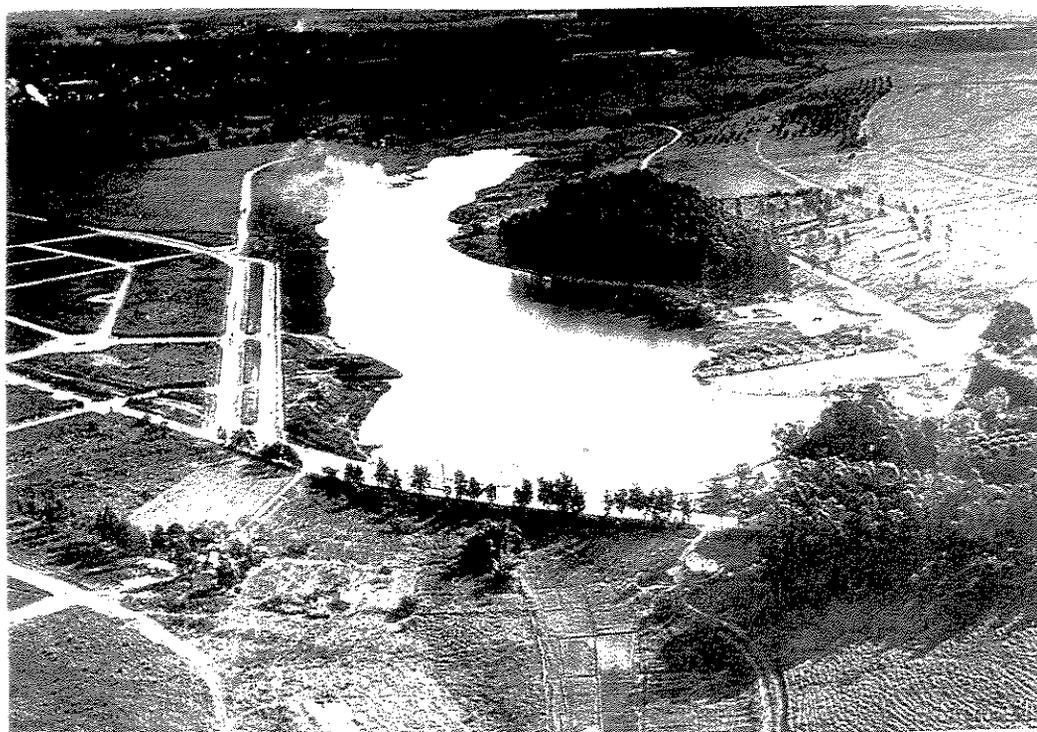


Fig. 52 (AMMN)

Lagoa do Taquaral, manancial cedido pela família do Barão Geraldo aos salesianos para abastecimento da Escola Agrícola. No fundo, ao centro, o espigão com a Escola Agrícola.

Fig. 53
(SDB-SP)

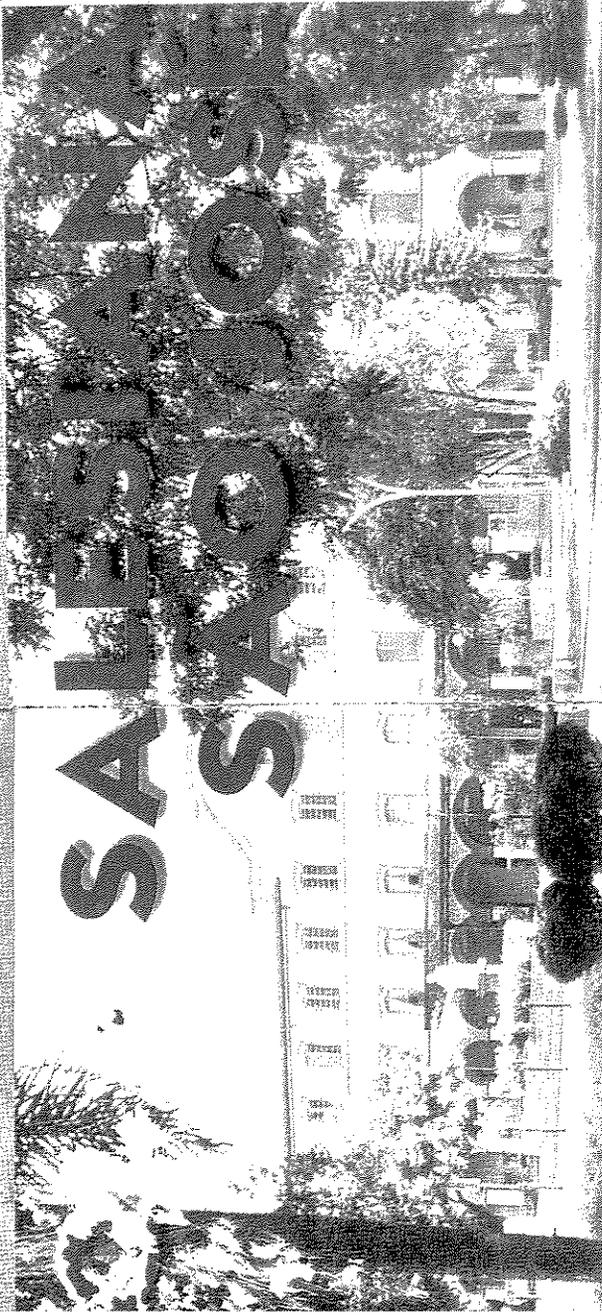
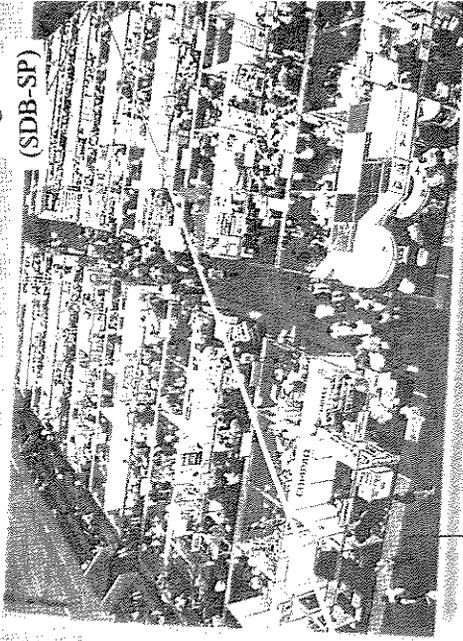
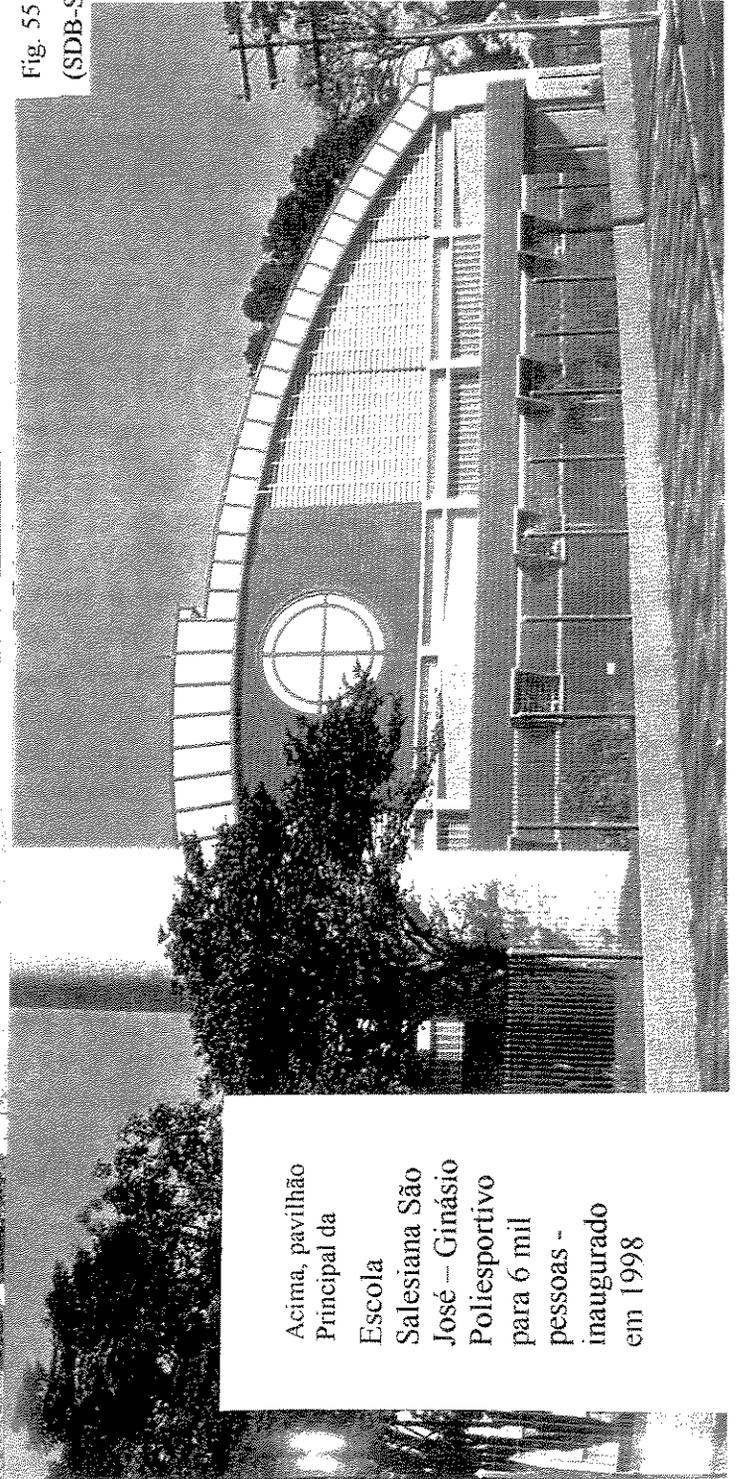


Fig. 54
(SDB-SP)



Open House: evento anual que reúne centenas de expositores.

Fig. 55
(SDB-SP)



Acima, pavilhão Principal da Escola Salesiana São José – Ginásio Poliesportivo para 6 mil pessoas - inaugurado em 1998

Escola Sal. São José – Centro Profissional
Dom Bosco – Depto. de Cursos Profissionalizantes
para atendimento gratuito a 400 alunos em diversas
modalidades de artes e ofícios.

CENTRO PROFISSIONAL DOM BOSCO

56 (SDB-SP)



Fig.57 (SDB-SP)



Fig. 58 (SDB-SP)

*Diversidade e modernidade: são
várias as áreas de formação
oferecidas, com ênfase nas
atividades ligadas à eletrônica.*

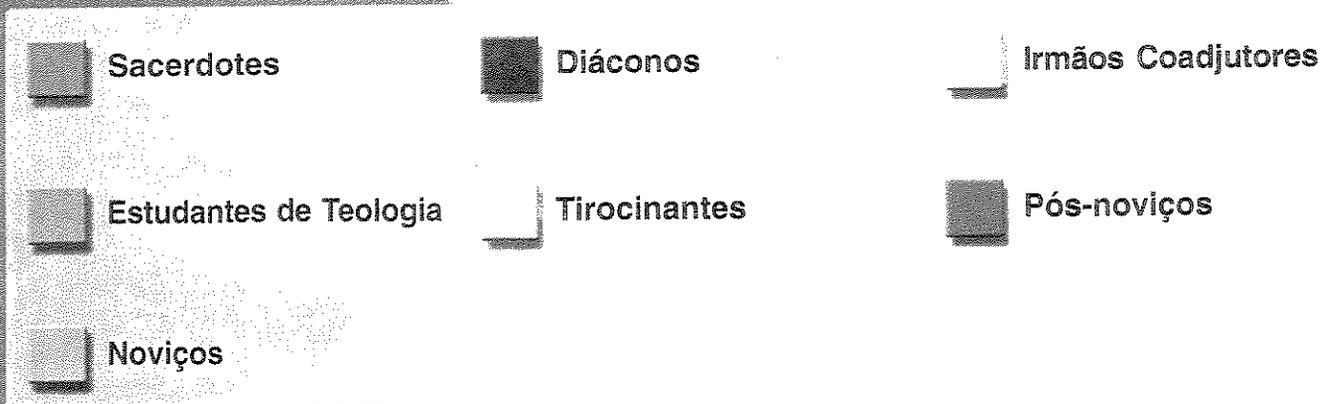
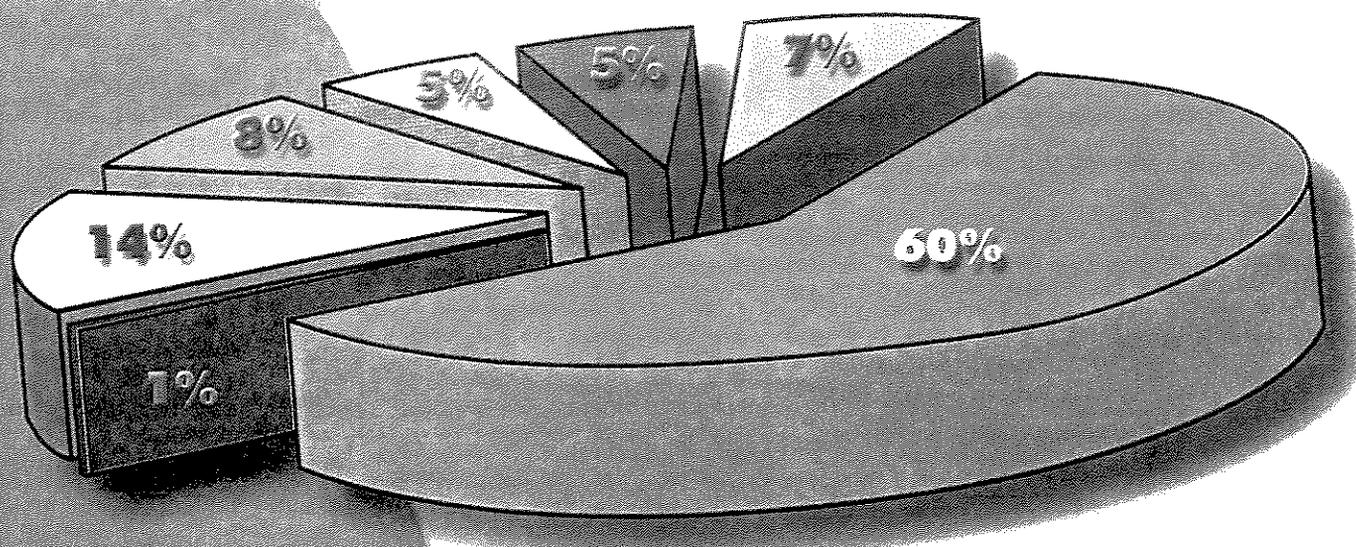


Fig. 59 (SDB-SP)

FAMÍLIA SALESIANA

Quadro 5 (SDB-SP)

VISÃO GERAL EM NÚMEROS



Total: 246 membros

FONTES E BIBLIOGRAFIA:

1) Documentos da Arquidiocese de Campinas

- (1916) Anuario do Lyceu Salesiano N. S. Auxiliadora. Campinas – (Est. S. Paulo). Nictheroy, Escola Typ. Salesiana, 1917.
- (1917) Anuario do Lyceu Salesiano N. S. Auxiliadora. Campinas – (Est. S. Paulo). Nictheroy, Escola Typ. Salesiana. 1917.
- Homenagem da Arquidiocese de Campinas a Dom João Batista Correa Neri no primeiro centenário de seu nascimento. 1863 – 6 de outubro – 1963. Campinas, 1963.
- Poliantea do Cinquentenário da Diocese de Campinas (1908-1958). Campinas, 1958.
- 70º Aniversário da criação da Arquidiocese de Campinas (1908-1978). Carta Pastoral de Dom Gilberto Pereira Lopes. Arcebispo Coadjutor. Campinas, 1978.

2) Documentos da Congregação Salesiana e suas obras

Livros de Atas do Externato São João:

- Registros do Diretor Cultural de Festividades
- Registros da Programação do Teatro

- Associação do ex-alunos do Externato São João
- Apostolado da Oração
- Companhia do Pequeno Clero (coroinhas)
- Congregação Mariana Masculina
- Atas do Catecismo
- Grupo de Oração pelas Vocações
- Oratório Festivo
- Associação de Nossa Senhora Auxiliadora
- Ata da Instalação da Sociedade Civil do Externato São João
- Livro de Crônicas – escritos e fotografias

Livro de Atas do Liceu Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora:

- Ata das visitas do Superior Inspetorial

3) Jornais

- O Mensageiro
- Cidade de Campinas
- A Tribuna

4) Referências Bibliográficas

- ADORNO, Sérgio, Os aprendizes do poder, Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1988.
- AFONSO, Almerindo Janela, Sociologia da Educação não-escolar: reatualizar um objeto ou construir uma nova problemática?, Porto, Ed. Afrontamento, 1992
- ALENCAR, Francisco e outros, História da Sociedade Brasileira, Rio de Janeiro-RJ, Ed. Ao Livro Técnico, 1979.
- ALMANAQUES DA HISTÓRIA DE CAMPINAS, 1908, 1912, 1913, Centro de Memória da Unicamp.
- ALMEIDA, Ana Maria Fonseca de, Escola de Dirigentes Paulistas, Campinas, tese de doutorado, Unicamp, aprovada em 12/03/99.
- ALMEIDA, Antonio José de, Modelos Eclesiológicos e Ministérios Eclesiais. In Revista Eclesiástica Brasileira, Vol. 48, Fasc. 190, pp. 310-352, Petrópolis-RJ, Ed. Vozes, Junho de 1988.
- ARIÉS, Philippe, História Social da Criança e da Família, RJ, LTC Editora, 1981.
- ARRUDA, Marina Patrício, Formação: uma responsabilidade social, in Revista Veritas, Vol. 43, PUC-RS, p. 27-34, Porto Alegre-RS, Dez. 1998.
- AUBRY, Joseph, Escritos Espirituais de São João Bosco, SP, Ed. Salesiana Dom Bosco, 1981.
- ARAÚJO, José Carlos Souza, Igreja Católica no Brasil, S.Paulo, Ed. Paulinas, 1986.
- AZZI, Riolando, A organização da obra salesiana no Brasil, Vol I, II e III, SP, Ed. Salesiana, 1983.
- _____, A Crise da Cristandade e o Projeto Liberal, SP, Edições Paulinas, 1991.
- _____, A Igreja e o menor na História Social Brasileira. S.Paulo, Cehila-Ed. Paulinas, 1992.
- _____, Dom Antonio Joaquim de Melo, Bispo de São Paulo (1851-1861) e o movimento de reforma católica no século XIX. in Revista Eclesiástica Brasileira (35), pp. 683-701, fasc. 139, Petrópolis-RJ, Ed. Vozes, 1975.

- BATALHA, Cláudio H. M., “A identidade da classe operária no Brasil (1880-1920): Atipicidade ou Legitimidade?”, in Revista Brasileira de História, nº 23/24, p. 111-124, SP, ANPUH/Marco Zero, 1991/93.
- BEISIEGEL, Celso de Rui, Estado e Educação Popular, SP, Ed. Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais, 1974.
- BENCOSTTA, Marcus Levy Albino, “Ide por todo o mundo...” A Província de São Paulo como campo de missão presbiteriana - 1869-1882 , Campinas, CMU Unicamp, 1996.
- _____, Igreja e Poder em São Paulo: Dom João Batista Correa Nery e a Romanização do Catolicismo Brasileiro (1908-1920), Tese de Doutorado-USP, S.Paulo, 1999, Mimeo.
- BEOZZO, José Oscar, A Igreja no Brasil – de João XXIII a João Paulo II, Petrópolis-RJ, Ed. Vozes, 1996.
- _____, “Irmandades, santuários e capelinhas de beira de estrada”, in Revista Eclesiástica Brasileira, Petrópolis-RJ, 1977, Ed. Vozes, 37 (148), pp. 741-758.
- BENEDETTI, Luiz Roberto. Os santos nômades e o Deus estabelecido, SP, Ed. Paulinas, 1984
- _____, “O novo clero: arcaico ou moderno?”, in REB-Revista Eclesiástica Brasileira, , Petrópolis-RJ, Ed. Vozes, 1999.
- BOSCO, São João, 1815-1855. - Memórias do Oratório de São Francisco de Sales, SP, Ed. Salesiana Dom Bosco, 1982.
- BOSCO, Terésio. Dom Bosco, Uma Biografia Nova, SP, Ed. Salesiana Dom Bosco, 1995
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues, O que é Educação, SP, Brasiliense, 1994.
- CAMPOS, Maria Christina Siqueira de Souza. Educação - Agentes Formais e Informais, SP, Edit. Pedagógica e Universitária, 1985.
- CAPELATO, Maria Helena R., Multidões em Cena. Propaganda Política no Varguismo e no Peronismo, Campinas, Papyrus, 1998.
- CATÃO, Francisco. Religião e trabalho – monopólio do sagrado. SP, Ed. Best Seller, 1997.

- CERIZARA, Beatriz. Rousseau, a educação na Infância, SP, Ed. Scipione, 1990.
- COMBLIN, José, Situação histórica do catolicismo no Brasil. In Revista Eclesiástica Brasileira, (26), fasc.3, Petrópolis-RJ, Ed. Vozes, 1966.
- COMPÊNDIO DO CONCÍLIO VATICANO II (1962-1965), Documento “Gaudium et Spes”, Petrópolis-RJ, Ed. Vozes, 1978.
- CNBB-Conferência Nac. dos Bispos do Brasil- A Igreja Católica diante do Pluralismo Religioso no Brasil. Estudos nº 69, S.P., Ed. Paulinas, 1987.
- CHAPOLIE, Jean-Michel e BRIAND, Jean-Pierre, “A Instituição Escolar e a escolarização: Uma visão de conjunto”, in Revista de Ciência da Educação - Educação e Sociedade nº 47, CEDES-Campinas, Papirus, 1988.
- CHAUÍ, Marilena, O que é Ideologia, SP, Ed. Brasiliense, 1990.
- CURY, Carlos R. Jamil, Ideologia e Educação Brasileira, SP, Cortez Editora, 1988.
- DANIÉLOU, Jean & MARROU, Henri (orgs.) Nova História da Igreja. Petrópolis, Ed. Vozes, 1966.
- DESAULNIERS, Julieta Beatriz Ramos, Trabalho: A escola do trabalhador? Porto Alegre-RS, Tese de Doutorado, UFRS, 1993.
- EDUCAÇÃO S.J., Pedagogia Inaciana-uma proposta prática, SP, Ed. Loyola, 1991.
- EDUCAÇÃO S.J., Características da Educação da Companhia de Jesus, SP, Ed. Loyola, 1994.
- ELIAS, Norbert, O Processo Civilizador, Uma história de costumes, Vol.I, RJ, Jorge Zahar Editor, 1993.
- _____, O Processo Civilizador, Formação do Estado e Civilização, Vol. II, RJ, Jorge Zahar Editor, 1993.
- FAUSTO, Boris, História do Brasil, S.P., USP-FDE, 1999.
- FÓRUM NACIONAL PERMANENTE DO ENSINO RELIGIOSO. Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Religioso Escolar, SP, Ave Maria, 1997.
- FOUCAULT, Michel, Vigiar e Punir, , Petrópolis-RJ, Ed. Vozes, 1977.
- FREITAG, Bárbara, Política Educacional e Indústria Cultural, SP, Cortez Editora, 1989.

- GAIGER, Luiz Inácio e OLIVEIRA, Daniela de, “O movimento operário e a formação do trabalhador”, in Revista Veritas, Vol. 43, PUC-RS, p. 27-34, Porto Alegre-RS, Dez. 1998.
- GASTALDI, Ítalo. Educar e Evangelizar na Pós-Modernidade. SP, Ed. Salesiana, 1995.
- GLEZER, Raquel, “São Paulo e a elite letrada brasileira no século XIX”, in Revista Brasileira de História, nº 23/24, p. 19-30, SP, ANPUH/Marco Zero, 1991/93.
- GÓES, Moacyr de, De pé no chão também se aprende a ler (1961-1964) uma escola democrática, RJ, Ed. Civilização Brasileira, 1980.
- GOHN, Maria da Glória, “Educação não-formal no Brasil: anos 90”, in Rev. Cidadania/Textos nº 10, Campinas, Nov. 97.
- HESSEN, Johannes, Filosofia dos Valores. S.Paulo, Livraria Acadêmica Saraiva e Cia, 1946.
- HUNT, Lynn, A nova história cultural, (A parada norte-americana- representações da ordem social do século XIX), RJ, Ed. Martins Fontes, 1996.
- INSPETORIA SALESIANA N. SRA. AUXILIADORA-SÃO PAULO, Projeto Educativo Pastoral Salesiano-Capítulo Inspetorial 1998- S.Paulo, Ed. Salesiana Dom Bosco, 1999.
- ISAÚ, Manoel. Liceu Coração de Jesus - Cem anos de atividade de uma escola numa cidade dinâmica e em transformação, SP, Ed. Salesiana, 1985.
- _____, As escolas sob regime de internato e o sistema salesiano de educação no Brasil, Tese de Doutorado - Universidade de São Paulo-USP, S.Paulo, Mimeo. 1999.
- KLEIN, Luiz Fernando, Atualidade Pedagógica Jesuítica, SP, Ed. Loyola, 1997.
- LAJONQUIÈRE, Leandro de, De Piaget a Freud -A (Pisco)Pedagogia entre o conhecimento e o saber, Petrópolis-RJ, Ed. Vozes, 1996.
- LEÃO XIII (PAPA), Sobre a Constituição Cristã dos Estados (“Immortale Dei”), promulgada em 1885. Petrópolis-RJ, Ed, Vozes, 1946.
- LENHARDT, Gero, “Universalismo Burguês e a Escola Pública”, in Revista de Ciência da Educação - Educação e Sociedade nº 52, Campinas, CEDES-Papirus, 1996.

- LIBÂNIO, J. B. A volta à grande disciplina. S.P., Ed. Loyola, 1983.
- LUSTOSA, Oscar de Figueiredo, A presença da Igreja no Brasil – 1500-1968, SP, Ed. Giro Ltda, 1977.
- _____, A Igreja Católica no Brasil e o Regime Republicano, SP, Ed. Loyola-CEPEHIB, 1990.
- _____, A Igreja Católica no Brasil República – Cem anos de compromisso (1889-1989), SP, Edições Paulinas, 1991.
- MADRUGA, Ana Paula Brasil Vaz, Cidadania em Construção: a proposta do pão dos pobres. In Revista Veritas, vol. 43, nº especial, Porto Alegre-RS, Edipucrs, 1998.
- MANFROI, José, Salesianos no Mato Grosso do Sul, FE/T/UFGMS/M313m, Mimeo, 1989.
- MANOEL, Ivan A., Igreja e Educação Feminina (1859-1919), S.Paulo, Ed. Fund. Unesp, 1996.
- MARCICAGLIA, Luis, (1958 Pe.SDB), Os Salesianos no Brasil: ensaio de crônica dos segundos vinte anos da obra de Dom Bosco no Brasil – 1904/1923, S. P. Ed. Salesiana Dom Bosco, 1966.
- MARIA, Júlio, A Igreja e a República, Brasília-DF, Ed. da Universidade de Brasília, 1981.
- MARIANO, Julio, Campinas de Ontem e Anteontem, Campinas, Ed. Maranata, 1970.
- MATOS, Henrique C. José. “Da “Rerum Novarum” (1891) à “Centesimus Annus” (1991): Cem anos de evolução da Doutrina Social da Igreja (uma abordagem histórica), in Revista Eclesiástica Brasileira, v. 51, nº 204, pp.771-802, dez.1991, Petrópolis-RJ, Ed. Vozes, 1991.
- MATTOS, Ilmar R. de, O tempo saquarema S.P.Hucitec, 1987.
- MEKSENAS, Paulo, Sociedade, Filosofia e Educação, SP, Ed. Loyola, 1994.
- METTS, Ralph E., Inácio Sabia - Intuições Pedagógicas, SP, Ed. Loyola, 1997.
- MICELI, Sérgio, A Elite Eclesiástica Brasileira, RJ, Ed. Bertrand Brasil, 1988.
- MIRANDA, Arilda Inês. A Educação Feminina durante o século XIX - O Colégio Florence de Campinas, 1863-1889. Campinas, CMU-Unicamp, 1997.

- MONOGRAFIA DO CURSO DE JORNALISMO 1987-PUCCAMP- A HISTÓRIA
TEATRO AMADOR EM CAMPINAS, Mimeo, Campinas, 1987.
- MONOGRAFIA HISTÓRICA DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS - RJ, IBGE, 1952.
- MOSER, Antonio e LEERS, Bernardino. Teologia Moral: impasses e
alternativas. Petrópolis-RJ, Ed. Vozes, 1989.
- NASCIMENTO, Terezinha A. Quaiotti Ribeiro do, “A formação do professor primário no
Estado de São Paulo – A Escola Normal de Campinas”, in Memórias da Educação-
Campinas, 1850-1960- Campinas-SP, Ed. Da Unicamp/Centro de Memória
Unicamp, 1999.
- NEGRÃO, Ana Maria Mello. Arcadas do Tempo, O Liceu Nossa Senhora
Auxiliadora-Campinas tece 100 anos de história. SP, DBA, 1997.
- _____, “Educar para a cidadania através de valores católicos-Liceu Salesiano Nossa
Senhora Auxiliadora”, in Memórias da Educação-Campinas, 1850-1960- Campinas-
SP, Ed. da Unicamp/Centro de Memória Unicamp, 1999.
- NOGUEIRA, J.C. Ataliba. Elogio Histórico de D. João Nery. Primeiro Bispo de
Campinas, Rio de Janeiro, Agir, 1945.
- OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro, “Catolicismo popular e romanização do catolicismo
brasileiro. In Revista Eclesiástica Brasileira, vol. 36, nº 141, Petrópolis-RJ, Ed.
Vozes, 1976.
- ORTIZ, Renato, Cultura Brasileira e Identidade Nacional, SP, Ed. Brasiliense, 1985.
- OTÁVIO, Benedito (org.) D. JOÃO NERY – 1º BISPO DE CAMPINAS – SAUDOSA
HOMENAGEM À SUA SANTA MEMÓRIA NO 34º ANIVERSÁRIO DE SEU
FECUNDO SACERDÓCIO (1863-1920), S.Paulo, Cardozo Filho & Cia, 1920.
- PALMISANO, Nicola, Um caminho de simplicidade - Dom Bosco e o “Sistema
Preventivo” relidos à luz da problemática de hoje, SP, Ed Salesiana, 1987.
- PANATTONI, Ferdinando, Histórico do Externato São João, Campinas-SP, Mimeo, 1960.
- PASTORE, José, Desigualdade e Mobilidade Social no Brasil, SP, Edusp, 1979.
- PESAVENTO, Sandra Jatthy, Em busca de uma outra História: Imaginando o
Imaginário, in Rev. Bras. de História, vol 15, nº 29, 99. 9-27, SP, 1995.

- PRADO JR, Caio, Formação do Brasil Contemporâneo.
- _____, História Econômica do Brasil, S.Paulo, Ed. Brasiliense, 1980, 24ª edição.
- PUPO, Benedito Barbosa, À margem da história de Campinas, Campinas-SP, Pref. Mun. Campinas, 1973.
- PUPO, Celso Maria de Mello, Campinas, seu berço e juventude, Campinas-SP, Publicação da Academia Campinense de Letras, 1969.
- REALE, Miguel, Filosofia do Direito, S.Paulo, Ed. Saraiva, 1982.
- REIS FILHO, Casemiro. A Educação e a Ilusão Liberal, SP, Cortez Ed., 1981.
- ROMANELLI, Otaíza O., História da Educação no Brasil (1930-1973), Petrópolis-RJ, Ed. Vozes, 1978.
- ROMANO, Roberto, Brasil: Igreja contra Estado, S.Paulo, Ed. Kairós, 1979.
- ROSEMBERG, Fúlvia, “Educação Infantil, Classe, Raça e Gênero”, in Cadernos de Pesquisas, nº 96, p. 58-65, S.Paulo, fev.96.
- SANTOS, Antonio Raimundo dos. Ética - Caminhos da realização humana, SP, Ave Maria, 1997.
- SANTOS FILHO, Lycurgo de Castro & NOVAES, José Nogueira. A Febre Amarela em Campinas (1889-1900). Campinas-SP, CMU/Unicamp, 1996.
- SEMEGHINI, Ulysses. Do Café à Indústria. Uma cidade e seu tempo. Campinas-SP, Ed. Unicamp, 1991.
- SILVA, Inês Amaro da, “Práticas de Formação do Trabalhador - resultados indicadores”, in Revista Veritas, Vol. 43, PUC-RS, p. 27-34, Porto Alegre-RS, Dez. 1998.
- SIMSON, Olga R. de M. von (et alii). “A valorização da diferenciação sócio-cultural como fator de integração de estudantes em situação de risco” - discussão de uma experiência concreta - p. 01-20.(mimeo), Campinas, Nov. 1997.
- SOUZA, Rosa Fátima de, “A difusão da escola primária em Campinas”, in Memórias da Educação-Campinas, 1850-1960 - Campinas-SP, Ed. Da Unicamp/Centro de Memória Unicamp, 1999.
- SCHWARCZ, Lília N., As barbas do imperador. S.Paulo, Cia. Das Letras, 1998.

- TANGERINO, Márcio R. P. Os impasses da prática política da Igreja Popular, SP, Paulus Ed., 1997.
- UHLE, Águeda B. Bittencourt, “Orozimbo Maia: Cultura e Política em Campinas no final do século XIX”, in Revista Pró-Posições-Unicamp, nº 25, Campinas, Março 1998, Unicamp
- VITA, Luis Washington, Alberto Sales - Ideólogo da República, SP, Cia. Edit. Nacional, 1965.
- VV.AA. Memórias da Educação-Campinas, 1850-1960, Campinas-SP, Ed. Da Unicamp/Centro de Memória Unicamp, 1999.
- VYGOTSKY, L.S. A formação social da mente, SP, Ed. Martins Fontes, 1994.
- WEBER, Max, Estudos Reunidos sobre a Sociologia da Religião, S.Paulo, Ed. Globo, 1965.
- _____, A Ética Protestante e o espírito do Capitalismo, S.P., Ed. Pioneira, 1992.
- WERLE, Flávia Obino Corrêa, Os agentes da instrução pública, in Revista Veritas, Vol. 43, PUC-RS, p. 27-34, Porto Alegre-RS, Dez. 1998.
- WERNET, Augustin, A Igreja Paulista no século XIX, A Reforma de D. Joaquim de Melo (1851-1861) S.Paulo, Ed. Ática, 1987.

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE